

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

ANDRÉ GUIMARÃES BLOC

LINHA DE CORTE E IMPRESSÕES: UMA BUSCA POR
CONTINUIDADE NO JORNAL-LABORATÓRIO DA UFC

FORTALEZA
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

ANDRÉ GUIMARÃES BLOC

LINHA DE CORTE E IMPRESSÕES: UMA BUSCA POR
CONTINUIDADE NO JORNAL-LABORATÓRIO DA UFC

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Graduação
em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da
Universidade Federal do Ceará, como requisito para aprovação
na disciplina Projeto Experimental II – Monografia.
Orientador: Prof. M. José Ronaldo Aguiar Salgado

FORTALEZA
2010

ANDRÉ GUIMARÃES BLOC

LINHA DE CORTE E IMPRESSÕES: UMA BUSCA POR
CONTINUIDADE NO JORNAL-LABORATÓRIO DA UFC

Esta monografia foi submetida ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica

Fortaleza, 9 de dezembro de 2010

Prof. M. Glícia Maria Pontes Bezerra
Coordenadora do Curso de Comunicação Social

BANCA EXAMINADORA:

Prof. M. José Ronaldo Aguiar Salgado
Universidade Federal do Ceará
Orientador

Prof. Agostinho Gósson
Universidade Federal do Ceará
Banca

Prof. Klycia Fontenele Oliveira
Universidade Federal do Ceará
Banca

DEDICATÓRIA

À minha família,
em todos os significados
em que a expressão possa
ser traduzida.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é fruto, desde a (minha) concepção, de meus pais, Wanise e Georges, não apenas por terem me concebido, mas também por me criarem com senso crítico e liberdade suficientes para o meu desenvolvimento intelectual. Meus irmãos, Marcelo e Lucas, que comungam da mesma educação que eu (mesmo que cada um a sua maneira), completam o meu primeiro núcleo familiar.

Meu segundo núcleo familiar veio também de meus pais, que nomearam Ana Frota e Célio Freire como meus padrinhos, e eles, por sua vez, me recompensaram com Mateus e Rebeca – meus irmãos, meus amigos, meu tudo. Entre distanciamentos e reaproximações, são todos minha família.

Mais recentemente, conheci um G que me fez ver aspectos do mundo que nunca tinha pensado em viver, por mais assustador que isso tenha se provado. Citando o G(abriel), não posso deixar de citar E(ginaldo), R(aíssa) e, em especial, M(illene), que cada um a sua maneira fizeram G ser quem ele é e entraram, para meu prazer, em minha vida. Outra pessoa que entrou com prazer nisso que eu chamo de família é a., que por respeito ao nome que adotou, fica sendo só a..

Fico grato também ao Arilo, à Carol, à Joana, à Lahisla, à Lana, ao Pedro, à Raquel, à Thais e ao Yuri que, cada um a seu tempo fizeram uma marca nos meus mais de quatro anos de faculdade. Isso para não citar o Ronaldinho, o Gilmar, o Wellington ou o Agostinho (entre outros), meus mestres nessa empreitada que agora venço.

O Jornalismo também me propiciou conhecer gente como a Alinne e a Elisa, que tornaram minha experiência em O POVO algo inesquecível, bem como todos os milhões de colegas, chefes e chefes de chefes que eu tive.

Voltando para minha família, obrigado a todo o mundo de avós (ainda vivos ou no outro mundo), tios (idem), primos e parentes mais distantes que tenham o meu carinho e mostrem reciprocidades. Além desses, obrigado Kathiane e Niely, minhas melhores cunhadinhas.

Para não esquecer alguns nomes perdidos, obrigado Adriano, Alan, Bruno, Débora, Diego, Sérgio e Tchelo. Por último, obrigado Naiana, Celestino, Elizeu, Nilton, Mariana, Yuri, Roberta, Geimison, Cleisyane, Claudiene, Klycia e todos os que eu (com certeza) esqueci de citar. Não seria possível se não fossem todos vocês.

RESUMO

O presente trabalho visa a diagnosticar os principais motivos que impedem o estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório do curso de Comunicação Social (Jornalismo) da Universidade Federal do Ceará. Ao mesmo tempo em que tenta reconstruir historicamente os principais fatos que ajudaram a constituir a disciplina, o trabalho apresenta os esforços atuais do Jornal-Laboratório, analisando a produção dos jornais Linha de Corte e Impressões. O trabalho também apresenta a relação entre a teoria e a prática na construção de um laboratório experimental em Jornalismo, bem como as principais experiências brasileiras na construção de projetos similares em outras Universidades.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal-Laboratório; Laboratório Experimental em Jornalismo;
Linha de Corte; Impressões

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo 1 – Laboratório em Jornalismo: um encontro entre teoria e prática	
1.1 Considerações preliminares.....	11
1.2 Ensino em Jornalismo.....	11
1.3 Laboratório de Jornalismo.....	15
1.4 Prática Jornalística (Redação).....	19
Capítulo 2 – Reconstruindo a disciplina “Jornal-Laboratório” – Brasil e UFC	
2.1 Fundamentação preliminar.....	25
2.2 Brasil e outros exemplos.....	26
2.3 Embriões.....	30
2.4 Jornal-Laboratório na UFC	
2.4.1 Preceitos básicos.....	33
2.4.2 Modelo e práxis.....	33
2.4.3 Outras iniciativas impressas na UFC.....	46
2.4.4 Descontinuações.....	48
Capítulo 3 – A volta ao jornal: Linha de Corte e Impressões	
3.1 Considerações iniciais.....	52
3.2 Linha de Corte – 2009.2.....	52
3.3 Impressões.....	61
3.3.1 Início – 2010.1.....	61
3.3.2 Continuidade – 2010.2.....	66
Considerações finais.....	69
Anexos.....	72
Bibliografia.....	87

Introdução

Em 2010 o curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC) completa 45 anos. Ou seja, a fundação oficial foi em 1965. Porém, o primeiro projeto laboratorial experimental do curso foi posto em prática há 32 anos, quando um grupo de alunos se reuniu para preencher a lacuna estrutural que impedia a criação (além da impressão e veiculação) de um jornal-laboratório. Nessas mais de três décadas de história, até hoje a Comunicação Social da UFC ainda não emplacou um projeto que, com periodicidade e consistência, tenha se tornado uma marca, um símbolo da produção prática dos estudantes. Mais que isso, até hoje os projetos de jornal-laboratório não conseguiram gozar nem de uma periodicidade regular e, no máximo, conseguiram manter-se sem mudanças editoriais por períodos longos, mesmo que sem uma garantia de sua periodicidade.

O presente trabalho visa a apontar as principais razões para o não estabelecimento de um projeto contínuo dentro da disciplina Jornal-Laboratório do curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) da UFC, ao mesmo tempo em que se traça um breve histórico das produções do curso, com enfoque especial aos jornais-laboratório produzidos desde 2009.2 até hoje (2010.2), numa chamada “retomada” protagonizada pelos projetos Linha de Corte e Impressões.

Instrumento que alia a formação formal teórica com o ensino prático em Jornalismo, o jornal-laboratório é um órgão integrado e presente em diversos cursos de Jornalismo no Brasil e no mundo, se tornando um diferencial na formação de estudantes. Citando ainda o momento atual da área no país, que viu recentemente a queda da exigência do diploma para jornalistas, o jornal-laboratório é alçado ainda mais como um diferencial numa formação teórico-prática em frente a pessoas que não vivenciaram a experiência universitária.

Partindo da questão central, que versa sobre a falta de um projeto consistente e durável de jornal-laboratório na UFC, o presente trabalho passa também pelos projetos majoritários nas últimas três décadas do curso, além de citar projetos paralelos incluídos ou não no programa da disciplina, sejam eles orientados por professores do curso (como a revista Entrevista, orientada pelo Prof. Ms. Ronaldo Salgado na disciplina Laboratório

de Jornalismo Impresso) ou iniciativas próprias dos alunos, como o jornal-laboratório O Calo, pioneiro laboratorial do curso, ou o Jornal Jabá, produção independente dos estudantes que vive uma recorrência ainda maior de lançamentos e descontinuações do que os jornais-laboratório.

A análise também considera três jornais-laboratório de outras três universidades brasileiras, cada uma com suas particularidades, mas que, a seu modo, conseguiram trazer uma contribuição para estudos de jornalismo e na formação de estudantes de cada universidade, segundo estudos de jornalistas como José Marques de Melo e Dirceu Lopes. A experiência pioneira na Faculdade Casper Líbero (que já conta com mais de 600 jornais-laboratório publicados), traz um modelo bem sucedido por mais de 60 anos, enquanto a antiga iniciativa do jornal “Cobaia”, na Universidade Federal de Pernambuco, mostra um produto que, mesmo sendo mais próximo da UFC (ambas são nordestinas e de iniciativa federal), conseguiu criar um processo jornalístico ao mesmo tempo original e periódico.

Chegando ao século XXI e fechando-se na UFC, o trabalho busca expor tanto fraquezas quanto forças dos últimos dois projetos da disciplina jornal-laboratório, desde que foi assumida por Klycia Fontenele em 2009.2. O presente trabalho visa a diagnosticar os ganhos e as perdas com as decisões tomadas pelas turmas de cada semestre, ao mesmo tempo em que tenta considerar futuros avanços ou caminhos a serem percorridos para um bom aproveitamento da disciplina.

Essa busca por um melhor aproveitamento é uma tentativa, ao mesmo tempo, de estabelecer um legado final ao curso e guiar, futuramente, professores orientadores na construção do programa da disciplina e estudantes no decorrer, de forma a se construir uma experiência teórico-prática mais bem aproveitada.

O trabalho se divide em três capítulos, cada um servindo a um objetivo específico.

No primeiro, se define os três principais conceitos que permeiam a construção da monografia: Ensino em Jornalismo, Prática jornalística e Laboratório de Jornalismo. Usando como suporte bibliográfico principal os estudos de Cremilda Medina (ensino e prática), Mário Erbolato (prática), José Marques de Melo (ensino e laboratório) e Dirceu Lopes (laboratório), o capítulo visa a trazer os pontos de encontro entre os três conceitos, definindo a relação dos jornais-laboratório como uma experiência teórico-prática por excelência.

Para o segundo capítulo, se abre espaço a uma reconstrução histórica do Jornal-Laboratório. Inicialmente, focando-se em história e no Brasil como um todo, o trabalho se baseia em Dirceu Lopes e José Marques de Melo. Posteriormente, quando a especificidade é fechada nos trabalhos realizados na UFC, os quinze questionários respondidos por ex-professores, professores atuais, ex-alunos e alunos atuais do curso ajudam a traçar uma reconstrução histórica e definir os principais preceitos do Jornal-Laboratório da UFC em seus 32 anos de história.

Já o terceiro e último capítulo se baseia tanto em uma análise, quanto em depoimentos dos envolvidos na construção dos dois últimos projetos de jornal-laboratório do curso de Comunicação Social (Jornalismo) da UFC, o Linha de Corte e o Impressões. O capítulo busca diagnosticar a evolução (ou não) da disciplina nos últimos três semestres, ao mesmo tempo que tenta apontar um direcionamento para os próximos períodos.

Entre os arquivos anexos, estão as duas edições do jornal Linha de Corte e as quatro publicadas até hoje do jornal Impressões, ambas as experiências sendo analisadas no decorrer do trabalho. Além disso, há a presença dos seis modelos de questionários enviados para mais de 20 pessoas e respondidos por 15. Os questionários respondidos não foram anexados em virtude do montante de texto ser excessivo, completando mais de 150 laudas, além de que os principais excertos dos depoimentos estão presentes no corpo da monografia.

A divisão dos questionários foi feita da seguinte forma: Questionário 1 – respondidos pelos professores ou ex-professores Agostinho Gosson, Antonio Elizeu de Souza, Luis Celestino Júnior e Naiana Rodrigues; Questionário 2 – respondido pela ex-aluna do curso Claudiene Costa; Questionário 3 – respondido por Nilton Almeida, um dos fundadores do projeto que deu origem à disciplina Jornal-Laboratório; Questionário 4 – respondidos pelos alunos Ana Carolina Soares Nogueira, Arilo Assunção Silva e Thais Martins; Questionário 5 - respondidos pelos alunos Cleisyane Quintino, Geimison Maia, Mariana Lazari, Roberta Kelly Santos e Yuri Leonardo Silva; Questionário 6 – respondido pela professora-orientadora atual, Klycia Fontenele.

Capítulo 1 – Laboratório em Jornalismo: um encontro entre teoria e prática

1.1 Considerações preliminares

O processo laboratorial em jornalismo se fundamenta na ambígua relação do ensino na Universidade (pressuposto teórico) com a prática – que costuma ser abstraída em ambientes diferentes das faculdades, como as redações de jornais e revistas, tevês e rádios. O assunto levanta alguns questionamentos sobre os limites entre cada uma das partes seja o Ensino de jornalismo em faculdades de Comunicação Social, seja a priorização da prática nas escolas, ou ainda o próprio jornalismo – aquele praticado em redações de jornais, revistas, televisões, rádios, etc.

Entre as três partes do processo, entra a articulação teórico-prática, que, entre outras formas, pode ser representada pelos laboratórios de jornalismo – em especial na publicação dos jornais-laboratório. Para isso, é necessário, mais uma vez, uma definição de limites entre o laboratório prático (técnicas de redação) e o laboratório crítico (articulação com a teoria). Para cada uma das questões, seguem as definições dos termos e conceitos utilizados, dividido entre Ensino em Jornalismo, Laboratório de Jornalismo e Prática Jornalística (Redação).

1.2 Ensino em Jornalismo

A origem do ensino jornalístico brasileiro, aponta Marques de Melo, se deu ligado às faculdades de Filosofia, fato esse que estimulou todo um modelo de jornalistas formados nas primeiras gerações:

um ensino discursivo, voltado, sobretudo, para a formação humanística, o que, aliás, (...) foi bom na medida e, (sic) que nós pudemos, nas primeiras levas que saíram desses cursos, ter profissionais que entraram nas redações de jornais, nas estações de rádio, com um embasamento dos conteúdos que eles deveriam tratar. Mas só levavam isso em conta, eles não levavam a experiência prática ou o conhecimento teórico da sua atividade profissional". (MARQUES DE MELO, 1985, p. 118, 119)

O jornalismo concebido nessas faculdades (ou cursos livres, podendo até mesmo ser chamadas de escolas) buscava intensamente a formação humana teórica, deixando em segundo plano os pontos técnicos da questão – que poderiam ser adquiridos com a prática profissional. As disciplinas de Filosofia formavam um humano embasado que pudesse falar sobre diversos assuntos com autoridade, o que partia do princípio de que seria mais fácil ensinar as técnicas a um homem culto do que ensinar toda uma cultura a um homem de formação tecnicista.

A ideia é corroborada por Cremilda Medina (1978, p.24), uma das mais conceituadas estudiosas do jornalismo brasileiro, que pontua que “O papel das Universidades, introduzindo em seu elenco de cursos o Jornalismo, torna-se fundamental”. A evolução desse processo – desde a fase pré-universitária até a fase do estabelecimento do diploma como obrigatório (processo esse que foi rejeitado posteriormente) –, viveu algumas fases distintas; o já citado início, com a ligação com a Filosofia – influenciado pelo jornalismo europeu¹, uma segunda fase, ligada ao jornalismo americano, que buscava a mecanização do processo – sempre sob conceitos da Comunicação de massa; e a atual (idealizada) que buscaria uma produção prática (tecnicista) estritamente baseada em conceitos teóricos e produzindo argumentos críticos.

José Marques de Melo, citado por seu aluno Dirceu Lopes (1989, p. 33, 34) defende que desde os primeiros laboratórios de jornalismo instalados no Brasil, há uma confusão entre a redação, a produção de texto jornalístico e a própria função de um laboratório. De acordo com ele, “algumas escolas caíram num viés que foi perigoso e ainda hoje considero um dos males do ensino de jornalismo no Brasil: aquele de introduzir uma preocupação excessivamente tecnicizante, excessivamente praticizante, como se pudéssemos prática sem a teoria”. Para ele, essa mecanização da prática é uma falha no Ensino, já que não se pensa em estruturas, condicionamentos e implicações políticas. Não se faz um ensino pedagógico.

Para Cremilda Medina (1982, p. 289), a base comportamental da sala de aula – uma espécie de laboratório de aprendizagem – é “tão importante como os conteúdos que foram introduzidos ao longo do tempo nos currículos – sociologia da comunicação,

¹ Cremilda Medina faz a comparação dos modelos europeu e norteamericano de Jornalismo na sua obra “Profissão jornalista: responsabilidade social” (1982, p. 30), bem como suas influências na América Latina.

psicologia da comunicação, semiologia, teoria da comunicação”. O pensamento corrobora com José Marques de Melo sobre o ensino pedagógico de jornalismo, representado, essencialmente aqui, pelo laboratório de jornalismo.

O conceito pedagógico de ensino em jornalismo parte de uma das chaves do ensino, como pontua Marques de Melo (1985, p. 128)). “Nas raízes do ensino de jornalismo encontramos seu principal desafio: a articulação teórico-prática”. O teórico explica que, desde as suas origens, o ensino trabalha com ambiguidades conceituais e preconceitos do próprio mundo profissional.

Nisso, continua Marques de Melo, surgia um outro problema do ensino do jornalismo no Brasil, a articulação entre escola e redações:

A verdade é que o ensino de jornalismo no Brasil teve de se adaptar à estrutura do sistema educacional dominante e converteu-se em espaço privilegiado de transmissão de conhecimentos. A prática jornalística não figura como objeto de pesquisa, nem como elemento da experimentação pedagógica. (MARQUES DE MELO. 1985, p. 128)

Uma das premissas da sistematização dos conhecimentos sobre jornalismo é a composição de conceitos gerais, comunicativos. Cremilda Medina (1978, p. 21) aponta aí a origem das teorias da comunicação de massa: “E para compor todos esses conhecimentos e tentar uma *teoria da comunicação de massa*, várias áreas de trabalho se integram (...). No entroncamento de todos esses dados das Ciências Humanas, é preciso encontrar a conceituação da mensagem jornalística”.

Uma das questões centrais no ensino de jornalismo é parte da integração desse contingente (estudantes) ao mercado (empresas jornalísticas). Até que ponto o ensino pode preparar, questionar e advertir os universitários para a vida profissional?

Para Cremilda Medina, isso representa um risco enorme em diversas carreiras:

O resultado desse lamentável equívoco é que os jovens profissionais mais uma vez se jogam de cabeça numa empresa jornalística, quando chega a hora da sobrevivência no mercado. No afã de se integrarem na vaga ocupacional, aprendem aos trancos e barrancos as fórmulas mais primárias da linguagem profissional, fixam-se nelas, ingressam numa mediocridade inconsciente e rotinizam, no mínimo sem nunca aspirar – nem por curiosidade – a dinâmica da inovação. (MEDINA, 1982, p. 111)

Cremilda Medina defende que esse tipo de estudo (puramente ideológico) apresenta o risco de não inserir o mercado de trabalho na mistura com o ensino. O perigo reside no fato de que, eventualmente, o estudante tem de se enquadrar na lógica

da indústria cultural, o que, automaticamente, significa se adaptar a grandes ou médias empresas jornalísticas (jornais, revistas, portais, televisões, rádios...).

Isso causa o que Medina define como deterioração do profissionalismo, protagonizada pelo ensino universitário da profissão.

As escolas passam, então, a constituir um foco de „deterioração’ do profissionalismo, muito mais devido a essa ideologia negativista do que à falta de laboratórios de treinamentos efetivos. Não que estes não façam falta, mas de pouco servem quando os alunos não acreditam em seu potencial de ação e não investem no desenvolvimento de seus instrumentos de trabalho. (MEDINA, 1942, p. 142)

Medina (1978, p. 20) defende que “a teorização sobre a informação jornalística tem corrido em perseguição à práxis”. Essa teria se dado em diversos (e distintos) momentos; em um primeiro há o questionamento da liberdade de expressão, quando da ascensão da burguesia e origem do jornalismo, o que estimularia o pensamento acerca da nova atividade em um âmbito mais amplo (que não de dentro da atividade para dentro da atividade). Num segundo momento, os profissionais (ou pessoas que trabalhavam no jornalismo) questionam a eficiência dos esquemas de empresas jornalísticas, buscando a evolução do meio e procurando uma sistematização do fazer jornalístico. Essa segunda atividade recebeu o nome de manual de jornalismo – uma prática frequente em Redações.

O jornalista e professor Mário Erbolato (1991, p. 224, 225) aponta uma última fonte no ensino de jornalismo, ao narrar um caso que lhe foi apontado pelo também jornalista Nino Cecílio. Os erros – no caso uma “barriga”, publicação de informação errada –, servem de ensino não apenas para os estudantes, mas provam que mesmo a Redação jornalística é um terreno onde se ampliam os ensinamentos; sejam eles adquiridos na faculdade, nas ruas ou na vida.

Partindo do outro lado da questão, Cremilda Medina (1982, p. 147) defende como ponto central do ensino a necessidade da fixação do papel social da profissão junto aos alunos. “Por que se os profissionais egressos da universidade trouxessem, de seu aprendizado, a consciência desse papel, provavelmente as redações seriam desenvolvidas (e/ou renovadas) pela pressão desse contingente de base”. Medina ilustra a situação trazendo a possibilidade de crescimento real da prática, a partir de pressupostos teórico-práticos expostos na escola.

1.3 Laboratório de Jornalismo

Desde o início da conceituação, é necessário se abrir um parêntese para estabelecer uma diferenciação (que na verdade passa mais por uma associação, ou mesmo uma equação). Quando se refere a laboratório de jornalismo, são admitidos dois conceitos que, por mais diferentes que sejam, não excluem a validade do outro. A questão é: quando falamos em órgão laboratorial de jornalismo, falamos do conjunto de equipamentos (o espaço físico) ou da atividade experimental (o espaço pedagógico)?

José Marques de Melo, um dos primeiros a levantar tal questionamento no Brasil, nos ajuda a mostrar que os conceitos, de fato, podem conviver juntos e formar algo maior. Para Marques de Melo (1985, p. 129), os meios e os fins se misturam, articulando-se e formando um espaço de dupla dimensão – trazendo instrumentos de aprendizagem e oportunidades de experimentação. Logo, ambas as premissas se tornam corretas.

O bom aproveitamento dessas ferramentas, porém, carecem de projetos sólidos. Para Marques de Melo (1985, p. 130), a chave são projetos pedagógicos que orientem os usos do laboratório de forma a oferecer “aos educandos possibilidades de enfrentamento das situações que convertam o jornalismo em apreensão concreta da realidade, naturalmente medida pelas abstrações indispensáveis à sua compreensão e interpretação”. Assim sendo, o espaço se configura, de certo modo, como um ambiente de simulação.

O professor completa ao dizer que faltam precisões conceituais relativas às atividades didático/científicas nos laboratórios, que deveriam ser as principais responsáveis por esse caráter simulatório de redação (jornalística). A ideia é que se permita o enfrentamento de situações do cotidiano jornalístico profissional, dentro do ambiente controlado (e seguro, em vista de que não se pode “demitir” um estudante) da escola de jornalismo.

O que frequentemente ocorre, porém, é que a simples existência de um espaço laboratorial dê a ilusão do suprimento das necessidades de ensino/aprendizagem jornalística na faculdade. Acreditando nisso, os laboratórios se prestam a ser, tão somente, alvos de “aulas práticas” de elementos básicos jornalísticos, o que, adverte Marques de Melo (1985, p. 120), torna os projetos “inócuos pedagogicamente” por não reproduzir integralmente a prática jornalística.

Os órgãos laboratoriais, porém, não podem (nem devem) se limitar a reproduzir o modelo vigente do jornalismo de redação, incumbidos a serem apenas simulacros da vida profissional. Como ferramenta de formação (indo além da questão de aprendizagem), o jornal-laboratório surge como um mecanismo que pode aflorar a alternatividade e a criatividade dos estudantes de jornalismo, trazendo novas perspectivas não apenas à universidade, mas, futuramente ao campo profissional e aos meios de comunicação.

Marques de Melo (1985, p. 130) põe a questão da seguinte maneira: “O órgão laboratorial é um instrumento de reprodução da prática jornalística vigente ou um veículo apropriado para a criação de alternativas em relação ao que existe na sociedade?”. Ao que ele mesmo responde, dizendo que as duas opções são fundamentais. Ao mesmo tempo em que o órgão deve reproduzir a realidade, ele deve fomentar inovações – estimulando assim a evolução do meio.

Dessa forma, os jornais-laboratório (adota-se aqui o padrão de jornais impressos, considerando que a disciplina proposta pela UFC trata da mídia impressa. Mas vale ressaltar que em outros momentos e em outras universidades há o estímulo para o complexo redacional laboratorial televisivo, de rádio ou mesmo uma simulação de portal na internet) se transformam em pontes entre o ensino/aprendizagem e a prática/redação. Ele acaba por unir, através de um terceiro viés, a pesquisa, dois pontos que muitas vezes caminham de forma paralela dentro de uma escola de jornalismo. Essa capacidade surge, em especial, quando é superado o principal desafio simbolizado pela disciplina, como apontam os pesquisadores Dirceu Lopes e Marques de Melo.

Um ponto que Marques de Melo traz como central na validação dos órgãos laboratoriais é a capacidade de formação de indivíduos com interesse por uma análise crítica de padrões vigentes, de forma a poder testá-los (no próprio laboratório) e criar alternativas inovadoras. De acordo com o teórico (MARQUES DE MELO, 1985, p. 129), essa perspectiva mostra a consciência histórica presente desde a década de 50 da importância dos órgãos nos campos da pesquisa, reprodução e inovação da prática jornalística.

Apontado por diversos teóricos do jornalismo, o desafio da articulação entre teoria e prática é um desafio frequente a praticamente todas as universidades brasileiras. Para Dirceu Lopes, as primeiras gerações de profissionais diplomados se preocuparam, em sua formação, apenas com a acumulação de conhecimentos sobre a área, deixando em segundo plano uma vivência das rotinas jornalísticas – a experiência prática. Dirceu

aponta que “faltaram às pioneiras escolas de Jornalismo os laboratórios didáticos capazes de propiciar treinamento para os processos de captação, redação e edição dos fatos cotidianos” (LOPES, 1989, p.11).

Com a evolução da parte prática do jornalismo e as exigências da área, o ensino prático se desenvolveu, à revelia da teoria. Dirceu Lopes, novamente, aponta nesse momento a tendência de estanquização dos cursos em dois blocos, sendo um primeiro (denominado por Lopes como Básico), em que haveria muita teorização e quase nenhum projeto prático e o segundo (denominado Profissionalizante), em que “emerge a carência de análise crítica e reflexão teórica sobre o material produzido, gerando um pragmatismo, às vezes, até inconseqüente, sem qualquer sistematização” (LOPES, 1989, p. 13).

Já Cremilda Medina (1982, p. 15) é direta na questão: “A formação teorizante e desvinculada de uma práxis laboratorial, nas universidades, é reacionária à interação social”. A estudiosa defende que para além da prática, deve haver um estudo das bases jornalísticas, de forma a dar maior consciência aos estudantes dos limites da sua profissão, além de propiciar um desenvolvimento ético e crítico dos alunos.

Dirceu Lopes destaca a introdução dos laboratórios como um momento determinante para o início de alguma articulação teórico-prática em sala de aula, algo “indispensável na formação do profissional”. Foi a partir daí que, aos poucos, o ensino discursivo cedeu lugar para a aprendizagem prática. Como será visto mais adiante (capítulo 2), e como destacam Dirceu Lopes e José Marques de Melo, um ponto determinante foi a aprovação, pelo Conselho Federal de Educação, de uma resolução que determinava a obrigatoriedade dos órgãos laboratoriais nas escolas de comunicação.

Apesar de, atualmente, ainda haver essa chamada “imprescindibilidade do jornal-laboratório”, ela era ainda mais evidente anos atrás, quando era vetado o estágio de estudantes em empresas jornalísticas, como relata Dirceu Lopes (1989, p. 16): “Sob o ponto de vista pedagógico parece não haver dúvidas da imprescindibilidade do jornal-laboratório para o aprendizado de Jornalismo, principalmente em países como o Brasil, onde a legislação trabalhista veta o estágio em empresas jornalísticas (...)”.

É José Marques de Melo, citado por Dirceu Lopes, porém, quem aponta o grande risco que a instituição dos órgãos laboratoriais trouxe. Para o teórico, a introdução das salas de redação é responsável pela excessiva tecnicização e pelo caráter prático dos cursos, o que seria uma distorção na aprendizagem prática, já que a

desvincula da teoria. “(o aluno) É levado apenas a reproduzir o modelo vigente e não raciocina sobre suas estruturas, suas implicações políticas” (LOPES, 1989, p. 33, 34).

Mas Lopes também ressalta a mudança da vocação dos cursos:

A introdução dos órgãos laboratoriais significou o início de mudanças nesses cursos (de jornalismo). Com o funcionamento dos laboratórios, eles foram se adaptando às características próprias desse novo objeto, que é a comunicação social. O ensino discursivo foi, pouco a pouco, cedendo lugar a uma aprendizagem mais prática. (LOPES, 1989, p. 33)

É levando em consideração esses dois vieses da prática laboratorial, que o estudioso defende que os órgãos devem existir somente quando estejam completamente submetidos à teoria. Para o teórico, os laboratórios devem permitir apenas a aplicação prática de conhecimentos sedimentados – seja para confirmar ou negar a teoria –, de forma a se gerar um novo conhecimento. Caso não seja esse o procedimento, adverte Marques, “parece-me que esses laboratórios podem se tornar verdadeiros equívocos” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 121).

Apesar de se caracterizar, muitas vezes, como uma simulação da complexa realidade de uma redação jornalísticas – com sua lógica de empresa de comunicação –, a parte empresarial dos jornais-laboratórios são frequentes entraves na produção, como conta Dirceu Lopes:

Essas contribuições (dos jornais-laboratório) esbarravam na falta de infraestrutura dos cursos que não estavam aparelhados para enfrentar uma linha de trabalho mais profissionalizante. A isso somava-se a contínua pressão enfrentada pelos formandos nas redações. Com formação apenas teórica, na maioria dos casos, eles enfrentavam a ironia e o desprezo dos profissionais formados nos jornais. (LOPES, 1989, p. 20)

Um dos riscos, porém, reside na falta de periodicidade dos projetos. Por não serem ligados a uma empresa, mas a uma instituição de ensino, eles correm os riscos das volatilidades das direções, corpo docente e contingente de alunos dos cursos, vivendo num constante risco de serem extintos e/ou trocados (ao invés de evoluírem naturalmente). Tanto José Marques de Melo quanto Dirceu Lopes concordam em esse ser um dos maiores riscos para os órgãos os quais “só adquirirão realmente sentindo de laboratórios quando eles forem vivos. Quando eles conseguirem existir a despeito da passagem dos alunos, a despeito das mudanças de professores. Quando eles se tornarem projetos permanentes” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 126).

A necessidade premente é que os órgãos laboratoriais sejam projetos permanentes, independentemente de estímulos externos. Dirceu Lopes traz a importância da vivência dos laboratórios e da instituição dos órgãos laboratoriais como algo vivo:

Os próprios órgãos laboratoriais podem ser utilizados para essa articulação teórico-prática. (...) Como a atividade culminante e integrada, o órgão laboratorial não é apenas prática, mas teoria-prática em movimento. (...) Os órgãos laboratoriais, numa concepção dinâmica, envolvem o quadro total da formação do jornalista, deixando de ser apenas prática, técnica ou tecnicismo, para se formar num aparato de aprendizagem total. (LOPES, 1989, p. 36, 37)

Uma última questão, levantada por Dirceu Lopes, diz respeito à qualidade do material. Segundo o estudioso, o processo não se encerra na publicação do material – o que satisfaria a vaidade dos alunos e/ou cumpriria uma demanda do professor –, mas se estende a uma determinada comunidade, com um público definido.

Um dos desafios é o feedback desse público-alvo. Para que o jornal-laboratório cumpra as demandas desse grupo, é necessário o retorno dos receptores sobre os efeitos da informação chegada (vale ressaltar que por receptores e comunidade, entende-se tanto algumas comunidades populares locais, quanto grupos estudantes ou a comunidade acadêmica). Para Dirceu Lopes (1989, p. 16), o aluno só está realmente habilitado para a profissão quando é capaz de cumprir as demandas de seu público-alvo.

1.4 Prática Jornalística (Redação)

Um caráter primordial para se entender os conceitos básicos de uma redação (jornalística), surge ao considerá-las como fruto das empresas de Comunicação – que, de acordo com Cremilda Medina (1978, p. 55), iniciaram suas atividades já por volta de 1890. Assim, existe uma lógica empresarial que acaba por subjugar alguns outros aspectos (esses sendo muitas vezes jornalísticos), ao mesmo tempo em que busca priorizar os interesses dos donos da empresa jornalística. O que os jornais passam a buscar, então, é uma maior vendagem, logo, procuram estudar, entender os gostos dos leitores. “o jornal empresa passa a considerar preferencialmente o gosto do leitor. A ênfase recai sobre o que o público quer e não sobre a opinião do grupo que manipula o jornal”, aponta Medina.

Dessa forma, eles acabam se inserindo numa lógica da Comunicação de massa, se tornando meios de difusão desse modelo. “Os meios de comunicação de massa se destinam, fundamentalmente, a informar, a influir (ou persuadir) e a divertir. O fato é levado ao conhecimento do receptor, mostrando-o em seus diversos aspectos ou enfoques”, aponta o jornalista Mário Erbolato (ERBOLATO, 1991, p. 30), definindo, por tabela, a própria produção de empresas jornalísticas; “as empresas jornalísticas são, também, firmas com objetivos comerciais, pois somente conseguirão continuar funcionando se obtiverem lucros, uma vez que dessa forma haverá o incentivo para o capital aplicado”. (p. 236)

Os grupos de jornalismo, em geral, se sustentam num tripé, formado por jornalistas (redatores), editores (selecionadores) e, em caráter especial, a administração, à qual compete, de acordo com Erbolato (1991, p. 237), “a orientação financeira da firma, providenciando a contratação e demissão de empregados (etc). (...) Tudo quanto deva ser pago tem a palavra decisiva da Administração”.

O que Erbolato define como Administração, Cremilda Medina denomina *grupo de pressão econômica* – um dos três níveis de articulação das mensagens proposto pela estudiosa. Num pensamento que corrobora com o de Erbolato, a estudiosa define que esse grupo, o empresarial, “vai lenta, mas implacavelmente tendo de se harmonizar (ou não) com o nível da *audiência (massa)* ou suas expectativas-vivências e com o nível *pessoal do comunicador* que processa os conteúdos numa forma” (MEDINA, 1982, p. 118). Dessa forma, os três níveis seriam fixados como o empresarial, o da audiência e o do jornalista/repórter.

O conceito de empresa se torna importante, em especial, quando visto da ótica dos órgãos laboratoriais de ensino de jornalismo, já que o íterim econômico é o principal diferencial entre a parte de ensino e de prática jornalística fundamental. Uma vez que não há nem competição (não existe lucro ou mesmo concorrentes), nem demandas de chefes reais (com interesses reais de acúmulo de riquezas e/ou monopólio da informação), a dificuldade de reprodução da realidade se torna fragmentada.

Medina cita a obra “Apocalípticos e Integrados”, de Umberto Eco, para contrapor duas visões correntes relacionadas à evolução das empresas jornalísticas:

O erro dos apologistas é afirmar que a multiplicação dos produtos da indústria seja boa em si, segundo uma ideal homeostase de livre mercado, e não deva submeter-se a uma crítica e a novas orientações. O erro dos apocalípticos-aristocráticos é pensar que a cultura de massa seja radicalmente

má, justamente porque é um fato industrial, e que hoje se possa dar cultura subtraída ao condicionamento industrial. (MEDINA, 1982, p. 95)

Como veículo de comunicação de massa, os jornais são subvertidos a outra lógica: a competição. Além de jornais concorrentes, outros meios entram na disputa pela prioridade da informação, o que acaba por ressaltar alguns aspectos de cada veículo, como mostra Erbolato (a internet inviabiliza parte das vantagens mostradas, mas ainda não era utilizada na época dos estudos de Erbolato).

As três maiores vantagens dos jornais sobre o rádio e a televisão são: tempo, espaço e durabilidade. *Tempo* – o leitor decide quando e onde deve ler o seu periódico. *Espaço* – Para dar profundidade e extensão às reportagens que o rádio e a televisão apresentam como simples boletins. *Durabilidade* – A notícia impressa está ao nosso dispor enquanto o jornal não for rasgado, queimado ou jogado fora. (ERBOLATO, 1991, p. 38)

As redações, porém, tem como figura central do processo jornalístico o próprio jornalista. O profissional Ricardo Kotscho aponta como bases da profissão de jornalista a obrigação de “tentar – sempre” (KOTSCHO, 1995, p. 35) e, como função primeira do indivíduo, a obrigação de contar o que está acontecendo, dando à sociedade uma chance de se consertar o que há de errado. Celso Kelly, citado por Luiz Beltrão em sua obra “A Imprensa informativa” (por sua vez citado por Mário Erbolato), destaca justamente esse papel central do repórter na produção jornalística – um dos aspectos centrais da redação. Para ele, o repórter é muito mais do que uma pessoa que goste de escrever, mas uma pessoa que tenha “a capacidade de repórter”, no que já sugere o enquadramento em algum processo de formação (sem maiores especificações) (ERBOLATO, 1991, p. 18).

Característica básica da profissão, o jornalista (e toda a redação, em progressão natural) sofre a intermitente pressão do tempo – asfixiado na suas 24 horas. Para Cremilda Medina, isso traz uma característica própria e marcante do exercício da profissão: a imperfeição.

o ritmo de trabalho do jornalista é regulado pelo exíguo ciclo de 24 horas com algumas variáveis para menos ou para mais, mas sempre asfixiado pela pressão do tempo. Periodicidade (já apontada pelo teórico alemão Otto Groth como uma *lei* do jornalismo) é uma marca inalienável do cotidiano jornalístico, marca essa que se imprime certas características ao papel que o consumidor exerce. A primeira e mais séria decorrência que delimita sua missão social é a impossibilidade de qualquer forma de perfeccionismo científico. (MEDINA, 1982, p. 21)

A estudiosa defende que a imperfeição para o jornalista, ao contrário do que ocorre em outras profissões, pode ser convertida em algo benéfico – desde que atenda aos pressupostos do papel social informativo do jornalista. “sua função é estabelecer pontes na realidade dividida, estratificada em grupos de interesse, classes sociais, extratos culturais e faixas até mesmo etárias. O que Abraham Moles muito propriamente definiu como *vaso comunicante*”, diz Medina (MEDINA, 1982, p. 22).

Phillipe Gaillard, um dos maiores teóricos da comunicação do mundo, tem sua obra “*Précis de Journalism et Reportage*” citada por Mário Erbolato (1991, p. 50), e traz que a função primordial do jornalista é “saber escolher entre os milhares de acontecimentos cotidianos”, o que hoje se entende hoje por edição e, com a setorização da informação tem cada vez mais excluído o repórter do processo, já que este perdeu parte da sua proatividade com o estabelecimento das pautas (discutido mais adiante).

Contrapõe-se a isso o estabelecimento daquilo que Cremilda Medina denomina *papel social do jornalismo*. Para além de informar-se, o jornalista deveria informar o público, seguindo a sua função primeira (relacionada aos receptores, não às fontes, aos administradores ou legisladores). A jornalista aponta o principal momento em que, segundo ela, é notada a força dessa expressão social.

Apesar de tudo, o jornalismo existe e a melhor prova disso são as negras fases históricas em que o direito à informação desaparece sob a férrea armadura dos ditadores. Desses momentos – uns mais longos outros mais breves – que a História já conhece, sempre sobrevivem duas formas de ação social: a arte e a comunicação. (MEDINA, 1982, p. 29)

A redação, conhecida por seu fluxo de notícias para os jornais, não se fecha apenas nesse ciclo (da publicação das matérias, cumprindo a função primeira dos jornalistas). Mário Erbolato (1991, p. 50) destaca que, ao mesmo tempo em que é *emissor* (matérias publicadas), a redação se caracteriza por seu intenso fluxo de *recepção* de mensagens, seja através de despachos de agências, de notícias escritas (e ainda não publicadas), internet, colegas de profissão, fontes de informação, sucursais do interior ou repórteres enviados internacionais.

Para o funcionamento ideal do ambiente da redação jornalística, uma série de mecanismos foram criados ao longo do tempo – tanto a partir da experimentação nas escolas e próprias redações, quanto a partir de pesquisas e prática cotidiana – para otimizar os funcionamento das mesmas. O jornalista Ricardo Kotscho (1995, p. 11) aponta a instituição das pautas como determinante, já que estas se tornam o principal elo

entre produção de matérias (redatores, repórteres) e edição das matérias (editores). Para ele, o processo foi necessário e determinante para a organização do complexo da empresa jornalística e para o planejamento do jornal, antes ainda de formatado. O jornalista, porém, adverte para outro caráter despertado por essa característica: a acomodação do repórter – figura passiva no processo da pauta.

O processo, porém, carece de preparo, como aponta Cremilda Medina:

A criação de pauta não é ficção (...), mas é, sem dúvida, a descoberta de ângulos, a busca de problemas iminentes ou subjacentes dessa mesma realidade. E neste sentido, os pauteiros e editores que se reúnem para programar seu dia de amanhã e o de hoje, precisam de preparo técnico (conjunto de repertório cultural, aprendizado jornalístico e maturidade para assumir mudanças das rotinas) para desenvolver essas pautas, sugerir reportagens, relacionar temas, prever edições especiais. (MEDINA, 1982, p. 145)

Hoje, o que se vê em redações são intensa especialização e estratificação (identificada a seguir), mas, aponta Medina, na sua origem, o jornalismo brasileiro se via preso dentro de um meio de boemia e saraus literários. Um dos fatores que beneficiou a transição para se tornar um meio de ação profissional estratificado foi a melhor divisão de trabalho, tornando-o uma parte de uma produção industrial.

Foi então que surgiu outro “facilitador” da produção dos jornais diários: a divisão de suas redações em núcleos ou editorias. Ricardo Kotscho aponta as mais comuns como “Cidade, Polícia, Política, Economia, Educação e Saúde, Ciência e Tecnologia, Esportes, Artes e Espetáculos” ressaltando que, mesmo que variem os nomes, o hábito é que se divida a reportagem entre essas partes (KOTSCHO, 1995, p. 57). Para o jornalista, isso demonstra uma tendência de setorização e especialização dos jornalistas, que podem se dedicar a uma especialidade até o fim da sua vida.

Outro jornalista, Mário Erbolato, aponta outro fator determinante para o estabelecimento de editorias (o que descaracteriza a presença das mesmas em jornais-laboratório):

Para que a imprensa não se circunscreva a publicar apenas o obtido nas mesmas fontes, sem nada mais esclarecer a respeito, é que foram criados os Departamentos ou Editorias de Produção, que trabalham permanentemente, em várias turmas, propondo reportagens, sugerindo pesquisas, formulando indagações e solicitando entrevistas, tudo com a finalidade de o jornal obter vários enfoques para um mesmo caso ou assunto. (ERBOLATO, 1991, p. 176)

Isso, para Mário Erbolato, caracteriza uma das maiores características das redações atualmente: a falta de individualidade. O jornalista cita Glauco Carvalho, em sua obra “Jornal Moderno” para reforçar que “Uma das principais características do jornalismo moderno é a abolição do personalismo. O jornal de hoje é um trabalho de equipe” (p. 42).

Mais um fator preponderante nesse processo de “reinvenção industrial” do jornalismo é simbolizado pela divisão de profissional jornalista em diversas atividades, como já foi apontado. Essas diversas atividades, desempenhadas também em caráter laboratorial, acabam por estimular diferentes aptidões e exigir uma formação diferenciada. Entre as figuras do jornalismo – expostas cada um em sua editoria – estão os repórteres fotográficos, editores, pauteiros, jornalistas culturais, jornalistas econômicos, diagramadores, etc. Tratando da inserção de cada um desses no campo laboratorial, o seguinte capítulo trata da evolução dos órgãos laboratoriais no Brasil, além da conseqüente criação (e desenvolvimento?) na Universidade Federal do Ceará.

Capítulo 2 – Reconstruindo a disciplina “Jornal-Laboratório”: Brasil e UFC

2.1 Fundamentação preliminar

Diante da quase total falta de material analítico e de um aprofundamento através de estudos sobre as produções impressas do curso de Jornalismo da UFC (e, mais especificamente, a inexistência de estudos sobre os jornais-laboratório produzidos por alunos egressos no curso desde a criação da disciplina), a reconstrução histórica e teórica da disciplina se baseia em material colhido especificamente para esse fim. (Os questionários completos, tanto em branco como os respondidos, seguem na sessão de Anexos).

Com o intuito de abrir o diálogo (escrito) sobre o tema, foram distribuídos seis diferentes tipos de questionários para seis diferentes grupos de pessoas, cada uma com um envolvimento próprio com a disciplina. Os questionários, presentes na sessão de anexos do presente trabalho, foram respondidos por ex-professores, que orientaram dado projeto em algum momento determinado (questionário 1); alunos ou ex-alunos a terem cursado a disciplina, mas sem envolvimento direto com os jornais Linha de Corte ou Impressões (questionário 2), pioneiros do curso, que participaram da produção do jornal O Grão, embrião da disciplina jornal-laboratório (questionário 3); alunos ou ex-alunos envolvidos na produção do jornal-laboratório Linha de Corte (questionário 4); alunos ou ex-alunos envolvidos na produção do jornal-laboratório Impressões; e um questionário específico para a professora-orientadora dos projetos tanto do jornal-laboratório Linha de Corte, quanto do jornal-laboratório Impressões.

No total, foram recebidos 15 questionários respondidos, divididos da seguinte forma: Questionário 1 – respondidos pelos professores ou ex-professores Agostinho Gosson, Antonio Elizeu de Souza, Luis Celestino Júnior e Naiana Rodrigues; Questionário 2 – respondido pela ex-aluna do curso Claudiene Costa; Questionário 3 – respondido por Nilton Almeida, um dos fundadores do projeto que deu origem à disciplina Jornal-Laboratório; Questionário 4 – respondidos pelos alunos Ana Carolina Soares Nogueira, Arilo Assunção Silva e Thais Martins; Questionário 5 - respondidos pelos alunos Cleisyane Quintino, Geimison Maia, Mariana Lazari, Roberta Kelly Santos

e Yuri Leonardo Silva; Questionário 6 – respondido pela professora-orientadora atual, Klycia Fontenele.

O número de perguntas variava de acordo com o número do questionário, não sendo menos de 20 ou mais de 30. Algumas perguntas se repetiam em todos os textos, enquanto algumas eram específicas para alguns produtos, o que inviabilizava a presença em quaisquer dos outros questionários.

Os questionários visavam, inicialmente, contribuir numa reconstrução histórica da disciplina, partindo desde seu ponto inicial, até seus últimos desdobramentos/produtos. Em outra feita, os questionários tentam suprir a ausência de estudos sobre a área e, mais especificamente sobre os produtos construídos na UFC. Dessa forma, os 15 questionários visam a iniciar uma espécie de diálogo entre alunos, ex-alunos, professores-orientadores e profissionais de jornalismo sobre a importância, fundamentação na carreira, ao mesmo tempo em que traz um resgate de processos passados.

Mas antes de o processo chegar ao curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, os jornais-laboratório foram alvo de discussões e viram alguns projetos prosperarem em outras Universidades brasileiras.

2.2 Brasil e outros exemplos

Antes de se construir a história específica do jornal-laboratório na UFC, é importante partir para o macro dessa questão, reconstruindo origens numa amplitude nacional. É importante se relacionar a realidade do jornal-laboratório no Ceará com as origens em outros Estados (em dois projetos que pautam paralelos com as experiências na UFC), bem como uma reconstrução da evolução da legislação que regula o ensino do jornalismo, no que se trata – especificamente – do laboratório experimental.

Antes disso, porém, citemos a realidade que, de acordo com Cremilda Medina, permeavam o ensino de Jornalismo na América Latina nos anos 1960:

Duas grandes novidades são implantadas a duras penas na América Latina, hoje visíveis em maior ou menor grau: a consciência de uma formação educacional incluindo, sobretudo, o repertório de conhecimentos da comunicação como campo ligado às ciências sociais; e a consciência da necessidade de pesquisa básica para construir o repertório próprio do fenômeno comunicação (MEDINA, 1982, p. 35)

A formalização do ensino teórico, permeado por preceitos das ciências sociais aproximava o jornalismo latinoamericano muito mais da práxis europeia do que da norte-americana – mais ligada à prática. Ainda assim, já nos anos 1960, se iniciavam algumas iniciativas próprias de universidade brasileiras, que visavam uma maior experimentação e envolviam mais alunos no processo prático.

Considerada, hoje em dia, a pioneira, a iniciativa da Faculdade Casper Líbero (Facasper) de fundar seu jornal-laboratório A Imprensa é, até hoje, um exemplo no que toca a periodicidade. Até hoje, foram mais de 600 edições, desde 1949, sendo considerado o jornal-laboratório mais antigo em atividade no Brasil. Os números impressionantes de durabilidade se tornam ainda mais relevantes se analisados junto ao número de edições impressas, o que contrasta diretamente com a experiência da UFC, que em mais de 30 anos de história não consegue completar a décima parte do montante da Facasper.

Essas publicações (edição de aulas de técnicas de profissionais de jornalismo, editada pela Casper Líbero) refletiam a consciência dos mestres pioneiros no ensino de Jornalismo em nível universitário, buscando caminhos inspirados na realidade do jornalismo brasileiro. (LOPES, 1989, p. 32)

Dirceu Lopes cita, para explicar a origem da disciplina, as queixas que ex-estudantes da Casper Líbero por se sentirem “despreparados para enfrentar tarefas profissionais, em decorrência de um treinamento ineficaz durante o curso” (DIRCEU, 1989, p. 30). Isso tudo seria, de acordo com o jornalista, um indicativo da falta de prática em laboratórios e o resultado foi, em 1949, a criação de A Imprensa.

Alguns fatores servem para se entender melhor a imensa discrepância no estabelecimento de uma periodicidade regular entre a Facasper e a UFC. O diagnóstico dos fatores é analisado com maior proximidade no próximo item, mas apenas a realidade financeira da UFC e da Facasper, a presença do grupo de Comunicação Gazeta por trás da Faculdade paulistana e a proximidade de um pólo de comunicação nacional (São Paulo) são vantagens que a UFC não teria como traspor, ou mesmo simular.

Esse momento, mesmo que antecipado na Casper Líbero, ilustra um movimento de mudança nas escolas de jornalismo, no que aponta José Marques de Melo:

A passagem do ensino discursivo para o ensino demonstrativo, muitas vezes esbarrou num tipo de atividade que nem sempre foi produtiva nas nossas escolas, ou seja, a prática na sala de redação. Esse foi o primeiro laboratório que muitas escolas instalaram. Máquinas de escrever, cadeiras, lauda-padrão e muita matéria que os professores das disciplinas técnicas mandavam fazer. E foi, sem dúvida, a sala de redação que criou uma certa distorção no ensino de Jornalismo. (MELO, 1985, p. 120)

Ainda de acordo com Dirceu Lopes (1989, p. 27, 28), outro passo decisivo para a instituição de um modelo de jornal-laboratório foi dado em Pernambuco por Luiz Beltrão. Foi em 1961 que Beltrão, após anos de estudos de Jornalismo e defesas de um novo modelo de ensino, assumiu a direção do curso da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). O jornalista defendia três pontos centrais para a formação profissional, representados por três objetivos: capacitação para o exercício de todas as funções do processo de comunicação de atualidade, realização de pesquisas para atualizar os padrões técnicos e acompanhar o impacto junto à opinião pública e, por último, a implantação de laboratórios experimentais que pudessem ser centros de renovação dos padrões jornalísticos da época. Foi assim que surgiu o jornal-cobaia, um dos projetos pioneiros na área. A iniciativa, inclusive, é bem anterior ao reconhecimento do curso junto ao Ministério da Educação, que só foi decretado em 1968 (até lá, o curso ainda era ligado Faculdade de Filosofia, como grande parte dos cursos superiores de Jornalismo na época, bem como o da UFC em suas origens).

Um dos pontos centrais da experiência pernambucana, segundo Lopes, era a intersemestralidade:

Para os alunos do último ano ficava reservada a redação das opiniões (...), ocupando todos os postos direção do jornal-laboratório (hipotético). Também ficavam encarregados de acompanhar as operações mecânicas complementares para a edição do jornal (LOPES, 1989, p. 28)

Dessa forma, toda a construção do programa de disciplinas de todos os semestres era baseada no próprio jornal-cobaia, uma figura central no processo de formação dos estudantes. A experiência se baseava na reescrita constante do jornal, como se o tempo fosse parado no momento da redação, de forma a se reproduzir um momento de impressão, apesar da falta de recursos ou de uma prensa. Luiz Beltrão, citado por Mário Luiz Policeno Filho em sua dissertação de mestrado pela Universidade Metodista de São Paulo intitulada “Jornal-Laboratório, uma atividade pedagógica muito além do exercício de marketing”, define a atividade da seguinte maneira:

(...) conseguíamos parar o tempo em determinada data e, utilizando como pauta as informações do jornal do dia, exercitamos o noticiário, a reportagem, a crônica e os editoriais. Este método-muleta, já que não tínhamos as pernas que seriam oficinas de aplicação, permitiu-nos atravessar a fase crítica de implantação do curso do Recife que, em 1963 e 1964, começava a abastecer o mercado pernambucano de profissionais titulados. (POLICENO FILHO, 2008, p. 35)

Outro meio em que Luiz Beltrão influenciou nas mudanças do ensino de Jornalismo no Brasil (e na América Latina) foi através do CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina), órgão pelo qual publicou diversos trabalhos e do qual foi cátedra de Metodologia do Ensino de Jornalismo.

A evolução do ensino prático de Jornalismo segundo a legislação, porém, seguiu um caminho bem mais lento do que iniciativas como o Jornal Cabaia e o A Imprensa. As primeiras medidas do Conselho Federal de Educação só foram adotadas a partir de 1978.

Um dos grandes responsáveis por uma mudança de direcionamento nas faculdades de Comunicação, de acordo com a pesquisa de José Marques de Melo (1985, p. 119), foi a resolução 03/78, tomada pelo Conselho Federal de Educação. Foi a partir dela que a estrutura foi se tornando cada vez menos baseada na teoria, nos campos de conhecimento ligados à Filosofia, e foi ganhando vida própria em laboratórios. Foi nessa resolução que, pela primeira vez, foi feita a exigência da criação de órgãos laboratoriais.

Esse direcionamento, além de outros tomados em relação ao currículo dos cursos de Jornalismo, foi determinante para o baixo percentual de adesão das medidas, de acordo com José Marques de Melo (p. 119). Para ele, o principal entrave para as mudanças era a exigência do laboratório, o que requereria um dispendioso investimento em infra-estrutura, que ia desde materiais para impressão dos produtos da disciplina, contratação de pessoal qualificado ou mesmo mesas de trabalho, telefones, etc.

Ilustrando a pequena adesão dos cursos à Resolução 3/78, o jornalista José Marques de Melo (p. 129) resgata ainda seu ressurgimento, alguns anos depois. “Mas como o próprio CFE não possuía convicção sobre a sua validade, a medida foi postergada. Ela ressurgiu agora na Resolução 2/84, que dispõe sobre o novo currículo mínimo para os cursos de Comunicação Social e faz exigências laboratoriais”.

Outro direcionamento, este apontado por Agostinho Gósson em seu artigo “A presença dos jornais laboratórios na realidade das universidades” – presente na primeira

edição do jornal Linha de Corte² –, aponta para o artigo 19 do decreto 83.284/79, que buscava retirar totalmente os estudantes das redações de empresas jornalísticas e criava um vácuo na experiência, que acabou sendo estimulada nas Universidades.

Um dos cursos a aderir a Resolução 3/78 (bem como seguindo uma proposta forçada no decreto 83.284/79), porém, foi a UFC, mas não em caráter oficial. Na verdade, o processo envolveu a administração da Universidade apenas em último plano, como é abordado no próximo item.

2.3 Embriões

Como foi dito, a produção impressa laboratorial na UFC teve início após a Resolução 3/78 do Conselho Federal de Educação (que aconselhava os cursos a criarem um órgão laboratorial de produção jornalística como ferramenta de ensino prático). Paralelamente, na UFC, começava o movimento que culminou no lançamento do primeiro jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, que, de acordo com o jornalista Nilton Almeida, vinha dentro de um contexto e um discurso políticos.

Vale ressaltar o que lembra José Marques de Melo, citado por Dirceu Lopes (1989, p. 34), ao dizer que os laboratórios devem ser entendidos como espaços de aprendizagem e de pesquisa e não como complementos da estrutura burocrática que em muitos casos os têm administrado de forma distorcida, em núcleos de produção industrial de noticiais. De certa forma, a procura é por uma estrutura própria, um organismo independente, quase um ser vivo dentro da própria cadeia de faculdade. Como a própria faculdade não oferecia um espaço “vivo”, os estudantes tomaram a iniciativa, que começou de forma bem mais livre e política do que muitos, que nascem dentro da estrutura burocrática ventilada por Marques de Melo.

Com um grupo formado exclusivamente por estudantes do curso, o grupo Calo foi responsável por tornar possível a produção do primeiro jornal-laboratório da UFC, mesmo que não sendo ligado a professores-orientadores ou disciplinas. À época, não havia uma publicação regular no curso, que servisse de modelo prático de exercício jornalístico. Diante da situação, o grupo se reuniu e formou „O Calo’, o projeto pioneiro do curso. A situação de relativo descaso (pela falta de um jornal-laboratório) serviu de estímulo para os estudantes, que, segundo Nilton, não tinham nem tempo para frustração. Nascendo de uma vontade de “dizer que existíamos, contribuir de alguma

² Anexo A

forma para melhoria do curso”, „O Calo’ se configurou como símbolo da luta pela criação do jornal-laboratório – o verdadeiro objetivo do grupo de estudantes.

Tendo participado de jornais-laboratório quase completamente produzidos por alunos, Nilton Almeida destaca que os professores tinham um envolvimento mínimo no material. De acordo com o jornalista, os únicos momentos em que os professores orientavam, diretamente, os estudantes era em caso de “alguma matéria mais forte, que mexia na mentalidade conservadora dos dirigentes da universidade”. Além de transparecer um descaso do curso, a fala de Nilton transparece a relação com a direção da universidade (reitoria), que, apesar de não trazer – à época – um apoio às publicações, influenciava no material impresso, o que resultava nessa “negociação” que envolvia professores.

Nilton Almeida esclarece que as insatisfações com a reitoria, embora não fossem expostas claramente, eram classificadas como uma “censura”. O que havia de concreto, de acordo com o jornalista, eram os atrasos na impressão do jornal – responsabilidade da própria universidade –, sempre justificadas por problemas técnicos. Os atrasos, até hoje recorrentes na impressão dos jornais, afetam num dos pontos centrais da experiência jornalística: a novidade. Uma matéria produzida em, digamos, novembro e impressa imediatamente pode perder grande parte do seu impacto ao chegar ao público somente um mês (ou até vários meses) depois. O caráter chamado em jornalismo de “quente” é perdido, com a matéria se esfriando e sendo prejudicada no interesse do público.

Antes de produzir um material próprio, o contato direto com algo físico, algo produzido em jornalismo, era restrito a gráficas e oficinas nos jornais, o que, de acordo com Nilton Almeida, só acontecia em virtude da amizade de alguns estudantes com profissionais de jornais como O Povo e Tribuna do Ceará.

A ideia encabeçada pelos estudantes vislumbrava dar vazão às ideias e impulsos criativos dos mesmos, numa covaia para as experiências profissionais – conceito básico aplicado aos jornais-laboratórios. Diante da inércia apontada por Nilton, coube aos alunos tomarem a iniciativa (adotada posteriormente como parte integrante do curso através do jornal Comunicação).

Os conceitos que permeavam a prática em O Calo eram muito políticos – com a reivindicação do que deveria ser oferecido aos alunos, apoiado num discurso de “atuação política”, segundo Nilton Almeida –, o que era reflexo no próprio engajamento dos estudantes numa luta que era, acima de tudo, política. O jornalista aponta também o

objetivo de elevar o jornal-laboratório a uma “responsabilidade pedagógica da universidade”, lembrando que o disciplina em si veio apenas depois da criação de seu protótipo de produto.

A iniciativa trouxe frutos, que se refletem em alguns aspectos da universidade que sofreram certa evolução, segundo conta o jornalista Nilton Almeida:

os alunos passaram a ser mais respeitados em suas reivindicações, a mobilização do curso avançou e o diálogo professor-aluno deixou de ser travado apenas na “aula”, mas também na tarefa de se obter um resultado ou produto concreto das atividades pedagógicas;

A partir do reconhecimento, de acordo com Nilton, se seguiu uma evolução gradual através da “adoção” de O Calo pelo curso. O processo começou com o envolvimento do professor Geraldo Jesuíno – que se responsabilizou pela programação visual e montagem do jornal –, pela instituição da Imprensa Universitária como órgão responsável pela impressão do jornal e da criação de um conselho universitário, encabeçado pelo chamado “grupo do Calo” e com representantes de todas as turmas do curso.

No total, O Calo durou cinco edições, entre 1978 e 1979, tendo seu projeto abandonado após a institucionalização de um jornal-laboratório no curso (o Comunicação), o que, segundo Nilton Almeida, acabou encerrando o ciclo com uma vitória para a parte majoritária do “grupo do Calo”, já que, de certa forma, a criação da disciplina era uma das principais reivindicações dos envolvidos.

Numa comparação direta, Nilton Almeida aponta diversas semelhanças entre os dois projetos (O Calo e Comunicação) – em especial no conteúdo, segundo destaca Nilton. Apesar de uma acentuada mudança gráfica (“O Comunicação tinha um projeto mais bem delineado, tamanho maior (29 x 42,5), mais páginas (oito) e design mais bonito. O Calo era um pequeno jornal, tamanho 23 x 33,5, um pouco maior que o tamanho ofício (A3), quatro páginas”, ressalta Nilton), e o fato da impressão ser uma na Imprensa Universitária (Comunicação) e a outra de favor na Indústria Gráfica Ramos Pouchain (O Calo) – se valendo da amizade do dono da empresa com o professor Luís Sérgio Santos, um dos responsáveis por O Calo e atual professor do curso de Comunicação Social da UFC –, as mudanças eram quase que totalmente fruto das diferentes medidas gráficas. “por conta da ampliação do espaço, o Comunicação incorporou mais temáticas, mas sempre em torno dos temas educação, universidade,

movimento estudantil (...), como enfatizou o editorial da primeira edição”, compara Nilton.

2.4 Jornal-Laboratório na UFC

2.4.1 Preceitos básicos

Nos 32 anos de história dos jornais-laboratório da UFC, apenas dois de seus produtos conseguiram se manter regulares por diversos semestres, superando a marca de 10 edições; muito pouco, se considerados o número de projetos iniciados e descontinuados e se comparado com a experiência na Faculdade Casper Líbero, que desde 1949 mantém um mesmo projeto ativo (mesmo que inaugurando diversos outros, paralelamente).

Esses dois projetos são, cronologicamente, os jornais Comunicação e Cidade em Pauta. O primeiro circulou entre os anos de 1979 e, pelo menos, 1987, contando com, no mínimo 14 edições³. Já o segundo, bem mais recente, foi lançado em 2003 (com um projeto iniciado em 2002) e teve como sua última edição o número 14 em 2007. Além desses dois projetos, servem para uma apuração geral das características dos jornais-laboratório da UFC as experiências mais recentes da disciplina, que sejam os jornais Linha de Corte e Impressões. Os dois são objetos de análise específica no próximo capítulo.

Mais importante do que os projetos impressos, porém, é a análise de fatores que impediram ou a continuidade ou o início de outros projetos. Os diversos entraves, presentes em praticamente todas as iniciativas, são lembrados aqui aproveitando o depoimento de alguns dos orientadores a terem enfrentado a difícil realidade da disciplina.

2.4.2 Modelos, práxis e problemas

Apesar de toda a vocação prática referente à produção de um jornal, os professores foram unânimes em apontar a disciplina como uma experiência teórico-

³ Os números relativos ao jornal Comunicação são muito incertos, já que não há um arquivo completo remontando a história da publicação, nem sua totalidade preservada em bibliotecas ou almoxarifados.

prática, ou seja, sem alienar a produção textual de conceitos pré-estabelecidos na própria disciplina

O modelo geral usa como práxis a retomada de conceitos de disciplinas anteriores no início da disciplina jornal-laboratório, e, em seguida, parte para a produção. Outro ponto central nesse desenvolvimento, segundo o ex-orientador Luis Celestino, é a possibilidade de uma reflexão teórica:

Antes da elaboração da pauta, da prática da entrevista, da elaboração, edição e diagramação do texto, há a necessidade de um reflexão teórica, crítica e ética sobre a produção. Ao mesmo tempo que o estudo para a elaboração e implementação de determinadas pautas incorre, muitas vezes, numa reflexão teórica.

Essa reflexão teórica, esse esmiuçamento posterior do projeto, era o centro do processo que Luiz Beltrão protagonizou ao instalar o já citado Jornal Cobaia em Pernambuco. Partindo de uma produção já finalizava, a análise – feita por alunos e orientador – tentava trazer o básico de cada processo jornalístico. Assim como Beltrão, a professora Klycia Fontenele inclui na discussão entre teoria e prática a postura do orientador. Para ela, “o professor deve levantar algumas reflexões no andamento da apuração, discussões no plano ético e técnico”, ao mesmo tempo em que não vê o professor como o editor, ou alguém que “deve bater o martelo do que sai no jornal”. Essa postura entra como uma ponte da produção (conteúdo) com o conhecimento adquirido em sala de aula (teoria), notabilizando uma postura teórico-prática de abordagem.

Para o ex-professor do curso Elizeu de Sousa, a possibilidade de diálogo entre prática e teoria deve ser encarada intrinsecamente:

Basta transformar as reuniões de pauta em momentos de debate no campo da ética, da objetividade, da falácia da imparcialidade (...), etc. Em seguida, fazendo o exercício complementar de fazer a leitura crítica de cada jornal elaborado, considerando as críticas dos leitores.

O ex-aluno do curso Nilton Almeida corrobora com a visão de Elizeu. Tendo participado da criação de protótipos de jornais-laboratório no curso (mesmo antes da formalização da disciplina), ele pontua a interlocução entre os aspectos morais e éticos da profissão com a prática na disciplina como determinantes na formação do estudante em profissional, o que vai além da prática ao ser articulado a teoria – o que muitas vezes não tem espaço dentro de uma redação formal (profissional).

As posturas que acompanharam a disciplina variam de acordo com seu orientador, que se torna um protagonista do processo ao ser obrigado a forçar o seu modelo, mais uma vez não amparado por um projeto pedagógico. A personificação do processo, portanto, se mostra prejudicial ao não estabelecer um padrão.

Resgatando mais ao passado, em especial na produção do jornal Comunicação, a disciplina contou por vezes com mais de um orientador – o que, mesmo que demande mais esforço conjunto, acaba descaracterizando a malfadada personificação. Em geral, o modelo adotado era de acordo com as especialidades dos docentes, seja em fotografia, texto ou diagramação de um jornal; totalizando dois ou até três orientadores, em alguns momentos.

Nos últimos anos, porém, toda a orientação foi personificada por apenas um docente, o qual, no que escreve Klycia Fontenele, nem sempre tem experiência em todos os campos. O que por um lado pode abrir a possibilidade de maior exploração dos estudantes em mais de um campo, pode deixar os outros de lado (o estudo de caso, no capítulo 3, aborda a relação dos três campos nos jornais Linha de Corte e Impressões). O modelo ideal, para Klycia, envolve dois professores-orientadores – um especializado na parte gráfica –, assim como ela pode vivenciar quando aluna.

A personificação, fator relativamente recente, se une a recorrência de professores-substitutos na orientação da disciplina, como Elizeu de Sousa, Naiana Rodrigues, Luis Celestino e Klycia Fontenele. A rotatividade de professores-substitutos – bem maior do que a de professores-efetivos – frequentemente interrompe projetos iniciados por eles. Dois dos projetos mais longevos do curso (dos únicos a existirem por mais de um semestre) foram iniciados por substitutos; como nota, o Cidade em Pauta, que continuou apesar da saída de Elizeu de Sousa, afinal estava amparado financeiramente pelo BNB, e o Impressões, que tem dois semestres de atividade, ambos sob orientação de Klycia.

Em suas considerações finais, a ex-orientadora da disciplina Naiana Rodrigues relata o problema apontado no presente estudo e relativo à rotatividade de professores:

A disciplina ganhava a cara do professor que a ministrava, o que, a meu ver, não é ideal, dada a rotatividade de professores substitutos no curso. Acredito que o mais ideal é que a disciplina tenha sim um programa, um projeto que dê vazão a adaptações a depender das turmas, mas que seja pensado com o objetivo de construir uma identidade para a disciplina, esta que deve manter a coerência em relação aos objetivos do curso.

Estabelecendo a experiência laboratorial como determinante na formação prática em Jornalismo, em especial quando analisada a presença de professores com pouca experiência de docência, o jornalista Elizeu de Sousa fundamenta a experiência como determinante tanto para alunos quanto para professores:

(...) a partir da produção dos alunos sob suas orientações (os jornais) geram oportunidades de atualização de conceitos e de novos métodos de trabalho com a consequente melhora da avaliação do curso de jornalismo como um todo.

Dessa forma, o ensino prático revela um feedback aos orientadores, o que se torna ainda mais válido na formação de professores substitutos (maioria dos orientadores da disciplina e, em geral, menos experientes na docência acadêmica).

Naiana Rodrigues cita como fatores para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina “desde o fato de a disciplina ser ministrada por um professor diferente a cada semestre como a falta de integração dentro do curso, o que vai além da questão da disciplina e diz respeito ao projeto pedagógico do próprio curso”. Já para sanar o problema (não continuidade), ela cita “um projeto editorial para o jornal e objetivos definidos e explícitos no programa da disciplina” como um fator que permita que, independente de quem esteja à frente da disciplina, o projeto não seja descontinuado. A situação pode ser ilustrada pela primeira experiência de Naiana com a orientação da disciplina:

a primeira vez foi bem trabalhosa, tanto por ser minha primeira disciplina prática enquanto professora, como pela dificuldade para definir o perfil editorial, as temáticas, rever o projeto gráfico do jornal e publicar a edição e, pela falta de infraestrutura, desde computadores ao deslocamento dos alunos para realizar as pautas, como pela ausência de um link com outras disciplinas ou eventos do curso.

Para Naiana, a existência de um monitor (Marcelino Leal, que já havia cursado a disciplina) foi importante para simular, em partes, uma experiência intersemestral e foi importante, em especial no auxílio ao fechamento do jornal.

Além do auxílio na orientação e fechamento do jornal-laboratório, outro ponto crucial desempenhado pelo monitor é o elo entre os semestres, já que a alta rotatividade de professores-orientadores da disciplina atrapalha a continuidade dos projetos. Tendo recentemente cursado a disciplina, o monitor pode expor não apenas sua experiência,

como rememorar a práxis em questões gráficas, estruturais ou editoriais, como conta Naiana.

Em 2006.1, pegamos o jornal com um projeto definido e demos continuidade. Vale ressaltar que o monitor teve importante papel na diagramação do jornal, pois trouxe a experiência anterior para a sala de aula. Ele foi o elo que deu continuidade à disciplina.

A possibilidade, porém, esbarra no fato de professores-substitutos não terem direito de nomear monitores. Essa possibilidade, aproveitada na experiência de Naiana, não pode ser repetida nos próximos semestres pela falta dessa figura, além da disciplina ser ofertada para o penúltimo semestre letivo (o que, em teoria, só obrigaria o monitor a desempenhar tanto uma monitoria quanto suas obrigações de formatura em seu último semestre, além de não permitir que o monitor permanecesse na disciplina por mais de um semestre).

Entre as possibilidades de uma participação externa, de observador, e envolvida como uma espécie de editor-chefe, Nilton Almeida traz uma proposta que foge um pouco das duas, ao mesmo tempo que, em partes, aliando-as. Para ele, o professor deve se impor como professor-orientador (“com todas as responsabilidades que o termo embute”), num conceito que se aproxima da visão de Elizeu de Sousa de jornalista responsável. Nilton pontua, porém, a necessidade de experiência “para propor, discutir, ouvir, pontuar alertar, recomendar, abrir campos de visão, sugerir, interrogar, levar o aluno a reflexão”, o que entra em contato com a configuração teórico-prática da disciplina.

Fato recorrente – e com duas consequências indiretas, sendo uma positiva e outra negativa – é a orientação da disciplina dada por professores sem uma experiência claramente de redação. Naiana Rodrigues vê sua experiência em redações jornalísticas como um dos fatores que permitiram a orientação da disciplina.

Acredito que se não estivesse no mercado, não teria tido condições de contribuir para a formação dos estudantes e assumir as responsabilidades da disciplina, que é uma das mais importantes do currículo.

Klycia, porém, defende que o fato de não ter trabalhado numa redação jornalística formal (numa empresa jornalística), ajuda na abertura da disciplina, pois para um professor sem esse contato direto anterior, não há a tendência de se simular os

vícios de uma redação de um grande jornal – o que resulta em uma maior abertura para experimentação na criação do produto da disciplina.

Mas até que ponto esse professor, seja ele efetivo, substituto, experiente, novato, ligado a movimentos sociais ou a empresas de Comunicação, deve se envolver no material trabalhado? A ex-professora da disciplina Naiana Rodrigues mostra a sua experiência como exemplo dos limites que costumam ser ultrapassados. Ao mesmo tempo em que conta que trabalhou como uma editora-chefe (mesmo sem o uso da nomenclatura), editando, revisando e escrevendo editoriais, ela defende que, hoje em dia, vê sua postura como um equívoco.

hoje, distante do processo, acredito que o ideal é que o professor fique mais distante, seja uma espécie de consultor, de guia, mas não coloque a “mão na massa” e sim oriente e intervenha quando seja extremamente necessário

O envolvimento de professores no processo de redação se torna um reflexo da fuga de alunos da responsabilidade na produção. Naiana responsabiliza a negligência de alguns alunos por um envolvimento (seu) maior que o esperado, de forma a que não se comprometesse o trabalho de outros alunos – esses mais engajados –, por terem que suprir as demandas não cumpridas dos outros. Essa negligência é reflexo, em partes, da obrigatoriedade da disciplina e de produtos não tão repercutidos no curso. Ao contrário do Laboratório de Jornalismo Impresso – que tem a Revista Entrevista, seu produto final, lançado semestralmente –, os jornais-laboratório vivem dentro de uma rotatividade de orientação, projetos e sem uma garantia de impressão (a Revista Entrevista, sob orientação do prof. M. Ronaldo Salgado, tem 18 anos de existência resultando em 23 edições impressas e, como lembra em seu questionário Claudiene Costa, é considerada pelo corpo de alunos como “a disciplina mais importante para minha formação como jornalista em todo o curso, sem sombra de dúvida”, o que ilustra o reconhecimento e a expectativa que envolvem a disciplina e que não se repetem no Jornal-Laboratório, cursado um semestre depois).

Um dos fatores centrais na discussão da produção da disciplina é o valor do projeto impresso. Tendo participado de um projeto que até hoje não circula fisicamente (apesar de estar quase completa), o professor Luis Celestino dimensiona esse fator:

Todos os alunos devem ter a dimensão da palavra impressa. O valor tátil (o cheiro de tinta e do papel, o calor da página súbito saída de uma rotativa), o marco histórico e o compromisso com o aprofundamento crítico-reflexivo

fazem parte da publicação impressa. Em tempos de informações efêmeras e superficiais, permitir ao aluno escrever um texto com profundidade, atentando para a pesquisa e o compromisso ético é fundamental para que ele compreenda que o bom jornalismo não enrola tomate e peixe podres na feira, mas muda vidas, mexe com sensibilidades e forma cidadãos.

Reflexo disso é o discurso de Claudiente Costa, ex-estudante do curso. Ela aponta a experiência laboratorial como determinante em sua formação, já que ofereceu uma oportunidade de exercício da produção de conteúdo, “aproveitando o caráter experimental e suporte didático da universidade”. Para ela, a existência de uma publicação, efetivamente impressa, anima o aluno na produção, ao mesmo tempo em que proporciona retorno do leitor (seja ele colega estudante ou um receptor inesperado).

Mas, ao mesmo tempo, ela assinala a frustração e o desânimo da demora na publicação do material – reflexo recorrente da falta de planejamento e da distância entre reitoria (Universidade) e o curso de Comunicação Social (estudantes). Para Celestino “a falta de um jornal-laboratório era um item a mais no desestímulo do estudante no curso”. Com a recorrência de estágios cada vez mais cedo e a reprodução desenfreada dos “vícios de um exercício profissional acrítico”, o jornal-laboratório fica relevado a um segundo plano. A continuidade seria importante também, para ele, para o exercício de experiências diversas, o que geraria um maior estímulo e diminuiria a frustração. “Algumas experiência até podem surgir, mas não passarão de espasmos”, infere ele sobre os projetos intermitentes.

Elizeu de Sousa mostra a receita do que ele acredita que consiga manter o ânimo de todos os matriculados na disciplina: “O segredo é envolver todo mundo. A vontade de fazer contagia. (...) Chamava-os à razão, apresentava as condições do laboratório, duas ou três câmeras fotográficas (...) e a promessa segura de que a produção deles ia ser publicada”. O envolvimento dos alunos é ponto chave na produção e elaboração do material, bem como no comprometimento com a periodicidade.

A simulação do ambiente de uma redação de jornal impresso, mesmo que impossível para os jornalistas Agostinho Gósson, Elizeu de Sousa e Nilton Almeida, é, em partes, defendida por Naiana Rodrigues e Luis Celestino, mas não numa totalidade. Afinal, ressaltam os dois, alguns fatores são impossibilitados por fatores econômicos ou mesmo estruturais da Universidade, quando não da impossibilidade de domínio dos alunos a técnicas e cotidiano jornalísticos. Mesmo ressaltando que fatores como a periodicidade e a logística de distribuição dos jornais-laboratório fossem bem diferentes

das de um jornal, digamos, comercial, a jornalista Naiana cita alguns fatores que acredita ter simulado, ao lado dos alunos, na sua experiência de orientação da disciplina:

as hierarquias, a divisão de tarefas, o deadline, as regras de edição e redação e a relação com as fontes, eram procedimentos e comportamentos que tentava simular ao máximo com eles, assim como as saídas para os problemas: disputa de espaço (páginas no jornal), mudança de pautas (quando caíam), até mesmo o linguajar, o mesmo vocabulário usado numa redação (pelo menos na que eu estava inserida) reproduzíamos em sala de aula.

Partindo da questão “Você, quando orientador, notava alguma expectativa dos alunos pela disciplina?”, presente nos questionários enviados⁴ a professores que orientaram a disciplina, Naiana Rodrigues dividiu os alunos em quatro grupos:

Tinha alunos com diferentes expectativas. Desde aqueles que se empenhavam, empolgavam com as pautas e acompanhavam a disciplina até os últimos momentos, aqueles que faziam apenas sua parte, encarando a situação como mais uma disciplina, mais um trabalho, sem entrar no “clima jornalístico” e outros que, por já estarem em semestres avançados e fazerem estágio menosprezavam as experiências da disciplina para sua formação (mas não atrapalhavam o empenho dos colegas) e, enfim, aqueles que realmente não tinham afinidade nenhuma com o modelo de jornalismo impresso, por mais que se esforçassem para fazer a sua parte.

O terceiro grupo citado por Naiana Rodrigues mostra mais uma vez o choque entre estágios curriculares e o laboratório de jornalismo, assim como opina Luis Celestino.

Ao tratar do momento ideal para a experiência laboratorial num curso de Jornalismo, o professor Celestino aponta tanto um caminho quanto o principal problema para o estabelecimento do mesmo. Ao concordar com outros orientadores que o ideal seria próximo ao fim do curso, ele aponta que um curso devia ser vivido em sua plenitude, logo o ideal seria se fosse possível vivenciar a experiência com foco. O problema que surge é o estágio remunerado e o estudante de Jornalismo como mão-de-obra barata em uma Redação.

Muitos acabam incorporando vícios do mercado de trabalho e passam a ver o jornal-laboratório como uma experiência menor, quando, na verdade, seria o momento de experimentações que muito provavelmente eles nunca terão nos veículos de comunicação convencionais.

⁴ Anexos G, H, I, J, K e L.

Uma visão diferente sobre a inserção de alunos na produção de um jornal-laboratório é apresentada por Nilton Almeida. Dando voz a sua experiência como professor (Nilton Almeida foi professor da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), onde orientou o jornal-laboratório *Sobpressão*), ele defende que o último semestre do curso não pode incluir uma disciplina que demande tanto tempo como o jornal-laboratório, já que a experiência vai ser deixada em segundo plano pelo aluno, que tem também que se preocupar com monografia e formatura, por exemplo. Para Nilton, o momento mais razoável é a partir do terceiro semestre, mas ressalta que “o exercício da escrita deve ser permanente em todos os momentos, em todos os semestres. Nada impede, na minha visão, que um aluno do primeiro semestre já comece desde logo a colaborar para o jornal-laboratório”. O foco, então, seria a prática (exercício) e a dedicação de tempo e energias na disciplina.

Atualmente, a disciplina é ofertada para o sétimo semestre – penúltimo, em caso de formação em oito semestres regulares. Boa parte dos estudantes que tiveram a experiência no fim do curso, como Ana Carolina Nogueira, Arilo Assunção e Thais Martins, reclama do momento, já que a dedicação fica dividida entre estágio, formação e a própria produção do jornal-laboratório, como já advertiam Nilton Almeida e Luis Celestino. Outro ponto é justamente a experiência. Muitos dos estudantes matriculados na disciplina já tiveram uma oportunidade dentro de uma redação, o que, além de estimular numa reprodução de um modelo mais tradicional, desestimula a experimentação.

Naiana Rodrigues vê a possibilidade de mudança na grade de disciplinas como algo que pode interferir num melhor aproveitamento da disciplina. Vendo o jornal-laboratório como algo opcional (tanto como extensão quanto na grade opcional), haveria, segundo ela, uma possibilidade maior de continuidade das atividades realizadas, bem como a oportunidade de inclusão de diferentes linguagens jornalísticas, como a multimídia, e, com isso, um diálogo entre as práticas. Essa visão, corroborada por Elizeu de Sousa, é questionada por Klycia, que lembra que o curso não consegue manter um mesmo professor na disciplina, quanto mais como extensão, o que demanda ainda mais atenção.

Apesar da maioria dos produtos da disciplina jornal-laboratório não transparecer essa vocação, o curso de Jornalismo da UFC já demonstrou alguns produtos que diferem do básico no país (veja mais em 2.4.3 Outras iniciativas impressas na UFC). Todos os 15 entrevistados (através dos questionários) foram unânimes ao

defender a abertura para a experimentação como diretriz básica do funcionamento (e enriquecimento da disciplina). Naiana Rodrigues adverte, porém, que falta uma linha editorial e um projeto gráfico definidos anteriormente, de modo a facilitar o trabalho e guiar os estudantes, mas sem que não barrem a criatividade dos mesmos. “Essas diretrizes”, escreve Naiana “são importantes até do ponto de vista pedagógico, pois se constituem como um elemento metodológico da disciplina”.

A professora Klycia, no entanto, crê que a experiência de redação cria apenas uma “impressão falsa” de que o aluno estaria preparado, o que muda o status da disciplina. Para ela, ao contrário de alguns alunos, a disciplina é ofertada no momento certo – independente da relação com a redação. Afinal, diz ela: “quero deixar claro que existe outra fantasia permeando a disciplina: reproduzir a redação jornalística”.

A visão de campo para experimentação como determinante na definição do momento ideal para se cursar a disciplina pode ser ilustrada pelo que escreve Naiana Rodrigues:

o momento ideal (para desenvolvimento da disciplina jornal-laboratório) é após o aluno ter cursado as disciplinas iniciais de técnicas de redação jornalística e também de ética e legislação jornalística. Dessa forma, ele terá os conhecimentos necessários para ir a campo e poderá colocar esses conhecimentos em prática com mais intensidade e propriedade. Ele poderá, inclusive, romper com as “regras” básicas do jornalismo. Sabendo o que é um lide e já tendo exercitado isso em outras disciplinas, ele poderá subverter essa ordem e ousar, pois, como costumava dizer para os alunos, o nome da disciplina já diz, é um laboratório

Esse momento, na minha experiência, é o mais adequado, configurando uma estrutura geral entre quinto e sexto semestres, portanto, um ou dois semestres antes da oferta atual no curso.

Um dos centros de maior polêmica e mais diversificadas experiências nos 32 anos de jornal-laboratório na UFC é o estabelecimento de algum tipo de hierarquia – seja entre estudantes, seja no trato com o orientador. A questão pode ser ilustrada por duas experiências narradas pelo professor Luis Celestino. A chamada hierarquia do grupo responsável pela produção do material foi tratada de duas formas opostas em dois produtos orientados por ele, atingindo resultados completamente diferentes.

Na primeira oportunidade, quando ministrando a disciplina Jornalismo Especializado em 2007.2, professor e alunos resolveram participar de tudo de forma mais próxima “quebrando a noção de hierarquia professor-aluno ou editor-repórter”. O

resultado acabou sendo a publicação da revista Recortes, numa experiência que o professor define como muito rica.

Na segunda oportunidade, em 2009.1, uma filosofia diferente foi implementada na disciplina Jornal-Laboratório, em que “cada aluno ficou responsável por um papel no processo de edição”^o, considerando-se editor-chefe, editor de imagens, fotógrafos, repórteres e articulistas. Por fim, a revista não foi impressa, ao que Celestino explica nos seguintes termos.

Senti problemas de relacionamento na equipe por conta dessa hierarquização ao mesmo tempo em que, colocada num semestre em que os alunos já estavam envolvidos em estágios e outros projetos, não priorizaram a Universidade. Não se envolveram na busca de patrocínios e igualmente não obtiveram apoio institucional. O resultado ficou razoável. Havia ótimos textos, mas a não-publicação da revista sepultou o trabalho de um semestre.

O processo de edição é um ponto que levanta discussões e, muitas vezes, problemas na produção de um jornal-laboratório (mais especificamente, nos jornais-laboratórios da UFC). A disciplina nunca foi intersemestral, logo, todos os estudantes entram com a mesma experiência que os outros (tirando estágios ou a pequena carga opcional obtida), mas ainda assim um nome por editoria (em geral) precisa se dispor a editar o material do grupo. Essa exigência é reflexo do modelo mais recorrente na produção do jornal; divisão temática em editorias, cada uma com um editor responsável pelo material, além de estudantes responsáveis pela material gráfico e fotográfico (que não necessariamente estão inclusos em uma “editoria”). A periodicidade quebrada e a baixa produtividade dos jornais acaba ocasionando uma experiência desigual para alguns alunos – que trabalham com reportagem e edição, pelo menos – do que outros, que participam apenas da redação de matérias e, muitas vezes, se esquivam da responsabilidade da edição, de acordo com Naiana Rodrigues.

O professor Agostinho Gósson, que lecionou a disciplina por cerca de cinco anos, como aponta no questionário que enviou respondido, identifica como entrave à evolução da disciplina a falta de um financiamento bem definido tanto por parte do curso e da reitoria. Ele aponta que, além do capital, é necessário que se mantenha a autonomia dos alunos frente ao conteúdo dos jornais. A situação, por não ser clara, influencia numa falta de formação prática para os alunos, além de um desconforto para os professores, que convivem semestralmente com os mesmos problemas.

A relação com a reitoria da universidade, como apontado por Agostinho, também trouxe outro problema. De acordo com o professor, houve alguns embates e problemas dos jornais-laboratório orientados por ele com a reitoria, mais especificamente com o setor de marketing. “A reitoria pensa que o jornal deva enaltecer a universidade e não aceita muito bem as críticas dos estudantes”. O embate entre o marketing e a produção, porém, parece ter sido superada, mas não por um bom motivo. Nas últimas edições dos jornais-laboratório, o problema não recorreu, deixando a impressão que o objeto nem bem chegava aos olhos dos responsáveis pelos embates – simbolizando uma queda do impacto e da relevância dos produtos, bem como da produção dos estudantes.

Outro professor a corroborar com a visão de que uma certa resistência de setores de direção da Universidade acabam influenciando na publicação (ou não) do material produzido no curso é o ex-professor substituto do curso Luis Celestino. Apontando a falta de apoio sistemático e citando casos em que houve até uma resistência pública (“Um dos reitores chegou a dizer abertamente que o curso se tratava de um “antro””) como grandes entraves, que, inclusive, impediram a publicação de uma das revistas orientadas pelo professor. O jornalista, porém, aponta avanços e vê a garantia de publicação, dada pela Imprensa Universitária, em prazos razoáveis e sem ônus financeiro para alunos e professores como fator determinante.

Mais uma dificuldade – essa mais recente – diagnosticada no trato do jornal-laboratório com a reitoria é a universidade como fonte de informação. Apesar de não ter havido qualquer problema em relação ao conteúdo dos jornais, nenhuma repressão de material, Klycia Fontenele destaca que “Em todas as turmas a reitoria foi a fonte mais difícil de se encontrar”.

A questão de apoio para publicação do material sempre foi alvo de uma relação inconstante com o departamento/reitoria da Universidade. A partir de 2002, no entanto, a inconstância pôde ser sanada com o apoio do Banco do Nordeste aos produtos da disciplina jornal-laboratório, que segundo o ex-orientador da disciplina (entre 2002 e 2004) Elizeu de Souza foi conquistado após negociação dele e da então professora Fátima Bandeira. O patrocínio trouxe estabilidade (garantia de publicação) dos jornais-laboratórios por alguns anos, mas não tornava essa garantia de publicação um processo interno do curso de Jornalismo e da Universidade Federal do Ceará.

Luis Celestino, porém, vê um lado positivo nas limitações:

Foi uma experiência rica ainda porque ficamos responsáveis pela busca de patrocínio, considerando a falta de apoio institucional da universidade. Enfrentamos chá de cadeira de patrocinadores, furos de acordos prometidos, mas conseguimos agregar essa experiência que, ao final, configurou-se exitosa.

Outra a corroborar com as queixa relacionadas aos recorrentes problemas para a impressão é Naiana Rodrigues, citando os dois semestres em que foi orientadora da disciplina. No total foram quatro jornais-laboratório como produto final e todas acabaram sendo publicadas. Porém, ao contrário do esperado, as edições eram publicadas em conjunto e tudo graças à negociação protagonizadas por alunos. O modelo mostra que, apesar de ter-se mantido o projeto inaugurado por Elizeu de Sousa, o apoio externo não era mais garantido e renovado automaticamente, como aponta o professor sobre o momento de sua experiência (o caso é retomado no item 2.4.4).

A distribuição sofre com constantes variações, atendendo muitas vezes mais ao número de exemplares (que vão da ordem de 500, como o caso de todos os números do Impressões, até 2.000, como o número 10 do Cidade em Pauta, publicado em 2006) do que visando atingir determinado público-alvo. Apesar da pluralidade de títulos e a limitada continuidade de alguns números, os arquivos não permitem traçar uma linha clara de evolução por conta de um problema diagnosticado por vários professores (como Naiana Rodrigues, no excerto abaixo), além de enfrentado diariamente na construção do presente trabalho.

(...) acho relevante também não deixar o jornal guardado na gaveta, que ele seja distribuído dentro e fora da universidade e que a coordenação do curso se comprometa em colaborar para que o jornal possa ser impresso. (...) viabilizar a publicação, a periodicidade do jornal, é de extrema relevância para incentivar a produção dos alunos e a qualidade dos conteúdos.

A falta da memória e de arquivos completos quebram a possibilidade de construção de uma linha evolutiva dos jornais-laboratório, ao mesmo tempo em que dificultam os estudos acerca do que já foi publicado.

Além de texto e dos envolvidos na produção, os jornais são formados visualmente também. Como lembra Cremilda Medina (1982, p. 149) “É bem verdade que no jornal o código verbal seguirá predominante, mas mesmo este código é processado dentro de outra linguagem plástica visual, que é a diagramação”.

Quase uma tradição no curso, a produção do material gráfico feito pelos próprios alunos pode resultar em produtos diferentes. Ao contrário de experiências

como a de Elizeu de Souza quando professor, que, “por pura coincidência”, ministrou a disciplina de Planejamento Gráfico no semestre anterior ao Jornal-Laboratório, a construção gráfica do material (jornal-laboratório) é feita durante a própria disciplina (seja adotando um modelo pré-estabelecido pelos semestres anteriores ou criando um novo projeto gráfico).

Mesmo nem sempre contando com uma orientação específica na área (nos últimos anos, houve apenas o professor focado na produção textual e análise crítica), a parte dos estudantes que se identificam mais com a área gráfica costumam construir a identidade visual do projeto o que, como será visto no próximo capítulo, pode inferir numa grande diferenciação entre os projetos, já que dependem de uma hipotética identificação com a área que, caso não haja, fica relevada para um último plano. Mas, ainda assim, na história do curso, a produção gráfica é tradicionalmente trabalhada por alunos.

2.4.3 Outras iniciativas impressas na UFC

Apesar de não ser o foco do trabalho, julgo ser necessário (e justo) se citar algumas iniciativas impressas no Jornalismo/Comunicação Social da UFC que exprimem algo de novo em relação aos diversos outros. Mesmo não havendo espaço ou tempo para uma análise minuciosa, ou mesmo uma pesquisa mais profunda entre toda a produção impressa do curso, nota-se a presença de dois tipos diferentes de produtos; os relativos a disciplinas e os autônomos, de iniciativa total de estudantes. A retrospectiva fica devendo material, também, em virtude da memória do curso ser limitada e pouco organizada, sempre relevada às gavetas de professores e ex-alunos.

Uma das experiências mais lembradas pelos estudantes nos questionários é a confecção da Revista Entrevista, produto da disciplina Laboratório de Jornalismo Impresso, orientada por Ronaldo Salgado. Fruto de uma disciplina com grandes semelhanças ao jornal-laboratório, a revista é o único produto impresso a gozar de certa periodicidade regular – tendo em média uma edição impressa semestralmente, totalizando 23 revistas em 18 anos. Por ter um projeto bem sucedido e uma periodicidade bem definida, a disciplina, frequentemente, acaba ofuscando o jornal-laboratório, que nem sempre goza de grande estabilidade. As expectativas relativas a uma e outra podem ser ilustradas com o depoimento de Claudiene Costa, que cita a Revista Entrevista como o momento mais importante de sua formação.

Ao contrário de outros professores, Naiana Rodrigues vê com otimismo uma possibilidade de inserção de um jornal-laboratório como experiência de Extensão. Enquanto o professor Celestino receia a mistura entre alunos com experiências diferentes possa ser prejudicial, Naiana vê justamente o oposto, de forma que uma experiência interdisciplinar se torne algo mais rico. Para ela, a ideia despertaria demandas diferentes e acordaria os envolvidos para linguagens diferentes.

Essa abertura para diferentes mídias, possibilitada por uma experiência de extensão, vem sendo trabalhado de forma bem sucedida pelos envolvidos no Jornal Jabá. Produção autônoma de estudantes, o Jabá sofreu ainda mais do que os jornais-laboratório por sua periodicidade sazonal, afinal, a iniciativa sempre foi total de alunos, sem envolvimento (praticamente) nenhum de professores – o que torna a experiência ainda mais refém do ânimo e da renovação dos envolvidos.

Depois de alguns estudantes resolverem retomar o nome através de um site na internet, a publicação voltou a se basear no impresso, usando a web como uma maneira de expansão da experiência. Durante a última eleição do Diretório Central dos Estudantes (DCE), mais uma mídia: os estudantes do grupo do Jabá propuseram um debate em vídeo, transmitido ao vivo na internet, com a presença de um membro da chapa eleita.

O momento atual do Jornal Jabá ilustra a possibilidade de expansão de um projeto que vá além da disciplina regular no curso. Apesar de o público-alvo continuar restrito ao ambiente acadêmico – sem existir uma ligação maior com a comunidade –, a experiência mostra como as mídias podem ser integradas em volta de um assunto e a experimentação tem aberto o seu espaço. O Jornal Jabá também se aproxima da experiência de O Calo, já que – por iniciativa de alunos – cobre um nicho não abordado em sala de aula, dando a oportunidade de estudantes buscarem conhecimento por si mesmos e, talvez, forçando a Universidade a rever alguns conceitos.

Além dos dois produtos já citados, a Comunicação Social da UFC possui um grande número de publicações que – sejam em um número isolado ou em série descontinuada – acabaram perdidas entre gavetas. O jornalista Nilton Almeida cita algumas publicações que viu surgirem em seus tempos de estudante. “Depois do Comunicação, foram lançados o Ensaio e o Impressões, para citar apenas um exemplo da década de 1980 e o jornal-laboratório atual.” (Nilton Almeida se refere a outro jornal do curso chamado Impressões e, por jornal-laboratório atual, ele se refere ao Cidade em Pauta, que já viu outros projetos sucessórios).

O grande número de publicações diferentes, porém, mostra um quadro recorrente de descontinuações no curso. Apesar de explorar uma pluralidade de possibilidades, estimulando estudantes a criarem um novo material praticamente do zero, a instabilidade das produções é um dos grandes males na produção impressa do Jornalismo da UFC.

2.4.4 Descontinuações

Seria impossível, com a escassa bibliografia e a falta de um acervo específico, se reconstruir a história do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFC através de seus inúmeros projetos iniciados. Da mesma forma, é impossível, com o material recolhido para este trabalho, precisar em números a quantidade de projetos a terem uma segunda edição, a quantidade a ser descontinuada simplesmente, a quantidade a ser planejada em uma edição única ou mesmo os projetos a circularem por diversos semestres.

Apesar de recentes, as últimas três descontinuações da produção na disciplina sintetizam alguns dos movimentos que ocasionam a iniciativa do recomeço. O curso de Jornalismo da UFC sofreu uma renovação total em seu currículo em 2006, fazendo com que as turmas egressas a partir desse ano tivessem, entre diversas outras mudanças, a oferta da disciplina Jornal-Laboratório para o sétimo semestre, em vez do quarto, como era há alguns anos.

Em 2009.1, sete semestres depois da entrada da primeira turma do currículo novo, os estudantes regulares começaram a disciplina ministrada pelo professor Luis Celestino, que havia tido uma experiência bem sucedida no semestre anterior com a publicação da revista Recortes, na disciplina Jornalismo Especializado (que fazia parte da grade curricular antiga). Com um novo programa de disciplina e demandas diferentes (era um semestre bem mais avançado do que anteriormente), a turma acabou descontinuando o jornal-laboratório Cidade em Pauta, criado pelo professor substituto Elizeu de Souza em 2002 e que contou com apoio do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e da Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC) para publicação de parte de suas 14 edições (o apoio não foi renovado para todas as edições). Essa foi a primeira das três últimas descontinuações e demonstra a falta de estrutura pedagógica no curso, ao descontinuar-se um projeto com anos de história e que ficou sem um registro formal nos acervos.

A revista Cores, que não pode ser chamada de publicação, já que nunca foi impressa, é um caso ainda mais emblemático. Envolvido na construção do material como orientador da disciplina, o professor Luis Celestino tenta trazer uma resposta para o que deu errado com a disciplina:

Em 2009.1, a turma dividiu-se em editor-chefe, editor-adjunto, repórteres, repórteres fotográficos e designers (antigamente chamávamos de diagramadores). Foi um equívoco. Os repórteres não identificavam o colega como editor-chefe e passaram a ser relapsos no cumprimento dos prazos e funções. Some-se a isso o fato de boa parte dos alunos estarem em estágio em redações. Foi um equívoco completo e perdemos a oportunidade de publicar bons textos e ótimas fotos.

Após a não publicação da Cores, a turma de 2009.1 chegou à disciplina com uma nova orientadora (Klycia Fontenele) e sem projeto algum de jornal-laboratório. Depois da construção e impressão do material, que resultou em duas edições do jornal no semestre, (o processo será esmiuçado no próximo capítulo), a experiência foi descontinuada no semestre seguinte pela turma que assumiu a disciplina. Quem justifica o término do jornal Linha de Corte é Cleisyane Quintino, uma das responsáveis por seu sucessor, o jornal Impressões:

O formato do jornal anterior era direcionado para os estudantes de Comunicação e se assemelhava a uma revista. E decidimos que queríamos que ele se parecesse com um jornal mesmo e que fosse escrito para toda a universidade. A diagramação do Linha de Corte também era muito “quadrada”, optamos por ousar

Em 31 anos de produtos impressos são poucos os projetos impressos reconhecidos no curso. O reconhecimento foi ponto central na avaliação que a atual orientadora do Jornal-Laboratório, professora Klycia Fontenele, fez da produção na disciplina:

Não creio que haja apenas um fator que impeça a continuidade do projeto do Jornal Laboratório ou de outros (como um produto para a disciplina de jornalismo na internet que até agora não existe). Primeira coisa é que é preciso existir este projeto... e para que ele exista, ele precisa aparecer... ser conhecido. Com todas as críticas que possam existir as três últimas turmas da disciplina estão dentro de uma proposta pedagógica que resultou no *Linha de Corte* e no *Impressões*.

Sobre a continuidade, o professor José Marques de Melo, um dos maiores estudiosos dos jornais-laboratório no Brasil, advertia já em 1985 em seus estudos:

É indispensável que a gente compreenda isso e busque retirar esses órgãos daquele vazio pedagógico, encontrando a fundamentação de que eles estão precisando para não permanecerem como atividades segmentadas, atividades que não têm continuidade, atividades que, quase sempre, nem sequer têm memória (MARQUES DE MELO, 1985, p. 124)

Passados 25 anos, a lição ainda vem sendo aprendida na UFC. A experiência no primeiro semestre letivo da atual professora da disciplina Jornal-Laboratório Klycia Fontenele sintetiza os recomeços, reestruturações e descontinuações de projetos da disciplina. Por falta de amparo estrutural e memória, além de partir de um projeto frustrado no semestre anterior (a revista Cores, orientada pelo professor Luis Celestino e que, apesar de diagramada, nunca foi publicada), a professora Klycia e a turma de Jornal-Laboratório de 2009.2 foi mais uma a iniciar um novo projeto do zero:

Não creio que haja apenas um fator que impeça a continuidade do projeto do Jornal Laboratório ou de outros (como um produto para a disciplina de jornalismo na internet que até agora não existe). Primeira coisa é que é preciso existir este projeto... e para que ele exista, ele precisa aparecer... ser conhecido. (...) Acredito que é necessária uma publicização maior – através de documentos, reuniões que forcem um comprometimento político-pedagógico – da necessidade deste produto como critério para realização da disciplina e para aprovação dos estudantes, conseqüentemente para a continuidade da formação.

Para Klycia Fontenele, a principal dificuldade foi estrutural. “(...) o mais grave é que não existia nada que apontasse a linha editorial do jornal, um projeto gráfico, nada, (...) nenhum resgate dos semestres anteriores”. O problema, recorrente entre outros problemas, esbarra numa falta de projeto pedagógico e, ainda, uma falta de memória do curso – sempre sendo amparado por arquivos pessoais de estudantes, ex-estudantes e professores.

A falta de um acervo específico com as publicações jornalísticas do curso, além de ser um entrave para a confecção do seguinte trabalho, dificulta a continuidade da produção da disciplina. Klycia se queixa da falta de um acervo digital, já que mesmo o Cidade em Pauta – último jornal-laboratório a ser impresso antes de a professora assumir a disciplina – só foi disponibilizado para consulta dela em arquivos impressos, sem um projeto gráfico disponível para que os alunos pudessem trabalhar em cima e desenvolver na mesma base.

Junta-se a falta de um acervo, de uma experiência acumulada e arquivada, o isolamento dos professor-orientador da disciplina, em especial ultimamente, quando os

orientadores foram todos professores substitutos (professores Luis Celestino e Klycia Fontenele). Para a atual orientadora a mudança constante de professores é menos um entrave do que a falta de uma institucionalização de um jornal. Dando voz a sua experiência, ela diz que, além de estar enfrentando, muitas vezes, um desafio novo na profissão, não há nada que oriente o novo professor da disciplina, assim como há um distanciamento dos veteranos dessas produções. Assim, no início de um semestre o professor chega a ter apenas a ementa da disciplina em que se apoiar, o que torna o processo ainda mais truncado e frágil.

Capítulo 3 – A volta ao jornal: Linha de Corte e Impressões

3.1 Considerações iniciais

Em 2009.2, após uma experiência com a redação de uma revista na disciplina Jornal-Laboratório (a revista Cores, orientada pelo professor Luís Celestino a qual até a redação do presente trabalho, não foi publicada), foi iniciada uma retomada ao padrão de jornal na disciplina. Sob orientação da professora Klycia Fontenele, a retomada tomou forma através de duas diferentes publicações; o jornal Linha de Corte – produzido pela turma da disciplina em 2009.2, e o jornal Impressões, iniciado pela turma de 2010.1 e continuado em 2010.2 pela turma seguinte.

No total, até a presente data, foram impressos dois números do jornal-laboratório Linha de Corte (ambas em 2009.2) e um total de quatro edições do jornal-laboratório Impressões (três em 2010.1 e uma em 2010.2), sendo todas as seis edições orientadas pela professora Klycia Fontenele.

Além das publicações impressas de cada uma das edições de ambos os jornais, a pesquisa aproveita os depoimentos colhidos em três dos seis modelos de questionários (especificamente o 4, 5 e 6). Com isso, a análise trabalha com depoimentos de três ex-alunos da disciplina em 2009.2 (Ana Carolina Soares Nogueira, Arilo Assunção Silva e Thais Martins), quatro ex-alunos da disciplina em 2010.1 (Cleisyane Quintino, Geimison Maia, Mariana Lazari e Yuri Leonardo Silva), uma aluna atualmente matriculada na disciplina (Roberta Kelly Santos), além da professora-orientadora de Jornal-Laboratório nos últimos três semestres (Klycia Fontenele).

3.2 Linha de Corte – 2009.2

O currículo novo de Jornalismo da UFC começou com a turma que deu entrada na faculdade em 2006.1. Logo, a primeira turma a cursar Jornal-Laboratório no sétimo semestre, como previsto pelo currículo, o fez em 2009.1. A revista Cores, projeto que substituiu o jornal Cidade em Pauta – que era produzido por alunos do quarto semestre – foi orientada pelo professor Luis Celestino, mas, como já foi dito, acabou não sendo impressa.

No semestre posterior, a professora Klycia Fontenele iniciou um novo projeto na disciplina, criado e montado em conjunto com os estudantes do semestre 2009.2 (a maioria tendo entrado em 2006.2). A decisão de iniciar um novo projeto, apesar de acatada por toda a turma, é criticada por Thais Martins, uma das envolvidas no projeto, que defende a volta do Cidade em Pauta. Para ela, a vontade de renovação do projeto partia mais da professora-orientadora da disciplina do que da própria turma. Em seu questionário, no entanto, Klycia cita o fato de que, quando chegou a disciplina, só pôde ter contato com versões impressas do Cidade em Pauta, sem que tivessem sido mantido o projeto gráfico do mesmo.

Outro fator que diferencia em muito as duas experiências é a experiência dos envolvidos na construção do material; enquanto o Cidade em Pauta era produzido por estudantes do quarto semestre letivo – antes da metade do curso e ainda envolvidos em algumas disciplinas de fundamentação teórica –, os estudantes responsáveis pelo Linha de Corte eram do sétimo semestre – penúltimo para um aluno regular.

De qualquer forma, o semestre não retomou o projeto anterior, que somava 14 edições, nem se manteve pautado em revista, como na experiência fracassada do semestre anterior. Isso tudo volta com a sensação de falta de continuidade, tão presente no curso e na disciplina. A ex-professora da disciplina Naiana Rodrigues é uma das mais críticas em relação à falta desse projeto fixo:

A falta de um projeto dificulta o andar da disciplina, pois se perde muito tempo desfazendo coisas e refazendo ao bel prazer de cada turma, o que pode vir a comprometer o aprendizado dos alunos. Não que estes não terão apreendido nada, mas não poderão desfrutar de tudo o que a disciplina poderia oferecer se fosse mais organizada. Como em muitas outras áreas dentro da universidade, fica muito a critério do empenho do estudante e do professor

O processo de construção do visual – programação gráfica – desse novo projeto foi todo feito através de votações, imperando a democracia e o consenso. A ideia estabelecia que o jornal tivesse formato tablóide e fosse dividido entre quatro grandes grupos, responsáveis pelas editorias (cotidiano, política/economia, cultura/esporte e científico; com opinião, capa, contracapa e expediente divididos entre os grupos), cada um encabeçado por um editor (numa função rotatória). No projeto inicial, havia também meia página com notícias mais “quentes”, mas como o jornal não tinha garantias quanto à data de impressão, essa acabou sendo derrubada e posta uma fotografia produzida pelos estudantes no lugar.

A divisão hierárquica, se é que pode ser chamada assim, era representada por quatro editores – um para cada núcleo –, que deveriam se comunicar e influenciar a produção das outras editorias. Esse diálogo, de fato, nunca aconteceu, como destaca Klycia em seu questionário. O restante todo era de repórteres, sem sub-divisão para os que trabalhassem com texto, com fotografias ou diagramassem, o que causou uma sobrecarga em quem diagramou o jornal (notadamente Thais Martins e Raquel Dantas).

Para a impressão do Linha de Corte foi necessário um esforço conjunto da orientadora da disciplina e da coordenadora do curso de Comunicação Social, prof. M. Glícia Pontes. Depois de negociações com a Coordenação de Marketing Institucional da UFC, com a Reitoria e com a Coordenação do Instituto de Cultura e Arte (ICA), foi conseguida a garantia de impressão das edições do Linha de Corte junto a Imprensa Universitária.

O problema, de acordo com análise feita por Klycia Fontenele, é que a demanda de impressão parece apenas cumprir uma obrigação:

Tenho a sensação de que garantiram uma impressão porque era preciso, mas não havia (e não há ainda) um embasamento, uma proposta pedagógica que justifique, por exemplo, o projeto gráfico do jornal, o número de páginas, seu conteúdo, etc.. Quer dizer, até existe no projeto pedagógico do curso a referência a um produto para esta disciplina, mas não há detalhado, portanto não há um projeto que tenha sido assimilado pelos professores e alunos do curso e muito menos pela Reitoria.

Ana Carolina Nogueira é irônica com a relação do Linha de Corte com a Universidade. “A Reitoria sabe que fazemos um jornal? (Sinceramente, risos!)”. A reação mostra o distanciamento sentido pelos estudantes entre as demandas do curso e tudo que é oferecido pela direção da Universidade; entre as possibilidades de apoio e o apoio efetivo.

As dificuldades para a garantia de impressão foram ainda maiores no momento da impressão propriamente dita. Depois de acertado o tamanho com a própria Imprensa Universitária (em movimento que eu mesmo participei), a Imprensa não aceitou o modelo por conta do formato do papel, sugerindo que se fosse impresso em tamanho menor. Além disso, em outro processo que atrapalhou na receptividade ao jornal, o papel utilizado para a impressão deixou de ser o papel-jornal, passando a ser o papel-couché, o que descaracterizava ainda mais o jornal. Fato é, que após a impressão, a sensação tanto dos alunos envolvidos quanto do restante é que o jornal se assemelhava muito mais a uma revista do que a um jornal propriamente dito.

Apesar de não ter participado do projeto, o estudante Geimison Maia traçou um paralelo entre as mudanças a que foi obrigado o Linha de Corte a passar e o resultado final aquém do esperado. Geimison, apesar de ter trabalhado diretamente com o Impressões, sem ligação ao Linha de Corte, ressalta que a quebra de um para o outro foi muito influenciada pela decisão tomada pela Imprensa Universitária, que obrigou o jornal a ser em formato A4; originalmente, o projeto seria modelo tablóide, com cerca de 31cm (comprimento) X 28 (largura), mas acabou sendo no tamanho de uma folha A4, com 31 x 21, o que representa uma perda de sete centímetros em cada uma das oito páginas do jornal, num total de 25% do texto.

Geimison Maia credita ao azar essa mudança a que foi vítima o Linha de Corte, mas o termo pode mascarar a verdadeira razão do ocorrido. Levando-se em consideração que no semestre seguinte, o tipo de papel e o formato do jornal atenderam às demandas da turma, o que ocorreu com o Linha de Corte só prova o distanciamento da Reitoria com o material, ao mesmo tempo que um descaso da Imprensa Universitária com o mesmo. O papel da direção da Universidade nesse caso deveria ser de, caso não fosse possível a impressão através do órgão destinado a isso na instituição, viabilizar o processo junto a outra gráfica.

Ao contrário do Impressões, que dá chance de um leitor ter contato direto com os autores de cada matéria, o máximo que o Linha de Corte ofereceu foi um e-mail – especificado quase escondido na contracapa do jornal. Não consegui confirmação se esse email chegou a receber alguma correspondência ou mesmo se ele foi, de fato, criado.

A gráfica universitária se tornou muito mais do que solução, um problema para a produção do jornal-laboratório, em algo que o professor José Marques de Melo já tratava em seu trabalho, citado por Dirceu Lopes:

É o caso das gráficas das escolas de Comunicação utilizadas para serviços externos, deixando em segundo plano os órgãos laboratoriais elaborados durante os cursos. Isso prejudica a periodicidade do veículo e colabora de forma negativa para a frustração dos alunos e professores que os elaboram (...), além de prejudicar o aspecto pedagógico dos cursos. (LOPES, 1989, p. 34)

As duas edições publicadas do Linha de Corte – uma de outubro, outra de dezembro de 2009 – acabaram sendo impressas com uma tiragem de 1.000 exemplares, tendo sido distribuído entre departamentos, cursos de comunicação do Estado e

coordenações de cursos, aproveitando-se da mala direta oferecida pela Universidade. A logística de distribuição foi problemática – na verdade, nem houve um planejamento prévio –, o que acabou resultando em montes de jornais-laboratório na coordenação do curso e a falta de sua presença material em alguns outros momentos.

A iniciativa dos estudantes na distribuição foi mínima. A partir de terminado um processo, a maioria se esquivou das responsabilidades, terminando um ciclo jornalístico antes mesmo de buscar atingir um receptor.

A distância com o público leitor também é reflexo de um distanciamento dos repórteres com a edição. A situação foi ainda mais clara na primeira edição do jornal, que foi obrigada a reduzir drasticamente o seu planejamento de caracteres por matéria por conta da diminuição dos espaços. Em virtude do pouco diálogo entre os grupos (e dentro dos grupos), muitas das matérias tiveram de ser sumariamente cortadas, ignorando um pressuposto levantado pelo jornalista Ricardo Kotscho: “O trabalho do repórter nunca termina no ponto final da matéria que ele escreveu, ainda mais quando se trata de um assunto polêmico, delicado. O ideal, sempre, é o repórter participar de todo o processo, da pauta à edição final.” (KOTSCHO, 1995, p. 35). Além da possibilidade (eu diria obrigação) de ir mais além, ao que refiro em Marques de Melo:

Porque para se ter um verdadeiro laboratório, é indispensável que tenhamos um processo integral, e que possamos ver como ele se completa, como é que aquela mensagem é recebida, como é que ela é assimilada, como é que é contestada, como é digerida. (MARQUES DE MELO, 1985, p. 123)

Essas atitudes ferem diretamente as diretrizes básicas apontadas por Marques de Melo: “Como órgãos laboratoriais, possuem todos eles características definidas: periodicidade, público, formato”. O público foi ignorado, a periodicidade ficava pendente à “disposição” da Imprensa Universitária que foi, também, protagonista na descaracterização do formato do jornal-laboratório (tornando-o um protótipo feio de revista). A isso se soma ainda a falta do projeto pedagógico, definida por José Marques de Melo em seu estudo: “Mas o passo seguinte precisa ser dado: usar o equipamento com segurança, tranquilidade, e usar a partir de um projeto politicamente definido, pedagogicamente planejado”. (MARQUES DE MELO, 1985, p. 121, 122).

Dirceu Lopes (1989, p. 32) completa a análise da situação ao lembrar a falta de infraestrutura dos cursos, que não oferecem uma redação-modelo, um laboratório

fotográfico equipado e entre outros mecanismos indispensáveis para a experiência laboratorial.

Enfrentando tais entraves, o processo se tornou ainda mais truncado para os pressupostos receptores – mesmos os mais próximos, colegas do curso de Comunicação Social da UFC. Roberta Kelly Santos, atualmente trabalhando no segundo semestre de produção do jornal *Impressões*, da disciplina *Jornal-Laboratório*, ilustra o contato com a produção, ao lembrar que “vi o Linha de Corte há muito tempo e nem me lembro direito”, ao que se afere que não há uma marca, apesar de passado apenas um ano da publicação de sua última edição. Klycia Fontenele explica que, para ela, muita da resistência de estudantes do curso é devida aos problemas visuais do jornal, que não lhe faziam atrativo.

A presença de Klycia como orientadora dos três jornais, inclusive, entra em diálogo com uma tendência apontada por Dirceu Lopes em seu livro, partindo de uma citação de Patrícia Mollo Menandro:

essa tendência do professor de formação essencialmente profissional de reproduzir na universidade a sala de redação da empresa jornalística na qual trabalha, leva-o a podar qualquer iniciativa criadora que não se enquadre nos modelos utilizados pela imprensa tradicional”. (LOPES, 1989, p. 34, 35)

Com uma formação voltada mais para o jornalismo comunitário e fugindo da tendência apontada pelos autores, a orientação de Klycia tenderia a fugir do modelo de redação de uma empresa jornalística. O limite disso, porém, são os estudantes e até que ponto eles estão dispostos (e volúveis) o suficiente para ousar.

As principais críticas à primeira edição do jornal *Linha de Corte* (e ao projeto todo, como reflexo) residem, justamente, no seu projeto gráfico. A impressão que fica (e, tendo participado da confecção do jornal, eu sei que a impressão é verdadeira) é que o jornal foi montado no improviso, o que, além de incomodar a vista, acaba não atraindo o leitor a abrir o jornal. A única página que realmente se sobressai é a contracapa, o que passa mais pela rara seleção boa de uma fotografia quanto pela falta de material diagramado na página. Apesar de bela, a página é preenchida até sua metade com um Expediente extenso demais, o que diminui o já escasso espaço para textos.

O excesso de linhas, muitas delas bem mais grossas que o padrão jornalístico, e mesmo o logotipo do jornal, interrompido por uma coluna informativa são incômodos; já a falta de cor numa das únicas quatro páginas coloridas do jornal é um deslize bobo.

A segunda edição consegue avançar no projeto, ao adotar apenas uma foto principal e três pequenas chamadas e sem interferência no logotipo do jornal.

Outro fator que demonstra o improvisado (que pode soar, para o leitor, como desinteresse na construção do material) é a total falta de margens na capa da primeira edição. Apesar de ser explicada pelo corte brusco de 25% do jornal – depois dos alunos serem obrigados, pela Imprensa Universitária, a rediagramar o jornal com menos espaço –, o fato é recorrente em todo o jornal, com inclusive o corte de um crédito de foto na página oito.

A jornalista Cremilda Medina traça um paralelo sobre as diagramações no jornalismo latino-americano, mostrando a mesma preponderância do texto sobre a imagem que é vista no Linha de Corte:

no caso da América Latina, antes de se encontrar a estratificação dos códigos verbais, encontramos a falta de domínio técnico dos códigos visuais. Assim, os jornais mais conservadores em diagramação e aproveitamento de espaço mostram sinais evidentes que não podem fugir à tentação de se alterarem em função do sucesso social das mensagens visuais da fotografia, da diagramação dinâmica, do filme ou do desenho. (MEDINA, 1982, p. 148)

A única ilustração presente no jornal foi feita para figurar junto a uma crônica do mesmo autor⁵. Essa ilustração sintetiza o descaso visual, já que, mesmo sem aptidão nenhuma com manipulação de imagem, o autor acabou manipulando uma foto encontrada na internet para poder figurar uma imagem do ex-presidente Fernando Collor de Mello, figura central da crônica.

Em sua quase totalidade, em ambas as edições, as fotografias foram improvisadas. “O repórter, quase sempre, era improvisado por quem fazia a matéria, ou as fotos eram enviadas pelas assessorias de órgãos pautados”, destaca Arilo Assunção, em seu questionário. As páginas 2, 8, 11 e 13 da primeira edição e 6 na segunda edição, além de não serem especialmente representativas (como a maioria das fotos no jornal), apresentam uma resolução baixíssima para um padrão impresso – o que resulta em uma imagem totalmente dividida em pixels evidentes.

A página 13 da primeira edição, inclusive, é um caso à parte que pode ilustrar ainda melhor o descaso da apuração fotográfica. A foto é do vereador e advogado João Alfredo, que havia concedido uma entrevista para o Linha de Corte. A foto, porém, em

⁵ Coincidentemente, tanto a ilustração quanto a crônica têm o mesmo autor do presente trabalho.

vez de ser produzida pelo corpo do jornal (ou um repórter fotográfico), ficou por conta do próprio João Alfredo, que cedeu uma foto de seu arquivo pessoal (ou pelo menos assim dita o crédito). Mesmo que a entrevista tenha sido concedida por telefone (o que representa ainda mais descaso na apuração, já que o entrevistado reside em Fortaleza), a reportagem podia ter conseguido produzir uma foto exclusiva para o jornal.

Voltando as atenções para o conteúdo, um pormenor chama muito a atenção. A maciça presença de representantes de movimentos sociais e/ou movimento estudantil nas páginas do jornal – mais especificamente em textos opinativos. José Marques de Melo traz um embasamento na questão:

A independência de um órgão laboratorial não depende exclusivamente das suas fontes de financiamento (externas ou internas). Ela é uma consequência da organização política dos seus participantes e da sua disposição de lutar com consequência para preservar a sua autonomia didática e científica, sem sucumbir à tentação de confundi-la com os interesses partidários ou ideológicos das corporações que atuam na sua manutenção. (MARQUES DE MELO, 1985, p. 137)

Apesar da crítica do jornalista, no Linha de Corte – um jornal-laboratório que, por definição, busca reproduzir em laboratório aquilo que não é veiculado em mídias formais – o destaque traz uma marca. Ao traçar um paralelo entre Linha de Corte e Impressões, Geimison Maia analisa que a principal razão para a predisposição do jornal mais antigo a envolver-se na discussão de “luta de classes” seria o fato de que um contingente considerável de estudantes envolvidos fosse “pessoas ligadas ao movimento social” e que, portanto, usavam o Linha de Corte como meio de divulgação dessas causas. Essa tendência mostra o caráter pessoal influenciando no material – mesmo que nesse caso cumpra uma função que, em perspectiva, dialoga bem com a função de um jornal-laboratório e sua fuga das mídias tradicionais e seu diálogo com novos públicos.

Analisando-se a presença tanto de artigos opinativos escritos representantes de movimentos sociais (como o de Francisco Marcelo, na página 15 da primeira edição do jornal), como em artigos escritos por representantes da turma que confeccionou o jornal (como o artigo da página 9 da segunda edição do jornal, assinado por Amanda Sampaio e Raquel Dantas que, à época, faziam parte do Movimento Estudantil), a oportunidade de se dar voz a quem não costuma ser ouvido foi buscada frequentemente. O visual do jornal, porém, atrapalha a aproximação de leitores.

O caso mais emblemático – e mais educativo – do jornal aconteceu em sua primeira edição, na matéria “Quando a Experiência fala mais Alto”, na página 10,

assinada por Natália Lima. Apesar de tratar de um assunto interno do curso de Comunicação Social da UFC, a matéria apresentava um erro de informação considerado grave tanto pelos envolvidos na produção do jornal, quanto pelos entrevistados na produção da matéria. O caso, além de tudo, mostra o distanciamento entre os editores e repórteres, já que o erro na apuração passou também por um editor e deveria ter passado pelos outros editores, mas estes não se comunicavam e não influenciavam a produção das outras editorias, que se tornavam pequenos feudos independentes na nação-jornal.

José Marques de Melo critica esse tipo de atitude ao falar da falta de rigor no que é publicado em jornais-laboratório:

No entanto, me parece que muitas vezes, por essa questão do aluno querer publicar qualquer coisa com o nome dele, nós estamos incentivando produção de baixa qualidade, ou seja, os professores das disciplinas técnicas não têm exercido o necessário rigor metodológico nos trabalhos de laboratório”. (MARQUES DE MELO, 1985, p. 122)

A esse pensamento, corrobora Ricardo Kotscho que, por sua vez, aproxima as máximas de Marques de Melo para o jornalismo profissional – exercido fora do laboratório e dentro das redações. O jornalista defende que, independente de onde se está trabalhando, a “essência do trabalho do repórter é a mesma (...) contar tudo o que aconteceu, não parando de garimpar informação enquanto ele próprio não estiver absolutamente seguro sobre todos os fatos que colocará no papel”. A experiência no jornal Linha de Corte mostra a falta de rigor, já que mesmo sem a segurança apontada por Kotscho, a informação foi veiculada.

Diante da falha de apuração, a turma decidiu prontamente oferecer um espaço para a coordenadora do curso de Comunicação Social Glícia Pontes esclarecer o mal-entendido, como num direito de resposta cordial presente na página de opinião (página 3) da segunda edição do jornal Linha de Corte.

Um destaque positivo – independente da qualidade ou falta de qualidade dos textos – é a presença de artigos opinativos escritos pelos próprios alunos. Além dos editoriais, resenhas, crônicas e outros textos que transparecem uma opinião, apenas a segunda edição do jornal traz dois artigos – um, o já citado do movimento estudantil e outro focando a extensão e assinado por Isabela Monteiro.

A relação com o leitor do Linha de Corte, a priori, não foi estabelecida. Apesar da contracapa do jornal apresentar (de forma discreta) um e-mail (linhadecorte@gmail.com), os próprios responsáveis pela publicação não sabiam

precisar se o endereço eletrônico fora, ao menos, criado. Os e-mails enviados pelo autor do presente trabalho ao endereço indicado não receberam respostas, do que se pode concluir que, caso tenha sido criado, o endereço eletrônico não foi efetivamente usado.

Para Ana Carolina Nogueira, um dos pontos centrais da experiência laboratorial (que ela defende que seja dividida em dois momentos distintos no curso) é a possibilidade de exploração, experimentação, o que, para ela, não foi bem explorado na sua experiência como repórter e editora do Linha de Corte:

O jornal-laboratório é fundamental em um curso que se quer técnico-teórico-prático e não consegue assumir com competência nenhuma das três funções. A partir da experimentação os alunos descobrem pontos fortes e fracos que precisam ser trabalhados de diferentes formas.

Reflexo disso são os textos informativos. Apesar de, em geral, serem bem pautados entre suas fontes de informação e, na maioria, mostrarem uma boa apuração (mesmo que, às vezes, pareça preguiçosa), os textos são em sua quase totalidade muito formais, muito ordinários. Recorrendo geralmente a estrutura mais utilizada no Jornalismo – a pirâmide invertida –, os lides imperam nas cabeças das informações, sem ousadia nos textos. Outro ponto é a aproximação com a Literatura – uma das marcas da experiência posterior no Impressões –, que só é vista em duas crônicas: ambas escritas pela mesma pessoa (eu) e que saíram na mesma edição do jornal.

O grande mérito da experiência foi a retomada. A experiência – frustrante em vários campos – permitiu uma evolução em diversos sentidos no semestre posterior, mesmo que atendendo a alguns aspectos da vaidade da turma seguinte. A crítica, porém, fica à quebra total ao modelo anterior, protagonizado pelos responsáveis pelo Impressões, já que a mudança de nome e projeto editorial, por mais que não sejam tão danosas, dão uma noção de descontinuação, o que não acho que é totalmente verdade, pois vejo o Impressões como uma extensão da experiência iniciada com o Linha de Corte.

3.3 Impressões

3.3.1 Início – 2010.1

Partindo de sua criação, o Impressões tem seu destino muito ligado ao Linha de Corte, por mais que alguns dos envolvidos no mais novo desdenhem essa influência. Muitos dos problemas citados anteriormente sobre o Linha de Corte, se repetem no

Impressões. Apesar disso, a evolução pode ser acompanhada em alguns aspectos, tanto por influência da experiência anterior, quanto por iniciativa da turma de estudantes matriculados ou da professora.

O avança mais claro é visual e, como já citado através de fala de Geimison Maia, teria atrelado a si um fator de sorte. Esse sentimento, porém, ignora o fato de que os problemas com a Imprensa Universitária puderam ser antecipados e contornados. A negociação para a impressão do Impressões se deu pouco depois da frustração com a impressão do Linha de Corte, tendo sido protagonizada pelos mesmos agentes (Imprensa Universitária, curso de Comunicação Social e professora-orientadora da disciplina). Logo, os problemas puderam ser antecipados e sanados enquanto ainda havia tempo para a impressão do primeiro número do novo jornal – que tem como data de lançamento maio de 2010, três meses após o início do semestre letivo.

A negociação permitiu que o jornal fosse impresso a contento dos estudantes: 46 cm (comprimento) X 32 cm (largura), bem mais próximo dos 52x32 do formato standard (valor variável, de acordo com as bordas). O padrão de oito páginas foi mantido, mas, com a flexibilidade da Imprensa Universitária nessa impressão, foram adicionados um total de cerca de 20 centímetro de texto por página. Outra mudança significativa foi o papel; a segunda turma conseguiu o papel jornal que era almejado desde a turma anterior.

Aproveitando o segundo semestre da professora Klycia Fontenele na disciplina, os estudantes puderam se focar mais na produção, sem perder tanto tempo com os trâmites para as garantias do Impressões. Isso acabou permitindo a impressão de três jornais nesse primeiro semestre – um a mais que o semestre anterior e um a menos do que a meta estipulada em todos os semestres (uma exigência do MEC que nunca foi cumprida na UFC).

Outra mudança relevante na construção do Impressões, em paralelo ao Linha de Corte, é a divisão hierárquica dos grupos. Em vez de grandes editorias, o jornal foi dividido em gêneros: reportagem, resenha, crônica, entrevista, ficção, etc. Além disso, foram escolhidos nomes para serem responsáveis por diagramação (três por edição), revisão (dois por edição) e um conselho editorial (composto de três alunos), cargos esses que podiam tanto ser reprisados como trocados. O projeto gráfico é todo assinado por Yuri Leonardo, que, além de estudante na UFC trabalha com diagramação no jornal O POVO, o que já representa uma predisposição a trabalhar com essa área, bem diferente do que houve no semestre anterior.

A ideia de divisão por gêneros visava a uma maior experimentação entre os gêneros, o que se comunica com a própria singularidade da turma responsável, que, segundo Geimison Maia, possui uma predisposição para a parte cultural – o que se tornaria a marca do semestre, em contraposição à relação com os “movimentos sociais” do semestre anterior.

Yuri Leonardo Silva, criador do projeto gráfico do Impressões, porém, sente que o jornal ficou longe de cumprir o que se propunha nisso:

Sinto pena de que conceitualmente a linha editorial do Impressões era boa. Propunha fugir do esquema dos jornalões para procurar outros caminhos, outras abordagens. Mas faltou empenho da equipe em levantar essa bandeira.

O fato é que o jornal privilegiou uma linguagem rebuscada, tendendo a uma aproximação com a literatura (expressa, em especial, numa página toda dedicada à ela). Para Klycia Fontenele, isso representa uma armadilha recorrente em quem tenta fugir do discurso midiático e acaba sempre apelando para um estilo literário e rebuscado.

Muito disso é reflexo, também, do público-alvo do jornal-laboratório. Ao escrever para universitários ou, mais especificamente, estudantes do Centro de Humanidades da UFC ou ainda para estudantes da habilitação em Jornalismo do curso de Comunicação Social da UFC, os responsáveis pelo jornal acabam escrevendo, a priori, para si. O foco do texto corre o risco de deixar de ser a mensagem, se tornando o corpo, o invólucro da informação. José Marques de Melo aponta o fato como, talvez, o maior problema dos jornais-laboratório:

Esse defeito é o de se manterem com um tipo de estrutura que não se aproxima da própria realidade. Quando falo de realidade, não falo da realidade cultural ou política, estou me referindo à realidade do próprio processo de comunicação, porque nem sempre os órgãos laboratoriais dos cursos de jornalismo procuram reproduzir um processo típico de comunicação social. Por quê? Porque são órgãos que fazemos para nós mesmos. Que fazemos para a própria Universidade, que se circunscrevem aos nossos próprios limites, e portanto, não permitem a avaliação do processo como um todo. (MARQUES DE MELO, 1985, p. 123)

Muito por causa disso, o jornal-laboratório seja mais bem aproveitado quando toma uma comunidade como público-alvo – uma massa indefinida de pessoas, cada uma com sua particularidade desconhecida dos autores. Para Cremilda Medina, esse fenômeno – a universalidade – adquire uma importância tão grande quanto a periodicidade e a universalidade:

O fenômeno, em si, tem um componente tão importante quanto a periodicidade e atualidade – é a universalidade. Neste sentido, um comunicador é um vaso comunicante por onde passa a informação, é filtrada e preparada para atingir o maior número de pessoas possível. (MEDINA, 1982, p. 109, 110)

Para além da questão da experimentação em sala de aula – que deve ser proporcionada no ambiente criado para a disciplina jornal-laboratório –, o jornalista Elizeu de Souza destaca o público-alvo como parte integrante do processo. “Acho que o jornal-laboratório não pode ficar reduzido ao público da sala de aula”, aponta. Um caminho para essa integração, o ex-professor-substituto Elizeu aponta quando perguntado sobre a possibilidade de experimentação dos alunos no chamado “fazer jornalístico”, oferecido durante as aulas da disciplina:

Óbvio ululante! Especialmente o jornal laboratório que resulta na publicação e distribuição de jornais para um segmento de público, saindo dos muros da universidade e gerando oportunidade de resposta a partir de cartas e e-mails por parte dos leitores.

A possibilidade de retorno (resposta) de leitores através de cartas e e-mails, previsto por Elizeu, foi uma marca durante a concepção do Impressões. Todos os alunos, além dos colaboradores, pontuavam sua assinatura em matérias, artigos, crônicas, fotografias ou mesmo charges com o nome e um e-mail de contato. A iniciativa, além de aproximar o leitor dos estudantes responsáveis pelo material impresso, acaba satisfazendo mais enfaticamente uma premissa que outra ex-professora do curso levanta. Naiana Rodrigues, em seu questionário, analisa a importância da publicação do material produzido na disciplina para a construção de um “portfólio” do aluno, o que serviria de apresentação do estudante seja ao pleitear um estágio, seja quando formado na procura por um emprego.

Os e-mails explicitados em todas as páginas do jornal acabam possibilitando o caminho inverso, de forma que o empregador – tendo em posse o material produzido pelos estudantes e, teoricamente, distribuído para diversas camadas da sociedade – e, caso fique impressionado ou interessado por algo incluído no jornal, pode procurar diretamente o estudante envolvido, o que ofereceria uma (presumida) nova oportunidade ao universitário. Esse contato, porém, esbarra em outra dificuldade difícil de ser sanada e pouco explorada no curso: a distribuição do jornal-laboratório.

Apesar da boa receptividade, o jornal Impressões possui uma tiragem de apenas 500 exemplares em cada uma de suas edições. A distribuição do Linha de Corte, que possuía o dobro da tiragem, foi mal resolvida e, talvez, a redução seja um reflexo disso, mas o ideal seria uma otimização da distribuição.

Assim como foi visto no Linha de Corte, o Impressões passa pelo mesmo problema relativo a fotografias. O jornalista Mário Erbolato cita Edwin Emery, no livro “Introdução à Comunicação de Massa” para definir a importância da fotografia. “Não se esqueça (...) que o jornalismo é uma atividade que consiste em relatar de forma leve, concisa e agradável os fatos que ocorrem, interpretando-os fotograficamente sempre que possível”. (ERBOLATO, 1991, p. 107). Apenas os ensaios fotográficos dos entrevistados na contracapa demonstravam algum trabalho na imagem, além de outros detalhes na construção gráfica.

Um dos pontos mais questionáveis do jornal – e outra vez versando sobre a vaidade dos estudantes – é a página 6, chamada de Ficção. Nos dois primeiros números, ela é formada por uma resenha e o resto com minicontos relativos a uma foto central (apenas uma para todos). Já no terceiro número, apenas os minicontos são presentes. Entre as sete páginas de conteúdo do jornal-laboratório, portanto (excluindo-se a capa), uma fica apenas com ficção, totalizando-se mais de 14% do conteúdo da publicação. A esse todo, se soma ainda uma crônica, em uma página dividida entre ela e uma reportagem sobre o mesmo tema.

Essa página, reportagem e crônica, por mais que não seja original, traz um tom mais equilibrado ao jornal. Ao contrário da ficção, que soa pedante e forçada, a crônica dialoga como o material e, independente da qualidade literária, traz fluidez ao texto e leveza na leitura.

Outro ponto positivo é a reportagem final. Apesar de o produto final da primeira edição ser superior – tanto em qualidade de texto, quanto em diagramação –, a página trouxe um texto forte e esmiuçado para as páginas do jornal-laboratório, uma a cada edição.

A partir da segunda edição do jornal-laboratório, uma página se propôs a discutir a produção impressa do curso desde o já citado O Calo, numa iniciativa que se assemelha ao presente trabalho. O material, apesar do estranho número de erros gramaticais (ainda mais o jornal tendo dois revisores), dialoga com uma demanda não cumprida do curso – a memória. O que acaba parecendo estranho é a fuga do padrão; enquanto na segunda edição, a reportagem surge na página 5, na terceira ela volta para a

página 3, dando espaço a uma reportagem maior entre páginas 4 e 5, mas descaracterizando o espaço fixo.

O jornal Impressões, enfim, representa uma evolução na disciplina, ao mesmo tempo que uma continuidade – mesmo que não tão clara. Explorando campos que o Linha de Corte não pôde (ou não quis) abordar, o jornal se aprofunda muito mais nos temas, mas praticamente não ousa a opinar. Os artigos de opinião, abundantes no anterior, são esquecidos nessa iniciativa, bem como a contribuição de agentes de fora (articulista convidado), o que representa ainda mais o jornal buscar ter a cara dos seus redatores.

Sabendo aproveitar bem as lições aprendidas na experiência anterior, o jornal conseguiu atingir um público maior dentro da faculdade – causando maior repercussão – , apesar da menor tiragem e, muito em virtude disso, conquistou uma continuidade efetiva no semestre seguinte.

3.3.2 Continuidade – 2010.2

Depois de um semestre com o novo modelo de jornal-laboratório do curso, o Impressões, a turma seguinte resistiu a tentação de criar algo do zero, e recomeçar mais uma vez o doloroso processo de criação e frustração de um jornal. Essa boa notícia, o início de alguma continuidade, partiu logo da professora orientadora Klycia Fontenele, segundo Roberta Kelly Maia, uma das editoras da primeira edição do jornal:

A nossa turma já começou com a proposta da professora de mantermos a base do impressões, que foi prontamente aceito. Assim, nos empenhamos apenas em algumas adaptações, como a substituição de uma matéria por um ensaio fotográfico, algumas modificações sutis na capa e alguns caracteres a mais nas matérias, reportagens e entrevistas. O restante tentamos dar continuidade.

As mudanças foram, em sua maioria, leves, mas a principal ficou no trato do material fotográfico – tradicionalmente relevado a um segundo plano. Na única edição publicada até agora no semestre (em breve devem ser lançadas as seguintes), em setembro de 2010, tanto as fotos de capa, quanto as de dentro do jornal foram mais bem selecionadas, mais bem tratadas e ganharam uma página toda de destaque. Afinal, como lembra o jornalista Ricardo Kotscho, “Repórter e fotógrafo têm que trabalhar sempre juntos, como os autores da letra e da música de uma composição. (KOTSCHO, 1995, p. 20).

A página 5 do jornal apresenta em sua quase totalidade um ensaio fotográfico chamado “Sobre ventos e saudades”, assinado por Iana Soares. São um total de sete fotografias, acompanhados de alguns versos. A presença de Iana, fotógrafa contratada do jornal O POVO, talvez, seja um dos fatores determinantes para o jornal se apoderar de um material fotográfico e fazer bom uso dele.

O único momento em que as fotos ficam aquém das experiências anteriores é no ensaio fotográfico que acompanha a entrevista, na contracapa do jornal. Já partia da proposta inicial da entrevista esse acompanhamento – como letra e música, nos dizeres de Kotscho –, mas, ao contrário, por exemplo, da primeira edição do Impressões, em que o entrevistado José Carlos Parente parecia estar gesticulando (através das cinco fotos do ensaio), na mesma forma que era narrado no texto, a entrevista com o professor Ronaldo Salgado era acompanhada por uma foto principal e outras duas, que, no máximo, representavam o número de publicações que o docente guarda em seu escritório.

A análise fica centrada apenas na única edição impressa no semestre 2010.2 e surge com um questionamento em relação a numeração. Apesar de ser a quarta edição do jornal-laboratório Impressões, a capa acusa ser a primeira edição. O fato acusa uma quebra ao anterior que, de fato, não existiu, já que as mudanças são todas pontuais e o projeto é, basicamente o mesmo. Seja por uma procura dos estudantes por uma maior independência ou mesmo pontuação da própria produção, seja um erro (lapso) na construção da capa (provavelmente o “esqueleto” do jornal é o mesmo desde a primeira edição, tendo sido construído por Yuri Leonardo Silva, como apontado no expediente do jornal), é algo que deveria ser revisto.

Apesar do lapso, a capa é concisa e remete à horizontalidade da primeira capa de Impressões (a segunda e terceira edições não seguem a tendência por algum motivo). Já a contracapa apresenta uma entrevista que, pela primeira vez, expõe algo do próprio curso de Comunicação Social – fato recorrente em ambos os jornais-laboratórios analisados. Enquanto o semestre anterior valorizou temas leves, quase um *fait diver*, o novo semestre trouxe a discussão para algo interno da Comunicação Social: Ronaldo Salgado e a “maioridade” da revista Entrevista (que mais uma vez se impõe como uma marca do curso).

A entrevista dialoga com o movimento de resgate à história do curso, já citado no tópico anterior e realizada no semestre anterior.

A página de opinião traz uma mudança no ombudsman do jornal; sai Armando Lima, entra Helena Martins. Seria mais saudável para o processo se Armando fosse mantido, de forma que ele pudesse continuar acompanhando a evolução do jornal-laboratório e pudesse se inserir no processo com maior propriedade. A função de ombudsman, mesmo que rara no mercado formal, entra na parte teórica da disciplina e amplia ainda mais a experiência para os estudantes.

Outro fator não muito claro é a mudança da ordem de disposição dos gêneros. A já citada (e criticada) página de ficção, além de ser ampliada, veio da página 6 (mais dentro do jornal) para a página 4, o que aumenta ainda mais o destaque. Na página 6, no lugar da ficção ficam as resenhas (mas em vez de ganhar espaço e profundidade, o que se soma é o número de resenhas sem quase nenhum espaço para aprofundamento).

A ampliação da página de ficção, junto ao espaço das resenhas e a novidade do ensaio fotográfico acabou por suprimir uma das páginas que mais me agradavam; a reportagem acompanhada de uma crônica. Perde-se uma oportunidade de um exercício jornalístico que ousa um pouco mais para o foco numa experiência não-jornalística, que busca suprir o ego dos estudantes de jornalismo em busca de serem vistos como donos de grandes textos, ao que já foi referido anteriormente.

Por fim, um receio que Cremilda Medina expõe e que pode ser refletido na UFC:

Assim, na universidade, todos os impulsos de transformação da experiência educacional dirigista (transmissão professor-aluno) em experiências laboratoriais e interativas (professor-aluno e escola-comunidade) representam um sinal que não pode ser desprezado. Infelizmente, esses impulsos se dão ao nível de iniciativas muito particularizadas de um ou outro professor que, consciente do verdadeiro processo de comunicação aplicada na pedagogia, movem céus e terras para implantar experiências novas. (...) se sentem, muitas vezes, impotentes para canalizar essas forças de mudança. É, então, freqüente o abandono ou mesmo o expurgo por parte das universidades em relação a esses líderes de transformação e renovação dos quadros docentes. (MEDINA, 1982, p. 288)

O receio fica de como vai se desenvolver a disciplina a partir de 2011.2, quando o orientador mudar e não havendo ninguém que faça uma ponte entre os semestres. Fica o desafio dos estudantes para segurarem o ego e se manterem na curva evolutiva dos jornais-laboratório, trabalhando no que Yuri Leonardo Silva define como o “fortalecimento dessa “estrutura” que vai acolher os alunos e dinamizar a produção do jornal”. E para esse fortalecimento ser uma experiência constante, o que se carece é uma estrutura (e uma infra-estrutura que atenda às demandas).

Considerações finais

Beira entre o impressionante e o inadmissível o fato de que, mesmo após 45 anos de história, o curso de Jornalismo da UFC ainda não tem um projeto de Jornal-Laboratório que sirva como “cartão de apresentação” do curso. Partindo de dificuldades frente ao comando, docentes, discentes e, em especial, estruturais, a falta de um jornal-laboratório devidamente periódico é um reflexo das próprias incertezas estruturais que pautaram a construção do curso.

O ponto de início é, justamente, a “possibilitação” – a certeza de publicação. A partir daí, o objetivo é a construção de uma proposta pedagógica que já abarque, desde seu início, alguns pontos centrais da construção do produto da disciplina. Dessa forma, o produto fica menos suscetível a mudanças decorrentes a troca de professores-orientadores e/ou turma da disciplina. É importante, porém, muito zelo na construção pedagógica da disciplina de forma a não se asfixiar quaisquer propostas mais criativas em jornalismo que os alunos possam ser. É importante, ao mesmo tempo, que os estudantes se adaptem a uma realidade na disciplina e se envolvam, modificando-a, estimulando uma evolução, uma adaptação intermitente.

A retomada, porém, vem mostrando um crescente na estrutura da disciplina. A partir do Linha de Corte – uma iniciativa simples e até tradicional demais, mas que representou uma retomada e deu início à certa garantia de uma publicação – até o Impressões, uma linha série e ascendente foi seguida. Independente da qualidade textual ou da perícia na apuração de quaisquer matérias, reportagens, crônicas, ensaios ou outra formatação de textos jornalísticos, ambos os jornais conseguiram ser publicados – um com duas, outro com três edições – e todos sem problemas diretos com a reitoria por conta de seu conteúdo.

Em 2010.2, mais uma boa notícia. O projeto do semestre anterior, o Impressões, foi retomado em sua linha editorial e projeto gráfico para o período seguinte. Apesar de algumas mudanças (uma maior atenção à ficção, que acho dispensável e uma grande atenção ao material fotográfico, o que acho muito bem trabalhado e fortuito), a linha geral respeitada e o nome mantido é algo importante para o curso. Uma questão que continua preocupante é a baixa circulação e a tiragem discreta (500 exemplares apenas).

Trabalhando em cima da consistência semeada em 2009, com as certezas adquiridas com o Linha de Corte, e alimentadas por um projeto mais ousado em 2010.1,

o Impressões surge como o projeto impresso mais consistente do curso desde o abandono do Cidade em Pauta (projeto que, por mais que consistente, nunca gozou de uma periodicidade regular).

A expectativa (além de certo receio) é de que em 2011.1, com uma nova turma do curso, e em 2011.2, com um novo professor-orientador da disciplina (O contrato da atual orientadora vai até o meio do próximo ano), o projeto do Impressões se mantenha e ambas as turmas não dêem vazão à vaidade de criar um jornal-laboratório totalmente seu e desvincule do processo crescente que é observado neste trabalho. Trabalhando dentro de uma estrutura firme e na busca de uma evolução constante do produto, o objetivo é, quem sabe, daqui a 50 anos o Impressões comemore sua edição de número 500, assim como em 61 anos de jornal-laboratório na Faculdade Casper Líbero, em São Paulo, os estudantes puderam comemorar a edição de número 600 do jornal-laboratório A Imprensa.

O objetivo de se manter um projeto fixo, porém, não deve ser confundido com o engessamento do mesmo. O projeto deve ser fluido e original o suficiente para dar margem para evoluções e isso, claro, deve vir a partir da proposta pedagógica da disciplina. A segurança deve vir tanto daí, quanto da segurança do orientador, das garantias de impressão dada pela reitoria/Imprensa Universitária e coordenação do curso de Comunicação Social. Da forma que vejo, o Impressões foi um exemplar a cumprir bem as funções propostas de, ao mesmo tempo, buscar novas experiências e dar uma experiência prática em jornalismo – mesmo que, creio eu, seja impossível se simular uma redação jornalística dentro da faculdade. Por isso, acho que, o jornal-laboratório Impressões é perfeitamente apto a cumprir as expectativas de alunos egressos ao curso e se tornar um símbolo tão forte quanto a revista Entrevista é hoje em dia.

A almejada evolução, sugiro eu, deve buscar vislumbrar alguns objetivos, seguidamente propostos. Partindo do pressuposto de uma estrutura bem definida, acho que o jornal-laboratório devia abrir um, digamos, convênio com a disciplina de webjornalismo, de forma que um site do jornal fosse alimentado por estudantes de ambas as disciplinas (da parte da disciplina Jornal-Laboratório, poderiam surgir conteúdos multimídia e extra, além de versões completas de matérias editadas). Isso seria o primeiro passo em busca de uma ampliação do campo de atuação da disciplina – muito pautada no jornalismo impresso.

Um dos pontos centrais para se manter um mesmo projeto em seguidos semestres seria a presença de um professor-efetivo na disciplina (ou, ainda, dois

professores, sendo um especializado em diagramação e que pudesse guiar os estudantes no processo). Já que é recorrente a presença de professores-substitutos como orientadores, a adoção de um monitor da disciplina poderia servir de elo entre semestres – em especial em momentos de mudança de professor orientador. A ideia, porém, esbarra no fato de que monitores costumam ser “privilégio” de professores-efetivos.

Os dois pontos finais que idealizo ainda estão longe de serem atingidos dentro da UFC. Acho que a inclusão de um jornal-laboratório (na verdade uma confluência de mídias informativas) com foco comunitário e trabalhando como um projeto de extensão na universidade seria o passo final. A UFC ainda não tem estrutura para abarcar um projeto grande e ele careceria de um corpo docente estimulado a se envolver nesse processo, já que a ideia é que o jornal-laboratório fosse apresentado em forma impressa, tivesse um programa de televisão, de rádio, além de alimentar um portal na internet. A iniciativa, além de envolver apenas os interessados e com tempo disponível, amplia as possibilidades do curso (que possui um enfoque grande no jornalismo impresso), além de inserir a produção na lógica de uma comunidade, que pode dar um feedback mais específico do que a “comunidade universitária” (que costuma ser o público-alvo dos jornais-laboratórios e ocasionam uma escrita muito mais vaidosa e pomposa).

Concluo, portanto, que antes mesmo de se vislumbrar tal diversificação, os projetos já existentes carecem de maior força e resistência e isso só pode ser atingido com uma estrutura que lhes permita existir.

ANEXOS

Anexo A Linha de Corte, número 1.

Anexo B Linha de Corte, número 2.

Anexo C Impressões, número 1.

Anexo D Impressões, número 2.

Anexo E Impressões 3, número 3.

Anexo F Impressões 4

Anexo G Questionário 1 – Professores orientadores;

- 1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório (ou similares) na UFC?
- 2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?
- 3- Em que a falta de um projeto contínuo na disciplina afeta alunos e professores formados na UFC?
- 4- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?
- 5- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?
- 6- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?
- 7- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?
- 8- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?
- 9- Você, quando orientador, notava alguma expectativa dos alunos pela disciplina?

- 10- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?
- 11- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?
- 12- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?
- 13- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência com a disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?
- 14- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?
- 15- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?
- 16- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?
- 17- Qual era o público-alvo do jornal?
- 18- Qual a sua formação como jornalista e em que isso influenciou sua abordagem na disciplina (experiência em redação, experiência em assessoria, professor substituto, professor efetivo, etc.)?
- 19- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?
- 20- Considerações Finais.

Anexo H Questionário 2 – Ex-alunos;

- 1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório (ou similares) na UFC?
- 2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?
- 3- Em que a falta de um projeto contínuo na disciplina afeta alunos e professores formados na UFC?
- 4- Você acha que a disciplina é determinante no estudo de um aluno de Jornalismo?
- 5- Se sim, da forma que foi apresentada desde a criação da disciplina, o jornal-laboratório é um diferencial do curso?
- 6- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?
- 7- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?
- 8- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?
- 9- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?
- 10- Você acha que essa experiência foi determinante na sua construção como profissional?
- 11- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?
- 12- Você, quando aluno, viveu algum tipo de expectativa antes dessa disciplina?
- 13- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?
- 14- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?
- 15- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?
- 16- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência com a disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?

- 17- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?
- 18- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?
- 19- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?
- 20- Qual era o público-alvo do jornal?
- 21- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?
- 22- O projeto do jornal acabou sendo impresso/distribuído? Se não, por quê?
- 23- Caso não tenha sido impresso/distribuído, o fato causou frustração? A não impressão lhe influenciou (negativa ou positivamente) na carreira jornalística?
- 24- Considerações Finais.

Anexo I Questionário 3 – Pioneiros;

- 1- Você teve alguma experiência com a disciplina Jornal-Laboratório (ou similar) na UFC?
- 2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?
- 3- Em que a falta de um projeto contínuo na disciplina afeta alunos e professores formados na UFC?
- 4- Você acha que a disciplina é determinante no estudo de um aluno de Jornalismo?
- 5- Se sim, da forma que foi apresentada desde a criação da disciplina, o jornal-laboratório é um diferencial do curso?
- 6- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?
- 7- Os jornais-laboratórios (ou pré-projetos) que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?
- 8- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?
- 9- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?
- 10- Você acha que essa experiência (em um jornal-laboratório) foi determinante na sua construção como profissional?
- 11- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?
- 12- Você, quando aluno, viveu alguma frustração pela falta do modelo laboratorial no curso de Comunicação?
- 13- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?
- 14- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?
- 15- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?
- 16- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

- 17- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?
- 18- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?
- 19- Qual era o público-alvo do jornal?
- 20- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?
- 21- Considerações Finais.

Específicas – Pioneiros do curso (*O Calo*)

- 1- Antes da criação da disciplina (Jornal-laboratório), qual era o contato dos alunos com o material (físico) produzido?
- 2- Qual era o objetivo inicial de “O Calo”?
- 3- A transformação do projeto em uma disciplina era uma conquista almejada?
- 4- O curso mudou muito a partir da instituição do jornal-laboratório?
- 5- Como foi feita a transição entre a iniciativa dos alunos para algo previsto para todos os semestres do curso?
- 6- Houve uma evolução ou se perdeu em qualidade entre a instituição de “O Calo” e adoção da disciplina no curso?
- 7- Após a adoção da disciplina, “O Calo” continuou circulando ou foi relevado em favor do material oficial?
- 8- As linhas editoriais dos dois projetos eram iguais ou diferentes? Em que pontos?

Anexo J Questionário 4 – Ex-alunos – Específico Linha de Corte;

- 1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório na UFC?
- 2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?
- 3- Em que a falta de continuidade afeta alunos e professores formados na UFC?
- 4- Você acha que a disciplina é determinante no estudo de um aluno de Jornalismo?
- 5- Se sim, da forma que foi apresentada desde a criação da disciplina, o jornal-laboratório é um diferencial do curso?
- 6- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?
- 7- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?
- 8- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?
- 9- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?
- 10- Você acha que essa experiência foi determinante na sua construção como profissional?
- 11- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?
- 12- Você, quando aluno, viveu algum tipo de expectativa antes dessa disciplina?
- 13- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?
- 14- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?
- 15- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?
- 16- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência com a disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?
- 17- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

- 18- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?
- 19- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?
- 20- Qual era o público-alvo do jornal?
- 21- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

Específicas – Linha de Corte.

- 22- Como o jornal tratava as fotos? O repórter fotográfico foi ressaltado na experiência?
- 23- Como foi, na sua opinião, a relação entre os gêneros opinativos e informativos no jornal?
- 24- A falta de um parâmetro anterior atrapalhou, em sua opinião, a construção do modelo?
- 25- Se sim, em que pontos?

Considerações Finais.

Anexo K Questionário 5 – Ex-alunos – Específico Impressões;

- 1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório na UFC?
- 2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?
- 3- Em que a falta de continuidade afeta alunos e professores formados na UFC?
- 4- Você acha que a disciplina é determinante no estudo de um aluno de Jornalismo?
- 5- Se sim, da forma que foi apresentada desde a criação da disciplina, o jornal-laboratório é um diferencial do curso?
- 6- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?
- 7- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?
- 8- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?
- 9- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?
- 10- Você acha que essa experiência foi determinante na sua construção como profissional?
- 11- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?
- 12- Você, quando aluno, viveu algum tipo de expectativa antes dessa disciplina?
- 13- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?
- 14- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?
- 15- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?
- 16- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência com a disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?
- 17- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

- 18- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?
- 19- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?
- 20- Qual era o público-alvo do jornal?
- 21- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

Específicas – Impressões

- 22- A experiência do semestre anterior (Linha de Corte) influenciou de alguma maneira a construção de Impressões?
- 23- Qual foi o motivo da quebra total com o modelo do semestre anterior? Como foi feita a decisão por um modelo próprio?
- 24- O que você acha que motivou essa decisão?
- 25- Como o jornal tratava as fotos? O repórter fotográfico foi ressaltado na experiência?
- 26- Como foi, na sua opinião, a relação entre os gêneros opinativos e informativos no jornal?
- 27- A presença de apenas uma experiência recente bem sucedida na disciplina interferiu na construção do jornal-laboratório?
- 28- Em que atrapalhou? Em que ajudou?
- 29- Considerações Finais.

Anexo L Questionário 6 – Orientador – Específico Klycia Fontenele;

- 1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório na UFC?
- 2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?
- 3- Em que a falta de continuidade afeta alunos e professores formados na UFC?
- 4- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?
- 5- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?
- 6- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?
- 7- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?
- 8- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?
- 9- Você, quando orientador, notava alguma expectativa dos alunos pela disciplina?
- 10- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?
- 11- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?
- 12- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?
- 13- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência com a disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?
- 14- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?
- 15- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?
- 16- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

- 17- Qual era o público-alvo do jornal?
- 18- Qual a sua formação como jornalista e em que isso influenciou sua abordagem na disciplina (experiência em redação, experiência em assessoria, professor substituto, professor efetivo, etc.)?
- 19- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

Específicas – Linha de Corte/ Impressões

- 20- A experiência do primeiro semestre (Linha de Corte) influenciou de alguma maneira a construção do seguinte (Impressões)?
- 21- Qual foi o motivo da quebra total com o modelo do semestre anterior? Como foi feita a decisão por um modelo próprio?
- 22- O que você acha que motivou essa decisão?
- 23- Como o jornal tratava as fotos? O repórter fotográfico foi ressaltado na experiência?
- 24- Como foi, em sua opinião, a relação entre os gêneros opinativos e informativos nos dois modelos jornais? Foi equilibrada?
- 25- O que faltou na experiência do Linha de Corte para que se tornasse uma experiência contínua?
- 26- Há a possibilidade de continuidade para o Impressões?
- 27- Se sim, o que possibilitou a continuidade de um e o término do outro?
- 28- Quais as principais falhas, em sua opinião, em cada um dos jornais?
- 29- Qual foi o principal empecilho em cada uma das experiências?
- 30- Considerações Finais.

Anexo M – Grade Curricular atual do curso de Jornalismo**Anexo N – Programa atual da disciplina Jornal-Laboratório⁶****PLANO DE ENSINO DE DISCIPLINA**

Ano/Semestre
2005.1

1 – Identificação						
1.1 Centro: Humanidades						
1.2 – Departamento: Comunicação Social						
1.3 – Disciplina: Jornal Laboratório	1.4 Código: HE 503	1.5 Caráter:				1.6 Carga Horária: 128 horas-aula
		Sem.	Annual	Obrig.	Opt.	
		X		X		
1.7 - Professor(es): Ricardo Jorge de Lucena Lucas						
1.8 - Curso(s): Comunicação Social						

2 - Justificativa

A disciplina justifica-se na medida em que possibilita ao aluno exercitar, dentro do curso, a prática do jornalismo impresso em suas diversas etapas.

3 – Ementa

Planejamento, produção, captação, redação e edição em jornalismo impresso.

4 – Objetivos - Gerais e Específicos

Geral: proporcionar ao aluno uma visão teórica, prática e técnica do fazer jornalístico em suportes impressos.

⁶ O programa atual é idêntico ao referente ao currículo antigo do curso de Jornalismo.

Específico: capacitar o aluno ao planejamento, produção, captação, redação e edição de produtos jornalísticos impressos.

5 - Descrição do Conteúdo/Unidades	5.1 Carga Horária
1) A Linguagem Jornalística voltada para o meio impresso: textos, imagens, infografia e diagramação.	16 horas
2) Planejamento de jornal impresso	
3) Produção de matérias	16 horas
4) Captação e redação de textos jornalísticos	32 horas
5) Edição e acabamento de jornal impresso	32 horas
	32 horas

6 – Metodologia de Ensino

Aulas expositivas; atividades individuais e coletivas, em sala de aula, no Laboratório de Informática e em ambientes pertinentes à prática do Jornalismo, estas últimas acompanhadas pelo professor quando pertinente e possível.

7 – Atividades Discentes

Preparação de Jornal(is) Laboratório através da atividades previstas na ementa (feitura de textos jornalísticos, fotografias, infografia, diagramação e acabamento de jornal).

8 – Avaliação

A avaliação se dará através da análise das atividades individuais e coletivas que os alunos exercem dentro da disciplina.

9 – Bibliografia

9.1 Básica:

COLLE, Raymond. *Apuntes de Infografia Periodistica*. Santiago do Chile, 1996 [online]. Disponível em http://www.puc.cl/curso_dist/infograf/indexIG.html.

LAGE, Nilson. *A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro, Record, 2001.

LIMA, Ivan. *A Fotografia é a sua Linguagem*. Ed. Espaço & Tempo, Rio, 1985.

SILVA, Rafael Souza. *Diagramação - o planejamento visual gráfico na comunicação impressa*. São Paulo, Summus, 1985.

9.2 Complementar

HEDGECOE, John. *Manual de Fotografia*. São Paulo, Círculo do Livro, 1991.

NOBLAT, Ricardo. *A Arte de Fazer um Jornal Diário*. Editora Contexto, São Paulo, 2002.

PELTZER, Gonzalo. *Jornalismo Iconográfico*. Lisboa, Planeta, 1992.

RIBEIRO, Milton. *Planejamento Visual Gráfico*. Brasília, Linha Gráfica Editora, 1993.

Anexo O – Questionários respondidos

BIBLIOGRAFIA

ERBOLATO, Mário

Técnicas de codificação em Jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário / Mário L. Erbolato. – 5ª edição. São Paulo – Ática, 1991.

FILHO, Mário

Jornal-Laboratório, uma atividade pedagógica muito além do exercício de marketing/ Mário Luiz Policeno Filho. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo – SP. 2008. (acessada na internet em http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_arquivos/5/TDE-2008-05-30T155356Z-505/Publico/Mario%20Policeno1.pdf). Acessado pela primeira vez no dia 20 de outubro de 2010.

KOTSCHO, Ricardo.

A prática da reportagem / Ricardo Kotscho. 3ª Edição – São Paulo – Ática, 1995.

LOPES, Dirceu

Jornal-Laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leito / Dirceu Fernandes Lopes. – São Paulo – Summus, 1989. – (Novas buscas em comunicação; v. 32).

MARQUES DE MELO, José

Comunicação: teoria e política / José Marques de Melo. – 1ª edição. São Paulo – Summus, 1985. (Novas buscas em comunicação; v. 1)

MEDINA, Cremilda

Profissão jornalista: responsabilidade social / Cremilda de Araujo Medina. Rio de Janeiro – Ed. Forense-Universitária, 1982.

MEDINA, Cremilda

Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial /
Cremilda de Araújo Medina. – São Paulo – Alfa-Omega, 1978.

Enade: prestação de contas dos estudantes com a sociedade

O professor André Jalles, coordenador de Planejamento e Avaliação de Ações Acadêmicas da UFC, fala sobre o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), que acontecerá dia 8 de novembro.

Entrevista com André Jalles

Por Ranne Almeida

Linha de Corte: Como funciona o Enade?

André Jalles: O Enade, Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes, é um componente da lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, conhecida como Lei dos Sinais. O Enade atinge os estudantes dos cursos de graduação em todo país e é realizado com estudantes que estão no final do curso. É um dos componentes da avaliação de cursos, utilizado para medir, de alguma forma quantificar, a qualidade dos egressos do ensino superior no País.

LC: Como os alunos são selecionados para a prova?

AJ: Devem estar inscritos no Enade alunos que estejam na classe de concluintes, que seriam os alunos que estão com 80% ou mais da sua integralização curricular já efetivada, e os alunos ingressantes que estão entre 7% e 22% de sua integralização curricular. Além desses, todos os que colam grau no semestre de realização do Enade terão que fazer a prova.

LC: A prova é obrigatória?

AJ: Ele é obrigatório para os alunos que se enquadrem nessas situações anteriormente mencionadas. Porém, um aluno pode fazer todo o seu curso, e por um percalço do destino, não se enquadrar em nenhuma dessas situações. Dessa forma, nem todo aluno será avaliado pelo Enade, mas todo curso será.

LC: Caso o aluno não compareça à prova, há problemas?

AJ: Sim. Um aluno que esteja inscrito no Enade e não compareça à prova deixou de executar um componente curricular obrigatório. Portanto, ele não concluiu toda a parte obrigatória do seu curso. Então, o aluno só poderá concluir a graduação desde que ele cumpra esse componente.

LC: Caso o aluno falte, como ele resolverá o problema de não colar grau?

AJ: O aluno pode, no momento da prova, ter um imprevisto. Pode ser doença ou outro problema que o tenha impedido de comparecer à prova. Daí, ele pode justificar sua ausência em relação ao Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas). O Instituto avaliará e, se for o caso, o dispensará da prova.

LC: Qual a importância do Enade?

AJ: O Enade não só avalia a qualidade da educação, como



Professor André Jalles

presta uma informação à sociedade para jovens que estão decidindo suas profissões. É interessante participar do exame, principalmente, para informar a sociedade, já que é esta que em grande parte contribui para a existência do ensino superior de qualidade no nosso País.

LC: O que o senhor acha do boicote de alguns alunos à prova?

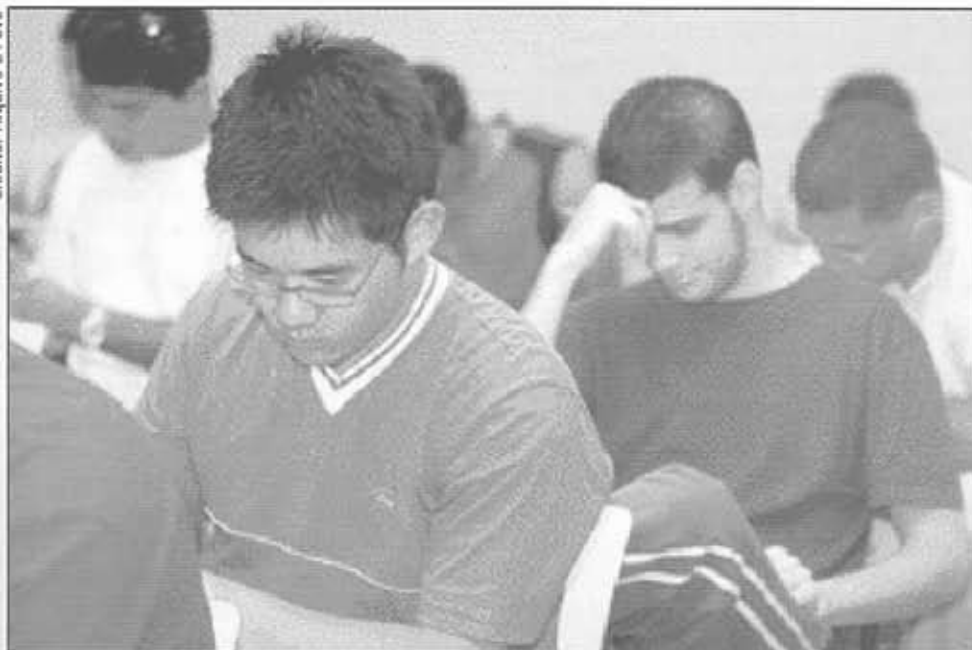
AJ: A informação é hoje a maior bandeira do mundo. Quanto melhor é o conhecimento, melhor, possivelmente, são as atitudes tomadas, a partir de grandes conhecimentos. A ideia do pré-concebido, hoje, é muito mal aceita. A todos aqueles que estão inscritos no Enade, eu peço, por gentileza, que pensem em se informar do que é o Enade, antes de ter qualquer tipo de decisão radical. Nós temos que atentar que o sistema público de educação é financiado pela sociedade. Nós temos o dever de, com a educação, desenvolver o nosso País. Então, o Enade nada mais é do que uma forma de prestar um serviço de informação à sociedade.

Os cursos avaliados este ano na UFC de Fortaleza serão os de Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Secretariado Executivo, Biblioteconomia, Psicologia, Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade e Propaganda), Estilismo e Moda, Educação Musical, Direito e Estatística.

Já nas unidades acadêmicas do Cariri e Sobral serão, respectivamente, Administração e Biblioteconomia e Ciências Econômicas e Psicologia. Por fim, na UFC-Virtual, será avaliado o curso de Administração, que, entre os outros, é o único diferente, porque faz parte do curso de educação à distância.

Protesto ao Enade: o boicote

No dia 8 de novembro próximo, às 12h, será aplicado em todo o país o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade). Mas alguns estudantes optam por não fazê-lo. É o chamado "Boicote ao Enade"



Estudantes participam do Exame em 2008

Por Isabela Monteiro

Os estudantes convocados para fazer a prova do Enade comparecem ao local estabelecido, colam o adesivo do movimento na prova e a assinam. Somente isso. Nenhuma questão é respondida. Essa forma de protesto contra o modelo de avaliação do Enade, conhecida como "boicote", tem vários motivos.

De acordo com Lighia B. Horodyski-Matsushigue, 2ª vice-presidente da Regional São Paulo do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes-SN) e membro da coordenação do GT Política Educacional, avaliações padronizadas como o Enade esquecem as diversidades culturais. "Elas homogeneizam, pasteurizam o conhecimento segundo determinado enfoque, não dando espaço para a exploração das importantes e interessantes diferenças culturais, que deveriam ser preservadas, em especial num país culturalmente diversificado e rico como o Brasil.", diz Lighia.

Para André Jalles, coordenador do Enade na UFC e coordenador de Planejamento e Avaliação de Ações Acadêmicas (Copav), não existe prova que consiga medir totalmente a qualidade de uma formação, mas o Enade é um instrumento. "O Enade pelo menos nos gera alguma informação. Melhor uma informação que tenha suas deficiências do que a ausência desta.", opina.

Lighia defende uma avaliação diferente, que não avalie o resultado, mas sim o processo. Ela explica que "a avaliação, continuada, deveria ser praticada pela própria instituição, com ampla liberdade para o professor, também orientado por diretrizes gerais, amplamente discutidas dentro da instituição".

Jalles concorda que poderiam existir outras formas de avaliação, mas acredita que seria impossível uma logística diferente do que é hoje colocado para o Enade por esta ser muito complexa.

Sobre o boicote ao Enade, o professor aconselha que os estudantes busquem informações antes de decidir. "Quando há discordância da legitimidade de ações impostas, é absolutamente pertinente que esta seja manifestada de maneira que seja alcançada a maior repercussão na sociedade. É como tem sido o caso das ações de boicote.", opina Lighia.

> OPINIÃO

Ação para melhoria ou para o atraso?

Por Rodrigo Mesquita

Cientista Político e Professor do Instituto Dom José de Educação e Cultura

Os métodos de avaliação da educação no Brasil vem se multiplicando em todos os níveis, até mesmo nas esferas em que nunca houve essa preocupação com a qualidade do que está sendo posto em sala de aula, faz suscitar vários debates. Entretanto, quando se especifica a contenda ao âmbito universitário, indubitavelmente o teor dos questionamentos muda drasticamente.

A pensar na gênese do problema, o declínio visível da qualidade da educação durante as décadas de 80 e 90 alimentaram o pensamento de que era necessário mudar sensivelmente formas e métodos. É sabido por todos que os dois períodos supracitados são conhecidos, respectivamente, por década "perdida" e "desperdiçada". Tratando de Brasil, no fatídico governo FHC foi criado o provão e na gestão de Lula mudou para ENADE. A questão pode ser vista por dois diferentes ângulos, mas ambos tem pontos discutíveis. A favor, essas "provas" verificam a qualidade tanto das universidades quanto dos alunos universitários. É real a necessidade de se averiguar como estão os futuros profissionais brasileiros. E por que temer uma avaliação que somente visa à melhoria da educação? Porque existe uma outra perspectiva e essa é nefasta.

Estas avaliações podem não passar de ações disfarçadas para desqualificar o nível superior público brasileiro abrindo as portas para a avalanche "privatista". Há de se reconhecer que se a intenção realmente for a segunda, o projeto caminha a passos largos rumo ao fracasso, pois diante dos resultados fornecidos pelo próprio ENADE, as universidades públicas ainda oferecem melhor conhecimento que as privadas.

Não se pode perder a chance de melhorar o ensino brasileiro, mas por outro lado não deve-se entregá-lo a sanha financeira que se expande na nação tal como um câncer.

Perfil

Foto: Thiberio Fonseca



Cristina Borges - jornalista e professora de inglês

Outro caminho...

Por Thiberio Fonseca

É muito comum encontrar alunos de jornalismo que estudam em outros cursos superiores, seja por seguir carreiras ligadas as artes ou tentando somar as experiências do jornalismo a outras áreas. Pra quem se pergunta onde vão parar os estudantes que todos os anos se formam nas dez faculdades de Fortaleza, talvez ache neste fato uma resposta. No final das contas, ou as duas áreas se somam e se complementam em uma carreira profissional ou uma das duas prevalece.

Um desses exemplos é Cristina Borges, jornalista formada, há 18 anos, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Enquanto cursava Jornalismo, Cristina também fez Turismo na Universidade de Fortaleza

(Unifor) e para pagar a universidade particular, começou a dar aulas de inglês. Os caminhos dos estudos e do trabalho foram se misturando. Cristina iniciou um estágio no caderno de Turismo do Jornal O Povo, através da Unifor, e quando se formou nas faculdades, iniciou trabalho como jornalista free-lance, enquanto continuava a dar aulas.

Hoje, Cristina é coordenadora de um centro de línguas de Fortaleza, ela diz que prefere ser professora, lidar com os alunos e acompanhar o crescimento deles. Cristina guarda com muito carinho as lembranças das aulas do professor Agostinho Gósson, do seu jeito romântico de falar sobre a profissão. Mas, a professora lamenta por não ter sido aluna de Gilmar de Carvalho. Ela lembra também quando aprendeu na marra, juntamente com sua turma, como usar o computador na faculdade para executar os exercícios práticos do jornalismo.

Bate-papo com Cristina Borges

Por Thiberio Fonseca

Linha de Corte: Por que você decidiu estudar jornalismo?

Cristina Borges: Sempre gostei muito de escrever – e ler também – e achava que jornalismo combinava com o outro curso que escolhi: turismo. Assim, prestei vestibular na UFC para jornalismo e na Unifor para Turismo.

LC: Tem lembranças de alguma disciplina, trabalho ou professor que tenha marcado mais?

CB: A disciplina que mais me marcou foi dada na época pelo prof. Agostinho Gósson, chamava-se Técnica de Entrevista. Ele dava aulas com sua experiência de vida e de profissão, trazendo tudo para perto de nós com uma maestria inesquecível. Usando bom humor e aulas práticas ele tornou esta disciplina uma lição de jornalismo que aliava a “velha escola” – ele contava do estereótipo do jornalista de máquina de escrever – aos novos horizontes do jornalismo. E uma coisa eu descobri na faculdade: eu não ia ter o menor jeito pra televisão. E me diziam: “mas você fala tão bem, é professora...” E eu não me concentrava com tudo que estava atrás da câmera e pra fazer uma externa era um horror [risos].

LC: Como é que foi o início do seu trabalho no jornalismo?

CB: Foi através da faculdade de turismo que eu fui estagiar no jornal O Povo, então eu entrei no jornal não foi através da UFC foi pela Unifor. Eu tive a oportunidade de trabalhar com José Mario Pinto que era meu editor na época o que foi, realmente, um grande aprendizado, ele me ensinou muita coisa. Quando eu me formei na Unifor e, um tempo depois, quando me formei na UFC, eu acabei ficando como free-lance vinculada à página de turismo do O povo. Todo meu trabalho de jornalismo foi ligado ao turismo.

LC: Como você começou a ensinar inglês?

CB: Ser professora foi minha profissão desde o início do curso de jornalismo, mas nunca tive planos de torná-la per-

manente, era sempre uma alternativa confortável. Como eu tinha que pagar a Unifor, trabalhar foi um complemento natural, me chamaram e eu fui ficando, fui gostando. Depois de muitos anos eu até tentei sair da profissão de professora, mas eles me chamaram pra supervisão aí tive que trabalhar do início da tarde até a noite com horário fixo. Isso me impediu de continuar como jornalista free-lance. Ao longo do tempo, fui descobrindo que gostava de ensinar, de observar o progresso dos alunos, fui criando uma intimidade com a área e jamais pensei que fosse gostar tanto. Quando fui promovida estava a ponto de desistir do meu emprego de professora e assumir definitivamente o jornalismo. Fiz minha especialização com ensino de inglês, meu próximo plano é fazer um mestrado, mas não será um mestrado em lingüística, provavelmente em educação.

LC: Você percebe uma visão diferente na leitura que faz dos jornais por ter feito faculdade e trabalhado em jornalismo?

CB: Sim, eu vejo o jornal de forma muito mais crítica, como o jornal O Povo que muda de diagramação com uma certa regularidade. Eu estou olhando de forma crítica, se a informação não está clara, isso eu sempre observo. O que eu percebo demais, é que tento encontrar um texto sem erros de português, é a questão da professora perfeccionista, então vejo a questão da qualidade do texto, mas o que eu olho mais é a diagramação.

LC: E o que te faz apaixonada pela profissão de professora?

CB: Eu gosto do contato com gente, apesar de nem sempre ser agradável. Você estar em contato com pessoas diferentes é enriquecedor, mas também é muito cansativo, os parâmetros são diferentes, a educação é diferente, as expectativas também. A realidade do professor hoje é outra, não existe mais aquela coisa do professor estar sempre certo, o professor é questionado. Então, é enriquecedor e cansativo, mas eu gosto muito da minha profissão, sou coordenadora, mas prefiro ser professora.

Maternidade, emprego e vida acadêmica: como conciliar?

A dupla jornada de trabalho sempre foi alvo de críticas das feministas, que dizem ser cansativo ter emprego e ainda cuidar da família. E se no lugar de dupla, a jornada for tripla? Como conciliar os estudos com o emprego e a maternidade?



Débora Dias e filha

Por Thais Martins

Eduarda Gadelha, estudante do 10º semestre de Psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC), está no sétimo mês de gravidez e conta que tem boas expectativas. Eduarda acredita que não terá dificuldades em criar seu filho e concluir a graduação no próximo semestre. “Minha sogra mora próximo à Universidade e eu poderei deixá-lo na casa dela enquanto assisto aula.”, explica.

O caso é um pouco semelhante ao de Débora Dias, jornalista. Ela teve sua filha no último semestre de disciplinas, mas concluiu a graduação, também na UFC, junto com sua turma original. Débora explica que só pôde fazer isso por ter tido a “sorte” de pegar uma greve longa nos primeiros meses após o nascimento da filha Marina. “Pude ficar mais tempo com ela e não atrasei as disciplinas.”, explica Débora, que também contou com o apoio da família.

Mas e para quem não tem a “sorte” de contar com uma greve ou a facilidade de parentes próximos à Universidade, o que fazer? Carmelita Vieira Ribeiro, 28, não tem dúvidas em estabelecer suas prioridades. cursando Publicidade e Propaganda na UFC, ela não tem o número definido do semestre em curso. “Ah, não coloca o semestre, não.”, diz.

A razão para essa situação é que a estudante, desde que ingressou no curso, já precisava trabalhar para sustentar a filha Alanis (8). “Quando você trabalha, não dá pra deixar as obrigações para depois. Então, se eu não tenho tempo, a faculdade é que acaba prejudicada.”, diz Carmelita, que nunca foi a um encontro estudantil e já atrasou diversas disciplinas obrigatórias do curso.

Com tantos casos, surge a pergunta: Será que a UFC possui algum programa que facilite essa situação? Eduarda Gadelha conta que ouviu falar da existência de um projeto de apoio às mães estudantes universitárias, mas explica que não sabe detalhes. Ao tentar entrar em contato com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFC para saber qual é, de fato, o papel da Instituição, o Linha de Corte não obteve resposta.

Além de Eduarda Gadelha, que disse apenas “ter ouvido falar” do projeto de apoio às mães, nenhuma outra entrevistada soube sequer da existência de tal projeto, o que levanta os questionamentos: se o projeto existe, por que não é mais divulgado? Por que muitas mães não têm acesso a ele? Ficamos, aqui, sem respostas, mas esperando que este diálogo aconteça.

> CONFECOM

Esta será uma coluna fixa em nosso jornal dedicada à I Conferência Nacional de Comunicação - Confecom.

Entenda a Confecom

Com o tema “Comunicação: meios para a construção de direitos e de cidadania na era digital”, a I Conferência Nacional de Comunicação acontecerá de 1º a 3 de dezembro próximo e tem como objetivo geral a formulação de propostas orientadoras para uma Política Nacional de Comunicação. A Confecom contará com a participação de representantes da sociedade civil, do empresariado e do poder público.

Etapas

A Confecom está dividida em três etapas: municipais e estaduais – de caráter preparatório e eletivo, respectivamente – e a nacional, que somente ocorrerá depois de concluídas as primeiras etapas em todos os estados da Federação. A etapa estadual do Ceará está marcada para acontecer na segunda quinzena do mês de outubro, em Fortaleza, após concluídas as etapas municipais.

Representação

Cada segmento participante levará uma quantidade máxima de representantes com direito à voz e voto. A divisão ficou assim: 40% para entidades civis, 40% para empresários e 20% para o poder público. O número total de delegados será de 1.539, que são divididos nas categorias: natos, indicados e eleitos. Os delegados natos são os 66 integrantes da Comissão Organizadora; os indicados são 154 representantes da Administração Federal. Os 1.391 restantes são os eleitos nos estados e no Distrito Federal. A definição da quantidade de delegados para cada estado segue a mesma proporcionalidade do número de deputados federais existentes hoje na Câmara dos Deputados.

Enecos contra a obrigatoriedade da exigência do diploma

Por Monyse Ravena

A Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação (Enecos), em seu último Congresso Brasileiro (Cobrecos), realizado em janeiro desse ano em Salvador, teve como uma de suas resoluções ser contra a obrigatoriedade da exigência do diploma de comunicação social em qualquer das suas habilitações. A decisão não é um consenso entre os militantes da Enecos. O posicionamento foi tirado em votação por apenas dois votos de diferença.

Em carta aberta à sociedade a Enecos afirma que os motivos para essa posição são diferentes daqueles apresentados pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Gilmar Mendes e pelo Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão do Estado

de São Paulo (Sertesp). Os principais motivos da Enecos contra a obrigatoriedade são a relação com as mídias alternativas e a crítica a uma luta corporativista.

Para Maria Silva, estudante de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba e da coordenação regional da Enecos o debate agora deveria ser o da regulamentação da profissão e não só o do diploma pelo diploma. "O diploma é importante sim para ajudar na questão da regulamentação da profissão, para evitar que as empresas façam o que bem desejarem, porém esse debate tem que vir junto com a qualidade dos cursos de comunicação e também de quem ou qual entidade ficaria responsável para fiscalizar as empresas de comunicação no Brasil", diz Maria.



Redação do Jornal O Povo

cozinhando em banho-maria desde 2001, quando a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão em São Paulo, propôs uma ação civil pública pelo fim da obrigatoriedade do diploma de jornalismo para o exercício da profissão. O diploma ficou suspenso entre outubro de 2001 e novembro de 2005. A decisão tomada pelo STF, em junho deste ano, parecia encerrar a questão, posto que não caibam mais recursos.

No entanto, já tramita na Câmara Federal e no Senado uma Proposta de Emenda Constitucional - PEC 33/09, de autoria do senador Antônio Carlos Valadares (PSB-SE). A PEC restitui a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista. Dessa vez, a intenção é alterar o texto da Constituição para anular a afirmação de que a exigência do diploma é inconstitucional. Enquanto o prato cozinha, vamos descascando as batatas.

A salada do diploma

> A defesa da regulamentação profissional e do surgimento de escolas qualificadas remonta ao primeiro Congresso de Jornalistas, em 1918. Segundo sindicatos dos jornalistas, esta é uma das primeiras lutas da categoria.

> A Faculdade Cásper Líbero fundou o primeiro curso de jornalismo do Brasil em 1947.

> A 16ª Vara Cível da Justiça Federal em São Paulo suspende, em todo o país, a obrigatoriedade do diploma de jornalismo para a obtenção do registro profissional no Ministério do Trabalho. A juíza substituta Carla Abrantkoski Rister afirma em sua decisão que o decreto lei 972/69, editado durante o regime militar e que exige o diploma, fere a Constituição promulgada em 1988.

> Em 23 de julho de 2003 a desembargadora federal Alda Basto do TRF acata apelação da FENAJ e do Sindicato de Jornalistas de São Paulo e suspende sentença de primeira instância da juíza Carla Rister, que dispensava a exigên-

cia do Diploma para o exercício da profissão. Em, 02 de dezembro, o juiz federal Manoel Álvares reconsidera decisão da desembargadora Alda Basto e confirma a sentença de primeira instância da juíza substituta Carla Rister.

> Em 30 de novembro de atendimento a solicitação da Fenaj a justiça determina que volte a valer a exigência do diploma.

> O relator da matéria que extinguiu a obrigatoriedade do diploma foi o ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes. Os ministros Cármen Lúcia, Ricardo Lewandowski, Eros Grau, Carlos Ayres Britto, Cezar Peluzo, Ellen Gracie e Celso de Mello também votaram pelo fim da exigência do certificado. Apenas o ministro Marco Aurélio Melo votou pela obrigatoriedade.

> Desde novembro de 2006, uma liminar do STF garantia o exercício da atividade jornalística a quem já atuava na profissão sem registro no Ministério do Trabalho ou diploma de curso superior na área.

Caldo Grosso

Continua a discussão sobre a obrigatoriedade do diploma para jornalistas

Por Waldenia Marcia

Cozinhar bem não tem mistério. Para preparar bem um prato, basta saber lidar com facas e colheres, ter cuidado com o fogo, selecionar bem os ingredientes e fazer a mistura com cuidado. Em caso de dificuldades, os velhos livros da Ofélia ou os abundantes programas matinais de TV estão aí para ajudar.

Se você é um refinado cozinheiro ou aprecia uma boa cozinha deve estar pronto para rasgar esta matéria. Como podem desvalorizar os inúmeros e caros cursos de culinária, emoldurados e expostos nas paredes dos restaurantes, e os diplomas universitários muitas vezes adquiridos no exterior? Mas, se a leitora ou o leitor, é uma dona ou dono de casa interessado em fazer o almoço e alimentar bem a família, talvez, concorde com as afirmações acima. Afinal, cozinhar é questão de prática.

O jornalismo tem vivido problema semelhante: entre preparar o jantar e fazer o menu das informações do dia parece não haver tanta diferença. Ao menos é o que indica o parecer do presidente do Supremo Tribunal Federal e relator do processo que julgou e extinguiu a obrigatoriedade do diploma de jornalista para o exercício da profissão, Gilmar Mendes. No julgamento, ocorrido em 17 de junho último, ele disse que, assim como para os cozinheiros, não há necessidade de formação específica para atuar como jornalista.

Gilmar Mendes argumenta que o decreto 972/69 (que regulamenta a profissão) não foi contemplado pela Constituição de 1988 e é um impedimento à liberdade de expressão. Segundo o relator, a lei foi uma manobra da ditadura militar para impedir o acesso de intelectuais às redações. Não é o que pensam os sindicalistas da categoria. Para a presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará (Sindjorce), **Débora Lima**, "a categoria não conse-

guiu a regulamentação por causa da ditadura, mas apesar da ditadura". Ela afirma que as redações já estavam tomadas pelos censores do regime militar quando o diploma foi instituído.

A decisão do STF fez ferver o caldeirão dos sindicatos e faculdades de jornalismo em todo o País. Na internet, sites e blogs manifestam a discordância de estudantes e profissionais e abrem espaço para a polêmica. Ao mesmo tempo, movimentos sociais, como o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, concordam com a medida no sentido de que todos devem ter direito não só a receber informação, como também de produzi-la. Jornalistas não-formados também comemoram a vitória. Após a decisão, o Movimento em Defesa dos Jornalistas sem Diploma fundou a Associação Brasileira dos Jornalistas (ABJ), que pretende congrega profissionais de jornalismo diplomados ou não.

Passado o primeiro susto, se está num momento de fermentação da massa. Erik Guimarães, editor do jornal O Povo, garante que as contratações no jornal continuam acontecendo mediante o diploma. Ele não acredita que as empresas de comunicação demitam profissionais formados e contratem pessoas sem qualificação visando à economia financeira. Segundo ele, isso seria "um tiro no pé". "Mais do que nunca, o que as redações precisam é de gente qualificada. Mais qualificada até do que a mídia que as faculdades e universidades estão lançando no mercado.", afirma. Seguindo a mesma linha, editais para concursos públicos, lançados após a decisão, também exigem o diploma no Ceará. São os casos do concurso para o Tribunal Regional do Trabalho e para a Prefeitura Municipal de Caucaia.

A estudante de Jornalismo da Unifor (Universidade de Fortaleza), Amanda Nogueira, acredita que, passada a decisão judicial, a discussão

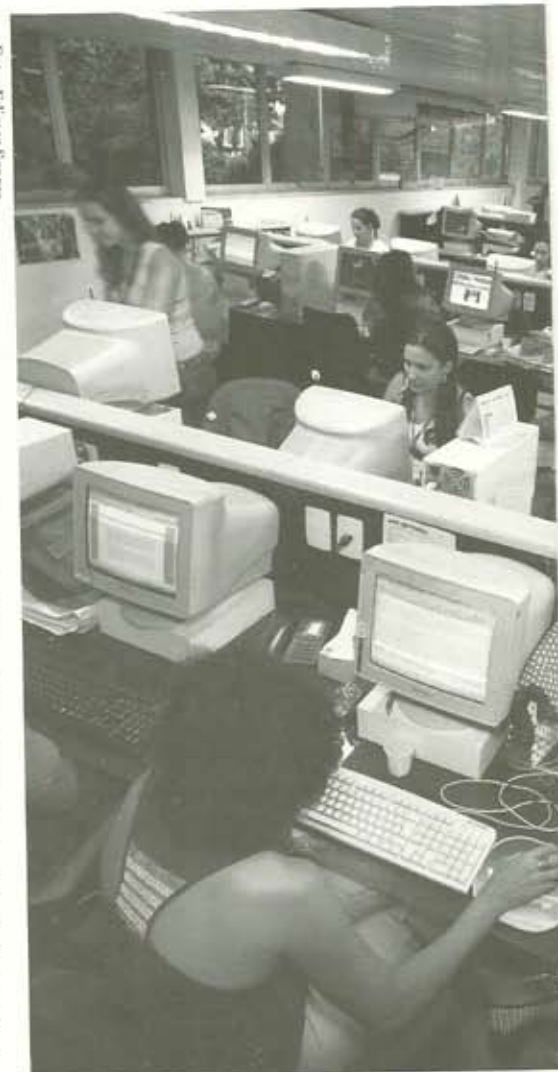


Foto: Edmar Soares

agora deve ser voltada para a regulamentação da profissão. "Acredito, hoje, que discutir sobre a obrigatoriedade do diploma ou não é um debate muito reducionista. Mesmo sabendo que o diploma deveria garantir uma formação digna e ética, não é isso que acontece na maior parte dos casos.", avalia Amanda.

Daniel Fonsêca, jornalista e membro do coletivo Intervozes, é favorável à obrigatoriedade do diploma e põe mais pimenta no caldo. "O Conselho de Comunicação Social, previsto na Constituição Federal de 1988, não funciona, embora tenha sido estruturado e tenha havido reuniões periódicas por 5 anos, entre 2002 e 2006.", diz. Para ele, uma discussão complementar à do diploma é a do controle social das mídias que foi abafada pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) e entidades parceiras.

Fato é que essas discussões vêm

> EDITORIAL

A produção de um jornal laboratório é, provavelmente, um dos momentos mais esperados pelos estudantes de um curso de Jornalismo. É por em prática tudo o que, até o momento, foi somente teorizado e experimentar intensamente as dificuldades e maravilhas envolvidas em todas as etapas do processo de produção jornalística: do primeiro esboço de ideia de um tema para o jornal aos retoques finais da diagramação. Com esta primeira edição do Jornal Laboratório dos estudantes do sétimo semestre da Universidade Federal do Ceará (UFC) foi mais do que possível vivenciar essa criação frenética e extasiante.

Foi um trabalho corrido, mas feito com a maior seriedade e responsabilidade, proporcionadas pelos sete semestres de ensinamentos fornecidos pela faculdade, juntamente com a vivência adquirida ao longo dos anos. Assim, o objetivo é a produção de quatro edições de Jornal Laboratório, completando um ciclo iniciado na primeira semana do semestre, tendo como alvo um público bastante conhecido: a comunidade acadêmica de comunicação.

Para a produção, foram montadas quatro equipes, cada qual responsável por uma editoria (Cotidiano; Cultura e Esporte; Política e Economia; e Acadêmico), que tiveram que pensar e produzir pautas, entrevistar, escrever, fotografar, diagramar e estabelecer prazos para que esta primeira edição pudesse sair. A ideia é que haja uma rotatividade entre as equipes de modo que todos tenham a experiência de trabalhar em cada editoria, assumindo diferentes posições na redação do laboratório e níveis de responsabilidade com o projeto. Há ainda um quinto caderno, produzido por todas as equipes, em conjunto.

Desse esforço descomunal – em meio a tantos percalços e atribuições de uma vida estudantil – surgiu esta publicação. Um trabalho de quem tanto aguardou essa oportunidade. Um momento de quem espera tanto agradar como incomodar, dando visibilidade a pontos esquecidos de tópicos frequentes e assuntos marginalizados. Este é um projeto que está apenas em seu início, mas que se espera poder ter uma continuidade.

> OMBUDSMAN

Por Ronaldo Salgado

Jornalista há 30 anos e professor desde 1988 na UFC

A crítica da mídia é uma vertente dentro do Jornalismo cada dia mais necessária e indispensável. Embora não tenha no Brasil a dimensão que tem em outros países, isso não diminui a importância do trabalho por ela desenvolvido, sob a denominação de ombudsman. É com o espírito do jornalismo e a ótica do exercício crítico que ocuparei este espaço do jornal laboratório do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Não será a minha primeira vez exercendo a função de crítico dos meios de comunicação. Já fui ombudsman do Jabá, jornal do Diretório Acadêmico Tristão de Athayde, por um bom período. Experiência gratificante para mim. Engrandeci-me como profissional porque me proporcionou o exercício da crítica

e o contato amigável com estudantes de Jornalismo ávidos por conhecimento, informação, troca de ideias, de pontos de vista ora semelhantes, ora distintos. Mas foi uma vivência salutar.

O exercício que se inaugura agora será dentro de um jornal laboratório, olhando para ele próprio, mas sem tirar os olhos da grande mídia brasileira e também de outros países. Não se furtará de refletir sobre a conjuntura atual, quando o Jornalismo assiste e, ao mesmo tempo, protagoniza mudanças estruturais, conceituais, ideológicas, de conteúdo, as quais abrangem desde a queda da exigência do diploma para o exercício profissional na área até o quadro de transformações advindas, a partir da avalanche tecnológica no setor.

Portanto, será um olhar voltado para um cenário complexo, com singularidades e perspectivas várias, aberto a considerações críticas diversas, de onde poderemos recortar temas de importância capital para sociedade contemporânea. No caso específico do Brasil, as relações entre imprensa e poder são um prato cheio para crítica da mídia.

> CRÔNICA

Sobre Mates de Limão, Xeques sem Fundo e Males Insuficientes

Por André Bloc

Acorda depois de uma noite mal dormida, cambaleando em "L" em volta da própria cama. Fazendo-se decente, toma um banho porco e põe um traje tão porco quanto. Depois do desjejum insuficientemente preparado, corre para alcançar o ônibus – mais que suficientemente lotado.

No trabalho, mais uma vez, chega preparada para se provar rainha. Provando a qualificação, visando à efetivação, quiçá uma promoção. Protótipo da estudante nova num estágio, vive dos arroubos de crescimento, perseguida na realidade semi-escravocrata. Cortando a aura de rainha, se vê imposta em trabalho de peão. Ah, e sem esquecer do sorriso Colgate frente ao rei-nos-movimentos-limitado e suas exigências de entrega de mais um café descafeinado.

Desjejum vencido, a peã-rainha pega outro ônibus – as veias lotadas do chá mate gelado muito pouco adoçado – e vai para a casa, do outro lado da cidade, almoçar a comida da mãe – muito pouco salgada. A pressa permite apenas outro banho quase nada relaxante; a faculdade espera.

À aula das 14h, que começa às 14h30, chega às 15h e as torres não faziam nada – preenchiam o tempo regurgitando o que não fizeram na semana anterior. Busca seu orientador do projeto final para, outra vez, notar o talento de bispo dele – mestre em cortar campos e ensinar diagonais, incólume o pensamento que as torres nunca seguem diagonais. Apenas mais um na lógica da universidade de que substituto = economia.

A produção de conclusão de curso é pobre como as orientações, que são pobres como o país. A pobreza se configura no tabuleiro na forma da falta de efetivação no estágio, da falta de qualificação no mercado, na falta de esperança do empresariado. Por fim, ela faz como todos: aceita um subemprego, numa subempresa do subpaís. Quem sabe um dia, sonhe ser uma professora substituta e mal-preparada e ouse desafiar as diagonais instituídas. Ouse reinar, completa. Até lá, ela é peão. Mais um peão à espera do xeque-mate que não lhe compete.

A presença dos jornais laboratórios na realidade das universidades



Agostinho Gósson
Professor do curso de Comunicação Social da UFC

A exigência de jornais laboratórios nos cursos de comunicação e jornalismo é decorrência da restrição que se fez a atuação de estudantes estagiários no mercado de trabalho, conforme o artigo 19 do decreto 83.284/79. Esse decreto teve por objetivo retirar os estudantes de jornalismo das redações, uma vez que acabavam por substituir os profissionais e, assim, tornando a mão-de-obra barata e, pior, aviltada.

A forma encontrada para garantir a formação mínima aos estudantes

foi a criação dos jornais laboratórios. Eles são feitos na maioria dos cursos de jornalismo em todo o país e em cada instituição (pública ou privada) assumem diferentes perfis editoriais. Eles variam nos assuntos abordados, nos públicos-alvos, nas linguagens narrativas, tendo em comum apenas a possibilidade de se converterem numa experiência próxima do real para os iniciados na profissão.

Embora considerando os jornais laboratórios essenciais à formação, desconheço pesquisas avaliativas desse tipo de experiência na vida profissional. O quanto eles influem na capacitação dos profissionais? Quanto de criatividade eles acrescentam à rotina enfadonha dos grandes jornais? De que maneira eles refletem o exercício ético inicial da profissão? Qual grau de liberdade é por eles reclamados para o exercício da opinião? Enfim, pode-se elencar ainda outras complexas questões quanto à eficiência e à eficácia desse instrumento didático na formação de jornalistas, cujas implicações demandariam trabalho de pesquisa demorado e criterioso.

O MEC, os cursos, a Fenaj, os sindicatos e as associações de jornalistas têm perseguido o aperfeiçoamento do ensino de jornalismo no País, mas esse esforço esbarra em dificuldades próprias de cada instituição. No caso

da UFC, há realizações de qualidade ao longo dos 40 anos do curso, mas não se conseguiu até agora firmar uma política editorial que assegurasse o funcionamento regular, contínuo e autônomo de um jornal laboratório, com pelo menos quatro edições por semestre, tal qual exige o MEC. A experiência mais bem sucedida no curso é a revista *Entrevista*, cuja periodicidade, embora hoje apoiada financeiramente pela UFC, resulta mais do esforço pessoal de alguns alunos e do professor Ronaldo Salgado, que muitas vezes a custeou com recursos próprios.

A criação do ICA, alardeada como uma proposta ousada de se obter uma gestão moderna, ágil e eficiente de alguns cursos, entre eles o de Jornalismo, não pode deixar de significar um compromisso com a reafirmação da necessidade imperiosa de se ter um jornal laboratório de qualidade. É preciso fazer ajustes na grade curricular, contratar mais professores de jornalismo (impresso, TV, rádio, internet), lotar mais servidores especializados nos laboratórios, renovar equipamentos de informática, incentivar os estudantes a produzirem outros meios informativos, como os oferecidos pela internet e, sobretudo, recuperar o ânimo e amor dos que legaram à comunidade cearense o patrimônio do curso de jornalismo.

Panz&Pimba: construindo experiências no primeiro semestre



Elias Bruno Dias Oliveira
Estudante do 1º semestre de Comunicação Social na UFC

Minhas expectativas para o curso são as melhores possíveis apesar do momento turbulento por que passa o ramo jornalístico. Passei no vestibular para o 2º semestre, mas isso não significou ócio semestral ou coisa do tipo, pois eu e alguns estudantes na mesma si-

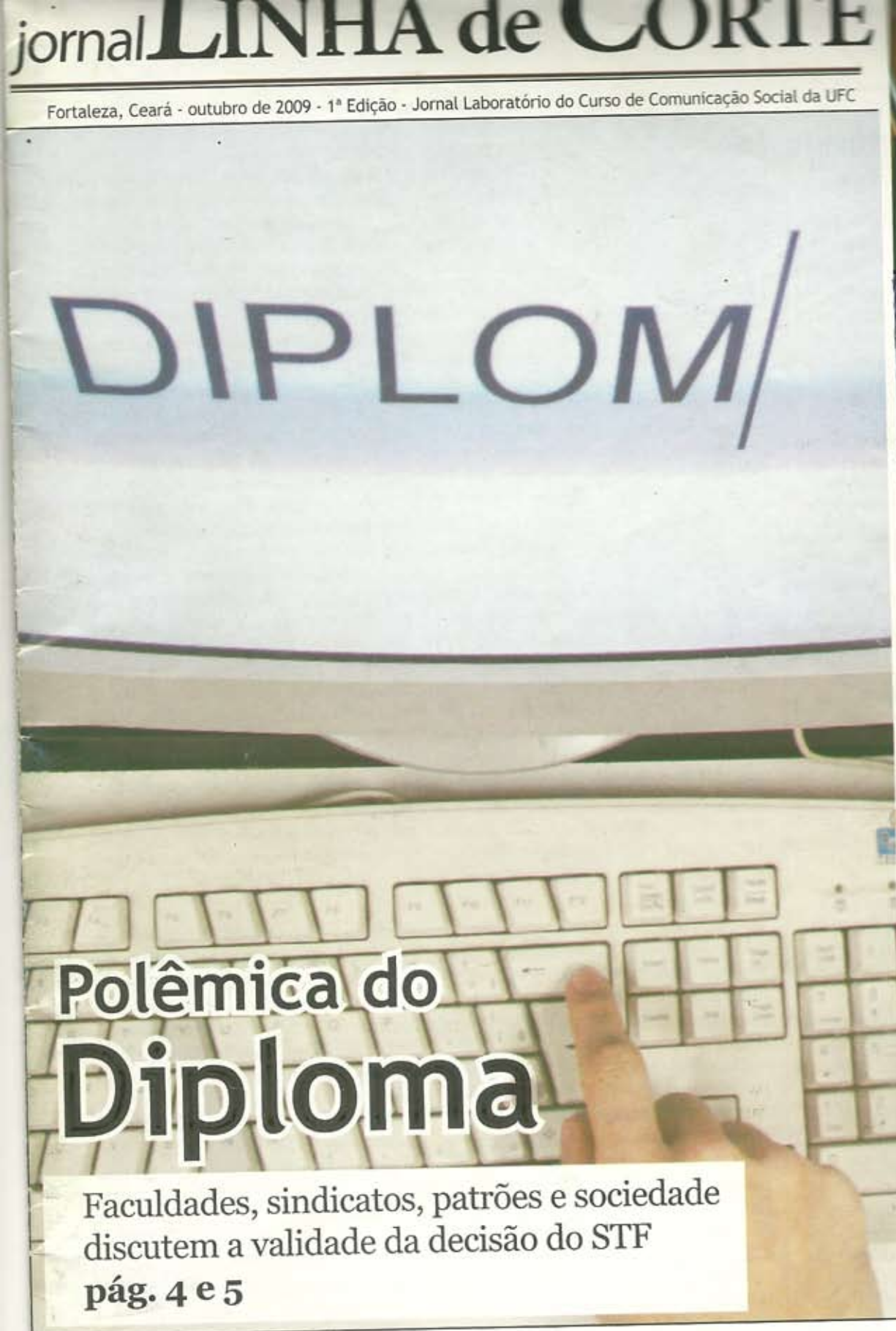
tuação participamos dos cursos de recém-ingresso que a Universidade nos ofereceu. Essa aproximação antecipada nos rendeu o PANZ&PIMBA, nome que surgiu de uma brincadeira e que virou blog.

No fim do nosso "semestre zero", os alunos do 6º semestre promoveram uma oficina de rádio para onde também levamos o Panz&Pimba e produzimos um programa piloto e, posteriormente, participamos do Enecom 2009, produzindo oito matérias para a radiadora do evento. Essa experiência me deixou ainda mais entusiasmado com a profissão, pois éramos um grupo de jovens totalmente amadores e nos submetemos a fazer o roteiro, reportagens (algumas até com celebridades, como a da cantora Gretchen), edição, locução e divulgação sozinhos.

Nesse começo de primeiro semestre estou tendo, como de praxe em qualquer curso, muitas cadeiras teóricas, mas que estão me dando uma nova visão de mundo. Essas

disciplinas introdutórias, apesar de pouco pesadas, estão se mostrando extremamente importantes depois da "tentativa" de aplicação prática que fizemos delas antes de começarmos o curso. Agora elas me fazem repensar tudo o que mudaríamos na produção dos nossos programas se estivéssemos estudando todas essas teorias. Espero que a Universidade ainda nos dê oportunidades para por todo esse estudo teórico em prática em nossa vida acadêmica.


Enfim, espero que o curso me traga mais experiências entusiasmantes e que, ao chegar no 7º semestre (situação dos estudantes que estão produzindo este jornal) já tenha uma bagagem acadêmica o suficiente para fazer parte de projetos mais complexos como esta produção. E sobre a situação conturbada da nossa área na atualidade... Bem, acredito na qualidade da minha Universidade e mais ainda na dos meus colegas de classe e acho que, apesar de discordar da decisão tomada pelo STF, ela não será tão nociva para nós.



DIPLOMA/

Polêmica do Diploma

Faculdades, sindicatos, patrões e sociedade discutem a validade da decisão do STF
pág. 4 e 5



cultura:

Festival Perro Loco

Cinema
universitário
debate América
Latina

pág. 15

economia:

Reuni

Novos cursos e
contratação de
professores efetivos

pág. 10

científico:

João Alfredo

Vereador fala sobre
controle urbano em
entrevista ao
Linha de Corte

pág. 12

política:

Boicote ao Enade

Consciência política ou falta
de informação?
pág. 7

esporte:

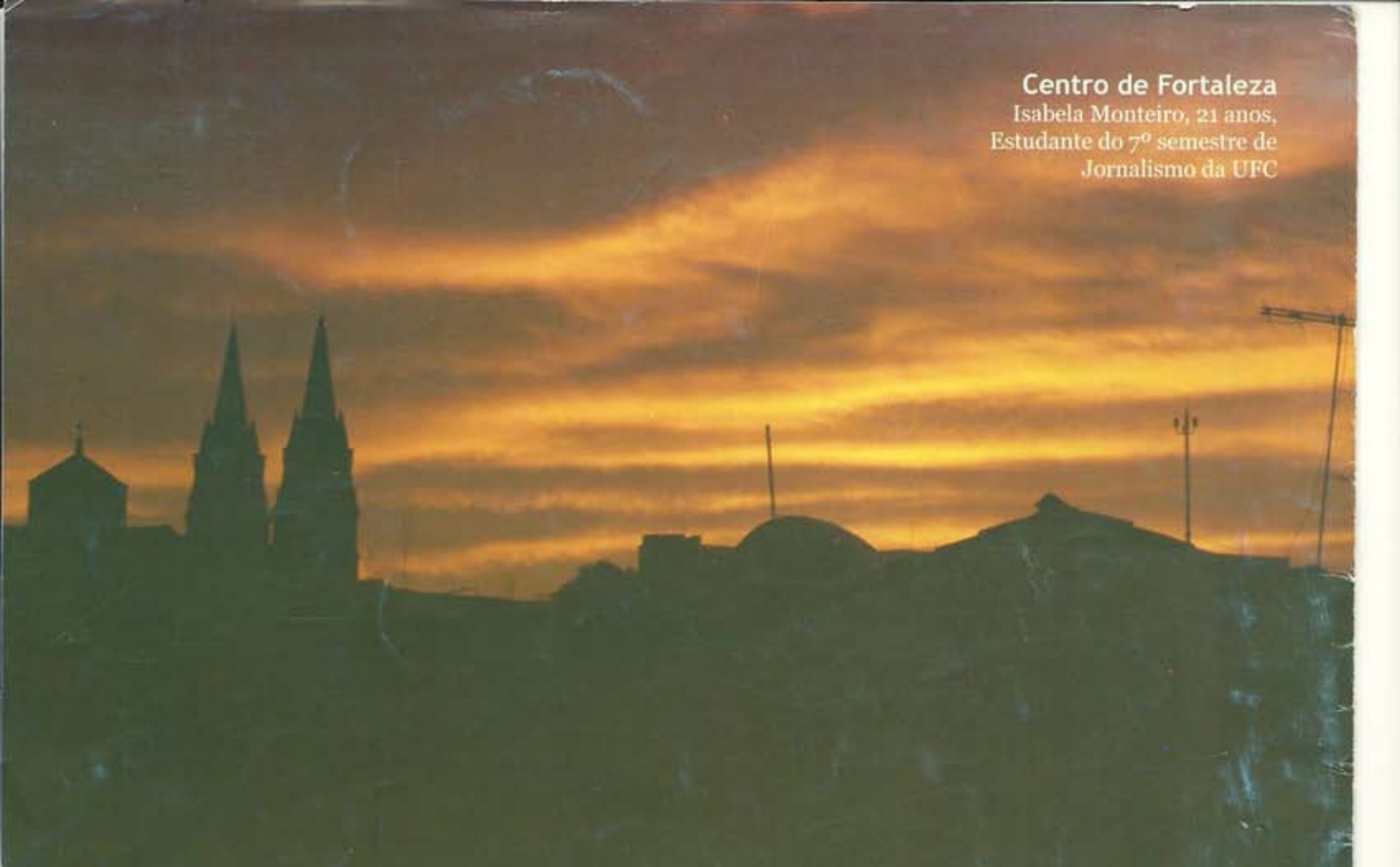
Jogos Universitários

A falta de incentivo afasta
estudantes
pág. 17

opinião:

Jornais Laboratório

Exigência que gera
experiência
pág. 2



Centro de Fortaleza
Isabela Monteiro, 21 anos,
Estudante do 7º semestre de
Jornalismo da UFC

> EXPEDIENTE

Linha de Corte é uma publicação da disciplina Jornal Laboratório, semestre VII, curso de Comunicação Social - habilitação Jornalismo, Instituto de Cultura e Arte (ICA), Universidade Federal do Ceará (UFC).

Edição 01, ano 01.
Tiragem: 1.000.
Impressão: Imprensa Universitária

COTIDIANO

Editora-chefe: Ana Cristina Teixeira
Equipe de reportagem: Waldenía Marcia, Thais Martins, Thiberio Fonseca, Monyse Ravenna
Coluna: Thais Martins

POLÍTICA E ECONOMIA

Editor-chefe: Pedro Guimarães
Equipe de reportagem: Isabela Monteiro, Ranne Almeida, Natália Lima
Artigo: Camila Viégas
Fotografia: Ranne Almeida

CIENTÍFICO E ACADÊMICO

Editora-chefe: Camila Gadelha
Equipe de reportagem: Louiseanne Lima, Denise Barbosa, Caroline Avendaño e Emerson da Silva
Coluna: Camila Queiroz
Fotografia: Camila Gadelha

CULTURA E ESPORTE

Editora-chefe: Ana Carolina Nogueira
Equipe de reportagem: Amanda Sampaio, Ana Carolina Nogueira, André Bloc, Arilo Assunção e Raquel Dantas
Fotografia: Ana Carolina e Arilo Assunção

COLABORADORES

Agostinho Gósson, Elias Bruno Dias Oliveira, Rodrigo Mesquita e Francisco Marcelo

OMBUDSMAN

Ronaldo Salgado – Jornalista há 30 anos e professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará desde 1988

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO FINAL

Raquel Dantas e Thais Martins

PROFESSORA ORIENTADORA

Klycia Fontenele

COORDENAÇÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Glícia Pontes

COORDENAÇÃO DO ICA

Custódio Almeida

REITOR

Jesualdo Farias

CONTATOS

Fones: (85) 3366.7711 e 3366.7718
Site da UFC/ICA: www.ica.ufc.br
E-mail: linhadecorte@gmail.com

Fortaleza, outubro de 2009.
Avenida da Universidade, 2762,
Benfica. cep: 60020-181

A transformação através do esporte

O projeto Revarte - Judô para todos é um exemplo de como o esporte pode ajudar na inclusão social.

Foto: Arquivo pessoal



Sensei Neto Cardoso com as crianças do projeto

Entrevista com Neto Cardoso

Por Arilo Assunção

O Revarte – Judô para todos existe há cinco anos e foi idealizado pelo Sensei Neto Cardoso. Atualmente, o projeto atende cerca de 170 atletas que tiveram inseridas nas suas vidas a disciplina e o respeito pregado pela arte do “caminho suave”.

À frente de desafios, como a construção de uma sede maior, Neto Cardoso relembra os caminhos percorridos até aqui. Fala das principais dificuldades enfrentadas, comenta sobre a atuação dos poderes públicos junto a projetos sociais em torno do esporte e projeta também o futuro, que ele espera que continue sendo repleto de novas vidas resgatadas para a dignidade social.

Linha de Corte: Neto, como começou o seu trabalho de ensino do judô para as crianças e adolescentes do Conjunto Alvorada, no projeto Revarte?

Neto Cardoso: Foi em agosto de 2004. Eu sempre tive vontade de fazer algum projeto social e quando eu

voltei da Alemanha (Neto estudou na Alemanha por um ano), já existia o (projeto) Revarte, que minha mãe me convidou para conhecer. A sala onde é o Judô hoje era a sala de música. Por coincidência, o professor de música estava se mudando, aí ia ficar um período sem aula. Aquela sala não é a maior, mas é uma das maiores da casa. E eu pensei: “sempre tive vontade (de ensinar judô), vou aproveitar o espaço, têm muitas crianças aí, vou começar”. Eu consegui, na época, um tatame de palha, com a Federação (Cearense de Judô). Só faltava o kimono para as crianças, que são todas carentes. Eu consegui uma doação de tecidos e arrumei uma pessoa que fabricasse o kimono. Fizemos 40 kimonos que ficavam revezando entre os alunos. No começo só tinha treino à noite, hoje tem (treino) de manhã, de tarde e de noite, são dois professores voluntários – eu e o Átila – e dois professores pagos – o Maicon e o Marcelo. Temos cerca de 170 atletas treinando.

LC: Quais os principais de-

safios que você tem enfrentado?

NC: O principal desafio é financeiro e de espaço. Não ter a possibilidade de ter um local de treino melhor. Hoje o nosso espaço é pequeno, a estrutura da casa não é boa, tem muita rachadura e como (no judô) tem muito impacto, vai chegar uma hora que, se a gente não cuidar, vai ter o perigo de cair. A dificuldade hoje é essa. É preciso uma área de treino maior. Isso vai ajudar no desenvolvimento deles e vai possibilitar nós disponibilizarmos mais matrículas.

LC: E como tem sido a atuação dos poderes públicos junto ao trabalho da Revarte? Há algum incentivo?

NC: Nesse ano, a gente já foi para vários lugares diferentes. Fomos para o Chile, Equador; temos atleta na Seleção (Brasileira de Judô) que já foi para Maranhão, Teresina, Salvador, Belo Horizonte, Rio Grande do Norte... E a maioria desses lugares que eles foram de avião, nós conseguimos o apoio da Sespote (Secretaria de Esporte do Estado do Ceará). Nesse ponto eles têm dado um apoio bem interessante. Se não fosse esse apoio, a quantidade de lugares que teríamos mandado esses atletas seria bem menor. O que eu vejo de apoio público, até agora, são eles (Sespote). Estamos tentando com a prefeitura e com a regional, ocupar uma praça desativada aqui perto, para fazermos uma sede nova, com mais espaço, do jeito que a gente planeja.

LC: Você tem alguma opinião formada sobre como é que o gestor público pode estar ajudando a disseminar o esporte? Você acha, por exemplo, que o programa Bolsa Atleta é uma pro-

posta interessante?

NC: É interessante. O que eu acho um pouco falho é como é direcionado quem recebe o Bolsa Atleta, quem não recebe. Por exemplo, temos atletas aqui que já ganharam muitos campeonatos, mereciam o Bolsa Atleta e não estão ganhando. Outros estão começando, às vezes não têm nem resultados tão expressivos e estão ganhando. Isso pode ser até bom por estar estimulando os atletas que estão começando a crescer também. Mas uma forma de complementar seria entender para mais pessoas.

LC: O que motiva você a estar à frente de um projeto como esse?

NC: Primeiro porque eu gosto muito de judô. Eu faço judô desde os cinco anos de idade, e o que me motiva é quando eu estou dando o treino e vejo que tem um pessoal lá que está se “matando” mesmo, querendo melhorar. Ao mesmo tempo eu vejo que o esporte está transformando a vida de várias crianças aqui. Já temos atleta na Seleção Brasileira, vários recebendo Bolsa Atleta, vários medalhistas no campeonato brasileiro, campeão cearense já perdi a conta... Hoje nós estamos com cinco anos. Se conseguirmos continuar na evolução que estamos tendo, vamos formar professores. Já tivemos atletas que receberam convite para treinar em outro estado, em clubes de ponta. A idéia é fazer com que o judô seja uma profissão para eles também.

O Projeto Revarte é desenvolvido numa pequena casa, na Rua Salvador Correia de Sá, 465 – Conjunto Alvorada.
Acesse: www.revarte.org.br.

Jogos da UFC começaram dia 3 de outubro

Somente os Centros com Associação Atlética podem participar do JUFOR, um dos poucos eventos esportivos realizados na UFC.

Foto: Ana Carolina



Seleção Cearense de Atletismo em treino na Pista de Atletismo da UFC

Por Ana Carolina Nogueira

“Cinco jogadores titulares e mais três para ficarem no banco, pelo menos”, é o que uma equipe de basquete precisa para se sair bem nos próximos Jogos da Universidade Federal do Ceará/Fortaleza (JUFOR 2009), que acontecem entre os dias 3 de outubro e 29 de novembro no Campus do Pici. Não é regra, é só o necessário para que os jogadores possam descansar. “Para se inscrever, basta ter o mínimo de jogadores permitido em quadra”. A dica é de David Zúñiga, estudante de Engenharia Química e capitão da equipe de basquete que venceu a competição ano passado.

Além do basquetebol, outras oito modalidades estão representadas no JUFOR: futsal, futebol de campo, handebol, voleibol,

atletismo, natação, tênis de mesa e xadrez. “Nem todas as modalidades vão para a competição, porque não temos alunos inscritos. Ano passado, por exemplo, só tivemos esportes coletivos”, afirma Wildner Lins, Técnico Desportivo da Coordenadoria de Atividades Desportivas e Lazer (CADL). “A maior carência são os times femininos. Em 2008, tivemos quatro times de vôlei inscritos e duas partidas foram vencidas por W.O. (walkover, em inglês. Acontece quando uma das equipes não apresenta o número mínimo de jogadores para participar da partida), acrescenta.

As inscrições do JUFOR são realizadas através das Associações Atléticas (A.A.), mediante ficha de inscrição preenchida e pagamento da taxa correspondente.

Associações Atléticas: a pedra no meio do caminho

Participar dos Jogos da UFC, segundo o regulamento da competição, é muito fácil. Mas, há algumas regras que o regulamento deixa apenas implícitas, por exemplo: para participar dos jogos, o aluno precisa, além de estar regularmente matriculado, fazer parte de um dos Centros representados por Associações Atléticas (A.A.). A universidade conta hoje com apenas sete destas instituições, número que não representa todos os alunos matriculados na UFC.

As Associações Atléticas são formadas por grupos de alunos eleitos pelo Centro ou Faculdade. “Os alunos que se interessarem em participar das atividades esportivas da UFC podem formar uma

Associação Atlética a qualquer momento. Em mais ou menos um mês a Associação pode estar funcionando”, explica Wildner.

São poucos os alunos que sabem sobre os jogos ou mesmo sobre a necessidade de formar Associações Atléticas, “as informações são pouco divulgadas, acabam sendo concentradas no Pici e nas Associações que já existem”, afirma David.

Instalações Esportivas da UFC podem ser usadas pelos alunos

A desinformação sobre as atividades esportivas na UFC é generalizada. Por exemplo, você provavelmente não sabia que os alunos podem usar as instalações esportivas da universidade. Mas, para chegar até lá, é necessário percorrer mais de um km em uma estrada praticamente deserta. O distanciamento começa pela parte física.

Além disso, para utilizar a estrutura, é necessário reservar um horário no local adequado à atividade que se quer praticar. Alguns projetos de extensão da universidade e outros realizados pela comunidade tornam difícil encontrar um horário vago.

“O ideal é que os alunos reservem horários por intermédio das Associações Atléticas”, afirma Wildner, mas, ao ser perguntado se este procedimento é obrigatório, afinal alguns centros sequer têm Associação, ele responde que não, “é o melhor, mas não é necessário”. A natação é a única atividade que não requer reserva, pois acontece em horários fixos.

Suicidas Imor(t)ais

Por André Bloc

O cargo é vitalício, mas não tem nos herdeiros consanguíneos a continuidade de pauta. Isso, talvez, porque a imortalidade não vai de geração em geração, na verdade, passa do campo material ao descarnado com muita dificuldade. Morreu mais um imortal, por mais surreal que isso possa soar. Processo sucessório iniciado e na corrida apenas dois postulantes: o poeta rebuscado, desconhecido em seu país e renomado internacionalmente e o ex-presidente deposto, renascido de sua oratória.

No ambiente fechado de votação, os 39 imortais ainda vivos têm que decidir a vida (ou a imortalidade) de seus iguais – inferiores ou superiores. Entre um bem-portado ex-presidente e um deslumbrado concorrente, uma pilha de livros. Em fato, poemas pintados pelo poeta, já que o ex-presidente nunca escreveu uma obra de fato, apenas “pretende lançar em breve dois livros”. Os livros auto-

referentes tratam de sua versão para a própria queda e uma coletânea de discursos – destacando a oratória que o alçou ao cargo mais importante da nação.



Material à mesa, iniciam-se discursos. O ex-presidente, travestido numa aura de impassibilidade, fala em seu colóquio de status, história e posteridade, sob efusiva salva de palmas. O poeta versa sobre amores e cores enfrentando o desdém da quase totalidade de iletrados imor(t)ais – incapazes de definir Literatura.

Votação rápida e de resultado

já escolhido. Letras, enfim, não precisam ser impressas. Basta o pensamento e a presunção de autoria para legitimar a qualidade “literária” do pensado. Mais uma vez vence o clichê do forte contra o fraco.

Para se tornar um imortal, não é necessária a publicação de um livro. Um imortal não carece estrofe ou parágrafo. Não é imortal aquele com “aquilo roxo”. Para alguém se imortalizar, hoje, numa cadeira da Academia de Letras no Brasil só se pede duas curtas vírgulas de trajetória: a prepotência do querer e o poder “daquilo verde”.

Nota: No dia 2 de setembro, o ex-presidente brasileiro e atual senador por Alagoas, Fernando Collor de Mello, foi eleito integrante da Academia Alagoana de Letras (AAL). Em uma eleição sem concorrentes, o político recebeu o voto de 22 dos 30 membros presentes na solenidade, realizada na sede da

Academia.

Arte de André Bloc

Putaque la merda!



Cena de “O Contador de Histórias” (Paulinho Mendes)

Por Amanda Sampaio

Belo Horizonte (MG), década de 70. É assim que tem início a narração da vida do pequeno Roberto Carlos no longa-metragem “O Contador de Histórias” (Ramalho filmes e Nia filmes/ 2009). O garoto de imaginação fértil, interpretado por Marco Antonio, é o escolhido da mãe de uma família pobre

para trilhar um caminho de estudo e conseguir ser doutor. A promessa vem da televisão, mas logo se percebe que a realidade é um pouco diferente. Não demora para que Roberto aprenda que, para se ter respeito, é preciso parecer durão, e, para a criança de longa imaginação que é, inventar palavrão vira logo um divertido jogo de palavras que acaba criando o

célebre “Putaque la merda”.

Aos 13 anos, Roberto Carlos já não é mais o menino que a mãe confiou à instituição de formar doutores. Interpretado por Paulo Henrique, que demonstra uma ótima habilidade ao viver tão bem uma personagem de tamanha complexidade, o Roberto agora crescido já recebe até a fama de irrecuperável.

Ao sair do filme, eu poderia ter escrito sobre iluminação, produção musical ou as muitas fases de produção que um bom filme tem que passar. Mas não. O centro da história parece ser o mais real para tratar. Roberto Carlos poderia ter qualquer outro nome comum aos tantos garotos que povoam as ruas do Brasil. Não fosse a história dele uma exceção real, diria que o roteiro foi planejado “a dedo” para

que tivéssemos um final otimista. Não fosse um milagre real... O desfecho da história de Roberto Carlos não se repete, não acontece e os meninos que habitam as ruas do Brasil não costumam ser salvos por milagres diários. Ao invés disso, é comum que diariamente se tornem mais abandonados, mais violentados, menos percebidos e mais invisíveis (a não ser que roubem um rolex de alguém com “valor” social).

Mais do que uma história de dificuldades e barreiras a serem superadas, Roberto Carlos deve servir para ampliar nossos olhares para as crianças “secundárias” que estavam representadas no filme antes como seus irmãos de uma vida pobre dentro de casa, depois na instituição e logo irmãos de ruas e praças. São cenas ora vistas na tela do cinema, ora na tela das ruas.

Quando o cinema vira ferramenta de contestação

O Perro Loco surge com a proposta de aproximar culturas e debater a América Latina através da produção cinematográfica universitária. O Jornal Linha de Corte foi até lá para conferir.



Foto: Fernanda Lacerda

Coletivo Perro Loco - Estudantes da Universidade Federal de Goiás que fazem parte da organização do Festival

Por Raquel Dantas

Estudantes ligados por um interesse comum: o cinema. Mas não somente isso, a inquietação em promover discussões sobre a América Latina através da produção cinematográfica. Como derrubar as fronteiras e aproximar nossas culturas e realidades? Uma câmera na mão e uma contestação na cabeça tornam-se uma interessante ferramenta para promover o debate sobre a história que une os povos latino-americanos. É daí que surge o Perro Loco - Festival de Cinema Universitário Latino-Americano.

Organizado por estudantes da Universidade Federal de Goiás, o festival teve sua terceira edição realizada entre os dias 25 e 30 de agosto, em Goiânia. O tema deste ano - "Alegorias" - foi proposto para dar continuidade às temáticas das primeiras edições, "Identidade Cultural" e "Fronteiras". Estas voltadas à idéia central de pensar a América Latina

como um todo, discutindo nossa cultura e levando o debate para os amantes do cinema e para todos aqueles que se interessarem pela proposta.

A escolha das "Alegorias" (exposição de um pensamento sob forma figurada) retoma uma importante característica estética utilizada na primeira grande tentativa de construir um movimento cinematográfico latino-americano. Este teve como objetivo principal retratar o contexto social das ditaduras militares que assolaram nosso continente. O movimento, ocorrido nas décadas de 60 e 70, ficou conhecido como Cinema Novo ou *El Nuevo Cine*, para nuestros hermanos.

Na programação do Perro Loco, o destaque (é claro!) vai para a Mostra Competitiva Universitária. Nessa edição do festival, 41 curtas foram selecionados num total de 260 inscritos. Produções do Chile, Argentina, Uruguai e de oito estados bra-

sileiros (dentre eles o Ceará) foram exibidos durante os quatro dias da Mostra.

E, já que a intenção do festival vai além da exibição de filmes, o Perro Loco promove também mini-cursos, oficinas e debates com cineastas, diretores e estudiosos do audiovisual.

Outro espaço garantido na programação do festival é a Mostra Paralela, onde são exibidos filmes nacionais seguidos de debate com os seus diretores. Sim, grandes nomes do cinema, ao vivo e a cores, discutindo suas produções! Paulo Sacramento, Helena Ignez, Elyseu Visconti e Guilherme Vaz foram alguns desses expoentes que estiveram no Perro Loco deste ano. E que venham as próximas edições!

Quer saber mais?

Visite o site oficial do Perro Loco:
www.perroloco.com.br

O desafio de uma Comunicação Pública mundo afora

por Camila Queiroz

O livro "Sistemas públicos de comunicação no mundo: a experiência de doze países e o caso brasileiro" – lançado em maio deste ano pelo Coletivo Intervozes – é a mais atual contribuição para a discussão de um sistema público de comunicação no Brasil, apoiando-se em estudos de casos de outros doze países, distribuídos por quatro continentes. A pesquisa aponta méritos, problemas e desafios enfrentados pelas mídias públicas no mundo e reforça a importância de consolidar um sistema público de comunicação que precisa ser robusto, autôno-

mo, participativo e eficiente em prol de uma democracia mais plural.

Vários países tiveram seus sistemas públicos analisados sob os seguintes aspectos: estrutura do sistema, ou seja, o número, o alcance e o perfil básico de suas emissoras de rádio e TV, assim como de suas outras possíveis atividades ligadas às novas tecnologias ou à produção cultural; modelo de gestão e os instrumentos de participação da sociedade na administração e fiscalização do sistema, entre outros. Por fim, mas não menos importante, foram pontuadas as questões

atualmente em discussão nos doze países pesquisados, buscando revelar as tensões, conflitos e tendências que emergem dos debates políticos realizados em cada uma das nações.

A leitura é obrigatória não só para estudantes, profissionais e professores, mas para todos que considerem a Comunicação como direito intrínseco ao ser humano. Fundamental para todos e todas que desejam um sistema de radiofusão a serviço das pessoas, e não do Mercado. O livro está disponível em pdf no site do coletivo:

www.intervozes.org.br.

Saber Popular e Saber Científico: fazendo conexões



Por Francisco Marcelo

O discurso acadêmico sobre as várias formas de saberes é ao mesmo tempo generoso, vago e um pouco enganoso. Generoso porque lista muitos saberes com adjetivos ou complementos de nomes (saber teórico, prático, saber-fazer, saber-se, saber de ação, saber científico, saber popular etc.) e sustenta que todos devem ser respeitados por serem complementares e terem igual dignidade. Mas nem sempre é assim. O que significa, por exemplo, esse saber-ser? Para alguns

estudiosos da pedagogia seria o cúmulo da pedagogia aberta e tolerante. Na minha concepção, considerar o jeito de "ser" como um saber é extremamente perigoso. Imaginem uma professora lecionando a seus educandos aulas de saber-ser?

É simpático pregar que esses saberes se equivalem e se complementam, mas entre estes, quem a sociedade, a academia valoriza e paga mais?

Percebe-se a mesma ambivalência nas relações da escola ou da universidade com os saberes considerados populares ou saberes da comunidade.

Por um lado a universidade valoriza as comunidades populares. Mas nestas, o que ela considera? Valoriza suas práticas e formas estratégicas, muitas

vezes, ricas culturalmente, que tem uma conformidade com as normas da própria universidade, ou seja, o que pode ser consumido dentro da universidade.

No seu discurso sobre o saber popular, a universidade valoriza também formas de sociabilidade, formas de se relacionar com o Outro (o diferente). Na verdade, são formas de um saber popular mais ideal do que real. Na sua relação com o saber popular ou mais diretamente com as comunidades populares, a universidade insiste sempre no assistencialismo, na dignidade das pessoas deixando de fora do seu discurso e ação outros fenômenos que são as causas da situação de heteronomia social que essas populações enfrentam como a violência, a pobreza e a exploração.

> SUGESTÕES

Estudos Feministas

"Página" cheia para quem pesquisa gênero, a revista, publicada a cada quatro meses, é produzida pelo Instituto de Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Catarina. Revista do Instituto de Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Catarina: www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref

ComCiência

Com entrevistas, resenhas, reportagens e entrevistas, ComCiência dá vazão à produção do Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo da Unicamp (Universidade de Campinas/SP). A revista aborda temáticas tanto das ciências humanas quanto das exatas e no site é possível ter acesso a dossiês e às edições anteriores da publicação. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico da Unicamp: www.comciencia.br/comciencia/

Ameríndia

Pautada na ideia de que a vivência em sala de aula não é suficiente para possibilitar uma formação profissional e humana satisfatória, a publicação se propõe a ser um espaço propício para a construção do conhecimento acadêmico. Revista dos Alunos do Departamento de História da UFC (Universidade Federal do Ceará): www.amerindia.ufc.br

Contaminação atmosférica em Maracanaú

Núcleo Tramas constata danos à comunidade de Maracanaú causados pela exposição ao inseticida Stron, produzido pela empresa Agripec

Por Denise Barbosa e Emerson da Silva

Maracanaú é distrito industrial do Ceará desde 1964. Na cidade se localiza a empresa Agripec, a sede brasileira da empresa do setor agrícola Nufarm. A comunidade que vive no entorno dessa fábrica de inseticida lida com o odor resultante da fabricação dos produtos.

Entre os problemas apresentados pela exposição contínua ao odor estão complicações respiratórias, crianças com doenças pulmonares, casos de câncer, problemas de pele e de visão. O período de maior intensidade é à noite, nos finais de semana e feriados, quando a fábrica desliga as máquinas e o produto acaba por se alojar nos canais de ventilação e posteriormente ser liberado no ambiente.

O Núcleo Trabalho, Meio Ambiente e Saúde para a Sustentabilidade (Tramas), do Departamento de Saúde Comunitária da Universidade Federal do Ceará voltou-se para essa questão e abriu espaço para discussões no seminário: "Contaminação atmosférica nas comunidades vizinhas à Agripec/Nufarm, em Maracanaú". Este, que aconteceu no dia 25 de agosto, fez parte de um ciclo de seminários cujo tema central foi "Conflitos Socioambientais e a Saúde-Doença no Ceará: processos de produção de conhecimento na relação Universidade - Movimentos sociais".

Moradores residentes nos arredores do município, nos conjuntos habitacionais Novo Maracanaú, Coqueiral, Piratininga, Distrito Industrial 2000, Maracanãzinho e Residencial Maracanaú fizeram denúncias junto ao Ministério Público por queixas de doenças causadas por poluição ambiental. Em 2004, o Ministério Público instaurou o processo contra a Agripec para investigar crime ambiental.

A participação do núcleo na questão iniciou-se em 2006, quando o Ministério Público solicitou a análise dos documentos da Agripec para definir quais eram as substâncias causadoras do odor. Coube ao núcleo Tramas analisar os documentos da Superintendência Estadual do Meio Ambiente do Ceará, Semace, responsável pela licença de operação da empresa, bem como realizar trabalhos de inspeção da Agripec.

A conclusão a que se chegou foi de que o odor característico da fabricação do inseticida Stron (agrotóxico organofosforado) é nocivo à saúde, conforme sinalização anterior da própria comunidade.

A moradora de Novo Maracanaú, Ireuda Ferreira, 46 anos, diz que as reclamações já acontecem desde 1992. Ela reside na comunidade há vinte e quatro anos e diz que uma das formas

de mobilização é a partir do rádio local que realiza a cobertura das sessões da Câmara Municipal de Fortaleza.

De acordo com a coordenadora do núcleo Tramas, a professora Raquel Rigotto, o relatório já foi encaminhado ao Ministério Público. Ela disse que a iniciativa deve partir de uma ação conjunta entre comunidade, Ministério Público, associado à visibilidade da mídia para que haja ações efetivas para resolver o conflito socioambiental no local.

Segundo o promotor do meio ambiente de Maracanaú, Fabrício Barbosa, a ação do Ministério Público agora é de, até o fim deste semestre, apresentar à Agripec um termo de ajustamento de conduta para submeter a empresa à legislação ambiental.

Buscando a versão da Agripec, a assessoria jurídica foi procurada e disse que a empresa se pronunciará a respeito do assunto a partir do dia 25 de Setembro. Da primeira semana de setembro, quando a matéria foi finalizada, até o fechamento do jornal, no início de outubro, a empresa não foi procurada. A Nufarm desenvolve uma política de meio ambiente com a implantação de um programa de gerenciamento de resíduos industriais assim como concretagem dos espaços onde há processo de produção.

Perfil

O Núcleo Trabalho, Meio Ambiente e Saúde para a Sustentabilidade (Tramas), constituiu-se desde 1996 no Departamento de Saúde Comunitária da Faculdade de Medicina da UFC. O núcleo Tramas desenvolve seus trabalhos em parceria com outros núcleos acadêmicos da UFC e outras instituições públicas. As atividades abrangem ensino, pesquisa e extensão com ações sociais voltadas para o tripé trabalho, ambiente e saúde. O Núcleo é coordenado pela médica e prof^a. Raquel Maria Rigotto e seus integrantes são professores e estudantes de graduação e pós-graduação, além de profissionais de outras áreas. A prof^a. Raquel Rigotto integra a Comissão Organizadora da I Conferência Nacional de Saúde, prevista para dezembro, em Brasília.

contato: nucleotramas@ufc.br



Equipe do Tramas

Fortaleza e Meio Ambiente: Controle Urbano



Foto: Arquivo pessoal

João Alfredo, vereador do PSOL

Entrevista com João Alfredo

Por Caroline Avendaño

Linha de Corte: Desde Agosto, está em vigor a Operação Tolerância Zero, da Semam (Secretaria do Meio Ambiente e Controle Urbano), cujas ações visam ao ordenamento urbano. Como está a situação da poluição sonora em Fortaleza e qual a sua avaliação sobre a Operação Tolerância Zero?

JA: Essa operação tem sido muito importante porque Fortaleza tem sido muito conivente com a poluição sonora. Isso, efetivamente, mostra que durante 4 anos da primeira administração da Luizianne, praticamente nada foi feito. Nós mesmos, aqui na Câmara, apresentamos várias denúncias pra Semam, enquanto nada foi feito. Eu acho que essa política é importante. Agora, tem que ter certa mediação também. Por exemplo: paredão de som de carro. Eu acho que isso devia ser proibido. Completamente.

LC: Inclusive temos uma lei em discussão sobre isso...

JA: Isso. Do vereador Guilherme Sampaio, que inclusive eu sou favorável, apoio esse projeto. Os paredões de som são uma imposição aos outros de um som que você não quer ouvir. O sujeito tem som dentro do carro dele, ele pode ouvir com o carro fechado, a altura que ele quiser e a música que ele quiser, agora ele não tem o direito de impor a música e a altura do som às outras pessoas como se faz. A lei cria uma espécie de licenciamento que, na verdade, vai diminuir muito

a questão da poluição. Acho que deve ser rigoroso em áreas residenciais, nas proximidades de escolas e hospitais. Em São Paulo, por exemplo, tem a chamada lei de uma hora. Quando chega uma da madrugada o bar que não tiver revestimento acústico tem que fechar. Agora, há casos que têm que ser melhor analisado.

LC: Como o embargamento do Dragão do Mar?

JA: Esse é um dos casos. O Dragão do Mar não está numa área residencial e é um espaço cultural e turístico. Claro que tem que regulamentar. Desse ponto de vista, eu acho que todo empreendimento tem que ter uma licença pra isso, até porque também ele tem uma cacofonia de sons horrível. Às vezes você tem 3 barzinhos, todos eles com um cantor com voz e violão. Então, se cria uma parafernália de sons e tudo mais.

LC: Fale um pouco sobre o Projeto de Lei 0060/09, de sua autoria, que cria a Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) no Parque do Cocó. Qual é a sua proposta?

JA: Tudo é fundamentado numa lei de número 9985/2000 que criou o Sistema Nacional de Unidade de Conservação. É uma lei federal e ela estabelece uma tipologia, uma classificação de unidade de conservação. Nós achamos, pelas características daquela área, que são 15 hectares, onde tem

a existência – comprovada pelo parecer da Profa. Vânia Claudino Sales, do Departamento de Geografia da UFC – de dunas com quase dois mil anos de idade. São dunas do tipo parabólicas, que foram de uma época e que elas nunca mais vão ocorrer novamente na cidade. A cidade foi urbanizada, então, dificilmente elas seriam formadas. Elas estão coberta de vegetação e estão ali próximas de uma área que está muito pressionada pela especulação imobiliária, que é a área do parque do Cocó. É uma luta que vem de algum tempo, do movimento Salvando as Dunas do Cocó. Nós achamos que seria importante criar essa área de conservação. Como unidade de conservação, compreende-se o que pode ser feito ou não nessa área: não pode construir. Não pode, portanto, alterar a paisagem, prédios, ruas, fábricas, ou seja, qualquer atividade ou uso que possa destruir as características geoambientais ou alterar a paisagem são proibidas. Por outro lado, é permitida a atividade de contemplação. Trilhas, turismo ecológico, esporte, cujos equipamentos não levem ao desmatamento daquela área, no mais, tudo isso é permitido. Esse projeto de lei teve um processo muito interessante porque houve um abaixo-assinado com cerca de 3.000 assinaturas. Nós tivemos esse parecer técnico, tivemos uma audiência pública extremamente participativa, com a presença das Universidades, do Ministério Público Federal, dos órgãos de controle ambiental e, finalmente esse projeto, depois de uma batalha, foi aprovado pelas duas Comissões: de Legislação e de Meio Ambiente. Não sem entraves, tentativas de adiar a votação, mas, finalmente no dia de São João, com uma mobilização muito forte, a lei foi aprovada com 27 votos favoráveis, 4 contrários e 5 abstenções. Depois, um dos vereadores, inconformado com a decisão que foi tomada pela Casa, entrou com ação para tentar impedir a implementação. No primeiro momento, uma juíza da 5ª Vara concedeu a liminar suspendendo o projeto que já estava pronto para sair para a Prefeitura. Finalmente, na semana passada [1ª quinzena de setembro], nós conseguimos uma decisão do Tribunal de Justiça que cassou aquela liminar. O projeto encontra-se, hoje, na mão da Prefeita para definir se sanciona, ou seja, se assina ou não o projeto.

Biocombustíveis: problemas que não aparecem

Os Biocombustíveis vêm ganhando espaço no setor produtivo e nas discussões políticas brasileiras e geram algumas preocupações relacionadas, por exemplo, à destinação dos resíduos e à viabilidade econômica



Foto: Divulgação Ministério de Minas e Energia

Plantação de mamona para produção de biodiesel

Por Camila Gadelha

O emprego do biodiesel tem dominado discursos políticos e aquecido o debate sobre o posicionamento do país diante da geração de energia global. Indústrias, bases governamentais, a ONU (Organização das Nações Unidas) e até mesmo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas apresentam os biocombustíveis como o próximo passo para a transição da economia do petróleo para uma renovável.

Paralelo às discussões de caráter geopolítico, há a preocupação que industriais têm: o que fazer com os resíduos? Se a produção de biocombustíveis atingir a escala industrial, os setores econômicos que absorvem o glicerol que sobra da reação entre óleos vegetais e gorduras animais com álcool, podem não comportar um volume tão amplo e a necessidade de encontrar novos destinos para este subproduto de forte impacto ambiental será uma questão urgente.

Uma das alternativas de destino para o glicerol em excesso pode

ser o emprego deste na alimentação animal. No Ceará, pesquisas orientadas pelo professor Gustavo Saavedra, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, (Embrapa/CE), estudam a possibilidade de produzir Vitamina A, através do glicerol, resultante da extração de óleo da semente do maracujá usado na indústria farmacêutica e de cosméticos.

Para transformar o glicerol em vitamina, os pesquisadores adicionam bactérias e fungos para agir na substância. O projeto é que a vitamina seja um ingrediente de ração animal, especialmente para aves e peixes, já que o consumo direto de Vitamina A, de acordo com o pesquisador, não é recomendado aos primatas em geral. O estudo ainda está em fase de testes acerca das condições ideais de armazenamento (temperatura, local etc.) da levedura que originará a vitamina e do método de ampliação da escala de produção para quantidades elevadas. Em seguida, a pesquisa segue para testes diretos em animais.

Segundo Gustavo Saavedra, somente no ano passado o Brasil produziu cerca de 116 bilhões de litros de biocombustíveis, originando cerca de 1,16 bilhão de litros de glicerol. "Não existe produção de sabonete no Brasil que dê conta dessa substância. O mercado não absorve.", explica.

O uso exclusivo do maracujá para os testes se dá por conta do processo mais caro e "verde", de acordo com Saavedra, mas a intenção é ampliar os testes. "Futuramente iremos avaliar o uso do glicerol residual do processamento de diferentes espécies: soja, mamona, canela etc., além do resultante do uso de sebo animal.", diz.

Mamona é viável?

Na opinião de Gustavo Saavedra, doutor em Tecnologia de Processos Químicos e Bioquímicos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador da Embrapa, não. "Ela é muito útil para a Indústria Química refinada, mas para produção de biodiesel em larga escala não serve. O processo é muito caro e o preço de venda não compensa.", explica.

A mamona vem perdendo o brilho inicial no projeto brasileiro para produção de biodiesel. Atualmente, indústrias que aderiram ao programa questionam a competitividade da matéria-prima em relação a outras culturas, como a soja, que responde por 65% da produção atual de biodiesel no Brasil. Pelos cálculos do Governo, a partir de 2013, quando a exigência de mistura do biodiesel no diesel sobe para 5%, a produção terá de ser de 2,4 bilhões de litros por ano.

Para Ricardo Mendes, diretor de Inovação Tecnológica do Núcleo de Tecnologia Industrial do Ceará (NUTEC) e autor do livro "A cadeia produtiva do Biodiesel da Mamona no Ceará", a produção da mamona torna-se viável economicamente para o pequeno produtor através de subsídios governamentais. "Tendo em vista todos os benefícios futuros que o biodiesel traz para o país, ele deve ser subsidiado, nesta fase de consolidação da cadeia produtiva", explica.

Diversos fatores poderão contribuir, segundo Ricardo Mendes, para tornar a mamona sustentável. "A melhor organização dos produtores por meio de cooperativas de pequenos produtores, por exemplo, aliado ao melhoramento genético desenvolvido pela Embrapa visando aumentar a produtividade", conclui.



Foto: Camila Gadelha

Bioreator da Embrapa: aumento na escala de produção de vitaminas

Pensar para cobrar

Por Camilla Viégas

O Artigo 212, da Constituição federal de 1988, que foi alterado pela Emenda Constitucional 14/96, obriga a destinação de verbas públicas por todas as esferas governamentais do país. O básico geralmente é cumprido, pois, se não fosse, resultaria em penalidades administrativas ao gestor. Porém, o que deve se questionar é se isso é realmente suficiente para proporcionar uma educação de qualidade.

Não é preciso fazer análises criteriosas para constatar que o atual quadro da educação brasileira é preocupante, apesar das exceções. O problema é que verdadeiramente existem verbas para tais ações, entretanto a execução tem demonstrado despreparo dos responsáveis pelo planejamento deste setor. Ou seja, é necessário que, além de se requisitar financiamento para a educação, voltemos a pensar a base do processo inteiro e não apenas as questões de trato orçamentário. Só assim pode-se constatar uma melhoria nesse quesito tão importante para o desenvolvimento de qualquer país.

Transformações a partir do REUNI já são sentidas na Universidade

Entre as mudanças na UFC decorrentes do Reuni estão o aumento de cursos no vestibular 2010, a construção de novas unidades acadêmicas e a contratação de novos professores

Por Pedro Guimarães

No segundo semestre de 2007, a Universidade Federal do Ceará (UFC) aderiu ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), em meio à polêmica. Alunos, professores, servidores e sociedade questionaram a real intenção do investimento e o valor das anunciadas melhorias. Independente das mudanças anunciadas, podemos perceber algumas transformações por que passa a Universidade.

Clara mudança proporcionada pelos recursos provenientes do programa de reestruturação é a oferta de novos cursos para o vestibular 2010. São 19 opções a mais para o aluno que decidir ingressar na UFC, e todos os campi são beneficiados.

O quadro de professores também melhorou. Em 2008, 100 professores efetivos foram contratados em regime de dedicação exclusiva, em Fortaleza, para reposição das faltas. Para este ano, das 185 vagas de docentes efetivos previstas, 170 já foram lançadas em editais.

Para pós-graduação, os cursos do Reuni foram responsáveis pela implantação de 20 novas bolsas de mestrado e 50 de doutorado em 2008.

Sobre a criação de novos cursos de pós-graduação, a UFC já atingiu a meta inicial quando da adesão ao Reuni: aumento de 20% dos cursos de mestrado e 30% de doutorado. E estão previstos para 2010 outros quatro novos mestrados e três doutorados.

A partir de edital em 2007, mais de um milhão de reais foram gastos na aquisição de novos equipamentos, com prioridade para a graduação. Com o mesmo enfoque, lançou-se edital seguinte, em dezembro de 2008, no valor de R\$ 2 milhões.

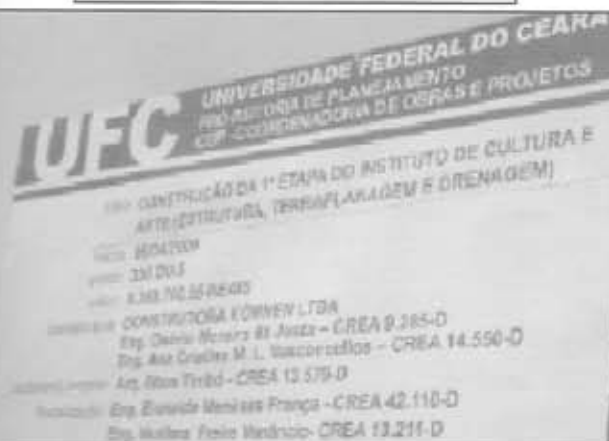
Novas unidades acadêmicas também estão sendo criadas a partir dos recursos do Reuni, como o Instituto de Cultura e Arte (ICA), o Instituto de Ciências do Mar (Labomar) e o Instituto UFC-Virtual (em processo de discussão).

Dificuldades na apuração

A construção da sede do Instituto de Cultura e Arte (ICA) foi motivo de acalorados debates. A ideia inicial, no terreno onde está localizada a Casa de José de Alencar, em Messejana, foi impedida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Seguiu, então, para o Campus do Pici. De acordo com o site da Universidade, a sede do ICA está em fase de construção. Com previsão de entrega para o início de março do ano que vem, contudo, as obras não parecem estar em desenvolvimento (*ver fotos*).

Esta reportagem se propunha a analisar os investimentos do Reuni pela visão da UFC. Contudo, o repórter tentou, insistentemente, contato com professor Dr. Custódio Almeida, atual diretor do Instituto, não obtendo retorno para as perguntas encaminhadas. As questões procuravam trazer à luz valores das principais obras com recursos do Reuni e prazos de conclusão.

O acesso a outras fontes da Pró-Reitoria também foi difícil. Se negavam a fornecer os dados pedidos alegando a necessidade de autorização do pró-reitor. Coube, então, a este repórter, lapidar seu texto apenas com os dados contidos no site da Pró-Reitoria de Graduação (www.prograd.ufc.br). Tendo como base única os resultados favoráveis presentes no site, o texto parece um release de divulgação das boas ações decorrentes do Reuni na UFC.



Fotos: Gisele Cavallini





Crédito: Arquivo Liga

Integrantes do Projeto Liga Experimental de Comunicação

Quando a Experiência fala mais Alto

Aprender na prática: mesmo sem recursos, empresa júnior abre portas

Por Natália Lima

Imagine-se conseguindo estágio na sua área ainda no segundo semestre de faculdade. Impossível? Não. Isso aconteceu com o estudante Caio Mota, aluno de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Apresentando spots (comerciais para rádio) que a Liga Experimental de Comunicação – agência do curso de Comunicação da UFC – produzira, Caio foi contratado pela D&E para trabalhar nas rádios filiais à empresa. “Até então, minha única experiência com rádio havia sido na Liga”, disse Caio que, ao elaborar spots para a rádio comunitária do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), aprendeu muito da linguagem radiofônica e das técnicas de escrita e locução. Isso agradou a D&E e lhe rendeu a vaga para estágio.

Caio é um dos vários estudantes que se beneficiaram com o trabalho das empresas juniores. Criadas e administradas por estudantes universitários, com auxílio de um professor-orientador, essas empresas querem obter a prática do que é aprendido em sala de aula. A Liga Experimental de Comunicação funciona como projeto de extensão que procura dar

formação teórica e prática aos estudantes que buscam uma experiência diferenciada na Universidade. “Existe uma chamada geral, convidando os alunos do curso, de todos os semestres para participar”, comenta João Carlos Bento Filho, que já está no seu segundo ano de participação na Liga.

Mas a Liga também encontra certas barreiras no quesito financeiro. Os recursos disponíveis ainda são pequenos. A quantidade de bolsas de extensão para o projeto é reduzida: apenas uma; e os estudantes não recebem pelo trabalho. “O aluno é completamente voluntário”, explica Glícia Pontes, coordenadora da Liga Experimental e do curso de Comunicação Social da UFC. “Outro problema do nosso projeto é a estrutura física. Nós precisaríamos ter uma sala exclusiva, com muitas máquinas, computadores. E isso a gente não tem.”, finaliza.

Apesar desses detalhes, a participação ativa em uma agência de comunicação é sempre bastante positiva para o currículo de qualquer estudante. Vale a pena conhecer a Liga e viver essa experiência. Mais informações: www.liga.ufc.br

A ideia que deu certo

Ao se formar na Universidade, a maioria dos jovens se depara com a dura realidade do mercado de trabalho. Nem toda empresa julga suficiente apenas a formação acadêmica dos seus candidatos. A experiência profissional é muitas vezes o grande diferencial para ser contratado. É com esse objetivo que surge, em 1967, na França, o Movimento Empresa Júnior (MEJ). Pouco mais de dez anos depois, nos anos 1980, o sucesso do modelo francês é difundido para diversos países.

A experiência chega ao Brasil em 1988, por iniciativa da Câmara de Comércio Brasil-França. Em sete anos, o Movimento Empresa Júnior brasileiro já atinge o número de 100 empresas. Hoje são mais de 22.000 universitários de 200 Instituições de Ensino Superior trabalhando em cerca de 700 empresas juniores. Com o crescimento do MEJ no Brasil, surgem federações estaduais e até mesmo uma confederação nacional. A Brasil Júnior – Confederação Brasileira de Empresas Juniores – é, hoje, o órgão máximo regulador, garantindo a qualidade e um padrão estrutural mínimo.

Mais da metade das empresas juniores é na área das Ciências Humanas e desenvolvem projetos de consultoria a micro e pequenas empresas. Em Fortaleza, a empresa júnior mais conhecida é a ADM Soluções, do curso de Administração da Uece (Universidade Estadual do Ceará).

Informações: www.admsolucoes.com.br

> OPINIÃO

Qual a cara do movimento estudantil?

Por Amanda Sampaio e Raquel Dantas

Típico estilo "movimento estudantil": aquele jeito barbudo de ser (se for homem), um largado bem à vontade, uma chinela havaiana, que é sempre bom para os pés, aquela bolsa de pano que não pode faltar e um guarda-roupa variado de camisas de encontro. Para além do visual, um estudante militante é aquele que se dedica inteiramente ao movimento e esquece da faculdade. É aquele que não vai para aula porque está sempre em alguma atividade do movimento que não pode faltar e, ainda por cima, tenta cooptar os colegas a fazerem o mesmo. É aquele que fala um "militanês" rodeado de siglas e que tem um discurso inflamado. Eis o perfil para entrar no time.

É esse o movimento estudantil que você conhece? Então está na hora de rever os (pré)conceitos. Tudo bem, a parte do visual a gente pula. Mas seja generoso, se você observar bem, isso não é uma regra.

O principal conceito a ser desmistificado é essa história de que quem participa do movimento estudantil não quer nada com os estudos. Dando um exemplo próximo a nós, peguemos o grupo que forma a atual gestão do Diretório Central dos Estudantes da UFC, o nosso DCE. Converse com eles, pergunte que curso fazem e que atividades extra-aula eles participam dentro da universidade. A maioria, se não forem todos, são alunos que participam de grupos de estudo ou que tem bolsa

de pesquisa ou então fazem estágio (quando não os três juntos). Agora imagine o que é fazer tudo isso e ainda ter fôlego para se preocupar com Diretório/Centro Acadêmico, DCE, coletivos, executivas de curso... ufa!

Outro ponto importante que não pode ficar de fora é o perfil militante, que talvez possa deixar de lado muita gente que venha a se interessar pelo movimento estudantil. Se tratando de estudantes, olhe ao redor na sua universidade e veja quantas pessoas diferentes nós temos à nossa volta. O movimento estudantil, claro, acaba agregando pessoas com ideias e anseios parecidos, mas isso não quer dizer que todos sejam iguais. É, inclusive, importante para o próprio movimento que pessoas diferentes, com pensamentos e experiências distintas participem para que o movimento tenha realmente a cara dos estudantes. Se nós temos um movimento estudantil que atua pensando nos estudantes e representando-os, nada mais justo do que tentar atender a essa diversidade.

Nossa intenção, aqui, mesmo que breve, foi tentar mostrar algo que está além desses pré-conceitos. É claro que o movimento estudantil não está livre de problemas e vícios, mas é justamente através da participação de novas pessoas e de seus olhares que podemos transformá-lo e quebrar os estereótipos. O que permanece é a vontade que une esses estudantes: a busca pela transformação social, que deve ser construída também nas universidades. O período estudantil vai fazer parte de nossas vidas de formas distintas e cabe a nós fazermos alguma diferença como estudantes, seja trocando experiências, valores, olhares ou, simplesmente, compreendendo que o nosso aprendizado e ações na universidade estão muito além da sala de aula.

ANDRÉ "JEDI", ANALISTA DE PROJETOS E INTEGRANTE DO GRUPO DE EXTENSÃO BALBUÇO

ANDRÉ NOGUEIRA, REDATOR. DONO DA FLEX COMUNICAÇÃO. GANHADOR DE MAIS DE 30 PRÊMIOS DE PUBLICIDADE

CHICO NETO, DIRETOR DE ARTE. RESPONSÁVEL PELO PROJETO GRÁFICO DA SEVEN MAGAZINE.

Há 10 anos, eles ouviam poucas e boas em relação ao curso de Publicidade e Propaganda da UFC. Hoje, são profissionais de destaque em suas áreas. Nada que o tempo não resolva.

2009: 10 anos de Publicidade e Propaganda UFC.

Realização

COM A UFC ANO

Universidade Federal do Ceará

Ministério Público garante direito indisponível

Adolescente com doença neurodegenerativa rara tem acesso a tratamento médico após ação do Ministério Público Federal

Foto: Claudio Landim



Qualquer cidadão pode fazer uma denúncia ao MPF

Por Arilo Assunção

Aos quinze anos de idade, Valéria* apresentou sintomas como movimentos involuntários, dificuldades com o andar, mudanças na fala e ocasional dificuldade de deglutição dos alimentos. Após vários exames, um laudo médico apontou que ela sofre de uma doença neurodegenerativa rara, chamada Doença de Niemann - Pick tipo "C". O único tratamento eficaz para a doença é realizado com o uso do medicamento Zavesca, que não é comercializado no Brasil. A dosagem mensal prescrita custa, aproximadamente, 8 mil dólares.

Na condição de professores universitários, sem contar com maiores condições para adquirirem o remédio, os pais de Valéria resolveram acionar o Estado do Ceará, através da Secretaria de Saúde. No entanto, a negativa veio sob forma de dois argumentos: um de que o preço do medicamento era muito alto e o outro de que ele não era reconhecido pela Agência Nacional de Vigilância

Sanitária (Anvisa). Foi quando o pai, Jairo*, recorreu ao Ministério Público Federal (MPF).

"Eu não sabia que qualquer cidadão poderia representar junto ao Ministério Público, mas fui aconselhado por amigos advogados a fazer a representação.", conta Jairo. O procedimento foi relativamente simples: Jairo enviou uma solicitação de encaminhamento e, dias depois, foi recebido pelos procuradores. "O cidadão pode fazer sua queixa, sua representação. Nós abrimos um procedimento administrativo e desenvolvemos uma investigação para apurar aqueles fatos, colhendo todo material probatório para analisar o que deve ser feito no caso.", explicou a procuradora da República, Nilce Cunha Rodrigues.

No episódio envolvendo Valéria, o MPF entrou com uma Ação Civil Pública, instrumento jurídico destinado a proteger interesses difusos e coletivos, responsabilizando quem comete danos contra tais interesses. Os réus da ação foram o Município,

o Estado e a União, que, segundo a Constituição Federal, dividem a responsabilidade pela promoção do Sistema de Saúde Pública.

A Justiça Federal na primeira instância, no entanto, extinguiu a ação, afirmando que o MPF não tinha competência para promover Ação Civil Pública, pois se tratava de um pedido referente a uma única pessoa, maior de dezoito anos, que deveria acionar um advogado particular ou recorrer à Defensoria Pública, se não pudesse pagar o advogado.

"Nós recorremos dessa decisão porque o Ministério Público é parte legítima para pleitear todo e qualquer direito individual, desde que ele seja indisponível, como nos casos que envolvem a saúde e a vida.", conta Nilce Rodrigues. Ela explica que a atuação do Ministério Público abrange o coletivo, a sociedade, para defender um número indeterminado de pessoas e que os direitos individuais devem ser buscados, através dos advogados, à exceção dos direitos individuais indisponíveis. "O Ministério Público tem por finalidade defender um número indeterminado de pessoas, até a sociedade inteira, dependendo do caso, e não os direitos individuais, pois aí compete a um advogado ou defensor público. Mas quando se trata de um direito individual indisponível, nós temos legitimidade para atuar e isso já é algo reconhecido.", explica.

O Tribunal Regional Federal (TRF) da 5ª Região, onde são julgados os processos em segunda instância, originados no Ceará, acolheu os argumentos do MPF, reformou a primeira decisão judicial e concedeu a Tutela Antecipada, obrigando os réus a fornecerem imediatamente os remédios pedidos na Ação Civil Pública. No dia 25 de setembro, foi a vez do Supremo Tribunal Federal (STF) deferir o pedido do Ministério Público, obrigando, definitivamente, Estado, União e Município a fornecer o tratamento indicado para a doença de Valéria.

* Nomes fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

Mais

Você pode denunciar ao Ministério Público Federal pela internet, através do site www.prce.mpf.gov.br, ou pelo telefone 3266-7300. A sede do MPF no Ceará fica na Rua João Brígido, 1260 - Joaquim Távora.

“A formação é a coluna vertebral de qualquer organização”

Setembro de 2009, estudantes de Comunicação passaram pelo seu I Curso de Formação Política de Comunicação (CFPCOM), realizado em Aracaju (SE) pela Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecos). A iniciativa surgiu com o movimento estudantil de Agronomia, mas todo o movimento estudantil começa a despertar para a importância da formação e formulação política.



Foto: Fernando Correia

Sala da aula do I Curso de Formação Política de Comunicação (CFPCOM), realizado em Aracaju (SE)

Entrevista com Celso Aquino, coordenador da Regional VIII da Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB-Via)

Por Amanda Sampaio e Raquel Dantas

Linha de Corte: Como surgiram os cursos de formação política?

Celso Aquino: A retomada dos espaços de formação política para o ME teve início em 89, quando a Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB), em conjunto com outras organizações, como a Executiva Nacional dos Estudantes de Veterinária (ENEV), analisando que a universidade formava profissionais comprometidos com a disseminação do pacote tecnológico da revolução verde e que desconheciam a realidade do campo brasileiro, criou o Estágio de Vivência. Com o fortalecimento do EV, e a necessidade de formação política do ME em outras áreas além das agrárias, dois anos depois da primeira experiência outros cursos começaram a construir o EV, fazendo com que ele se chamasse EIV (Estágio Interdisciplinar de Vivência).

Por entender que a formação deve ser contínua, em 2001, houve a realização do Estágio Profissional em Cooperativas de Assentamentos do MST dando continuidade ao processo do EIV. A partir da experiência do Estágio Profissional, pensou-se em um espaço de formação com o foco na teoria marxista e nos elementos necessários para embasar os estudantes quanto à questão agrária. Surge, então, a primeira proposta do CEPA – Curso de Economia e Política na Agricultura, em 2001. O que se vê de forma geral nos Cursos de Formação Política do ME, é uma aproximação com o CEPA, aliando a compreensão da área de atuação profissional numa perspectiva transformadora com a compreensão da teoria marxista como

método de análise e alteração da realidade. Sendo as duas de fundamental importância para a construção de uma organização que colabore com a luta dos trabalhadores para sua emancipação.

LC: Que reflexos os CFPs trazem para a militância do ME?

CA: Os CFP's têm o papel de munir a militância estudantil com uma base teórica para superação desse atual sistema opressor e desumano em que vivemos. Não se pode falar nos Cursos de Formação Política para o Movimento Estudantil, sem se falar no que se acredita sobre formação. A formação está intimamente ligada a um horizonte claro e a uma ação. A formação deve contribuir com a estratégia, o programa e a organicidade de uma organização. Entendemos a formação como o ponto a partir do qual nos possibilita compreender qual o papel das organizações dentro da luta de classes em diferentes momentos históricos. Possibilita ainda analisar a conjuntura e traçar táticas adequadas ao momento, fortalecendo o trabalho de base e as lutas sem perder a intencionalidade da organização.

Formação é um processo, e não um ato, para elevar o nível de consciência da militância. Por isso, deve ser pensado não apenas enquanto uma intervenção pontual. Não basta pensar o conteúdo político de espaços pontualmente, a teoria deve acompanhar a prática. E esta última se concretiza no trabalho e na luta. Como método pedagógico, os CFPs se apóiam nas bases do Método Pedagógico do Instituto Josué de Castro,

como instrumento de uma educação libertadora onde não se dissocie a teoria e a prática, e privilegie a pedagogia do exemplo ao invés da do discurso, valorize a coletividade ao invés do individualismo que o capitalismo nos coloca, expressa também a importância do trabalho como transformador da natureza e por sua vez do próprio homem.

LC. Hoje, existe um tabu ao se falar sobre socialismo, mas os CFPs trazem um recorte político claro. Qual a importância desse debate para a militância estudantil?

CA. Existe uma grande dificuldade de falar em transformações sociais, socialismo, de Marx, pelo caráter hegemônico de sistema que o capitalismo impõe sobre nossas vidas. Como o único e possível modo de viver na atualidade. Porém esse mesmo capitalismo é o causador das piores degradações sociais, ambientais, econômicas, humanas do globo. É nesse contexto de hegemonia capitalista e aumento das mazelas sociais, que enxergamos a importância do marxismo, como método de análise e superação dessa atual sociedade, rumo a uma sociedade sem exploração do homem pelo homem, socializante dos meios de produção, que cuide do nosso meio ambiente, que valorize o ser humano. Por isso se faz um recorte de classe claro nos cursos de formação do movimento estudantil. Pois os problemas que o capitalismo nos oferece são estruturais, como a fome, por exemplo, e só iremos superá-los de fato com a superação do próprio sistema. É fundamental para qualquer organização que se propõe a ser transformadora, uma teoria transformadora. A formação é a coluna vertebral de qualquer organização.

Intercâmbio: uma forma de descobrir que o mundo é pequeno

Foto: Arquivo pessoal



Débora durante intercâmbio nos Estados Unidos

Por Camila Gadelha e Denise Barbosa

Conhecer outras culturas e realidades é o sonho de muitos estudantes universitários brasileiros. Várias universidades no país mantêm convênios com instituições estrangeiras para enviar e receber estudantes e proporcionar intercâmbio de conhecimentos acadêmicos e humanos. Atualmente, a Universidade Federal do Ceará (UFC) mantém convênios com mais de 60 universidades em 17 países.

Foi a partir de um desses convênios que Débora Maia viajou para os Estados Unidos em agosto de 2006 e passou 6 meses na University of Louisiana, em Lafayette, no estado norte-americano da Louisiana, sul dos Estados Unidos. Débora estudava Engenharia Química na UFC e, nos EUA, cursou cadeiras relacionadas à Engenharia de Petróleo, além de francês e inglês.

A estudante brasileira recebia uma bolsa mensal de \$ 750 (equivalente, na época, a R\$ 1.650,00) de um convênio entre a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e a FIPSE (sigla em inglês para Fundo de Estímulo à Educação Superior).

Perguntada sobre as dificuldades, ela ressalta que foram poucas e que os colegas brasileiros que estavam lá ajudavam bastante. As van-

tagens ela faz questão de lembrar e recorda do período com saudade. "O ser humano é muito adaptável e quem tem a mente e o coração abertos sabe tirar proveito de cada momento.", diz.

A UFC também proporciona a mobilidade de alunos estrangeiros interessados em uma graduação no Brasil. Esse é o caso de Emerson da Silva, 26, aluno do curso de Comunicação Social da UFC e integrante da equipe Linha de Corte. Ele morava na Guiné-Bissau e veio fazer intercâmbio no Brasil, a partir do Programa de Estudantes -Convênio de Graduação (PEC-G).

"Já era apaixonado pelo país.", diz Emerson. Segundo ele, a escolha por fazer intercâmbio no Brasil aconteceu pela influência do primo, também selecionado pelo PEC-G e que, hoje, cursa Ciências Sociais na Paraíba; e por propagandas em TV e rádio, feitas por parte da embaixada brasileira em Guiné-Bissau.

Uma das grandes dificuldades para Emerson no Brasil foi a questão financeira. "O dinheiro que os nossos pais mandam em muitos casos não corresponde ao nível do custo de vida da cidade ou do estado.", diz Emerson. Segundo o estudante, é preciso fazer um certo "malabarismo" com as contas para que possa controlar os gastos relativos a aluguel, alimentação, transporte, telefone e lazer.

> CONFECOM

A I Conferência Municipal de Comunicação de Fortaleza aconteceu na Faculdade Marista, nos dias 16 e 17 de outubro. Os debates apresentaram um recorte local, mas tendo em vista o tema da Conferência Nacional: "Meios para a construção de direitos e cidadania na era digital". Como resultado foi divulgada a Carta de Fortaleza, com resoluções no âmbito municipal, e um conjunto de propostas para a I Conferência Estadual de Comunicação realizada nos dias 20 a 22 de novembro, em Fortaleza.

CARTA DE FORTALEZA

Compondo a Carta de Fortaleza, os participantes da etapa municipal elaboraram um conjunto de propostas e diretrizes que devem nortear a atuação dos poderes executivo e legislativo do município. No texto, estão a previsão de desenvolvimento de políticas de incentivo à comunicação comunitária, criação do Conselho Municipal de Comunicação, desenvolvimento de um plano diretor participativo de radiodifusão comunitária, criação de um canal local de denúncia para os abusos da publicidade e de um órgão público municipal regulatório que estimule a qualificação do uso da internet.

ETAPA ESTADUAL

A etapa estadual da Confecom sugere a formulação de um novo marco regulatório das comunicações no País. A sugestão é que se altere a Lei de Imprensa revogada em abril deste ano pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em conformidade com a Constituição. Os 12 Grupos de Trabalho formados apresentaram propostas para serem levadas para a etapa nacional da Conferência marcada para acontecer nos dias 14 a 17 de dezembro, em Brasília.

Foto: Camilla Queiroz



Acervo Moreira Campos, doado pela família do escritor à Academia Cearense de Letras

curso. São cerca de 800 visitantes por dia, interessados, a maioria, em Literatura e em filmes, que podem ser assistidos na sala de vídeo. O horário de visitação é, de terça-feira a sábado, das 10 às 19 horas, e, aos domingos, das 10 às 18 horas.

Avenida Barão do Rio Branco. Em frente à Praça do Carmo um prédio pomposo e vestido de amarelo é a sede do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, criado em 1887. Passando as grades verdes, percorre-se um longo corredor e, ao final deste, já em outro prédio, está instalada a biblioteca do Instituto, riquíssima, com 35 mil títulos, entre livros, almanaques, revistas, jornais. Não há muito de Literatura. O forte mesmo é História, Geografia e Antropologia, como explica a bibliotecária Maria Solange Oliveira. Ela conta que todo o acervo é fruto de doação, desde o começo, “a época de Barão de Studart”, como se refere ao período da fundação do Instituto. Os jornais são as fontes mais procuradas, segundo a bibliotecária, e vários pesquisadores que freqüentam o local estudam genealogia.

A hemeroteca conta com periódicos produzidos nos séculos XIX, XX e XXI, dentre eles A República, O Ceará, O Cearense, O Povo, O Unitário, Diário do Nordeste e outros. Infelizmente, alguns não estão em condições de pesquisa, mas foram

contemplados por um projeto do Ministério da Cultura que está digitalizando o acervo hemerográfico para disponibilizá-lo, como já foi feito com a revista do Instituto, no site da casa. Além disso, 12 mil documentos manuscritos também estão em processo de restauração e digitalização. Dentre esses documentos, vários pertencentes a Capistrano de Abreu, cearense considerado um dos mais importantes historiadores brasileiros.

Por contar com vasto e raro acervo, a biblioteca acolhe vários pes-

quisadores que são presença constante: “tem um senhor que estuda o futebol. Ele vem aqui há muitos anos, já tem o cantinho dele ali”, diz Solange. Pessoas de fora do Ceará ligam a procura de informações ou se destacam até Fortaleza para pesquisar no Instituto. Há ainda obras muito raras que ficam num cofre. Sobre isso, Solange conta a história de uma pesquisadora alemã, que depois de muito insistir conseguiu o aval da direção do Instituto para ter acesso a esses livros e poder, assim, concluir sua pesquisa.

Dos 35 mil títulos, 14 mil encontram-se catalogados no sistema virtual que está disponível para consulta pelos usuários. O acervo não pode ser xerocado, mas fotografias são permitidas. Entretanto, para isso, o usuário paga uma taxa de R\$1,00 por página de jornais, e, no caso de livros, 5 reais para fotografar até 20 páginas e, além desta quantidade, 50 centavos por fotografia.

A única renda fixa de que o espaço dispõe é a cota paga pelos 40 sócios e o aluguel dos fundos da propriedade, que funciona atualmente como um estacionamento. O que tem acalmado mais os freqüentadores são os diversos projetos ganhos, embora isso seja passageiro. Recentemente, o Instituto conseguiu mais verba e pôde estender o horário de visitação à biblioteca. Antes, era só pela tarde. Agora, o local está aberto das 8 às 12 horas e das 13 às 17 horas.



Foto: Camilla Queiroz

Livro de Barão de Studart sobre a história do jornalismo cearense.

Leituras da cidade

Na trilha do saber no centro de Fortaleza

Por Camila Queiroz e Emerson da Silva

O livro é dupla delícia, já dizia Mário Quintana: "Traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado". Para quem é apaixonado pela leitura, Fortaleza conta com bibliotecas. Reivindicadas há bastante tempo – o pessoal da Padaria Espiritual usava bastante o jornal O Pão para pedir esse equipamento cultural –, muitas são mantidas sem apoio do Governo do Estado ou da Prefeitura, estando a cargo de quem ama a memória e o saber. O Linha de Corte apresenta três bibliotecas da cidade – a da Academia Cearense de Letras, do Centro Cultural Banco do Nordeste e do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará –, todas no Centro.

Rua Rosário, 1. Ao lado da Igreja do Rosário, construída pelos escravos no século XVIII, o prédio que um dia abrigou o Palácio da Luz é ocupado pela Academia Cearense de Letras, desde a década de 1980. No imponente corredor, a atmosfera tem um quê de nobre e severa. O piso é de madeira; as estantes, antigas e de madeira bem trabalhada dão abrigo a livros doados pelas famílias de escritores cearenses, como Moreira Campos, Fran Martins e o primeiro reitor da Universidade Federal do Ceará, Antônio Martins Filho, além do acervo do Clã, grupo literário cearense fundado em 1943, do qual participaram inúmeros escritores de renome. Também chama a atenção uma estan-

te da antiga Academia Francesa de Letras – Zolas, Baudelaires, Rimbauds, Prousts, todos em edições lindas e antiqüíssimas, do fim do século XIX – e um arquivo com as correspondências do escritor Milton Dias.

Adentramos a biblioteca Justiniano de Serpa. Ali estão livros e periódicos raros, reunidos desde a fundação da Academia, em 1894, a partir de doações. Regina Paiva, bibliotecária, estima que o acervo total da Academia seja de 20 mil títulos. "São muitos livros raros. Tem números do Almanaque do Ceará que só estão aqui. Além de revistas literárias como a Fon Fon e a Valor, e a própria revista da Academia. Temos também as leis do Ceará, recentemente reeditadas pela Assembléia Legislativa – os números de 1835 a 1861 só havia aqui – e vários livros do Gustavo Barroso", diz, orgulhosa e ciente do valor do acervo.

A biblioteca não recebe tantos visitantes, mas o público é, em sua maioria, de pesquisadores em História ou Literatura. Alguns são "cadeira cativa". "Ah, tem gente que já sabe onde é que estão os livros. Tem o 'seu' Claymilton, policial aposentado, que vem sempre aqui fazer pesquisas e a gente faz de tudo pra ajudar. Tem até uns momentos de distração juntos, às vezes", conta Regina.

O espaço é mantido pelos acadêmicos e está aberto a visitação de segunda a sexta, das 8 às 13 horas. Alguns livros podem ser xerocados, porém a saída só é permitida se acompanhada por algum funcionário da Academia.

Pegamos uma pequena travessa e entramos à esquerda na Rua Floriano Peixoto. Próxima parada: o Centro Cultural Banco do Nordeste. A biblioteca foi criada junto com o Centro, em julho de 1998. O espaço é bastante moderno e conta com trabalhos de artistas cearenses contemporâneos na entrada. Aqui não há livros raros, entretanto, dá gosto de ver: tudo muito bem iluminado e arrumado, títulos novos e bastante recentes. Também



A biblioteca do CCBNB chama a atenção pelo estado de conservação dos livros - quase todos novos

estão disponíveis revistas nacionais e jornais diários. "O Centro dispõe de uma verba mensal, garantida, só para a aquisição de livros. Então estamos sempre comprando novos títulos e/ou repondo os exemplares velhos, que doamos", explica Ana Maria Amaral, bibliotecária.

A biblioteca dispõe de 15 mil livros, periódicos, DVD's e, mais recentemente, áudio-livros, para pessoas cegas. Há um acervo infanto-juvenil e um acervo Braille (com 300 títulos), duas salas de estudo em grupo, uma sala de estudo individual, duas salas de vídeo e uma sala de áudio. Além disso, a biblioteca virtual conta com 15 computadores e cada pessoa pode ter acesso a Internet durante uma hora por dia. São oferecidos dois cursos de Internet por mês – um básico e um intermediário – e, duas vezes ao ano, um curso específico para a inclusão das pessoas da terceira idade no mundo virtual.

O público é de pessoas que circulam no Centro da cidade e, principalmente, de jovens que se preparam para o vestibular ou outros con-



Livros de Gustavo Barroso e Antônio Sales, encontrados na ACL

> EDITORIAL

É importante para a construção do saber ter professores qualificados, ambiente de agradável convivência e estrutura física necessária. Tão importante quanto isso é errar. O erro torna o aluno mais atento, despertando a consciência da dimensão que seus atos podem ter.

Na primeira edição do jornal Linha de Corte percebemos erros que serviram para o aprendizado. Os alunos reunidos puderam identificar a importância da revisão bem feita e de estar atento às regras gramaticais. Os cuidados com os detalhes é imprescindível para um jornal bem feito, que dê prazer ao leitor.

Erramos, ainda, na apuração de uma matéria. Erramos todos, pois o jornal é de responsabilidade de uma turma. Num texto sobre empresas juniores, a Liga Experimental de Comunicação, da UFC, foi o destaque. A Liga, embora semelhante em alguns aspectos, não é empresa júnior. Depois de discutirmos internamente, tivemos palavras importantes de professores que nos mostraram como tirar ensinamento dessa situação,

afinal, o erro também faz parte do Jornalismo e é constante no dia-a-dia profissional. O descuido procura ser corrigido nesta edição através de artigo de opinião esclarecendo a Liga.

Outra experiência que nos aproximou da realidade da profissão foi a dificuldade para obter informações. Percebemos, claramente, como algumas pessoas e instituições não têm interesse em dar as informações, mesmo que estas devam ser de conhecimento da comunidade.

No número anterior deste jornal, duas reportagens que envolviam a Universidade Federal do Ceará foram dificultosas devido às fontes. Os alunos, depois de muita insistência e de promessas mal sucedidas de retorno por parte dos entrevistados, tiveram de modificar a pauta original e seguir sem a informação desejada.

Não podemos negar que saímos desta experiência de Jornal Laboratório mais amadurecidos, um pouco mais preparados para entrar, logo, no mercado de trabalho. Acreditamos que a principal função desta disciplina, ensinar, foi bem sucedida. Felizmente.

> OMBUDSMAN

Por Ronaldo Salgado

Jornalista e professor da Universidade Federal do Ceará desde 1988

O problema do blecaute que atingiu 18 estados brasileiros entre os dias 9 e 10 de novembro é emblemático para analisar a atuação da imprensa brasileira não só agora, nas circunstâncias atuais. O foco deve ser ajustado para o ano de 2010, quando teremos eleições presidenciais. A cobertura da imprensa foi partidarizada, com um enfoque do problema mais pela ótica política do que pelo prisma técnico. Os jornais, capitaneados pela Folha de São Paulo, esforçaram-se para imputar a culpa à ministra Dilma Roussef, candidata do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Entenda-se: a ministra ocupa hoje a Casa Civil do Governo Lula, mas entre os anos de 2003 e 2005 foi ministra das Minas e Energia. Pela ótica da cobertura jornalística, Roussef tem responsabilidade pelo

“apagão”, mesmo estando fora daquele ministério há quatro anos. Objetivo da linha editorial seguida pelos grandes jornais: apagar a condição de técnica competente que Roussef detém desde quando esteve à frente do Ministério das Minas e Energia.

À população brasileira o que menos importa é esse viés político, que, aliás, interessa ao PSDB e ao Partido Democrata, como uma bandeira eleitoral a desqualificar a suposta competência técnica de Roussef. O mais importante para os brasileiros é garantir o fornecimento de energia com qualidade, segurança e estabilidade, evitando prejuízos com a perda de equipamentos elétricos e eletrônicos danificados em função do “apagão”. Ou seja, importa uma explicação técnica das autoridades e, na hipótese de falhas operacionais e humanas no sistema, a punição dos responsáveis em todos os níveis.

Portanto, olho vivo na cobertura jornalística durante o decorrer de 2010, sob pena de acessar conteúdos jornalísticos com viés político-eleitoral.

> OPINIÃO

Por Glícia Pontes

Coordenadora do Curso de Comunicação Social da UFC e da Liga Experimental de Comunicação

A Liga Experimental de Comunicação surgiu da iniciativa de estudantes do Curso de Comunicação Social da UFC que sentiam a necessidade de criar um espaço onde houvesse a articulação entre publicidade e jornalismo, teoria e prática, universidade e sociedade.

Todas essas questões foram discutidas árdua e democraticamente na construção do projeto, em especial a função social da universidade pública e suas ações de diálogo com a sociedade no que tange a área de comunicação. Definimos então que a Agência Experimental do Curso deveria ter o formato de projeto de extensão, pois, dessa forma, contemplaríamos todos os pontos pensados como centrais e, sobretudo, contribuiríamos para uma formação humanística, crítica e ética dos estudantes.

Sendo assim, a Liga não tem clientes, e sim projetos parceiros; não tem fins lucrativos, e sim fins acadêmicos; não tem como proposta final encaminhar os estudantes para empresas e estágios, mas torná-los mais próximos de ações de movimentos sociais, organizações não-governamentais e projetos da própria UFC.

Além disso, proporcionamos um espaço de reflexão sobre a prática da comunicação dentro da própria Universidade por compreendê-la como lugar ideal para a experimentação de novas linguagens e conteúdos, muitas vezes não contemplados no mercado de trabalho tradicional da área de comunicação. Outra forte característica da Liga é a participação dos estudantes nas instâncias de decisão, na elaboração da avaliação e do planejamento do projeto.

Por todos esses motivos acima listados, consideramos a proposta da Liga diferente da concepção de Empresa Júnior.

Este artigo esclarece o erro de informação presente na edição anterior do jornal Linha de Corte sobre empresas juniores.

Ser estudante africano no Brasil

Por Emerson da Silva

A principal razão da vinda dos estudantes africanos para o Brasil é a falta de estrutura das faculdades nos países africanos, inclusive na Guiné-Bissau. As faculdades que existem em Bissau, em geral, são recentes, com menos de dez anos de funcionamento. A única que é reconhecida em nível internacional é a faculdade de direito, a qual mantém o convênio com a faculdade de Coimbra em Portugal onde todos os anos os melhores alunos que concluíram o curso têm o direito de ir concluir o mestrado em Coimbra.

A maioria dos estudantes estrangeiros no Brasil são de países africanos. Aqui em Fortaleza, a maioria vem de países como Guiné-Bissau e Cabo-Verde. Em Guiné-Bissau todos os anos a embaixada do Brasil lança o comunicado na Rádio e TV para que os pais e encarregados pelos alunos que estão interessados em mandar seus filhos para estudar nas universidades públicas brasileiras possam comparecer à embaixada para se informar melhor.

A rotina aqui em Fortaleza tem algumas dificuldades, principalmente com relação ao preconceito. Isso já é comum aos estudantes africanos aqui no Brasil. Em Fortaleza, existem mais de 500 estudantes africanos e grande

parte deles já sofreram preconceito na faculdade, nos shoppings, na praia, nos ônibus e nos restaurantes. O preconceito existe em todo canto, mas aqui no Ceará é enorme. Segundo o estudante da Guiné-Bissau N'pan Same, o responsável por isso é o que a mídia passa sobre o nosso continente. As imagens de pobreza, fome, corrupção, guerra, doenças sexualmente transmissíveis, como AIDS, sífilis...

As mudanças são muitas, o aprendizado também. A reviravolta na vida pode ser ainda maior, pois além do espaço acadêmico, o estudante deixa o seu mundo, família, amigos e toda uma rotina para trás. Entram num mundo desconhecido por ele, longe de tudo e de todos que faziam parte do seu cotidiano. É necessário ter informação através de seus conterrâneos que já moram no Brasil a algum tempo ou pedir informações sobre a cidade em que o aluno pretende estudar. Essas informações permitem ao aluno planejar as suas despesas durante seus estudos no Brasil.

É aqui que os pais e os alunos cometem erros que podem vir a trazer vários problemas, até a não-conclusão do seu curso. Tudo por causa da situação financeira. A maioria dos estudantes africanos não faz a mínima idéia do que é deixar o seu país de origem com

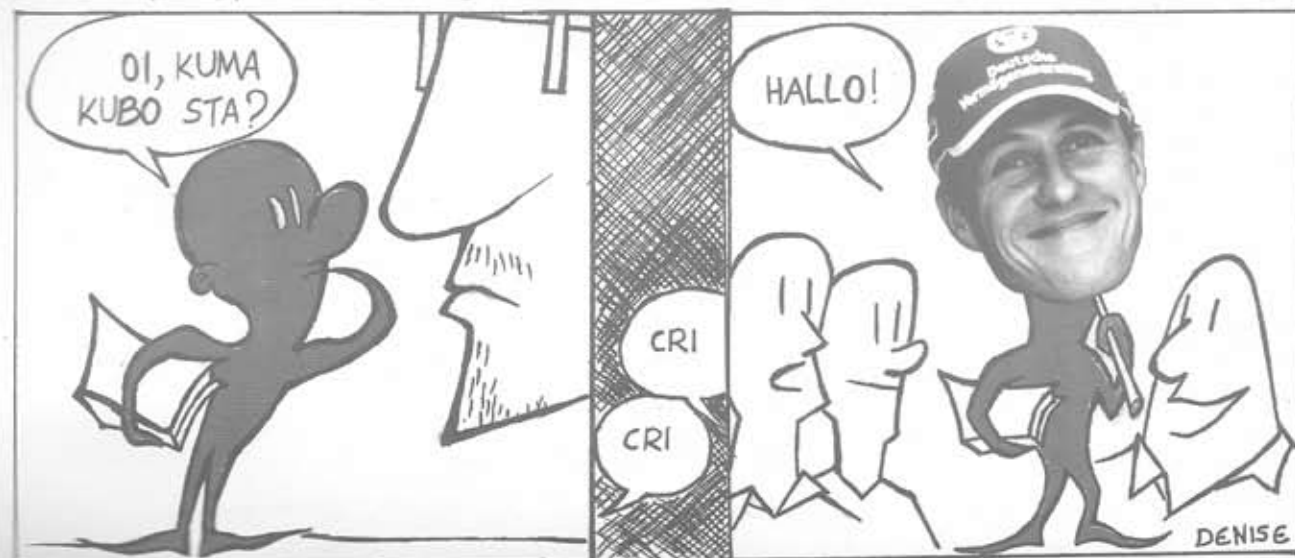
destino a outro continente, onde não tem família, parentes, amigos. Muitos não deram importância a isso antes de saírem do seu país de origem. Há as despesas com os Livros, transporte, alimentação, saúde. No caso das pessoas que vêm para faculdade privada, tem a matrícula, taxas, juros nos atrasos de mensalidade, xerox.

As perguntas mais freqüentes que as pessoas fazem são: Quais são as nossas relações com os outros estudantes do intercâmbio, inclusive com os da Europa?

Felizmente, existe uma boa relação entre nós, só que a realidade dos estudantes africanos aqui no Brasil é muito diferente em relação aos da Europa. Eles são deuses na frente da gente. São recebidos com o maior carinho e respeito. Por incrível que pareça, na faculdade, tenho oportunidade de assistir a vários seminários dos estudantes que vem de Alemanha, Espanha, França. Eles falam português com seus sotaques, mas ninguém tira onda com eles, mas com os africanos a situação é outra. As pessoas começam a rir da gente, alguns ficam dizendo que não estão entendendo nada que a gente está dizendo. Mas apesar de tudo isso, a maioria consegue terminar os seus estudos na faculdade com dedicação, superação e tolerância.

> CHARGE

RECEPTIVIDADE À BRASILEIRA:



LINHA de CORTE

Fortaleza, Ceará - dezembro de 2009 - 2ª Edição - Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social da UFC



Bibliotecas do Centro

Um passeio histórico e cultural pelas bibliotecas do centro da cidade de Fortaleza

pág. 4 e 5

acadêmico:

Laboratório de estudos da violência

"Estamos criando uma juventude no interior da cultura do medo"

pág. 15

cultura:

Mais oportunidades para atores

Nova licenciatura forma atores-educadores

pág. 17

economia:

Xerox de textos acadêmicos

Benefício estudantil ou mercado paralelo?

pág. 11

> EXPEDIENTE

Theatro José de Alencar

Thais Martins, 24 anos,
Estudante do 7º semestre de Jornalismo
da UFC



Linha de Corte é uma publicação da disciplina *Jornal Laboratório*, semestre VII, curso de Comunicação Social - habilitação *Jornalismo*, Instituto de Cultura e Arte (ICA), Universidade Federal do Ceará (UFC).

Edição 02, ano 01.

Tiragem: 1.000.

Impressão: Imprensa Universitária

EDUCAÇÃO

Equipe de reportagem: Camilla Gadelha, Camilla Queiroz, Caroline Avendaño, Denise Barbosa e Emerson da Silva
Coluna: Camilla Gadelha e Denise Barbosa
Diagramação: Louiseanne Lima

POLÍTICA E ECONOMIA

Equipe de reportagem: Amanda Sampaio, Ana Carolina Nogueira, André Bloc, Arilo Assunção e Raquel Dantas
Artigo: Amanda Sampaio e Raquel Dantas
Diagramação: Raquel Dantas

ACADÊMICO

Equipe de reportagem: Camilla Viégas, Natália Lima, Pedro Guimarães, Ranne Almeida
Artigo: Isabela Monteiro
Diagramação: Camilla Viégas, Isabela Monteiro e Natália Lima

CULTURA E ESPORTE

Equipe de reportagem: Ana Cristina Teixeira, Monyse Ravenna, Thais Martins, Thibério Fonseca, Waldenía Marcia

Resenha: Ana Cristina Teixeira
Diagramação: Thais Martins

COLABORADORA

Glicia Pontes

OMBUDSMAN

Ronaldo Salgado – jornalista há 30 anos e professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará desde 1988

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO FINAL

Raquel Dantas, Thais Martins e Louiseanne Lima

PROFESSORA ORIENTADORA

Klycia Fontenele

COORDENAÇÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Glicia Pontes

COORDENAÇÃO DO ICA

Custódio Almeida

REITOR

Jesualdo Farias

CONTATOS

Fones: (85) 3366.7711 e 3366.7718
Site da UFC/ICA: www.ica.ufc.br
E-mail: linhadecorte@gmail.com

Fortaleza, dezembro de 2009.
Avenida da Universidade, 2762,

Benfica, cep: 60020-181

Capoeira: um esporte que luta por espaço

Nascida como forma de luta contra as opressões sofridas pelos escravos no período colonial, e considerada por muito tempo uma prática criminosa, a Capoeira continua resistindo e ganha espaço na universidade

Por Thiberio Fonseca

Quem passa nas noites de terça e quinta-feira pela quadra do Centro de Humanidades I da Universidade Federal do Ceará (UFC), no Campus do Benfica, percebe uma movimentação diferente no local. A partir das seis horas, estudantes universitários e moradores vizinhos ao campus vão chegando e tomando conta da quadra, alguém começa a tocar o tabaque, os três berimbaus e o pandeiro, a roda se forma e o canto se inicia: “sem capoeira não posso viver, sou ‘peixim’ fora do mar, ‘passarim’ sem voar, dia sem clarear”.

Cerca de 30 pessoas se reúnem ali para participar de aulas de capoeira, ministradas pelo grupo Capoeira Brasil. O grupo começou a ocupar a quadra em setembro de 2008, quando Armando Pinheiro, então estudante de Educação Física, resolveu dar as aulas de capoeira para outros estudantes universitários. “Fiz uma divulgação na faculdade com panfletos e com meus colegas do Grupo Capoeira Brasil e de outros grupos de capoeira”, explica Armando que conheceu este esporte há 13 anos.

Na adolescência, Armando cultivou o sonho de viver de capoeira, por isso iniciou a graduação de Educação Física na Universidade Federal do Ceará. “Foi um sonho que eu idealizei... Tornar a capoeira uma profissão pra que eu pudesse viver realmente daquilo”, relembra. Mas os planos do estudante acabaram se desfazendo com a realidade. A capoeira, único esporte reconhecidamente criado no Brasil, não é valorizada pela grade curricular do curso de Educação Física.

O diretor da Coordenadoria de Atividades Físicas e Lazer, do Instituto de Educação Física da UFC, o professor Antonio Barroso Lima, explica que a capoeira está inserida no currículo do curso como um módulo da disciplina de lutas, a qual é optativa. “Apenas a Universidade de Brasília tem a capoeira como uma disciplina obrigatória”, completa o professor Lima. O professor explica que a capoeira possui o estigma de ser considerada mais um espetáculo do que um esporte.

De acordo com o coordenador, a capoeira foi trazida para a UFC pelo mestre Samurai, técnico esportivo do curso de Educação Física que, por volta de 1983, iniciou as aulas direcionadas aos estudantes universitários e à comunidade. Após o falecimento do mestre, a esposa dele, Cleonice Brito, retomou o trabalho. As aulas eram ministradas sob a arqui-bancada da quadra do Céu e depois passaram para o pátio da cantina da Comunicação Social, os dois locais no Centro de Humanidades II, no Campus Benfica. Segundo Antonio Lima, estas aulas ainda funcionam como projeto de extensão e são gratuitas.

Participante do grupo Capoeira Brasil há mais de doze anos, Armando tentou iniciar um projeto de extensão com a capoeira na universidade mas, como já existe um projeto, sua tentativa não deu certo. A graduação em educação física de Armando foi adiada. Ele trancou o curso e prestou vestibular para arquitetura, mas não desiste do grupo. Na terça-feira em que a reportagem visitou as aulas ele estava retornando depois de um período afastado. Ele explica o porquê da paixão pela capoeira: “Você passa a sorrir mais com a capoeira, você passa a ser mais feliz e eu acho que o ser humano tem que ter cultura pra viver, ninguém vive só no mecanicismo”.

Um patrimônio cultural brasileiro

A Capoeira é um esporte caracterizado por movimentos realizados em sintonia com o ritmo, regido pelo toque do berimbau. Os movimentos simulam situações de ataque, defesa e esquivas e são realizados por dois parceiros, rodeados por outros capoeiristas, os quais entoam os cânticos. Os movimentos da capoeira se desenvolvem a partir de um movimento básico denominado gingado. O berimbau, geralmente tocado pelo mestre, é um instrumento sagrado, para os capoeiristas. Seu som não pode ser atrapalhado pelos outros instrumentos (agô, pandeiro e atabaque).

O ritmo que comanda as rodas de capoeira é denominado ijexá, ritmo do candomblé utilizado no culto a alguns orixás, como Yemanjá, Ogum e Oxalá, pra citar os mais conhecidos. É um ritmo de toque lento e suave.

Existem duas prováveis origens do nome capoeira. Uma seria o local onde, geralmente, ocorriam as lutas entre os escravos que fugiam e os seus perseguidores, numa porção das florestas denominada capoeira (mato que nasceu onde outro foi derrubado ou queimado). Outra origem vem do nome das gaiolas

onde os escravos levavam as galinhas ao mercado. Enquanto não se abriam as portas do mercado, ficavam os negros a exercitar seu corpo nos movimentos da capoeira.

Apenas no dia 15 de julho de 2008 a capoeira foi homologada como patrimônio cultural brasileiro. O esporte, que já foi considerado prática criminosa no Código Penal da República Velha, hoje, devido ao reconhecimento, recebe apoio do Ministério da Cultura através do projeto Capoeira Viva, que pretende realizar atividades de promoção e valorização e manifestação do esporte, como atividades educativas, de pesquisa e registro.

Este ano foi lançado o filme Besouro (João Daniel Tikhomiroff, estúdios Miravista / Globo Filmes / Telemage / Mixer, 95 min, 2009). O filme foi realizado com base no livro Feijoadas no Paraíso, de Marco Carvalho, que por sua vez conta a história de Manoel Henrique Pereira, personagem real nascido em 1897, na cidade de Santo Amaro da Purificação, na Bahia. Ele era chamado de besouro por que se acreditava que ele voava, com os movimentos da capoeira, mesmo sem possuir aparente habilidade pra isso, como os besouros.

O Cuca poderá ser, mas ainda não é

Uma visita ao Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte – CUCA abre expectativas sobre novas possibilidades de lazer, esporte e cultura para os jovens de Fortaleza

Foto: Monyse Ravena



Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte

Por Monyse Ravena

Sexta-feira de sol, saio de casa, no bairro Antônio Bezerra, um pouco antes das oito da manhã. Destino? O Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte, inaugurado em setembro deste ano, o já popular Cuca Che Guevara, que fica lá pras bandas do nascedouro de Fortaleza, às margens do rio Ceará, no bairro Barra do Ceará.

Depois de dois ônibus e aproximadamente quarenta minutos de percurso, chego ao meu destino. De longe, a estrutura impressiona: é grande, bonito, paredes claras. Pouco lembra o antigo Clube de Regatas que ficava no mesmo local e de onde foi aproveitada parte da estrutura. Logo na entrada, deparo-me com quase toda a parte esportiva do centro: pista de skate (com nomes escritos com spray), quadra, ginásio coberto e uma piscina.

Falando em esporte e olhando para as paredes percebemos que ali são ofertados cursos em várias modalidades esportivas, para jovens entre 15 e 29 anos. Além de vôlei, basquete e natação, chama atenção também a existência de grupos de capoeira, dança de salão e futebol americano, que não são comumente ofertados em nos-

sa cidade. O anfiteatro, localizado ao lado do ginásio, é mais um espaço para atividades ao ar livre.

Ainda se vê muitos operários trabalhando no acabamento do Centro. Mas, o que mais impressiona é que o Cuca está vazio. Aos poucos, vão chegando alguns jovens, logo descubro que vêm para a aula de informática, mas não são muitos. Pergunto por lá onde está o público e alguns dos funcionários me respondem que, por todo esse ano de 2009, só serão ofertados cursos de pequena duração, somente no próximo ano é que “tudo” começará de verdade.

“Os benefícios advindos do Cuca têm dimensões econômicas e sociais enormes, considerando-se que a sua implantação irá proporcionar uma redução da exposição da juventude a fatores de risco, como a violência, o desemprego, o abandono escolar, e vai atuar sobre os fatores restritivos da sua mobilidade socioeconômica como a falta de qualificação e a desinformação”, afirma Carla da Escóssia, coordenadora do Projeto Cucas. O projeto prevê, além do Cuca Che Guevara, a instalação de mais cinco equipamentos como esse na cidade, a intenção é que exista um em cada regional.

A área total do Cuca é de 14 mil m², contando com ginásio coberto, anfiteatro, pista de esportes radicais, piscina semi-olímpica, campo de futebol de areia, bem como cine-teatro, salas de aula e laboratórios equipados para cursos de fotografia. A linda vista que se aprecia do segundo andar do Centro é impressionante, principalmente, em uma cidade onde quase não paramos pra contemplar. De lá contemplo os verdes mares da nossa cidade, e ainda vejo construções antigas que falam da nossa história e passado para os jovens que ocupam esse prédio novo e sonham com o futuro.

Talvez o que mais tenha valido a pena nessa visita foi conhecer a biblioteca. Poucos leitores é verdade, mas os poucos que lá estavam traziam a curiosidade e a avidez estampadas nos olhos. No balcão, duas funcionárias dizem que o acervo por enquanto ainda é pequeno, 1.700 títulos, mas a promessa é que chegue a 5.000. Oxalá que sim! Dentre os títulos, muitas biografias e livros de literatura política engajada, arriscaria a dizer – de esquerda – confesso que me surpreendi. Mas poucos romances e nada de literatura infantil.

Joana D’arc, coordenadora do Núcleo de Comunicação do Cuca diz que “o jovem ligado ao Cuca hoje tem acesso a diversas linguagens em comunicação e ferramentas fundamentais para uma leitura crítica da mídia e da sua própria emancipação enquanto cidadão. Nosso desafio agora é chegar para mais setores de Fortaleza e fazermos uma rede social destas experiências que também ocorrem em outros cantos do Ceará e do Brasil”.

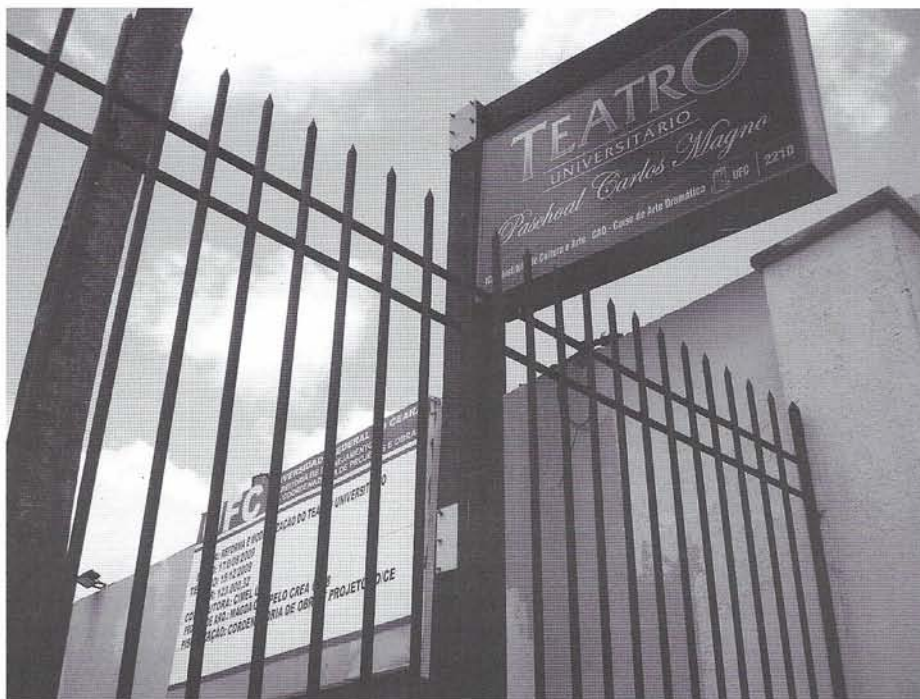
Antes de ir embora quase correndo, porque pra variar já estava atrasada, ainda encontrei um grupo de adolescentes que vinha saindo da aula de informática e aproveitei para perguntar o que tinha mudado com o Cuca: “Ah! Aqui era cheio de ladrão”; “Mudou até demais”; Aqui, a gente vai ter oportunidade”

Em suma, saí com o sentimento de que o Cuca ainda não é, mas poderá ser.

Atores querem ocupar mais espaço nas escolas

Em busca de mais mercado de trabalho, licenciatura em Artes Cênicas é vista como mais uma possibilidade para profissionais da área

Foto: Thais Martins



Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno

Por Waldenia Marcia

Profissionais de teatro estarão mais presentes nas escolas. Essa é uma das promessas da nova licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal do Ceará, UFC. Com foco não só na formação de atores, mas de educadores, o novo curso pretende ampliar a oferta de emprego para os artistas habilitando-os a ocupar a vaga de professor de arte nas escolas.

“Viver de bilheteria é difícil-

mo”, justifica o ator e diretor de teatro Joca Andrade, que vê como oportuna a chegada do novo curso. Para o coordenador da graduação em Artes Cênicas da UFC, Gilson Brandão, mais conhecido como Ghil Brandão, trata-se de ampliar as possibilidades de trabalho e preencher uma carência da educação formal de crianças e adolescentes.

No Ceará, a graduação em Artes Cênicas já é ofertada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tec-

nologia, IFCE, (o antigo Cefet) desde 2000, primeiro como graduação tecnológica e, recentemente, como licenciatura em teatro, confirmando a tendência em formar educadores.

Tradição na formação de atores

Embora a licenciatura da UFC só comece a funcionar em 2010 (já houve oferta para o vestibular), ela nasce de um projeto bem mais antigo: o Curso de Arte Dramática, CAD. Primeira escola de formação de atores do Ceará, o CAD funciona desde 1961. “Ele é quase da idade da universidade”, lembra o diretor de teatro Joca Andrade.

O CAD é um curso livre que forma atores profissionais habilitados a exercer a profissão e obter registro profissional junto ao sindicato e a Delegacia Regional do Trabalho, DRT. A formação dura, em média, dois anos e, para ingressar, os candidatos devem ter ensino médio completo e se submeter a testes de aptidão.

Embora esteja sem formar turmas desde 2007, principalmente por problemas na estrutura do Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno, Ghil Brandão, também coordenador do CAD, afirma que o curso de extensão continuará sendo uma opção para aqueles que desejam ser atores e não querem cursar uma graduação nem atuar como professores nas escolas.

O Teatro Universitário

Em quase cinco décadas de funcionamento, foram muitos os atores que iniciaram a carreira no palco do Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno encenando as peças de término do curso de Arte Dramática, CAD. O teatro, que já foi centro de referência cultural na cidade, hoje beira o esquecimento.

Segundo o diretor Joca Andrade, nos anos 1980 o teatro universitário era um centro

de efervescência para atores e interessados nas artes. Era ponto certo de encontro e de eventos. “O [espaço] que o Theatro José de Alencar ocupa hoje como centro aglutinador, centro de integração entre os artistas e o público, acontecia nos anos oitenta no CAD. Lá pulsava o teatro.”, relembra.

Hoje, o teatro é um aparelho cultural da universidade quase desconhecido da maioria dos estudantes e pouco divulgado na cidade. Embora esteja numa avenida muito movimentada, a Avenida da Universidade, são muitas as pessoas que não sabem

sequer sua localização. “Descobri recentemente que existe esse teatro”, afirmou uma colega do curso de jornalismo.

Com capacidade para cem pessoas, o espaço passa agora por uma reforma nas salas de aula e no palco. Além de abrigar o CAD, que terá as turmas no período da tarde, ele também será a sede da graduação em Artes Cênicas à noite enquanto é construído o prédio do Instituto de Cultura e Arte, ICA, que abrigará o curso. A geração que não participou da efervescência dos anos oitenta espera que com essas mudanças o teatro volte a pulsar.

> RESENHA

Foto: Luana Fonsêca



Apresentação da banda Beirut no festival No Ar Coquetel Molotov

A diferença que um show faz

Por Ana Cristina Teixeira

Alguns críticos de música dividem bandas em dois tipos: as de estúdio (ótimas gravações, mas shows desinteressantes) e as “live bands” (álbuns medianos, mas shows empolgantes que conseguem fazer uma conexão com a audiência). A agradável apresentação do grupo americano de folk alternativo “cigano wannabe” Beirut, durante a programação do festival No Ar Coquetel Molotov em Recife, Pernambuco, provou que a banda definitivamente está nesse, cada vez mais seletivo, segundo tipo.

Com muito carisma, o grupo liderado pelo vocalista Zach Condon cativou o público, que preencheu a lotação máxima do Centro de Convenções de Recife, com sua mistura de folk, indie, pop francês e sonoridades típicas do Leste Europeu. Apesar de soarem bastante repetitivas e por vezes cansativas, as canções conseguiram exaltar o público (mais devido à competência e simpatia dos músicos do que pelas músicas em si), que permaneceu em pé e cantando durante toda a apresentação, apesar dos insistentes pedidos dos organizadores para que todos permanecessem em seus lugares.

Formada em 2006, a banda já possui dois álbuns: *Gulag Orkestar* (2006) e *The Flying Club Cup* (2007). Zack e sua trupe ficaram mais conhe-

cidos no Brasil após entrar na trilha sonora do seriado *Capitu* (2008) da Rede Globo com a música *Elephant Gun*. Esta, por sinal a mais esperada da noite, levou muitas pessoas que desconheciam completamente o resto do trabalho do grupo ao show (coisas que só aparecer na Globo fazem por você).

Canções como *Sunday Smile*, *Postcards from Italy* e um cover de *Aquarela do Brasil* provaram que os integrantes do Beirut conhecem seu público e sabem exatamente o que fazer para agradá-lo: empolgação e energia. Conversando em ótimo português, Condon conseguiu criar num Centro de Convenções lotado um clima intimista. Levemente inebriado, arriscou um: “Vocês dançam muito bem, dançam mais.”, para o delírio dos fãs (e principalmente das fãs).

Ouvir Beirut sentado em um sofá em casa pode parecer uma tarefa monótona e exaustiva, afinal depois da terceira canção tudo parece muito igual como uma única música sem fim. Mas presenciar um show de Zack Condon e sua mini orquestra é uma experiência extremamente excitante. Como um verdadeiro flautista de Hamelin, ele é capaz de incitar, com uma taça de vinho na mão e dançando, até os mais céticos a levantarem de suas cadeiras e se sentirem em uma festa cigana em noite de lua cheia.

No Ar Coquetel Molotov

Por Thais Martins

Com uma programação cosmopolita, o festival de Recife No Ar Coquetel Molotov apresentou atrações que iam da aguardada banda americana Beirut ao show de Lô Borges e Milton Nascimento, como celebração dos 35 anos do Clube da Esquina, até então inédito fora de São Paulo. Para além das apresentações musicais, o próprio Hall do Centro de Convenções já foi um evento à parte. Com stands vendendo camisetas, discos e bijuterias, o lugar sediou a Feira Cultural, que por si só já valia a visita ao local.

Mas o grande trunfo do No Ar é mesmo a escalação das bandas. Além das locais, como a instrumental *Radistae*, o No Ar apresentou, também, umas das grandes apostas do indie nacional: Thiago Pethit, que dividiu o palco – em show intimista com influências de folk, tango e música francesa – com a cantora Tiê, que já gravou com Toquinho.

O Festival trouxe também uma variada seleção de atrações internacionais. Com o apoio do Swedish Institute, aconteceu, pelo quarto ano consecutivo, a *Invasão Sueca*, com o propósito de trazer ao Brasil bandas novas do cenário musical da Suécia. Neste ano vieram *Those Dancing Days*, formada exclusivamente por meninas, Britta Persson, que apresentou seu show com pegada rock, e a ensolarada *Loney, Dear*. Além dos suecos, o festival também contou com atrações francesas, como o duo eletrônico *Zombie Zombie* e o multi-instrumentista Sebastien Tellier, que vieram ao país em virtude do Ano da França no Brasil.

O Coquetel Molotov começou em 2001 como um programa veiculado na Rádio Universitária e idealizado por estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O projeto foi crescendo e, em 2004, se transformou no festival No Ar Coquetel Molotov. Este ano o No Ar realizou sua 6ª edição nos dias 18 e 19 de setembro, em Recife.

Estudos sobre violência são realizados na UFC

O Laboratório de Estudos da Violência, LEV, foi criado em 1993 para congregar pesquisas relacionadas à violência, direitos sociais, direitos humanos e cidadania

Por Ranne Almeida

A temática da violência tem se tornado cada vez mais recorrente nas conversas informais e até no meio acadêmico. Prova disso são as pesquisas realizadas com maior frequência pelo Laboratório de Estudos da Violência, LEV, da Universidade Federal do Ceará, UFC, criado em 1993 no curso de Ciências Sociais, que surgiu para congregar pesquisas relacionadas à violência, direitos sociais, direitos humanos e cidadania.

De acordo com o professor César Barreira, coordenador do LEV, o laboratório surgiu de uma preocupação de vários professores e estudantes com a temática. A ideia inicial era criar um laboratório pequeno. "Nós não tínhamos nenhuma pretensão de fazer um grande laboratório, um grande centro ou núcleo de pesquisa. A gente não queria burocratizar tanto, queríamos que fosse o mais informal possível", afirmou o professor.

O laboratório é espelhado no Núcleo de Estudos da Violência, NEV, da Universidade de São Paulo, USP, e é viabilizado pelas pesquisas encomendadas e financiadas, por exemplo, pela Fundação Ford, pela Financiadora de Estudos e Projetos, Finep, pela Secretaria de Justiça do estado e pela Unesco.

Com entrevistas, questionários, observações e grupos focais, o laboratório trabalha a vertente qualitativa das pesquisas, muito embora os membros estejam buscando desenvolver também a quantitativa. Para César Barreira, o LEV é um espaço de troca, uma vez que possibilita núcleos de estudo, discussões acerca da metodologia do trabalho científico e, também, das pesquisas coletivas.

Dentre as pesquisas mais importantes ressaltadas pelo professor, encontra-se a da juventude e violência, realizada no Ceará, Brasília, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul, durante mais de um ano. Essa pesquisa foi financiada pela Unesco, a partir da repercussão do assassinato do in-



Foto: Elza Fúzai/Agência Brasil

Casa Abrigo do Distrito Federal atende 12 mulheres vítimas de violência

dio Galdino, em Brasília, cometido por três jovens de classe média alta, em abril de 1997, para tentar entender a relação entre juventude e violência.

Segundo Barreira, a pesquisa, coordenada pelo professor Domingos Abreu e realizada por alunos do mestrado e doutorado, que resultou na publicação do livro "Ligar na Galera", foi feita de forma direta, com aplicação de questionários com mais de mil jovens em 36 Grupos Focais.

Como resultado, foi constatado que os jovens têm uma realidade de muito medo e já não circulam mais na cidade com naturalidade. Eles frequentam somente determinados bairros e deixam de andar em áreas que não conhecem. A ampliação de espaços de violência, que não acontece somente na rua, mas também na família e na escola, é outra constatação do estudo. "Isso é muito preocupante, porque nós estamos criando uma juventude toda no interior dessa cultura do medo" questiona o professor.

Ainda como conclusão da pesquisa, encontramos algo que surpreende. Conforme César, os jovens

de Fortaleza estabelecem uma relação muito "amorosa" com a cidade, e preferem Fortaleza a outras capitais do país, inclusive fazendo comparações com São Paulo e Rio de Janeiro, observando-as como mais violentas. Mas, mesmo assim, começam a ter alguns receios em relação à cidade.

Outro importante marco na história do LEV foi uma pesquisa financiada pela Fundação Ford, que desejava entender a política de segurança pública no Estado do Ceará e seu envolvimento com o capital externo. Em sua explicação, o professor disse que, na época em que a pesquisa foi realizada, o então secretário de segurança de Nova Iorque, Mister Braicon, prestava assessoria na área de segurança pública aqui no estado do Ceará. "O estudo foi muito importante dada a abrangência da pesquisa. Nós avaliamos a política de segurança pública no estado desde 1987, primeiro mandato do Tasso Jereissati, até 2002, mandato do Lúcio Alcântara. Então nós trabalhamos os três mandatos do Tasso e do Ciro e ainda iniciamos o mandato do Lúcio", finaliza.

O LEV é integrado por professores da UFC, Uece, Uva e Urca e por estudantes do doutorado, do mestrado e da graduação dos cursos de Ciências Sociais. Historicamente, tem contribuído para o estímulo da adoção de um enfoque interdisciplinar por meio de troca de experiências mediante leitura e discussão de textos, apresentação de vídeos, seminários, análise de casos concretos e debates com agentes sociais para realizar análises teórico-críticas do fenômeno da violência e dos conflitos sociais na sociedade contemporânea.

Foto: Natália Lima



Sala de videoconferência do Programa Nacional de Telessaúde na UFC

Tecnologia e medicina são usadas para atender a população

Programa Nacional de Telessaúde possibilita ensino à distância e maior especialização de profissionais de saúde

Por Natália Lima

Muita gente ainda não sabe o que é, mas a Telemedicina está se espalhando com uma velocidade cada vez maior. Telemedicina é a utilização de tecnologias de informação e comunicação para a prestação de serviços médicos à distância. “No Brasil, Telemedicina é considerado o ato médico em si, e Telessaúde é o termo utilizado para abranger essa área da medicina”, explica Raquel Rolim, gerente do Projeto de Telessaúde do Ceará.

O Brasil possui um Programa Nacional de Telessaúde que tem por finalidade a integração das equipes de saúde da família das diversas regiões do país com os centros universitários de referência, melhorando, assim, a qualidade dos serviços de atenção primária e reduzindo a quantidade de deslocamentos desnecessários de pacientes.

O Programa ainda está em fase de testes, e o Ceará foi um dos estados escolhidos para participar do Projeto Piloto Nacional de Telessaúde Aplicado à Atenção Primária. Núcleos de Telessaúde foram implantados em nove capitais e cada Núcleo está conectado a cem

Pontos instalados em Unidades Básicas de Saúde, distribuídos pelo território de seu estado. De acordo com o site de Telessaúde Brasil, são 900 Pontos por todo o país, contemplando aproximadamente 2.700 equipes de Saúde da Família e beneficiando cerca de 11 milhões de habitantes.

O Núcleo Ceará de Telessaúde iniciou suas atividades em agosto de 2007. Ele está localizado no Laboratório de Informática da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, UFC. Atualmente o Núcleo realiza teleconsultas em cardiologia, dermatologia, urologia e várias outras especialidades, além de aulas e palestras, através da teleeducação.

Para as aulas, existe um calendário mensal que é informado através do site <http://telessaude.medicina.ufc.br>. Quando as aulas acontecem, os municípios do interior do estado se conectam. “Eles veem o professor na televisão, o professor conversa, passa a matéria através do power point, e depois ele ainda pode interagir via chat ou microfone, mas é preferível o chat, já que são muitos municípios interagindo ao mesmo

tempo”, informa Raquel Rolim. As aulas e palestras ficam depois disponíveis no site para quem tiver o interesse em vê-las.

A teleconsulta, por outro lado, é um ato médico. “Essa ação está registrada no conselho e, quando é virtual, tem que ser entre médicos”. Ela acontece entre um médico do Programa Saúde da Família, PSF, que está em um dos Pontos instalados em uma Unidade Básica de Saúde, e um especialista na capital. “Ele é um médico generalista e muitas vezes ele se sente inseguro em tomar uma decisão quando uma coisa é bem específica”. Raquel Rolim explica ainda que apenas em casos de perigo iminente de vida, a teleconsulta pode ser realizada por outro profissional da saúde, como um enfermeiro ou odontólogo.

De acordo com a gerente do Projeto de Telessaúde do Ceará, a telecardiologia já teve possivelmente mais de 100 casos emergenciais. “Já tiveram casos de pacientes que estavam infartando. Que chegaram no ponto de telessaúde, foram fazer o exame e tiveram que tomar uma atitude radical. Era um exame de rotina e terminaram na emergência”.

O PSF é um programa do governo nacional que ofereceu equipes multiprofissionais para atender um número definido de famílias em uma Unidade Básica de Saúde. O grande problema é que “muitos médicos, quando saem da universidade, não tem feito nem residência, nem especialização. Muitos não sabem nem o que é PSF e já começam a trabalhar”, comenta Raquel Rolim.

Em busca de resolver esse problema, o Ministério da Saúde está expandindo a abrangência da Universidade Aberta do SUS, Unasus, que tem como meta especializar mais de 50 mil profissionais do PSF e qualificar cerca de 100 mil gestores do Sistema Único de Saúde, SUS, até 2011, por meio de parcerias com universidades, faculdades e associações médicas ou que oferecem cursos a distância. Hospitais de Fortaleza, como o Instituto Doutor José Frota, IJF, já possuem instalações para Videoconferência.

Estudantes apontam qualidades e defeitos de grupos de pesquisa no ambiente acadêmico

Envolver-se com pesquisa empolga os estudantes com as novas descobertas. Contudo, a escolha errada do estudo ou o pouco envolvimento com o professor-orientador prejudica o surgimento de novos pesquisadores

Por Pedro Guimarães

A pesquisa é uma importante atividade que auxilia o aluno na construção do conhecimento. A Universidade, para muitos, é ambiente propício para o desenvolvimento de intelectualidades e formação de jovens pesquisadores. Thayla Gomes, aluna do Curso Superior de Artes Cênicas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, IFCE, considera a pesquisa necessária pela possibilidade de aprofundamento do assunto. "Só assim a gente consegue se tornar realmente bom em alguma coisa, conhecendo-a de verdade", afirma.

Já para Amanda Nogueira, concludente de Jornalismo, na Universidade de Fortaleza, Unifor, a pesquisa "auxilia o estudante a entender a própria Universidade e as áreas de conhecimento de uma forma mais ampla". Para ela, o aluno já entra neste ambiente predisposto a aprender, e se engajar em pesquisa ou grupo de estudo é uma oportunidade de reforçar as possibilidades de reflexão.

Contudo, nem sempre o estudante consegue se sentir à vontade no estudo realizado. Anderson Tavares, do curso de Engenharia Civil da



Grupo de estudos no Curso Superior de Artes Cênicas do IFCE

Universidade Federal do Ceará, UFC, sentiu-se atraído mas foi decepcionado pelas atividades. "Eu queria mesmo era participar da elaboração da pesquisa: qual o problema? qual modelo poderíamos usar? como proceder a análise? Para o professor a pesquisa era ótima, porque foi ele que bolou uma teoria, as formulações. E a parte braçal, de colher os dados, ficou pra mim", comenta.

"Os orientadores devem estar mais abertos a entender às necessida-

des dos estudantes para que os trabalhos ocorram de forma favorável e não se perderem futuros pesquisadores pelo caminho", opina Thayla. E os alunos que estão chegando, como Lucielen Castro, no curso de Serviço Social, na Universidade Estadual do Ceará, Uece, vêm empolgados: "São vários grupos, e esse [grupo de estudos de políticas públicas e exclusão social] me atraiu porque eu sempre gostei da área de política. Amanhã é o primeiro dia". Que seja muito bom.

> OPINIÃO

A Extensão que nós queremos

Por Isabela Monteiro

Para entender o que é Extensão, talvez seja preciso começar pelo caminho contrário, a fim de que se quebrem alguns mitos: entender o que não é extensão.

Extensão não é o ato de levar à sociedade um conhecimento gerado na Universidade, como se esta fosse detentora da sabedoria. Também não é uma prática assis-

tencialista, como se a Universidade Pública tivesse de retribuir ou recompensar a sociedade pela sua existência.

A verdadeira Extensão de que quero me referir é aquela que, na opinião de Paulo Freire, nem mesmo deveria ser chamada assim, pois, desta forma, remete-se à ideia do mecanismo de estender sistematicamente um saber constituído até alguém, considerando que este alguém não tem nenhum conhecimento sobre o assunto.

É aí que está o engano. Extensão existe porque a Universidade tem muito a aprender com a sociedade. Cada um de nós, ao fazer parte de algum pro-

jeto de Extensão, deveria ter a vontade, muito mais do que ensinar ou ajudar, ouvir e aprender com a comunidade.

A partir da Extensão, podemos compartilhar com a sociedade o que estudamos através do ensino e da pesquisa, pois é ela quem nos abre as portas para haver diálogo, que implica o aprendizado mútuo. E, diálogo, como sabemos, tem tudo a ver com Comunicação, não é mesmo?

Por isso que Paulo Freire defende, no lugar da expressão Extensão, a Comunicação. Ou seja, falar e ouvir, trocar saberes e construir um novo conhecimento onde cada um colabora com o que sabe. Assim é Extensão.

UFC tem primeiro curso de graduação em Jornalismo para assentados da reforma agrária

A partir do primeiro semestre de 2010, a Universidade Federal do Ceará oferece o curso de graduação para assentados pelo Incra

Foto: Geimison Maia



Aula inaugural do curso Jornalismo da Terra no dia 17 de novembro de 2009

Por Camilla Viégas

Mais sessenta novos alunos irão frequentar as salas de aula da Universidade Federal do Ceará no próximo ano. Trata-se do primeiro curso de graduação em Jornalismo do país voltado para assentados da Reforma Agrária, o Jornalismo da Terra. Com a mesma carga horária do curso tradicional de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da UFC, as disciplinas e conteúdos estarão adequados à realidade dos seus alunos.

O curso é uma parceria entre o Incra, por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, Pronera, com a Universidade. A conquista é uma demanda antiga dos movimentos pela terra e conta com o apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário, MDA.

No último dia oito de outubro foi realizada a prova de vestibular para o curso. Sheila Rodrigues, 25, do assentamento Santa Bárbara, em Caucaia, prestou o exame. Segundo ela, haviam mais de 60 candidatas. A prova foi realizada no bloco didático da Letras, no Campus do Benfica. Ao todo, foram 40 questões incluindo conteúdo do ensino médio.

"Tive a informação de que participaria do curso depois da aprovação do meu nome pelo assentamento e pela direção estadual do Move-

mento Sem Terra, MST-CE. Logo dei início aos estudos individuais sobre disciplinas que estavam previstas para a prova. Também participei da etapa preparatória, onde alguns professores amigos do movimento contribuíram com assuntos previstos no edital", informou Sheila, por e-mail.

Na UFC, 60 vagas foram ofertadas para o próximo ano. Esta será a primeira turma do curso, que conta com a coordenação da professora Márcia Vidal. Segundo ela, não há previsão para quando acontecerá um novo vestibular. A Universidade entrará com a infra-estrutura e o quadro de professores para o novo curso. O Jornalismo da Terra, por ser voltado para a realidade de seus alunos, terá duas metodologias: o tempo escola e o tempo comunidade. O tempo escola é a carga horária dedicada exclusivamente dentro da Universidade. Já o tempo comunidade é a carga horária em que o aluno exerce atividades dentro dos assentamentos. Cerca de 70% da carga horária geral do curso será destinada ao tempo escola. Além disso, também haverá uma adaptação das disciplinas opcionais, em comparação às que hoje são oferecidas para o curso tradicional.

Sheila está otimista com o resultado: "Acho que com esse curso a UFC demonstra que realmente é pú-

blica e que deve ser voltada para todos os filhos e filhas de trabalhadores, como é o nosso caso", diz.

No Ceará, o Pronera tem parceria há 11 anos com a UFC e com a Universidade Estadual do Ceará, Uece. O curso de graduação ofertado no estado é o de Pedagogia da Terra e de pós-graduação é o de Residência Agrária. Com isso, o Incra quer qualificar profissionais para atuação nos programas de assistência técnica, social e ambiental.

O Pronera, do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Incra, quer ampliar os níveis de escolarização formal dos trabalhadores rurais assentados. Para isso, promove educação nos três níveis: educação de jovens e adultos, ensino médio e técnico profissionalizante e ensino superior. No âmbito do ensino superior, o Pronera também mantém parcerias com outras instituições como a Universidade Federal da Paraíba e a Universidade de Brasília. A todo, pelo Brasil, cerca de 50 universidades mantêm esta parceria.

Vai uma Xérox aí?

Em contramão à Legislação Brasileira, a prática da fotocópia de obras acadêmicas se desenvolve em ritmo forte e se expande, abrangendo cada vez mais espaços

Foto: Raquel Damias



Trecho entre as avenidas da Universidade e Carapinima

Por André Bloc

As proximidades do campus do Benfica, da Universidade Federal do Ceará (UFC), têm mudado completamente de cara nos últimos seis anos e muitos não se dão conta. No pequeno trecho da Rua Juvenal Galeno, entre as Avenidas da Universidade e Carapinima, um negócio lucrativo e imprescindível para um bom desempenho acadêmico vem aflorando, indiferente a ilegalidade que lhe impõe a Legislação brasileira.

Nossa Senhora de Fátima, W.W. Cópias, Benfica Cópias, Uni Digitação, MJ Cópias, Uruquê Cópias e Copylight. Nesse pequeno trecho de rua, vizinho do Centro de Humanidades II, sete estabelecimentos especializados em cópias, conhecidos comumente por "xérox", estão organizados lado-a-lado. A eles, se unem ainda mais diversos estabelecimentos especializados, várias gráficas e lan-houses que oferecem o serviço: um texto acadêmico legível de um autor renomado a um preço acessível e sem necessidade de pesquisa.

"Só esse semestre, minha turma tinha que escolher entre comprar três livros de 120 reais ou comprar as cópias por, no máximo, 70 reais. Grande parte acaba escolhendo o caminho mais barato", explica o estudante de Engenharia Química, Diego Menezes. De acordo com Felipe Antero, dono de um estabelecimento que oferece o serviço, as fotocopiadoras formam um ramo muito caro e que envolve muita gente. "A questão é que a maioria não é empresa formal, então o preço varia em alguns centavos por página", disse. Felipe é dono de uma das maiores fotocopiadoras de Benfica, contando com três funcionários e um fluxo diário de até 200 estudantes.

As fotocópias trazem ao contato dos estudantes diversos textos acadêmicos e essa interlocução é sustentada numa base tripla. De um lado, estão os alunos, que precisam ter os estudos em mãos, de outro os professores que procuram facilitar a procura dos estudantes e disponibilizam os tais textos através da terceira parte,

os estabelecimentos especializados em cópias, que abrigam as chamadas "matrizes" e cobram preços variados.

Apesar de movimentar tanta gente e enormes quantias de dinheiro, a prática da fotocópia de textos é considerada uma contravenção penal no Brasil. O que regulamenta essa prática no país é a Legislação, através da Lei número 9.610, que regulamenta os Direitos Autorais, discernindo os direitos e deveres tanto dos autores protegidos, quanto dos leitores e beneficiados em cada uma das diferentes mídias. A lei regula qualquer uso (ou abuso) da propriedade intelectual de outras pessoas. A prática da xérox só não é considerada contravenção nos casos de permissão do autor do texto.

"É um benefício para o aluno e um serviço prestado a comunidade acadêmica. Se cometemos algum crime, os estudantes e professores também cometem. É o mesmo que vale para discos pirata, por exemplo", acusou o dono de uma fotocopiadora, que preferiu manter-se anônimo. A lei prevê uma reparação aos lesados pela quebra de Direito Autoral no valor dos textos vendidos ou comprados, além da apreensão de material relacionado.

"A 'xérox' só é mercado no Brasil porque aqui, o livro é muito caro. Se baixasse o preço, a gente teria que procurar outra ocupação", revelou Felipe Antero. Uma das alternativas a esse mercado é a existência de versões eletrônicas dos textos, disponibilizadas na internet (e que também são consideradas contravenções). Outras alternativas incluem a compra de Direitos Autorais e o barateamento do livro através do papel jornal.

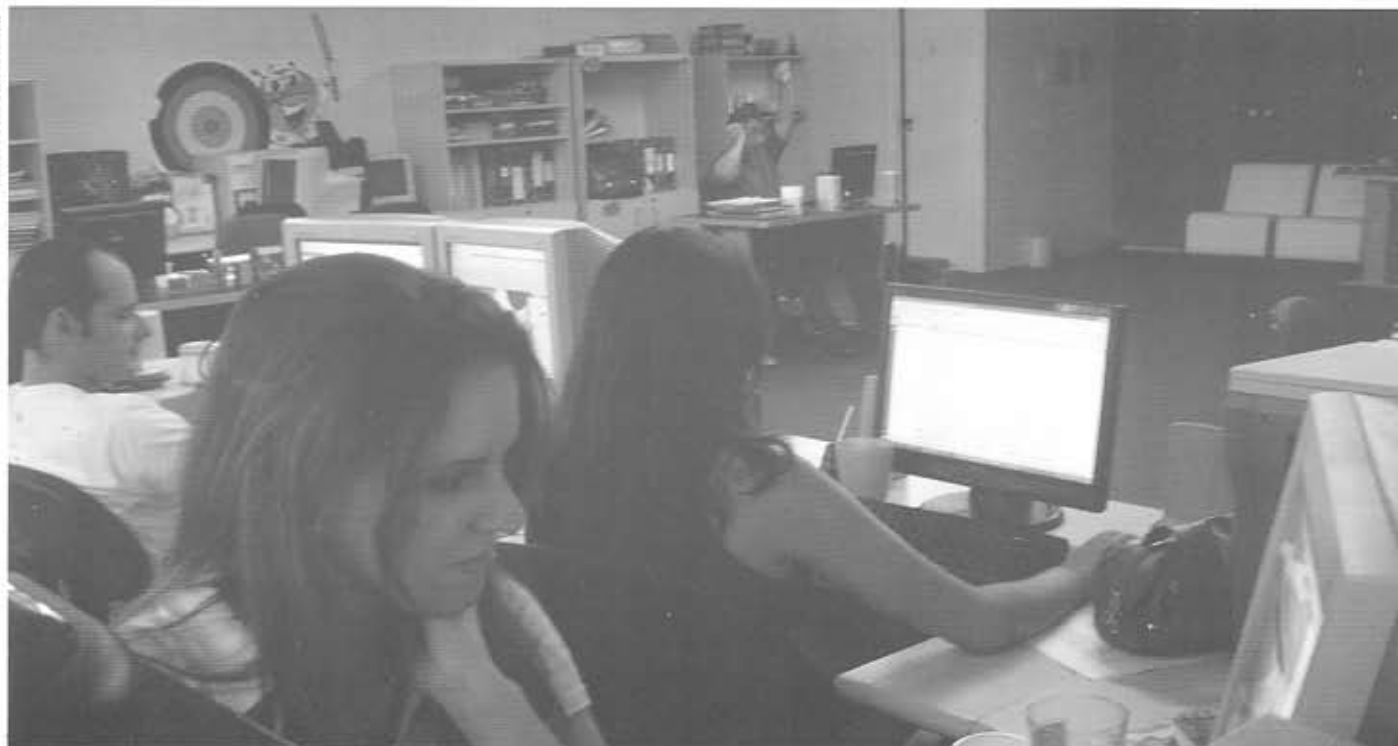
Iniciativa Própria

"Apesar das proibições, são leis que não funcionam na prática. Hoje em dia todo mundo pode ter uma multifuncional por R\$ 300,00 e alimentar o mercado". A frase dita por um dono de uma fotocópia é confirmada pelo estudante de Educação Musical na UFC Carlos Peter de Holanda. Atualmente, cursando o segundo semestre da faculdade, o aluno contou que analisou várias possibilidades para poder complementar a renda familiar, dificultada com o nascimento de filhos gêmeos.

A compra de uma máquina copiadora surgiu como um alento para ele. "Eu acabei aliando tudo isso. Eu trabalho, vou para a aula e ajudo minha família com o dinheiro que consigo com as cópias. Os professores

sempre me dão as coisas e eu acabo distribuindo para os colegas - todo mundo se apoiando", contou o estudante por telefone.

Peter conta com o apoio dos professores e alunos do curso, que lhe confiam partituras e alguns textos, para ele fotocopiar e vender para todos os colegas. "Ele estava tendo dificuldades com a renda familiar e decidiu comprar uma 'xérox' para suprir as nossas necessidades e também ganhar dinheiro - todo mundo achou bom. O preço dele é um pouco mais caro que o (das fotocopiadoras) do Benfica, mas tem a facilidade para encontrar e ele é muito mais rápido", revelou Mateus Freire, colega e cliente de Carlos Peter.



Profissionais e estagiários dividem espaço no mercado de trabalho

Mercado de trabalho e a corrida pelo estágio

O estagiário em Comunicação Social no Ceará, onde a atividade profissional ainda começa a se expandir, pode trabalhar em assessoria de comunicação, redação de jornal impresso, rádio e televisão, jornalismo web, diagramação, marketing, direção de arte, criação, entre outras áreas

Por Carolina Nogueira

Disciplina obrigatória nos currículos dos cursos de Comunicação Social, o Estágio Supervisionado não é – exceto raras exceções – o primeiro contato que os estudantes de Jornalismo e Publicidade da Universidade Federal do Ceará, UFC, têm com o mercado de trabalho. A escolha pelo ingresso prematuro no mercado não é feita apenas pelos alunos: a disciplina de estágio é cobrada no 7º semestre da faculdade, quando a proximidade da formatura é motivo de rejeição na hora de assinar o contrato.

“Pré-requisito: estar cursando entre o 4º e o 6º semestre”, é o que se lê no cartaz de divulgação de estágio afixado no quadro de avisos do curso. “O estagiário é contratado depois de ter concluído um número mínimo de disciplinas, mas nós não contratamos alunos nos últimos semestres porque eles não terão a oportunidade de concluir o tempo mínimo de contrato, que é de um ano”, justifica Liana Pimental, coordenadora de Estágio da Prefeitura Municipal de Fortaleza.

Por isso, os estudantes de Comunicação Social têm procurado estágio cada vez mais cedo. Segundo Ana Danielle Menezes, estudante de Publicidade da UFC, é necessário ter um preparo mínimo na hora de procurar pelo estágio, devido à grande concorrência na área. “Eu comecei a estagiar no quarto semestre, depois de passar um mês na busca. Participei de umas três entrevistas”, conta.

Bruno Aguiar, estudante do 5º semestre de Jornalismo, começou ainda mais cedo, “Comecei a procurar no segundo (semestre). Foi um pouco difícil, porque eu sabia que tinha competência para estagiar, mas não sabia como mostrar”, revela. Quando os estudantes começam a estagiar tão cedo, a única arma da qual eles dispõem é o currículo e algo que conta muito em um currículo são as expe-

riências anteriores além da formação, o que torna difícil encontrar estágios não apenas nos semestres terminais, mas também nos iniciais.

Aos alunos que chegam ao sétimo semestre sem estágio, a alternativa mais comum é cursar a disciplina em um estágio voluntário, que dura apenas o necessário para cumprir a carga horária exigida que, no currículo da UFC, é de 96 horas. “96 horas é uma carga horária muito pequena para ter uma experiência mais aprimorada, mas o aluno pode ter outras experiências dentro do curso, como o Jornal Laboratório (disciplina ofertada no sétimo semestre). É uma formação muito complexa. O estágio é apenas uma etapa, é a 1ª experiência que a pessoa tem com as atividades do mercado de trabalho”, explica Agostinho Gósson, professor do curso de Comunicação Social da UFC.

A 1ª experiência no mercado de trabalho, claro, também pode render bons frutos: indicações para novas atividades, ampliação da rede de contatos e a sonhada efetivação. “Eu acredito que o estágio é o momento em que eu estou sendo lançado no mercado e prefiro aproveitar as oportunidades que tenho para me destacar. Por mais cansativo que seja meu emprego, acho que lá tenho uma chance de ser efetivado”, afirma Bruno.

Mais

Para conhecer a resolução que disciplina o Programa de Estágio Curricular Supervisionado para os alunos de graduação da Universidade Federal do Ceará, acesse www.ufc.br ou entre em contato com o Setor de Estágio da UFC pelo telefone 3366.7413. O Setor de Estágios fica na Reitoria (Av. da Universidade, 2853 - Benfica)

Questionário 1 – Professores-orientadores;

Agostinho Gósson:

- 1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório (ou similares) na UFC?

Lecionei a disciplina de jornal laboratório durante uns cinco anos. ;

- 2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?

Falta a definição de financiamento por parte do curso e da reitoria, sem que se fiura a autonbomia dos alunos;

- 3- Em que a falta de um projeto contínuo na disciplina afeta alunos e professores formados na UFC?

Para os alunos faz falta a prática; para os professores fica o desconforto de não ver essa coisa resolvida;

- 4- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?

O ideal seria o sexto semestre, depois que o aluno visse fotografia, produção gráfica, jornalismo de opinião e informação;

- 5- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?

Os jornais que coordenei seguramente devem ter contriuído na formação dos alunos, embora eu ache que só eles é que podem fazer uma avaliação mais exata;

- 6- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?

Não é possível reproduzir na universidade o ambiente de jornal.

- 7- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?

Não acho que deva ser extensão.

8- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?

Experiência teórico-prática;

9- Você, quando orientador, notava alguma expectativa dos alunos pela disciplina?

Sempre notei uma boa motivação nos estudantes;

10- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?

Deve ser atividade obrigatória;

11- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?

Acho que a décima pergunta responde a esta onze;

12- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?

O professor deve apenas orientar. Todo o trabalho editorial deve ser realizado pelos alunos;

13- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência com a disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?

Nunca houve uma hierarquia, mas sim divisão de tarefas;

14- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

Você pode ter monitores com experiência para ajudar na confecção do jornal, mas os alunos do semestre é que devem ser os responsáveis;

15- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?

Os alunos cuidavam da parte gráfica sob supervisão de um professor da área, como Luís Sérgio, o Geral Jesuíno etc;

16- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

Já houve embates com o setor de marketing da administração. A reitoria pensa que o jornal deva enaltecer a universidade e não aceita muito bem as críticas dos estudantes;

17- Qual era o público-alvo do jornal?

Nunca houve essa definição de público alvo;

18- Qual a sua formação como jornalista e em que isso influenciou sua abordagem na disciplina (experiência em redação, experiência em assessoria, professor substituto, professor efetivo, etc.)?

Sou jornalista há 34 anos. Trabalhei em grandes jornais e essa experiência é importante para quem ministra a disciplina;

19- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

Acho a experiência indispensável para os alunos;

20- Considerações Finais.

Não tenho considerações a fazer.

Questionário 1 – Professores-orientadores;

Antonio Elizeu de Sousa:

1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório (ou similares) na UFC?

R – Fui professor substituto desta disciplina de abril de 2002 a julho de 2004 no Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará. Após um ano ministrando a disciplina sem, no entanto, conseguir qualquer apoio do departamento para publicar os jornais, fui ao Banco do Nordeste, acompanhado da então professora Fátima Bandeira e, juntos, obtivemos o apoio daquele banco para publicar quantas tiragens fossem

elaboradas e editadas pelos alunos de Jornal Laboratório, dali por diante. O acordo que fizemos com o BNB deve vigorar até hoje, contanto que tenha sido renovado a cada ano. Não sei quantos jornais foram publicados após minha saída da UFC. No período que lá estive, após firmar a parceria com o BNB, publicamos, em um ano e meio, cinco edições impressas que variavam de 6 a 8 páginas em tamanho 32cm x 44cm, com cinco colunas. Era um formato entre o standard e o tablóide, intitulado “Cidade em Pauta”. A ideia era estabelecer um modelo gráfico que distinguisse o nosso jornal laboratório dos demais, bem como uma linha editorial com foco nos acontecimentos da cidade. Foi o primeiro jornal laboratório lançado no Ceará (refiro-me à tiragem impressa de 3 mil exemplares, distribuídos para todos os professores da UFC e para outras universidades através da mala direta da ADUFC - Associação dos Docentes da UFC). Logo em seguida, universidades privadas de Fortaleza também lançaram seus jornais laboratório.

2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?

R – Se foi quebrada a continuidade do processo que eu estabeleci lá deve ter sido por falta de empenho do corpo docente, posto que as facilidades tecnológicas atuais só favorecem a continuidade desta rica experiência para os discentes, ao mesmo tempo em que as possibilidades de apoio para tiragens impressas continuam a existir.

3- Em que a falta de um projeto contínuo na disciplina afeta alunos e professores formados na UFC?

R – Acho que a disciplina de Jornal Laboratório, tanto voltada para a produção impressa, quanto para a televisiva, radiofônica e para o jornalismo na Internet é fundamental para a ótima formação prática dos alunos, quanto para os professores. Estes últimos, a partir da produção dos alunos sob suas orientações geram oportunidades de atualização de conceitos e de novos métodos de trabalho com a consequente melhora da avaliação do curso de jornalismo como um todo.

4- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?

R – Eu acho apropriado na metade do curso, quando o aluno já passou por disciplinas teóricas que o levam a articular melhor a sua linha de pensamento, além de disciplinas práticas de produção de texto.

5- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?

R – Óbvio ululante! Especialmente o jornal laboratório que resulta na publicação e distribuição de jornais para um segmento de público, saindo dos muros da universidade e gerando oportunidade de resposta a partir de cartas e e-mails por parte dos leitores. Embora, isso exija empenho de todo o departamento, extrapolando a função do professor (pelo menos na condição em que muitos trabalham como meros substitutos, discriminados tanto financeiramente, quanto institucionalmente).

6- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?

R – No meu período como professor substituto, eu forjei isso com o aval de excelentes professores do departamento que apostaram no meu empenho. Assim, criei um ambiente redacional com os alunos, gerando reunião de pauta, debates temáticos, discussões sobre objetividade da notícia e a falácia da imparcialidade, etc. Também constituímos editorias por equipes, inclusive editoria de fotografia e de diagramação e edição final do jornal. E o mais instigante para o aluno: a garantia de que iam ser publicados três mil exemplares daquele seu primeiro jornal. Isso não tem preço para quem está se preparando para entrar no mercado de jornalismo.

7- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?

R – Acho uma excelente ideia! Isso possibilitaria às disciplinas de jornal laboratório, tanto na linha gráfica, quanto digital, televisiva e radiofônica. Mas acho que deveria ser um laboratório que assumisse um compromisso também com uma comunidade de leitores para dar retorno à produção dos alunos, através de cartas, e-mails, telefonemas e grupos focais. Acho que se é pra fazer, faça-se logo para valer!

8- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?

R – Prática, com possibilidades incríveis de aprofundamento teórico. Basta transformar as reuniões de pauta em momentos de debate no campo da ética, da objetividade, da falácia da imparcialidade, do capital ideológico elaborado na sociedade, tanto pelo

senso comum quanto pelos multiplicadores de opinião, etc. Em seguida, fazendo o exercício complementar de fazer a leitura crítica de cada jornal elaborado, considerando as críticas dos leitores.

9- Você, quando orientador, notava alguma expectativa dos alunos pela disciplina?

R – Tem os alunos com tesão pela disciplina e os que só querem passar. Esses últimos, em menor número. O segredo é envolver todo mundo. A vontade de fazer contagia. Esse é o ponto! Chamava-os à razão, apresentava as condições do laboratório, duas ou três câmeras fotográficas para distribuir entre as equipes e a promessa segura de que a produção deles ia ser publicada... Esse era o ponto-chave.

10- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?

R – Acho-o uma disciplina obrigatória e que deveria ser qualificada para as quatro áreas: impresso, internet, TV e rádio.

11- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?

R – Um campo aberto, mas com orientação profissional capaz de conduzir os alunos a produzirem notícia de qualidade para uma comunidade de leitores. Acho que o jornal laboratório não pode ficar reduzido ao público da sala de aula.

12- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?

R – Deve atuar como jornalista responsável, uma vez que o jornal pode e deve extrapolar a sala de aula em sua tiragem ou veiculação.

13- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência com a disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?

R – Constituímos editorias, como já citei anteriormente. Foi uma experiência baseada no modelo tradicional, mas com rodízio para cada edição. Como chegamos a fazer duas edições por semestre, o rodízio funcionou bem. No início, fizemos uma espécie de

mutirão, onde todos apuravam, fotografavam, redigiam e editavam; mas não funcionou muito bem.

14- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

R – Não. Acho interessante todos estarem no mesmo nível, a exceção do professor e dos bolsistas auxiliares (não foi o meu caso, pois professor substituto àquela época tinha que trabalhar sozinho).

15- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?

R - Eu e os alunos da editoria de arte (diagramação), pois na disciplina anterior intitulada Planejamento Gráfico, eu mesmo os preparava para o semestre seguinte que seria o Jornal Laboratório (pura coincidência).

16- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

R – O Departamento aprovou o convênio com o Banco do Nordeste para publicar, e só. Cada um no seu quadrado. O jornal pautava coisas da cidade e uma ou outra questão sobre a Universidade. Também não houve nenhuma questão polêmica. Pelo contrário, foi bom para a imagem da UFC ter notícia no jornal O Povo dando o lançamento do projeto.

17- Qual era o público-alvo do jornal?

R – Alunos da Comunicação, professores da UFC e comunidades envolvidas em cada pauta. A ADUFC distribuía para os professores (via mala-direta), os alunos espalhavam pelo campus e distribuía algumas centenas de jornais para organizações comunitárias ou lideranças populares que haviam sido pautadas em cada edição.

18- Qual a sua formação como jornalista e em que isso influenciou sua abordagem na disciplina (experiência em redação, experiência em assessoria, professor substituto, professor efetivo, etc.)?

R – Sou um jornalista focado na comunicação comunitária e na educação social e política. Antes de fazer a graduação na UFC já atuava na produção, roteirização e

direção de documentários e ficções em vídeo, voltados para as comunidades eclesiais de base, associações e sindicatos. Fiz jornalismo sindical e dirigi programas na TVC. Tenho larga experiência em assessoria parlamentar, de Organizações Não-Governamentais, de empresas públicas e de governo.

19- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

R – Acho fundamental, pois a produção de texto é a base do jornalismo e nada como ter seu texto impresso e lido por muitas pessoas. Isso é instigante e ajuda na construção de senso crítico do futuro jornalista.

20- Considerações Finais.

R – Acho que o jornal laboratório pode ser um excelente espaço para aprender a fazer fazendo, isso na verdade é feito diariamente nas redações, com diferença de que na universidade o aluno tem a possibilidade de estabelecer conexões da sua produção com os aspectos teóricos e éticos promovidos pelas disciplinas teóricas.

Antonio Elizeu de Sousa

Fortaleza, 2 de novembro de 2010

Questionário 1 – Professores-orientadores;

Luis Celestino Jr.:

1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório (ou similares) na UFC?

Como primeira experiência docente após a realização do mestrado, assumi a disciplina de Jornalismo Especializado no período 2007.2. Numa discussão aberta com a turma sobre o melhor caminho a seguir na disciplina, decidimos pela publicação de uma revista. Estudamos algumas experiências de jornal laboratório, analisamos nossas possibilidades e desempenhamos etapa por etapa, da pauta à pós-produção, a elaboração da revista Recortes. Foi uma experiência rica ainda porque ficamos responsáveis pela busca de patrocínio, considerando a falta de apoio institucional da universidade. Enfrentamos chá de cadeira de patrocinadores, furos de acordos prometidos, mas

conseguimos agregar essa experiência que, ao final, configurou-se exitosa. Acrescentaria ainda um aprendizado político. Todos discutíamos as pautas juntos, criticávamos o que achávamos que deveria ser criticado nas notícias e reportagens e aprendemos a trabalhar em equipe, quebrando a noção de hierarquia professor-aluno ou editor-repórter. Em 2009.1, voltei a ministrar uma disciplina que tinha como objetivo publicar uma revista. Tentei implantar, dessa vez, uma filosofia diferente. Cada aluno ficou responsável por um papel no processo de edição. Havia um editor-chefe, um editor de imagens, fotógrafos, repórteres, articulistas. A revista chegou a ser editada, mas infelizmente, nunca foi impressa. Senti problemas de relacionamento na equipe por conta dessa hierarquização ao mesmo tempo em que, colocada num semestre em que os alunos já estavam envolvidos em estágios e outros projetos, não priorizaram a Universidade. Não se envolveram na busca de patrocínios e igualmente não obtiveram apoio institucional. O resultado ficou razoável. Havia ótimos textos, mas a não-publicação da revista sepultou o trabalho de um semestre.

2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?

O curso tem 45 anos. Se você observar a história do curso, ela não é vazia de publicações. Com tempo tão vasto, precisaríamos analisar vários anos ou períodos do curso para uma compreensão melhor da não implementação de um projeto contínuo. Se eu tiver que dar uma resposta objetiva (difícil, sem dúvida) eu diria que é a falta de apoio institucional. Nem sempre o curso de Comunicação Social foi visto com bons olhos pela administração da Universidade. Um dos reitores chegou a dizer abertamente que o curso se tratava de um “antro”. Nem sempre tivemos laboratórios de informática exclusivamente nossos. Assim, creio que boas iniciativas possam ter emperrado nas instâncias superiores. Essa realidade aos poucos está mudando e avançou bastante nos últimos quatro anos, mas precisamos garantir, por exemplo, que a Imprensa Universitária publique as produções do curso dentro de um prazo razoável e sem ônus financeiro a alunos e professores.

3- Em que a falta de um projeto contínuo na disciplina afeta alunos e professores formados na UFC?

Vou me deter a falar apenas da minha experiência como aluno e como professor. Estudei na Universidade no século e milênio passados. Vivi a realidade de salas

interditadas pela impossibilidade de funcionamento, greves de professores que chegavam a durar 100 dias, raríssimas possibilidades de bolsas de pesquisa, extensão e monitoria e, para complementar, falta de infraestrutura nos laboratórios. A falta de um jornal-laboratório era um item a mais no desestímulo do estudante no curso. Vi colegas começarem a estagiar muito cedo e rapidamente apreenderem os vícios de um exercício profissional acrítico. Coisas de século e milênio passados. Como professor, a continuidade de um projeto permite o exercício de experiências diversas. A não continuidade impede isso, levando a um desestímulo e frustração. Algumas experiências até podem surgir, mas não passarão de espasmos.

4- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?

Difícil resposta. O jornal laboratório deve ser fruto de um amadurecimento intelectual teórico e prático, o que o levaria a semestres finais (sexto ou sétimo). No entanto, os cursos de Comunicação tem que ser vividos em sua plenitude. Mão-de-obra barata mascarada de estágio não pode ser permitida. Isso desestimula os alunos a, por exemplo, participarem efetivamente de atividades no sétimo semestre. Muitos acabam incorporando vícios do mercado de trabalho e passam a ver o jornal-laboratório como uma experiência menor, quando, na verdade, seria o momento de experimentações que muito provavelmente eles nunca terão nos veículos de comunicação convencionais.

5- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?

Sem dúvida. Como a experiência permite um trabalho de fôlego e profundidade, sempre exigi muito texto. Lembro de alunos me dizendo que não eram capazes de escrever tanto sobre um determinado assunto. Isso porque, muitas vezes, nosso olhar é limitado a apenas um aspecto da questão. Ampliar nossos horizontes era o primeiro passo para uma experimentação. E somos preguiçosos em exercitar nosso olhar, nossa criatividade. Inseridos numa modernidade que nos impõe a repetição de modelos, precisávamos quebrar estereótipos convencionais. Não é fácil, mas me surpreendi quando jovens, como eu, me chegavam dizendo que pela primeira vez tinham ido a um local que iam desde criança e que só para escrever o texto tinham descoberto coisas que nunca imaginavam, apesar de tão próximos de suas vidas. Tinham conhecido pessoas que julgavam de uma forma, mas que após o diálogo tinham visto outra pessoa. Da mesma

forma, sem a pressão de espaço e com uma flexibilidade maior de tempo (em geral tinham um mês para escrever o texto), produziram grandes reportagens e até mesmo um ensaio.

6- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?

Sim. E, como escrevi anteriormente, não foi uma boa experiência. O melhor foi implementar uma idéia de cooperação coletiva e crítica aberta a todos sobre tudo. Não é anarquia. Empenhados no mesmo objetivo, é possível sim esse modelo mais democrático de exercício do jornalismo.

7- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?

Devemos ter cuidado. O projeto de extensão com orientação de um ou mais professores é sem dúvida uma experiência rica, mas não deve impedir a implementação da experiência no âmbito de uma disciplina obrigatória. Isso permitirá a todos os alunos do curso vivenciarem essa experiência no mesmo momento de amadurecimento acadêmico.

8- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?

Teórico-prática. Antes da elaboração da pauta, da prática da entrevista, da elaboração, edição e diagramação do texto, há a necessidade de uma reflexão teórica, crítica e ética sobre a produção. Ao mesmo tempo que o estudo para a elaboração e implementação de determinadas pautas incorre, muitas vezes, numa reflexão teórica.

9- Você, quando orientador, notava alguma expectativa dos alunos pela disciplina?

Sim. A principal expectativa dos alunos é a vontade de escrever que é o que leva muitos alunos a escolherem fazer uma faculdade de jornalismo. Mesmo quando se defrontavam com uma série de regras, tentávamos fazer com que isso não implodisse a criatividade. Um texto pode atender determinadas regras de um cânone jornalístico e, ainda assim, carregar a marca de um estilo pessoal.

10- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?

Conheci a experiência de duas escolas de Comunicação no sudeste brasileiro. Em ambas, o aluno faz uma carga horária mínima de disciplinas obrigatórias, mais voltadas à sociologia, filosofia e antropologia e depois “monta” o curso com aquelas disciplinas do seu interesse. Isso permite ao aluno que quer trabalhar numa área específica da comunicação, já na graduação se aprofundar em algo. Se o aluno quiser, por exemplo, estudar televisão, ele pode fazer todas as disciplinas do curso nessa área. Não temos esse modelo na UFCE que traz, como a maioria das escolas de comunicação, um currículo convencional até pelas exigências de diretrizes curriculares do Ministério da Educação. Nesse caso, acredito que a experiência deva ser obrigatória.

11- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?

Sem dúvida um campo aberto para experimentação. Agora se eu for falar aqui como deve ser essa experimentação ela deixará de sê-la para se tornar uma “realidade fechada”.

12- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?

Li certa vez um livro que me marcou bastante: *O mestre ignorante* do filósofo francês Jacques Rancière. Nele, há uma abordagem sobre o aprendizado a partir da experiência de Joseph Jacotot, um educador. Entre outras coisas, me ensinou que a experiência do ensino não deve ser marcada pela mera reprodução de conhecimento ou correção de textos equivocados. Não há “visão de fora” nem “cargo de comando”. Não deve ser colocada nesses termos. Tive muita dificuldade em avaliar os alunos e dar notas, porque simplesmente esse era um processo coletivo que eu me via fazendo parte junto com todos. Pegávamos os mesmos ônibus para andar metade da cidade atrás de patrocínio. Discutíamos pautas e textos coletivamente. Sofria, muitas vezes, até por eles não me identificarem como professor e pela idade não muito distante da dos alunos.

13- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência com a disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?

Em 2009.1, a turma dividiu-se em editor-chefe, editor-adjunto, repórteres, repórteres fotográficos e designers (antigamente chamávamos de diagramadores). Foi um equívoco. Os repórteres não identificavam o colega como editor-chefe e passaram a ser relapsos no cumprimento dos prazos e funções. Some-se a isso o fato de boa parte dos alunos estarem em estágio em redações. Foi um equívoco completo e perdemos a oportunidade de publicar bons textos e ótimas fotos.

14- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

Nunca pensei nessa hipótese intersemestral. Talvez seja interessante sim por essa troca de experiências estando os alunos em semestres diferentes, embora estando eles no mesmo semestre há a possibilidade de todos vivenciarem a experiência do jornal laboratório no mesmo momento de amadurecimento acadêmico. A simples adoção, no entanto, do modelo de uma redação de jornal tem que ser feita antes com toda uma reflexão sobre o compromisso de cada um numa divisão hierárquica, senão o processo é travado pelos próprios alunos.

15- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?

É curioso. Em 2007.2, os alunos procuraram patrocínio para pagar um diagramador (um ex-aluno do curso de Publicidade). A ideia inicial é que cada um deles escrevesse sua matéria, editasse e diagramasse. O problema é que eles alegaram, durante o processo de diagramação, desconhecimento de ferramentas e programas de design de notícias, o que é uma falha na formação. Alegaram que o professor da disciplina anterior responsável por esse tema não tinha chegado nem perto de algo do tipo. Fui voto vencido e confesso: esse foi o momento de maior tensão que tive com a turma. Queria que eles mesmos superassem essa dificuldade e aprendessem, ainda que errando, a editar, sozinhos, uma revista. Em 2009.1, a realidade era diferente. Com a divisão das funções, alguns alunos se sentiam à vontade para diagramar. Elaboraram inclusive um belo projeto gráfico, mas infelizmente o não-cumprimento do prazo de alguns implodiu a revista o que também valeu de aprendizado: um projeto como esse só funciona com o envolvimento absoluto de todos.

16- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

Nenhum. Nenhum.

17- Qual era o público-alvo do jornal?

Originalmente eram jovens que frequentam o Benfica, bairro da Universidade. Acabou sendo distribuído de uma forma aleatória, enviada para as fontes das matérias em cidades do interior e algumas bibliotecas de Fortaleza.

18- Qual a sua formação como jornalista e em que isso influenciou sua abordagem na disciplina (experiência em redação, experiência em assessoria, professor substituto, professor efetivo, etc.)?

Sou formado em jornalismo pela UFC em 2000. Fui repórter de política por mais de três anos e fiz mestrado em Comunicação na UERJ, estudando a cobertura dos jornais O Povo (CE) e Folha de S. Paulo (SP) sobre a fome durante uma década. Na época que conduzi as disciplinas, já era professor substituto. Minha experiência como repórter foi positiva. Mas muitas vezes me frustrava com as limitações impostas pela pressão de tempo, pelos comprometimentos político-econômicos do jornal e mesmo pela falta de criatividade nas pautas. Pude perceber o quanto os processos produtivos influenciam no produto final jornal e, aqui, uso o termo produto dando ênfase a um modelo industrial de produção. No mestrado, tive a oportunidade de refletir e discutir sobre os processos produtivos no jornalismo. Creio que aliando a práxis com a reflexão, pude dar uma pequena contribuição na formação de cada um deles.

19- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

Todos os alunos devem ter a dimensão da palavra impressa. O valor tátil (o cheiro de tinta e do papel, o calor da página súbito saída de uma rotativa), o marco histórico e o compromisso com o aprofundamento crítico-reflexivo fazem parte da publicação impressa. Em tempos de informações efêmeras e superficiais, permitir ao aluno escrever um texto com profundidade, atentando para a pesquisa e o compromisso ético é fundamental para que ele compreenda que o bom jornalismo não enrola tomate e peixe podres na feira, mas muda vidas, mexe com sensibilidades e forma cidadãos.

20- Considerações Finais.

Questionário 1 – Professores-orientadores;

Naiana Rodrigues:

- 1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório (ou similares) na UFC?

Fui professora da disciplina durante dois semestres, em 2006.1 e 2006.2. Confesso que a primeira vez foi bem trabalhosa, tanto por ser minha primeira disciplina prática enquanto professora, como pela dificuldade para definir o perfil editoria, as temáticas, rever o projeto gráfico do jornal e publicar a edição e, pela falta de infraestrutura, desde computadores ao deslocamento dos alunos para realizar as pautas, como pela ausência de um link com outras disciplinas ou eventos do curso. No segundo momento, a experiência foi mais tranquila, da minha parte, mas algumas adversidades persistiram. Acredito que não deve ter sido simples para os alunos também. A demanda de textos era grade, a participação dos alunos freqüentes, apesar de alguns deles não terem tido o comprometimento necessário, pois não compareciam às reuniões de pauta, nem entregavam os textos no prazo, o que comprometia a produção do jornal. Contudo, o mais gratificante, apesar de todos os percalços, foi poder ver a empolgação dos alunos, ler textos que eram mais bem construídos que o de muitos profissionais e aprender a fazer jornal “na marra”, o que, muitas vezes, acontece no mercado também. Em cada disciplina, conseguimos finalizar duas edições do jornal, mesmo estas sendo publicadas de modo conjunto, afinal, a impressão envolvia muitas negociações – feitas pelos próprios alunos – e demora, o que inviabilizava que a experiência tivesse o mesmo ritmo de um jornal diário. No entanto, o resultado final era mais que satisfatório. As matérias eram bem editadas, o visual não deixava a desejar – dadas as circunstâncias e o conteúdo tinha relevância e atualidade.

- 2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?

Não sei muito bem, acredito que é uma conjunção de fatores. Pode ser desde o fato de a disciplina ser ministrada por um professor diferente a cada semestre como a falta de integração dentro do curso, o que vai além da questão da disciplina e diz respeito ao

projeto pedagógico do próprio curso. Mas acredito que depois da reforma curricular, essas questões estão sendo repensadas e soluções procuradas. Com um projeto editorial para o jornal e objetivos definidos e explícitos no programa da disciplina, acredito que a continuidade é possível, independente de quem está à frente da disciplina.

- 3- Em que a falta de um projeto contínuo na disciplina afeta alunos e professores formados na UFC?

A falta de um projeto dificulta o andar da disciplina, pois se perde muito tempo desfazendo coisas e refazendo ao bel prazer de cada turma, o que pode vir a comprometer o aprendizado dos alunos. Não que estes não terão apreendido nada, mas não poderão desfrutar de tudo o que a disciplina poderia oferecer se fosse mais organizada. Como em muitas outras áreas dentro da universidade, fica muito a critério do empenho do estudante e do professor. É certo que o aproveitamento de uma disciplina não é o mesmo para todos os estudantes, mas com um programa determinado e objetivos a cumprir, o trabalho do professor fica menos complicado e este poderá oferecer as condições necessárias para que o estudante faça o melhor proveito possível dessa experiência. Sem isso, o ensino é comprometido e o aprendizado também, mas não quer dizer que eles não aconteçam, mas se realizam com mais dificuldades e adversidades, quando poderiam se dar de modo mais tranquilo e aperfeiçoado.

- 4- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?

A meu ver, o momento ideal é após o aluno ter cursado as disciplinas iniciais de técnicas de redação jornalística e também de ética e legislação jornalística. Dessa forma, ele terá os conhecimentos necessários para ir a campo e poderá colocar esses conhecimentos em prática com mais intensidade e propriedade. Ele poderá, inclusive, romper com as “regras” básicas do jornalismo. Sabendo o que é um lide e já tendo exercitado isso em outras disciplinas, ele poderá subverter essa ordem e ousar, pois, como costumava dizer para os alunos, o nome da disciplina já diz, é um laboratório, portanto, um momento de experimentar e fazer o diferente e isso pode se mostrar tanto na redação do texto, quanto no formato do produto final, ou seja, numa diagramação diferente do convencional, num projeto gráfico criativo, no uso de imagens que não sejam tão óbvias, nas pautas que nunca têm espaço na mídia convencional, etc.

- 5- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?

Sim. Independente das condições serem ou não semelhantes às de uma redação de jornal, no que diz respeito à elaboração das pautas, apuração, redação, realização de entrevistas, fotografias e edição – etapas que compõem o processo de produção jornalística – a disciplina foi inteiramente guiada com base nos princípios que regem a prática jornalística profissional. Apesar de se tratarem de alunos, de aprendizes, a seriedade com que tratávamos a disciplina era equivalente ao trabalho de qualquer profissional, afinal, era o nome deles, a reputação que estaria exposta quando o resultado final fosse publicado. Além de terem consciência de que o jornal, em si, era uma produção do curso de Comunicação, que ficaria para a história do mesmo e circularia pela própria universidade, sendo assim uma produção relevante.

- 6- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?

Sim, apesar de ser difícil, pois não contávamos com o aparato que um grande jornal diário tem. Mas tentamos. A periodicidade não era a mesma, assim como a logística de distribuição, mas as hierarquias, a divisão de tarefas, o deadline, as regras de edição e redação e a relação com as fontes, eram procedimentos e comportamentos que tentava simular ao máximo com eles, assim como as saídas para os problemas: disputa de espaço (páginas no jornal), mudança de pautas (quando caíam), até mesmo o linguajar, o mesmo vocabulário usado numa redação (pelo menos na que eu estava inserida) reproduzíamos em sala de aula. Com base na experiência que tive como aluna e depois como professora da disciplina, considero que esta era a que mais se aproximava da realidade de uma redação de jornal.

- 7- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?

Acho uma ideia muito interessante, pois seria uma oportunidade a mais para os estudantes exercitarem tudo aquilo que vivenciam em sala de aula. Além de estimular a troca de experiências entre estudantes em diferentes estágios do curso. Seria ainda uma maneira de vivenciarem o jornalismo com mais intensidade e velocidade, já que teriam que responder a uma demanda real, em um período definido e realizando pautas de

interesse do curso ou da universidade. Também é uma forma dos alunos experimentarem diferentes linguagens – impresso, online, audiovisual, visual, áudio – e assim estarem em sintonia com a dinâmica jornalística atual que é praticada no mercado, mas que parece ainda estar distante da universidade.

- 8- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?

Sempre encarei a disciplina como uma atividade em que a prática é explorada ao máximo, mas nunca perdi de vista a teoria. As primeiras aulas eram dedicadas à revisão dos conceitos básicos sobre redação jornalística, entrevista, trato com as fontes e alguns pontos em torno dos dilemas éticos da profissão. Essa revisão era acompanhada de exercícios, leitura de notícias, avaliação das edições anteriores do jornal, de outras publicações do gênero, etc. Apesar de não haver uma leitura contínua de textos ou fichamentos de livros, mas conceitos de determinados autores e teorias do jornalismo sempre vinham à tona em diferentes momentos e situações da disciplina, o que até os fazia compreender melhor como as teorias vistas em sala se aplicavam na prática. O gatekeeper e a teoria da agenda setting eram as mais citadas pelos alunos, por exemplo. Sem falar na indústria cultural, discutida exaustivamente em uma das turmas por conta das pautas do grupo de cultura, etc.

- 9- Você, quando orientador, notava alguma expectativa dos alunos pela disciplina?

Tinha alunos com diferentes expectativas. Desde aqueles que se empenhavam, empolgavam com as pautas e acompanhavam a disciplina até os últimos momentos, aqueles que faziam apenas sua parte, encarando a situação como mais uma disciplina, mais um trabalho, sem entrar no “clima jornalístico” e outros que, por já estarem em semestres avançados e fazerem estágio menosprezavam as experiências da disciplina para sua formação (mas não atrapalhavam o empenho dos colegas) e, enfim, aqueles que realmente não tinham afinidade nenhuma com o modelo de jornalismo impresso, por mais que se esforçassem para fazer a sua parte. Vale ressaltar, que predominava o perfil de alunos com boas expectativas, que viam a disciplina como um marco importante para a formação e até consideravam-na como o momento para construir um portfólio e assim poder encarar a disputa por estágios no mercado, seja em redação ou em outras áreas jornalísticas.

10- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?

Acredito que deva continuar como atividade obrigatória do currículo, pois é uma boa oportunidade para exercitar a dinâmica da profissão. Contudo, se essa atividade se estendesse a um projeto de extensão seria melhor ainda, pelos motivos que já apresentei em resposta anterior. Talvez, fosse interessante ter na grade opcional um laboratório de jornalismo e não somente de jornalismo impresso, como era o caso da disciplina quando a ministrava. Essa oportunidade iria facilitar a vida dos alunos que quisessem dar continuidade às atividades realizadas com a disciplina obrigatória e ainda oferecer a estes a possibilidade de lidar com outras linguagens, como a multimídia, e estabelecer o diálogo entre as diferentes práticas.

11- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?

Como já mencionei em outra resposta, sempre considerei o jornal laboratório como um espaço para experimentação, mas acho necessário que existam diretrizes básicas que os alunos possam seguir, como uma linha editorial e um projeto gráfico. Mas sem precisar que estes se assemelhem aos dos jornais diários. A ideia é que estes dois facilitem o trabalho e guiem os estudantes e não que sejam barreiras à criatividade dos mesmos. Eles servirão como norte e com a finalidade de explicitar os objetivos da disciplina que, acima de tudo, é proporcionar aos alunos o exercício da boa prática jornalística, independente de serem seguidas as mesmas regras e formalidades do mercado de trabalho. É preciso uma orientação, até para otimizar a produção durante a disciplina, mas nada que force os alunos a seguirem um padrão universal e homogêneo. Essas diretrizes são importantes até do ponto de vista pedagógico, pois se constituem como um elemento metodológico da disciplina.

12- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?

Quando fui orientadora, minha posição era de “editor-chefe”, apesar de nunca termos usado essa nomenclatura, propriamente. Na verdade, tive uma participação próxima até demais, pois editei matérias, atribuição esta que era de alguns alunos, mas por conta da

ausência destes e do atraso no cronograma das atividades, chamei para mim essa responsabilidade para não sobrecarregar outros estudantes e prejudicar o processo inteiro. Também escrevi o editorial de algumas edições – talvez pelo vício de repórter. Mas hoje, distante do processo, acredito que o ideal é que o professor fique mais distante, seja uma espécie de consultor, de guia, mas não coloque a “mão na massa” e sim oriente e intervenha quando seja extremamente necessário, revisando os textos, a edição, a diagramação, mas não corrigindo ele próprio.

13- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência com a disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?

A divisão foi feita por áreas temáticas. Tínhamos grupos de economia, política, cultural, cidade, esporte e etc. Havia ainda o grupo da diagramação e da fotografia e os editores. Dentro de cada grupo havia repórteres e editor. Mas todos os estudantes escreveram uma matéria, mesmo que esta não tenha sido publicada. Essa foi uma condição que negociei com ele, pois acredito que assumir o ponto de repórter é importante para cada um dos outros cargos, pois assim se tem ideia das dificuldades, limitações e capacidades da reportagem e não se exige nem mais nem menos do repórter.

Acredito que essa divisão, equivalente a de uma redação profissional, é ideal, contudo, o fato de ter um editor para cada grupo temático fez com que muitos estudantes se esquivassem do processo de edição, sob a argumentação de não ser o papel deles. O ideal, talvez, fosse que cada estudante tivesse a oportunidade de assumir a função de editor também e, assim, participar diretamente do processo e ter experiências múltiplas ao longo da disciplina.

14- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

Essa ideia é interessante desde que os estudantes mais experientes não fiquem com a responsabilidade completa pelo jornal. A participação deles poderia ser bem relevante para o fechamento do jornal, o mais trabalhoso. Digo isso com base no fato de ter contado com o auxílio de um monitor na disciplina, um estudante de semestre mais avançado que teve uma atuação decisiva no fechamento das edições. Mas sou favorável mesmo ao modelo que restringe a disciplina a estudantes de um mesmo semestre, pois

estes se sentem mais confortáveis na troca de experiências, nem se esquivam das responsabilidades, nem se sentem inferiores aos demais.

15- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?

Eram os alunos. Em 2006.1, pegamos o jornal com um projeto definido e demos continuidade. Vale ressaltar que o monitor teve importante papel na diagramação do jornal, pois trouxe a experiência anterior para a sala de aula. Ele foi o elo que deu continuidade à disciplina. No semestre seguinte, os estudantes optaram por fazer uma reformulação do projeto gráfico, mudando a fonte, acrescentando fios, por exemplo, (agora não lembro se a logomarca mudou também, mas a Aline, que trabalha com você no Povo, pode lembrar, pois ela era da equipe de diagramação). Dada minha pouca vocação para os aspectos gráficos, deixei os alunos livres, apenas intervi no intuito de manter a coerência, harmonia e evitar que o projeto se distanciasse muito do anterior, quebrando assim a identidade do jornal. Eram mais conselhos da minha parte, pois o trabalho duro ficou mesmo para os alunos.

16- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

Não, até porque não havia relação nenhuma com a administração da universidade. Fizemos somente uma matéria que envolvia a universidade, se não me engano, que versava sobre a divulgação dos serviços aos quais os alunos tinham direito dentro da universidade. Mas, como o jornal ficou pronto quando eu já não fazia mais parte dos quadros do curso, não fiquei sabendo de nenhum tipo de repercussão.

17- Qual era o público-alvo do jornal?

A ideia inicial era que o jornal não ficasse restrito aos muros da universidade e fosse distribuído em instituições públicas, meios de comunicação e outros cursos de Jornalismo, tendo assim um público amplo e vasto, mas que tinha relação com o jornalismo e com o meio acadêmico. Contudo, as matérias não versavam somente sobre esses dois temas. Eram, na maioria, matérias que nunca teriam espaço na mídia convencional ou que até tinham espaço nos grandes veículos, mas que no jornal laboratório eram vistas sob uma nova perspectiva.

18- Qual a sua formação como jornalista e em que isso influenciou sua abordagem na disciplina (experiência em redação, experiência em assessoria, professor substituto, professor efetivo, etc.)?

Me formei na UFC em 2003.2 e comecei a trabalhar como jornalista em março de 2004. Quando assumi a disciplina como professora substituta, também trabalhava como repórter de Cidade do Diário do Nordeste, função esta que foi a responsável pela minha escolha para assumir a disciplina, segundo a coordenadora do curso à época. O fato de estar dentro de uma redação foi muito importante, pois trazia minhas experiências profissionais para os alunos e tentava reproduzir da forma mais verossímil possível o cotidiano de uma redação nas aulas, tendo sempre em mente que se tratavam ainda de alunos e não profissionais e trazendo apenas o que era “bom” de uma redação e não os vícios. Acredito que se não estivesse no mercado, não teria tido condições de contribuir para a formação dos estudantes e assumir as responsabilidades da disciplina, que é uma das mais importantes do currículo e aguardada por muitos alunos.

19- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

Toda. Quando era estudante, não tive registro nenhum de produção impressa dentro do curso. E não é apenas por questão de vaidade, mas por ser um registro da passagem dos estudantes, um documento para o curso e o pontapé inicial para a construção de um portfólio. A impressão de um produto dá mais respaldo, credibilidade e tira o ar “amador” do trabalho realizado pelos alunos. Além de dar visibilidade, a depender da circulação do material. Para os que têm o “vermezinho” do jornalismo, não há sensação melhor do que ver uma matéria publicada e assinada.

20- Considerações Finais.

Como já deixei claro, acredito que a disciplina de Jornal Laboratório é uma das mais importantes na grade de disciplinas práticas do curso. Contudo, é, ao mesmo tempo, uma disciplina complicada, pois requer muito empenho e dedicação tanto de alunos quanto dos professores. Acredito que a maior dificuldade encontrada se deu pela ausência de uma linha editorial explícita, que poderia vir expressa no próprio programa da disciplina, à falta de registros e arquivos, como o projeto gráfico, que não estava disponível na coordenação e, por sorte, consegui arquivos com o professor anterior, por ter uma relação mais próxima com ele. A disciplina ganhava a cara do professor que a

ministrava, o que, a meu ver, não é ideal, dada a rotatividade de professores substitutos no curso. Acredito que o mais ideal é que a disciplina tenha sim um programa, um projeto que dê vazão a adaptações a depender das turmas, mas que seja pensado com o objetivo de construir uma identidade para a disciplina, esta que deve manter a coerência em relação aos objetivos do curso. Não sei como se encontra a disciplina agora, pois meu contrato se encerrou no fim do semestre 2006.2 e não tive a oportunidade ainda de voltar a lecionar no Curso, mas torço para que essas lacunas tenham sido preenchidas, o que contribuirá para o aperfeiçoamento na formação dos estudantes. Sem falar na adequação à realidade das redações de jornal hoje, onde as novas tecnologias têm provocado mudanças na rotina de produção do jornalismo. Nesse aspecto, acho interessante que os alunos possam conhecer as redações de jornal locais durante a disciplina. Pois muitos deles saem do curso sem ter colocado o pé numa redação. Tentei implementar isso, mas não consegui por conta do cronograma, mas se houver um planejamento e esta atividade constar no programa, o professor encontrará uma maneira de executar essa atividade. Para finalizar, acho relevante também não deixar o jornal guardado na gaveta, que ele seja distribuído dentro e fora da universidade e que a coordenação do curso se comprometa em colaborar para que o jornal possa ser impresso. Recordo-me que esse encargo ficava por conta dos estudantes e do professor, não sei como está sendo feito agora. Mas viabilizar a publicação, a periodicidade do jornal é de extrema relevância para incentivar a produção dos alunos e a qualidade dos conteúdos.

Questionário 2 – (Ex)Alunos;

Claudiene Costa

1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório (ou similares) na UFC?

Cursei disciplina Jornal-Laboratório com o prof. Eliseu em 2004.1, e Laboratório de Jornalismo Impresso com Ronaldo Salgado, em 2005.2.

2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?

Falta de recursos que garantam a publicação e falta de diretrizes expressas, por exemplo registradas em ementa de forma mais formal.

- 3- Em que a falta de um projeto contínuo na disciplina afeta alunos e professores formados na UFC?

Alguns saem do curso sem experiência realmente válida de vivenciar o clima de criar matérias, de forma a realmente amadurecer entre o início e o fim de uma disciplina.

- 4- Você acha que a disciplina é determinante no estudo de um aluno de Jornalismo?

Sim.

- 5- Se sim, da forma que foi apresentada desde a criação da disciplina, o jornal-laboratório é um diferencial do curso?

Sim.

- 6- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?

Quarto semestre.

- 7- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?

Sim.

- 8- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?

Tentaram.

- 9- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?

Possibilidade válida, para suprir a não efetivação na sala-de- aula de atingir objetivos propostos pela disciplina.

- 10- Você acha que essa experiência foi determinante na sua construção como profissional?

Sim.

11- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?

Teórico-prática, porque recebemos suporte teórico e incentivo a exercitar o fazer jornalístico.

12- Você, quando aluno, viveu algum tipo de expectativa antes dessa disciplina?

Sim.

13- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?

Obrigatório, sem dúvida.

14- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?

Campo aberto para experimentação.

15- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?

Editor-chefe.

16- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência com a disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?

Quantidade de alunos dividida em grupos iguais, e estes distribuídos em editorias, com temas sugeridos em sala, e depois sorteados.

17- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

Não.

18- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?

Alunos.

19- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

Não houve envolvimento da reitoria com o conteúdo, mas também houve certo descaso quanto a agilizar a publicação.

20- Qual era o público-alvo do jornal?

Alunos e setores diversos da universidade.

21- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

Oportunidade de exercitar a produção de conteúdo, experimentar fazeres jornalístico, aproveitando o caráter experimental e suporte didático da universidade, e exercitar-se através da própria publicação, que de certa forma anima o aluno a produzir e proporciona retorno de algum leitor.

22- O projeto do jornal acabou sendo impresso/distribuído? Se não, por quê?

Sim; uma edição foi impressa no tempo previsto, mas a segunda edição do jornal foi impressa cerca de 1 ano após o previsto. O mesmo aconteceu com a Revista Entrevista. Nos dois casos esperou-se recursos da UFC e acabaram recebendo patrocínio do Banco do Nordeste.

23- Caso não tenha sido impresso/distribuído, o fato causou frustração? A não impressão lhe influenciou (negativa ou positivamente) na carreira jornalística?

A demora frustrou os alunos, e tirou parte da satisfação de ter feito a disciplina, mas apenas uma parte.

24- Considerações Finais.

Considero o trabalho de edição da Revista Entrevista, com Ronaldo Salgado, no sétimo semestre, a disciplina mais importante para minha formação como jornalista em todo o curso, sem sombra de dúvida. Quanto à disciplina do quarto semestre, de laboratório, considero ter sido num momento muito oportuno, quando iniciamos os estágios.

Questionário 3 – Pioneiros;

Nilton Almeida:

1- Você teve alguma experiência com a disciplina Jornal-Laboratório (ou similar) na UFC?

R- No jornal-laboratório *Calo*, criado por um grupo de alunos da turma de 1978, e com o *Comunicação*, jornal-laboratório do curso, lançado em 1979.

2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?

R – Parece que o jornal-laboratório não se inclui dentre as prioridades da Universidade, gerando problemas, por exemplo, na periodicidade. Mas há outras questões: professores e alunos, grosso modo, não pensam institucionalmente. A cada nova turma, surgem diferentes ideias em detrimento da história, da memória do curso, das lutas estudantis e de um projeto que incorpore mudanças, mas represente um *continuum*. Depois do *Comunicação*, foram lançados o *Ensaio* e o *Impressões*, para citar apenas um exemplo da década de 1980 e o jornal-laboratório atual. Penso que cabe aos professores, por conta de sua missão pedagógica, a obrigação de orientar também neste ponto. Sem essa direção, torna-se difícil sedimentar um percurso, fortalecer uma trajetória, ao contrário do que ocorre com a *Entrevista*, que se mantém há 20 anos, propondo um conceito de projeto pedagógico.

3- Em que a falta de um projeto contínuo na disciplina afeta alunos e professores formados na UFC?

R- Os mais prejudicados, sem dúvida, são os alunos, pelo simples fato de não aproveitarem o máximo do que um jornal-laboratório permite como instrumento de ensino essencial para sua formação. Em relação aos professores, creio que o maior prejuízo resulta numa imagem associada à inércia e à falta de compromisso.

4- Você acha que a disciplina é determinante no estudo de um aluno de Jornalismo?

R- Sim.

5- Se sim, da forma que foi apresentado desde a criação da disciplina, o jornal-laboratório é um diferencial do curso?

R- Respondo-lhe mais em termos de conceito, pois, quando me formei, em 1981, ainda não existia a disciplina. Considero-a determinante pelo fato de possibilitar experiências na discussão de pautas, na identificação de fontes, na coleta de informações, na construção de texto e na análise dos conteúdos. Jornal-laboratório é um bom exemplo de trabalho em equipe, de divisão de responsabilidades, de compromisso coletivo, do aprendizado como se caracteriza o fazer jornalístico. Um jornal-laboratório pode levar o aluno a conhecer sua cidade, observar a dinâmica da urbe e seus conflitos, constatar barreiras entre os grupos sociais, enfronhar-se em temas que lhe ajudem a compreender os problemas da comunidade em que vive. Mais importante ainda é a oportunidade que o jornal-laboratório propicia de discutir aspectos morais e éticos ligados à profissão, drama que qualquer aluno vai vivenciar nos veículos de comunicação ou em assessorias de imprensa. Também ajuda o aluno a começar a perceber (e a conviver com) as pressões a que o jornalista está sujeito no cotidiano da atividade.

6- Qual o momento ideal para instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?

R- A partir do terceiro semestre é um momento razoável. Como professor, aprendi que, no último semestre, o aluno está voltado para outras preocupações (monografia, formatura, por exemplo), prejudicando seu desempenho específico no jornal-laboratório. Defendo, porém que o exercício da escrita deve ser permanente, em todos os momentos, em todos os semestres. Nada impede, na minha visão, que um aluno do primeiro semestre já comece desde logo a colaborar para o jornal-laboratório. Quanto mais cedo, melhor.

7- Os jornais-laboratórios (ou pré-projetos) que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?

R- Avalio que sim, pelas razões que explicitarei no item 5. Essa participação, na minha fase de aluno, influenciou-me profundamente, e acredito que tenha ocorrido o mesmo

aos meus colegas. Como professor-orientador do *Sobpressão*, jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Unifor, essa convicção quanto à contribuição que o jornal-laboratório permite se fortaleceu.

8- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?

R- Não. Isso era impossível, tínhamos essa consciência. A ideia prevalecente foi sempre exercitar o espírito crítico e a capacidade de fazer reflexões, saber perguntar, aprender a observar, participar politicamente, escrever, escrever e escrever, dentro das condições e limites próprios da universidade.

9- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?

R- A ideia é interessante, resta saber se é viável e se há professores comprometidos com a proposta.

10- Você acha que essa experiência (em um jornal-laboratório) foi determinante na sua construção como profissional?

R- Foi muito importante e teve influência. Mas, evidentemente, esse aspecto determinante está associado a um conjunto de outros fatores.

11- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?

R- Considero-a disciplina teórico-prática, pois os pressupostos, temas, problemas e conteúdos de ambos os campos estão presentes na experiência do jornal-laboratório.

12- Você, quando aluno, viveu alguma frustração pela falta do modelo laboratorial no curso de Comunicação?

R- Não havia tempo para frustrações, ao mesmo tempo em que tínhamos uma ansiedade muito grande de participar, dizer que existíamos, contribuir de alguma forma para melhoria do curso. Quando percebemos o vazio e a quase inexistência de canais de diálogo, arregaçamos as mangas, fizemos nosso próprio jornal e lutamos pela criação do jornal-laboratório.

13- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como atividade extra ou como algo obrigatório?

R- Como disciplina obrigatória.

14- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?

R- Como campo aberto para experimentação. As realidades já são muito fechadas no mercado, com seus padrões, convenções e interesses políticos e econômicos. Se o aluno não experimentar na universidade, perderá grande oportunidade, afinal as regras do mercado são muitas vezes inflexíveis.

15- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?

R- Discordo da visão de fora, deixar o aluno resolver tudo, sem se manifestar, sem provocar discussão, sem debater, sem referenciar estudos e pesquisas, sem questionar-lhes opções carentes de argumentação. O orientador da disciplina tem de cumprir o papel de professor. Supõe-se, portanto, que tenha experiência suficiente para propor, discutir, ouvir, pontuar, alertar, recomendar, abrir campos de visão, sugerir, interrogar, levar o aluno à reflexão. Coordenar o trabalho, enfim, dentro de um ambiente democrático e participativo. Ele tem responsabilidades, até mesmo porque tem mais

“bagagem” do que os alunos, por isso é professor. Necessariamente, não precisa ser “editor-chefe”, terminologia que me parece inadequada para jornal-laboratório. Prefiro professor-orientador, com todas as responsabilidades que o termo embute.

16- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

R- Não sou simpático ao modelo de cargos de “chefia”. Parece-me presunçoso num grupo de iguais. Penso que o professor-orientador deve ter competências para reunir alunos de semestres distintos e construir um trabalho de qualidade, respeitando o potencial de cada um.

17- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?

R- Nossa experiência na UFC foi muito resultado de uma luta política pelo jornal-laboratório. Em larga medida, todos faziam tudo, embora houvesse alguns mais engajados. Não havia disciplina específica, e o envolvimento dos professores era mínimo, a não ser quando tinha alguma matéria mais forte que mexia na mentalidade conservadora dos dirigentes da universidade.

18- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

R- As insatisfações nunca eram expostas claramente, logo ficava difícil identificar interferências, embora os corredores falassem em censura. Mas o certo é que a universidade tinha uma grande arma: atrasar a impressão do jornal quanto tempo quisesse e alegar problemas técnicos, por exemplo.

19- Qual era o público-alvo do jornal?

R- Alunos da Universidade em geral e, mais especificamente, alunos do Centro de Humanidades (Benfica).

20- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

R- Acredito que respostas anteriores contemplem esta pergunta.

Específicas – Pioneiros do curso (*Calo*)

1- Antes da criação da disciplina (jornal-laboratório), qual era o contato dos alunos com o material (físico) produzido?

R- Era mais nas gráficas e nas oficinas de jornais (*O Povo e Tribuna do Ceará*) que nos apoiavam, em razão de relações de amizade que mantínhamos com alguns profissionais.

2- Qual era o objetivo inicial de o “Calo”?

R- Criar um instrumento para prática, mas que refletisse também uma atuação política, mostrando à Universidade que o jornal-laboratório era reivindicação factível. Veja o que dizia “A conversa com o leitor”, na primeira página: “No primeiro semestre deste ano, tornamos público o pensamento de fazer um jornal que desse vazão as nossas ideias e impulsos criativos e funcionasse ainda como cobaia para nossas experiências, um jornal-laboratório, portanto.”

3- A transformação do projeto em uma disciplina era uma conquista almejada?

R- De princípio, o objetivo era ter o jornal-laboratório como responsabilidade pedagógica da universidade. A disciplina veio depois.

4- O curso mudou muito a partir da instituição do jornal-laboratório?

R- É possível apontar alguns aspectos: os alunos passaram a ser mais respeitados em suas reivindicações, a mobilização do curso avançou e o diálogo professor-aluno deixou de ser travado apenas na “aula”, mas também na tarefa de se obter um resultado ou produto concreto das atividades pedagógicas;

5- Como foi feita a transição entre a iniciativa dos alunos para algo previsto para todos os semestres do curso?

R- De certa forma foi simples. O grupo do *Calo* tomou à frente e instituiu um conselho editorial, de princípio, formado exclusivamente por alunos, com representantes de todos as turmas. O professor Geraldo Jesuíno ficou responsável pela programação visual e montagem, e a impressão passou a ser feita na Imprensa Universitária.

6- Houve uma evolução ou se perdeu em qualidade entre a instituição do “Calo” e adoção da disciplina no curso?

R- Penso que evoluiu, senão não teriam valido as lutas, o aprendizado. Faço apenas uma ressalva ao fato de a disciplina não ter conseguido implementar um projeto mais duradouro, mais contínuo.

7- Após a adoção da disciplina, o “Calo” continuou circulando ou foi relevado em favor do material oficial?

R- O *Calo* circulou cinco edições, durante um ano, no período de outubro de 1978 a outubro de 1979. Na visão majoritária do grupo que criou o *Calo*, o veículo perdeu a razão de ser com a institucionalização do jornal-laboratório *Comunicação*, vez que o espaço para a prática estava garantido. Algo como “missão cumprida”.

8- As linhas editoriais dos dois projetos eram iguais ou diferentes? Em que pontos?

R- As diferenças se manifestaram mais no aspecto gráfico. O *Comunicação* tinha um projeto mais bem delineado, tamanho maior (29 x 42,5), mais páginas (oito) e design

mais bonito. O *Calo* era um pequeno jornal, tamanho 23 x 33,5, um pouco maior que o tamanho ofício (A3), quatro páginas, composto e impresso de favor na Indústria Gráfica Ramos Pouchain, empresa do nosso benemérito Francisco Pouchain, que era amigo do professor Luís Sérgio Santos. Em termos de conteúdo, por conta da ampliação do espaço, o *Comunicação* incorporou mais temáticas, mas sempre em torno dos temas educação, universidade, movimento estudantil, questões sociais e “problemas universitários”, como enfatizou o editorial da primeira edição.

Questionário 4 – Específico – Linha de Corte

Ana Carolina Nogueira:

1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório na UFC?

Cursei a disciplina em 2010.1, quando no 7º semestre do curso, em acordo com a proposta da grade curricular. No mesmo Semestre cursávamos estágio e Monografia I. me dediquei mais as duas disciplina paralelas que à disciplina de Jornal-laboratório, mas cumpri as atividades propostas a contento.

2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?

A vontade de experimentação dos novos alunos que chegam à disciplina todos os semestres. Todo mundo quer ser original, inovar.

3- Em que a falta de continuidade afeta alunos e professores formados na UFC?

Acho que não afeta alunos e professores isoladamente, mas sim o curso, que não tem uma referência em publicações a não ser pela revista Entrevista.

4- Você acha que a disciplina é determinante no estudo de um aluno de Jornalismo?

Sim, é nossa única oportunidade de simular uma redação de jornal ainda na faculdade, onde podemos simular também as condições perfeitas de trabalho.

5- Se sim, da forma que foi apresentada desde a criação da disciplina, o jornal-laboratório é um diferencial do curso?

Não acho que seja um diferencial. É uma disciplina necessária e obrigatória em todas as faculdades de Jornalismo. É uma obrigação que seja ministrada e bem administrada.

- 6- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?

Na minha opinião, na metade do curso (50% dos créditos) e deveria haver uma segunda disciplina, como Jornal-laboratório 2.

- 7- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?

Sim. Os alunos da minha turma eram muito imaturos em questões de texto, responsabilidade, profissionalismo, etc. Praticar é fundamental para que isso mude.

- 8- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?

Sim.

- 9- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?

Acho uma ótima idéia, mas me preocupa a abrangência do projeto. Quem pode participar? Como? A restrição tem que ser apenas por interesse e não por falta de estrutura.

- 10- Você acha que essa experiência foi determinante na sua construção como profissional?

Sim, como todas as outras ao longo do curso, desde a composição de um parágrafo às entrevistas aprofundadas da Revista Entrevista. Tudo faz parte da formação.

- 11- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?

Prática. Não nos voltamos ao referencial teórico na hora de produzir, talvez por isso o resultado explicita tanto que o produto foi feito às cegas.

- 12- Você, quando aluno, viveu algum tipo de expectativa antes dessa disciplina?

Imaginava um resultado mais satisfatório, embora tenha gostado do Linha de Corte.

13- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?

Obrigatório!

14- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?

Campo aberto. O jornalismo precisa de inovação e a Universidade tem o dever de incentivar as tentativas dos alunos em promover isso.

15- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?

Cargo de comando. Apesar de achar que precisamos aprender a nos virar sozinhos, também acho que precisamos de disciplina.

16- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência coma disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?

Editorias, com o cargo de editor-chefe rotativo. Acho que foi acertado, nos demanda responsabilidade, respeito aos colegas, etc.

17- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

Não. Pessoas tendem a se incomodar com a idéia de serem chefiados. É mais fácil administrar dentro de um semestre onde já há coleguismo. Afinal é só uma simulação.

18- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?

Alunos.

19- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

A Reitoria sabe que fazemos um jornal? (Sinceramente, risos!)

20- Qual era o público-alvo do jornal?

Universidade: alunos, funcionários e outras faculdades de Comunicação.

21- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

Estimula.

Específicas – Linha de Corte.

22- Como o jornal tratava as fotos? O repórter fotográfico foi ressaltado na experiência?

Cada editoria era responsável por suas fotos já prontas para impressão. Não houve destaque ou sequer repórteres que assumissem a função exclusiva de fotográficos.

23- Como foi, na sua opinião, a relação entre os gêneros opinativos e informativos no jornal?

A produção de opinião pelos alunos foi muito fraca para não dizer quase nula.

24- A falta de um parâmetro anterior atrapalhou, em sua opinião, a construção do modelo?

Não.

25- Se sim, em que pontos?

26- Considerações Finais.

O jornal-laboratório é fundamental em um curso que se quer técnico-teórico-prático e não consegue assumir com competência nenhuma das três funções. A partir da experimentação os alunos descobrem pontos fortes e fracos que precisam ser trabalhados de diferentes formas.

Questionário 4 – Específico – Linha de Corte

Arilo Assunção Silva:

1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório na UFC?

Atuei como repórter. Fiz uma matéria e uma entrevista.

- 2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?

A falta de um projeto patrocinado pelo curso. Não algo organizado pelo professor da disciplina em comum acordo com os alunos.

- 3- Em que a falta de continuidade afeta alunos e professores formados na UFC?

Os alunos deixam de participar de uma atividade muito enriquecedora. (Professores formados na UFC?) Se já tiverem sido alunos, o mesmo vale para eles. Apesar de que, se já são professores, obviamente apresentam uma qualidade desejada para exercer tal função.

- 4- Você acha que a disciplina é determinante no estudo de um aluno de Jornalismo?

Não diria determinante, mas benéfica. Ajuda no aprendizado.

- 5- Se sim, da forma que foi apresentada desde a criação da disciplina, o jornal-laboratório é um diferencial do curso?

Não diria que é um diferencial, pois, me parece, outros cursos têm a mesma ferramenta nas suas ementas. Além do quê, da forma como nos foi apresentada na disciplina, o jornal precisava ser aprimorado muito.

- 6- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?

4º semestre, acredito.

- 7- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?

Não creio que contribuiu tanto para uma experimentação. Muito por conta dos alunos que não se interessaram em fazê-la.

- 8- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?

Em alguma medida sim. Mas por falta de estrutura ficou inviável fazer algo que simulasse uma redação de jornal da maneira adequada.

9- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?

Com muito bons olhos. Seria importante um projeto assim.

10- Você acha que essa experiência foi determinante na sua construção como profissional?

Não.

11- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?

Prática. Não existe muita teoria nessa disciplina. Destina-se essencialmente à prática do jornalismo.

12- Você, quando aluno, viveu algum tipo de expectativa antes dessa disciplina?

Não, pois nunca me atentei para a possibilidade de fazermos um jornal em alguma disciplina da graduação.

13- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?

Como algo obrigatório. No entanto oficializado pelo departamento do curso e aparamentado com uma política de publicação do material elaborado.

14- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?

Aberto para experimentação. A universidade é um ambiente propício para isso.

15- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?

Cargo de comando para contribuir com a sua experiência para a elaboração do jornal.

16- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência como disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?

Dividido em editorias, com funções definidas como a de editor e repórter. Poderia ter sido mais hierarquizado ainda, com funções como fotógrafo oficial, revisor e diagramador. Mesmo que tais funções fossem transitórias entre os alunos.

17- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

Não acredito nisso. Os alunos devem conhecer, eles mesmos, as dificuldades de se elaborar um jornal.

18- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?

Os alunos em comum acordo com o professor.

19- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

Não houve embate, mas sim uma grande apatia, diria até desinteresse, para com o jornal.

20- Qual era o público-alvo do jornal?

Estudantes universitários, se não estou enganado.

21- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

Mexe na auto-estima do aluno e ajuda a aprender na prática tópicos teóricos que ele presenciou em disciplinas ao longo do curso.

Específicas – Linha de Corte.

22- Como o jornal tratava as fotos? O repórter fotográfico foi ressaltado na experiência?

Não havia uma política especial para fotos. O repórter, quase sempre, era improvisado por quem fazia a matéria, ou as fotos eram enviadas pelas assessorias de órgãos pautados.

23- Como foi, na sua opinião, a relação entre os gêneros opinativos e informativos no jornal?

Foi bem demarcada. A falta de espaço físico no jornal fez com que não fossemos capazes de desenvolver perfeitamente os gêneros

24- A falta de um parâmetro anterior atrapalhou, em sua opinião, a construção do modelo?

Sim. Perdemos tempo elaborando um parâmetro.

25- Se sim, em que pontos?

Na perda de tempo e na nossa pouca experiência em definir um projeto gráfico.

26- Considerações Finais.

A experiência foi boa, mas poderia ter sido melhor. A falta de um projeto continuado e de apoio institucional atrapalhou um pouco. Também a falta de interessados alunos, os quais, a maioria, já tinham tido experiências jornalísticas, atrapalhou um pouco o processo. Boa sorte!

Questionário 4 – Específico – Linha de Corte

Thais Martins:

1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório na UFC?

No 6ª semestre da faculdade eu cursei a disciplina Jornal-Laboratório, com a professora Klycia Fontenele, e nós realizamos duas edições do jornal Linha de Corte. Embora nosso ombudsman oficial fosse o professor Ronaldo Salgado, nós tivemos maior orientação do professor Agostinho Gósson que, após cada edição publicada, nos aconselhava sobre o que deveria melhorar e sugeria mudanças.

2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?

A necessidade que cada turma tem de fazer algo único e inovador, ignorando assim o que foi feito anteriormente e pensando em sempre criar uma nova ideia. Enquanto não houver um projeto próprio do curso, os alunos não vão se sentir à vontade para repetir os passos da turma anterior.

3- Em que a falta de continuidade afeta alunos e professores formados na UFC?

Com a falta de continuidade, falta uma publicação que seja típica da UFC e que represente uma fase da vida acadêmica, trazendo com isso uma espécie de identidade estudantil. Além disso, e mais importante para os alunos graduados, seria a possibilidade de ter algo da própria universidade que pudesse ser usado como portfólio, já que ter experiência na nossa área é essencial para a vida profissional, e a academia não proporciona isso. O aluno precisa, então, se desdobrar entre as disciplinas e um estágio para poder ser considerado um profissional completo ao sair da universidade.

4- Você acha que a disciplina é determinante no estudo de um aluno de Jornalismo?

Definitivamente. Jornalismo é prática, não teoria, e essa é a única disciplina sobre jornalismo impresso que é inteiramente prática e aberta a todos os estudantes. Há ainda os laboratórios de cada área específica do jornalismo, e existe o laboratório de jornalismo impresso (que é, esse sim, um exemplo a ser seguido pelo curso, na questão da identidade, continuidade e produção de portfólio para os alunos), mas as vagas são limitadas, já que cada área tem que ter algum estudante, então nem sempre o aluno fica matriculado na disciplina que represente sua área de interesse.

5- Se sim, da forma que foi apresentada desde a criação da disciplina, o jornal-laboratório é um diferencial do curso?

Desde a criação da disciplina? Não sei, não acompanhei tudo o que foi feito. Lembro de algumas edições do jornal Cidade em Pauta, que era um modelo de jornal que poderia vir a representar a universidade, mas parou de ser produzido, não sei por que motivo. Acredito que a falta de conhecimento das produções já feitas denotam que não, o jornal-laboratório não é um diferencial do curso.

6- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?

Nos semestres mais iniciais, talvez no 3º, quando o estudante ainda não está tão envolvido em atividades fora da universidade,

7- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?

Contribuíram, sim, porque seria impossível não contribuir, mas não foi algo marcante. Foi algo mais burocrático do que passional.

8- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?

Não. Os próprios estudantes definiam as pautas, não existia a obrigação de escrever no local e os prazos não eram cumpridos, e, por consequência, estendidos.

9- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?

Pode pular essa pergunta? Eu realmente não sei o que responder... (Mas se tu quiser que eu responda, avisa por email que eu penso em algo :P)

10- Você acha que essa experiência foi determinante na sua construção como profissional?

Não. A disciplina foi feita simplesmente com o intuito de obter os créditos.

11- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?

Prática. Acho que a disciplina deveria ser o momento para simular uma experiência profissional, mas que possibilite a criatividade dos alunos. Não acho que esse espaço seja propício para discussões teóricas.

12- Você, quando aluno, viveu algum tipo de expectativa antes dessa disciplina?

Não, justamente por causa da falta de identidade da disciplina. A expectativa que vivi na faculdade foi antes da disciplina de laboratório de jornalismo impresso, cujo produto final é a Revista Entrevista.

13- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?

Obrigatório.

14- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?

Aberto para experimentação, mas com uma orientação adequada para manter os alunos próximos da realidade e impedir a execução de ideias mirabolantes demais que não tenham sentido jornalístico.

15- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?

Inserido num cargo de comando, e ser uma figura em posição de cobrar dos alunos decisões tomadas pelas editorias.

16- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência com a disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?

Teoricamente, houve divisão. Cada editoria era dividida por grupos de alunos, e dentro do grupo havia a figura do editor e dos repórteres. Mas, na prática, não houve uma figura que se comportou com um editor, era como se todos fossem repórteres.

17- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

Talvez não, porque o aluno de comunicação social é arrogante. Se ter que seguir ordens dos professores já é uma tarefa árdua, imagino que seguir ordens de colegas de curso não seria visto com bons olhos,

18- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?

Os próprios alunos.

19- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

Não houve interferência nem embate. A reitoria simplesmente ignorou o jornal, mesmo quando contactada para responder perguntas dos repórteres. Mas o jornal foi impresso pela gráfica universitária, então não se pode dizer que o setor administrativo agiu com descaso.

20- Qual era o público-alvo do jornal?

Estudantes universitários.

21- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

A possibilidade de ter uma experiência parecida com a profissional na faculdade é gratificante para os estudantes. E acho ainda que, embora o mundo caminhe cada vez mais para o digital e o jornalismo na internet, o fetiche de ter algo publicado em papel representa a prática jornalística que levou os estudantes às universidades e os fez ter interesse na profissão.

Específicas – Linha de Corte.

22- Como o jornal tratava as fotos? O repórter fotográfico foi ressaltado na experiência?

As fotos eram de péssima qualidade. Não havia um repórter fotográfico. Mesmo quando imagens de maior qualidade eram requisitadas, os estudantes simplesmente diziam que não podiam fazer nada e as imagens permaneciam as mesmas, sem qualidade.

23- Como foi, na sua opinião, a relação entre os gêneros opinativos e informativos no jornal?

Em geral, pelo que me lembro, os dois gêneros foram bem abordados.

24- A falta de um parâmetro anterior atrapalhou, em sua opinião, a construção do modelo?

Sim. A turma acabou perdendo muito tempo decidindo o que seria o jornal, qual seria a linha editorial, o projeto gráfico e outras coisas técnicas.

25- Se sim, em que pontos?

A vontade de fazer uma coisa original – que percebi mais na orientadora do que nos alunos em questão – fez com que um novo jornal fosse pensado e cada aspecto definido. Público alvo, nome do jornal, projeto gráfico, divisão das editorias, e mais outros pontos que não vou lembrar agora, foram discutidos. O problema não é a discussão em si, mas a falta de vontade de adotar um modelo que já existia no curso, que é o Cidade em Pauta, para se criar um novo modelo que também não foi adotado pelo curso, e foi utilizado somente pelo nosso semestre, já que o semestre seguinte também discutiu os mesmos pontos e criou um novo novíssimo jornal.

26- Considerações Finais.

O que falta ao curso é a adoção de um modelo único a ser seguido por cada semestre que faça a disciplina. Se necessário, que seja imposto pelos professores ou pela coordenação. Se a escolha ficar sempre a critério dos alunos, cada turma vai fazer uma coisa diferente, já que cada turma tem características diferentes.

Questionário 5 – Específico – Impressões

Cleisyane Quintino:

- 1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório na UFC?

Fiz a disciplina Jornal-Laboratório no semestre passado, 2010.1. Apesar de o curso não proporcionar condições que possibilitem uma regularidade para o projeto, minha turma conseguiu ainda produzir três edições do jornal, menos do que o mínimo (4 edições) exigido pelo Ministério da Educação. Na disciplina, eu tive a oportunidade de ser editora, repórter e entrevistadora.

- 2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?

O projeto não tem continuidade porque não há uma verba específica para o Jornal. Por isso, todo semestre, o responsável pela disciplina tem de negociar com a Imprensa Universitária a possibilidade de se imprimir ao menos 500 exemplares, para toda a universidade.

- 3- Em que a falta de continuidade afeta alunos e professores formados na UFC?

O Jornal Laboratório é uma oportunidade de o aluno ter contato com o ambiente da redação, com prazos para fechamento de edição e hierarquias de função. Por ser distribuído para outros alunos, é uma forma de se aperfeiçoar a escrita e as técnicas jornalísticas. Se a regularidade do projeto está comprometida pela burocracia ou mesmo o descaso da Universidade, os alunos perde essa experiência que é importante também para a memória do curso e da UFC.

- 4- Você acha que a disciplina é determinante no estudo de um aluno de Jornalismo?

Claro. É um absurdo um estudante cursar 4 anos de Jornalismo e não ter tido a experiência de uma redação de jornalismo impresso. Não podemos esquecer que o Jornalismo nasceu com a mídia impressa. Então, no mínimo, os alunos devem passar pelas etapas de produção do jornal.

- 5- Se sim, da forma que foi apresentada desde a criação da disciplina, o jornal-laboratório é um diferencial do curso?

Não é um diferencial no nosso curso pelos problemas estruturais que enfrentamos. O nosso produto diferencial é sem dúvidas a Revista Entrevista, muito mais pelo esforço do professor titular da disciplina do que da universidade.

- 6- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?

Acredito que o ideal é o sexto semestre, quando os alunos já têm toda a base das técnicas jornalísticas.

- 7- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?

Sim. Durante todo o curso, nós temos experiências com a prática jornalística, mas acredito que é nos jornais laboratórios que a experiência é mais completa. Pois passamos por todas as etapas do trabalho jornalístico. Fazemos a reunião de pauta, definimos as funções de cada um (repórter, fotógrafo, editor, revisor, diagramador), escrevemos o texto, passamos para a edição, depois para a revisão, vai para a diagramação, o jornal é impresso, distribuimos o jornal, e por fim, fazemos a avaliação. E todo esse processo é importante porque aprendemos que o trabalho de um depende do outro. Temos prazos a cumprir para que uma edição não fique comprometida. Esse projeto é válido não apenas porque simulamos uma redação, mas porque também observamos os comportamentos dos nossos colegas como profissionais. Alguns não fazem o seu trabalho corretamente, sobrecarregando outros. E isso apesar de ser ruim durante a disciplina é importante para a vida. Sabemos ali numa simulação quem é o profissional com quem vale a pena trabalhar futuramente.

- 8- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?

Não conseguimos totalmente, mas demos alguns passos. Digo que o resultado não foi totalmente positivo porque não tínhamos as condições ideais, ou seja, não tínhamos uma redação com telefone e computadores para todos. E também porque a disciplina é ofertada no sétimo semestre do curso, quando boa parte da turma não tem muito tempo por conta do estágio e por já estar envolvida com o trabalho de conclusão de curso.

- 9- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?

Eu acho que todo tipo de projeto é válido, desde que isso não tire a obrigatoriedade do curso de oferecer um jornal laboratório na própria grade curricular.

- 10- Você acha que essa experiência foi determinante na sua construção como profissional?

Confesso que já tive outras experiências mais interessante para a minha formação profissional. Foi bom ter tido a oportunidade de participar do jornal-laboratório, mas acho que não foi determinante na minha construção como profissional. Acho que se eu tivesse feito essa disciplina em semestres anteriores, o aprendizado poderia ter sido maior. A turma teria se envolvido mais com o projeto.

- 11- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?

Téorico-prática, pois discutimos tudo aquilo que decidimos para o jornal. Por exemplo, antes de irmos a campo, discutimos em sala como seria o nosso jornal, que gênero deveríamos abordar. E para isso, trouxemos toda a nossa carga teórica do que são os gêneros jornalísticos apresentados a nós, alunos, em outras disciplinas. No entanto, devo aqui dizer que a disciplina é mais teórica do que prática, pois o que nos referencia nas discussões são leituras de outrora. Nenhum texto novo nos é apresentado durante a disciplina.

- 12- Você, quando aluno, viveu algum tipo de expectativa antes dessa disciplina?

Bom, no período em que estudei na UFC, não ouvia falar de nenhum jornal laboratório. A minha expectativa, desde que entrei no curso, era com A Revista Entrevista, que inclusive foi o único projeto apresentado pela coordenação do curso na semana de recepção, quando eu ainda era caloura. Conheci um jornal laboratório e tive noção de sua importância para a comunidade universitária quando fui aluna de mobilidade acadêmica na Universidade de Brasília (UnB). Lá, o jornal Campus já tem 39 de existência, com uma distribuição de 4.000 exemplares sendo 4 edições por semestre. E logo que é distribuída a primeira edição, a segunda tem um prazo de 15 dias para estar nas mãos dos estudantes.

13- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?

Obrigatório. Como já disse anteriormente, o jornalismo nasceu com a mídia impressa. Ela é a base do jornalismo que é praticado hoje. Então a experiência nessa área além de válida é obrigatória para quem quer ser jornalista.

14- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?

Claro que deve ser um campo aberto. Devemos sempre experimentar novas formas tanto na universidade quanto no mercado de trabalho. No entanto, temos maior liberdade no meio universitário, e por isso devemos aproveitar. Mas acho que algumas coisas devem ser fixas, como o nome do jornal, para criar uma identidade, a tiragem, as funções dos alunos e o público.

15- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?

O orientador é apenas orientador. Acredito que todas as decisões devem ser tomadas pelos alunos, pois eles já têm maturidade suficiente para tal. O professor deve apenas revisar e evitar erros grotescos no jornal.

16- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência com a disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?

Como a turma era pequena e não tínhamos editorias, optamos por fazer um conselho editorial com três pessoas. Então, na própria reunião de pauta, as pessoas se inscreviam para as funções existentes. Acredito que deu certo porque apesar de haver editor e repórter, o editor não era autoritário. Qualquer mudança no texto do repórter era acordada entre as partes.

17- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

Não sei se isso funcionaria, porque como o produto é coletivo, acho que a turma deve ter entrosamento. É interessante que os alunos já se conheçam. E talvez os estudantes de semestre mais avançados, por se sentirem mais experientes, possam querer tomar as rédeas do projeto, o que seria prejudicial para os demais alunos.

18- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?

Eram os alunos que cursavam no momento, no caso a Mariana Lazari e o Yuri Leonardo, por serem as pessoas com melhores habilidade na parte gráfica.

19- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

Não. Aliás, quando precisamos de alguém como fonte para alguma reportagem, reitor, pró-reitor ou professor, eles foram sempre solícitos. E não recebemos nenhum tipo de reclamação quanto ao conteúdo do jornal. Colocamos até um quadrinho irônico com a figura do reitor na página de opinião da segunda edição, e não houve qualquer reclamação da parte da reitoria.

20- Qual era o público-alvo do jornal?

A comunidade universitária.

21- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

Específicas – Impressões

22- A experiência do semestre anterior (Linha de Corte) influenciou de alguma maneira a construção de Impressões?

Não acredito que o Linha de Corte em si tenha influenciado a nossa turma, mas a conversa que tivemos com os alunos que fizeram o jornal foi importante para saber da própria dinâmica e das dificuldades enfrentadas no jornal-laboratório.

23- Qual foi o motivo da quebra total com o modelo do semestre anterior? Como foi feita a decisão por um modelo próprio?

O formato do jornal anterior era direcionado para os estudantes de Comunicação e se assemelhava a uma revista. E decidimos que queríamos que ele se parecesse com um jornal mesmo e que fosse escrito para toda a universidade. A diagramação do Linha de Corte também era muito “quadrada”, optamos por ousar, mas falhamos nisso, pois somente duas páginas foram diferentes. Para ajudar a construir o nosso jornal, nós buscamos outros jornais de outras universidades.

24- O que você acha que motivou essa decisão?

Acho que respondi na pergunta anterior.

25- Como o jornal tratava as fotos? O repórter fotográfico foi ressaltado na experiência?

Apesar de termos trabalhado com fotos, o que foi privilegiado em nosso jornal foram os textos. Acredito que isso aconteceu porque não tínhamos acesso às câmeras do curso e porque não tínhamos um professor de fotografia para nos auxiliar.

26- Como foi, na sua opinião, a relação entre os gêneros opinativos e informativos no jornal?

O Impressões era dividido não por editoriais, mas por gêneros. Foram trabalhados crônicas, resenhas, contos, colunas, reportagens e notícias. Acredito que conseguimos dar espaço tanto para a opinião quanto para a informação de forma equilibrada.

27- A presença de apenas uma experiência recente bem sucedida na disciplina interferiu na construção do jornal-laboratório?

Bom, se já tivéssemos um projeto consolidado na universidade, não teríamos perdido tanto tempo na escolha do formato. Também não teríamos precisado conversar e negociar com a Imprensa Universitária a publicação do projeto.

28- Em que atrapalhou? Em que ajudou?

29- Considerações Finais.

Questionário 5 – Específico – Impressões

Geimison Maia:

1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório na UFC?

Fiz parte da primeira turma do jornal “Impressões”. Foi uma experiência bastante proveitosa, pois tive a oportunidade de realizar entrevistas, fazer reportagens, colunas e editar o jornal.

2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?

Acho que falta estabelecer um projeto que permaneça por um período mínimo de tempo. Gosta de usar o parâmetro da “Revista Entrevista”, que tem um projeto editorial já bem definido e acho que isso é muito importante para o sucesso da publicação.

Agora, não acredito que seja interessante definir um projeto pro Jornal-Laboratório muito fixo e por um longo período de tempo. Talvez um projeto devesse se estabelecer por uns quatro semestres (esse número é só uma especulação) e depois haveria uma reformulação. Também é muito importante que os estudantes participem da construção de um projeto gráfico e editorial.

3- Em que a falta de continuidade afeta alunos e professores formados na UFC?

Acho que isso é muito ruim, pois a disciplina fica sempre na “corda-bamba” e depende do engajamento do professor responsável e dos alunos para sair. Se já fosse uma coisa bem estabelecida, com “tradição”, as pessoas teriam uma “obrigação moral” de dar continuidade ao projeto.

4- Você acha que a disciplina é determinante no estudo de um aluno de Jornalismo?

Acho que sim, é o único momento em que você pode construir um produto com conteúdo noticioso, já que a outra publicação (Revista Entrevista), como o próprio nome diz, é dedicada a entrevistas.

5- Se sim, da forma que foi apresentada desde a criação da disciplina, o jornal-laboratório é um diferencial do curso?

É um diferencial e acho uma pena que seja assim. Pelo menos na disciplina Impresso I, os alunos já deveriam montar um jornal com as reportagens que são produzidas na disciplina.

6- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?

Acho que por volta do 5º ou 6º semestre. No sétimo semestre os alunos já estão focados no fim do curso, tem monografia e quase todos estagiam. O tempo fica muito escasso e a produção de um jornal exige um fôlego muito grande.

7- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?

Sem dúvida. É uma excelente oportunidade dos alunos colocarem em prática o que aprenderam em três anos de curso. Sem contar que o Jornal-Laboratório permite uma ousadia, tanto gráfica como editorial, que nem sempre se consegue fazer no mercado.

8- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?

Não, por ausência de uma estrutura física e da dificuldade em conciliar o tempo de cada aluno. No fim, tornou-se um trabalho individual que era aglutinado no fim.

9- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?

É uma proposta interessante, mas acho que não deva substituir a disciplina Jornal-Laboratório.

10- Você acha que essa experiência foi determinante na sua construção como profissional?

Sem dúvida, cometemos erros e acertos que sempre nos engrandecem. Também tivemos que passar por algumas dificuldades, tanto internas como externas. No fim, ter conseguido o êxito de publicar as três edições é uma grande vitória.

11- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?

Prática, porque não houve uma discussão teórica sobre o fazer jornalístico durante a disciplina. E esse é o papel dela mesmo. As disciplinas teóricas já foram vistas ao longo do curso.

12- Você, quando aluno, viveu algum tipo de expectativa antes dessa disciplina?

Não, principalmente pelo fato de não ter um projeto estruturado, ao contrário da Revista Entrevista (Laboratório de Jornalismo Impresso), por exemplo.

13- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?

Obrigatório. Acho que todos os alunos devem ter essa experiência. Quando se transforma em atividade extra, nem todo mundo participa, infelizmente.

14- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?

Campo aberto para experimentação, mas seria interessante se um determinado projeto ficasse por um período curto.

15- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?

Inserido num cargo de comando, de preferência com experiência em redações jornalísticas..

16- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência coma disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?

A divisão foi: um grupo de editores, outro de revisores e os repórteres. Isso foi fundamental para organizar o trabalho.

17- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

Sinceramente, essa eu não sei responder. Só acho que seria complicado conciliar os horários de alunos de semestres diferentes.

18- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?

Os alunos construíram todo o projeto gráfico e editorial. Os professores auxiliaram dando algumas orientações e sugestões.

19- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

Não houve nenhuma interferência em relação ao conteúdo do jornal. O único problema foi relacionado á impressão, que demora um pouco para sair devido as condições de infraestrutura da Imprensa Universitária. Não vimos nisso nenhuma interferência política por parte da Reitoria.

20- Qual era o público-alvo do jornal?

A comunidade acadêmica da UFC.

21- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

Considero que é fundamental, para que o estudante conheça, minimamente, todas as etapas de produção de um jornal.

Específicas – Impressões

22- A experiência do semestre anterior (Linha de Corte) influenciou de alguma maneira a construção de Impressões?

Sem dúvida influenciou. Por mais que não tenhamos adotado a proposta gráfica e editorial do “Linha de Corte”, o fato do jornal anterior ter sido publicado em duas edições gerou uma responsabilidade para que também mantivéssemos uma periodicidade. Também foi a partir do “Linha de Corte” que decidimos no que a gente deveria dar continuidade ou não. A partir daí, passamos a construir o perfil gráfico e editorial do “Impressões”.

23- Qual foi o motivo da quebra total com o modelo do semestre anterior? Como foi feita a decisão por um modelo próprio?

Achamos que graficamente, o “Linha de Corte” não tinha uma diagramação agradável, principalmente pelo formato em A4. Felizmente, nós conseguimos implantar um modelo que tem um formato mais parecido com os demais jornais em circulação. Agora aí também entra o fator “sorte”, porque tivemos menos dificuldades em fazer com que a Imprensa Universitária concordasse em imprimir o material no formato que nós escolhemos, com uns pequenos ajustes. Ao contrário da turma anterior, que teve que mudar radicalmente o projeto gráfico.

24- O que você acha que motivou essa decisão?

Acho que aí entra a questão do “perfil” da turma. Primeiro, havia pessoas que sabiam trabalhar muito bem com a questão gráfica e, ainda, tinham um grande talento para essa área. Isso foi importante para que o “Impressões” pudesse ter essa diagramação atraente e que foi elogiada pelo restante do curso.

Não sei se tenho condições de fazer uma análise quanto ao conteúdo dos dois jornais, mas acho que o perfil da turma também tem um fator muito grande. Por exemplo, a turma que produziu o “Linha de Corte” tem gente que fez ou faz parte do movimento estudantil, pessoas ligadas ao movimento social e que sabem que a comunicação tem um papel importante para divulgar essas causas e acho que eles fizeram uso do “Linha de Corte” também para isso.

Já a turma do “Impressões” tem um outro perfil. Poucos já passaram pelo movimento estudantil ou social. Uma grande parte tem um maior interesse pela área de cultura e vem o jornalismo mais do ponto de vista profissional e não como um meio de ...

25- Como o jornal tratava as fotos? O repórter fotográfico foi ressaltado na experiência?

Não. Na verdade tivemos problemas em relação às fotografias, porque não tínhamos o repórter (ou repórteres) fotográficos. Os responsáveis pelas matérias é que tinham a responsabilidade em apurar, redigir os textos e fazer o registro fotográfico. As exceções foram a primeira e a última entrevista, em que um de nós ficou responsável só pela fotografia, enquanto outros dois entrevistadores conduziam a entrevista. Isso aconteceu porque a diagramação exigia um ensaio fotográfico do entrevistado.

26- Como foi, na sua opinião, a relação entre os gêneros opinativos e informativos no jornal?

Acho que houve uma preponderância do gênero informativo. Ainda assim, existia uma página só de opinião (pagina 2) com uma duas colunas (Direto ao Ponto e Ombudsman) e um editorial. Acho que isso, novamente, depende muito do perfil da turma. Poucos se mostraram interessados em construir textos opinativos.

27- A presença de apenas uma experiência recente bem sucedida na disciplina interferiu na construção do jornal-laboratório?

Sem dúvida, se não fosse a experiência do “Linha de Corte”, com certeza não teríamos publicado as três edições do “Impressões”. E se ao longo do tempo a disciplina já estivesse estruturada e mantendo o ritmo de produzir as quatro edições, que é o número ideal, provavelmente nós também teríamos publicado quatro edições.

28- Em que atrapalhou? Em que ajudou?

A experiência do “Linha de Corte” não atrapalhou em nada. Serviu de parâmetro para discutir o que a gente queria continuar e o que não queríamos adotar.

29- Considerações Finais.

Acho que deve ficar o incentivo para que os estudantes mantenham uma produção regular na disciplina de Jornal-Laboratório, isso é fundamental para o curso e para a

formação de cada um. E espero que sua monografia contribua para isso! Parabéns pela iniciativa.

Qualquer dúvida ou questão que você considere que não foi bem respondida ou que não ficou claro o suficiente, pode ficar a vontade para reenviar esses questionamentos.

Questionário 5 – Específico – Impressões

Mariana Lazari:

1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório na UFC?

Cursei a disciplina no semestre passado (2010.1), quando estava cursando o sétimo semestre do curso.

2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?

A falta de um professor efetivo que estabeleça o projeto de um jornal-laboratório e se envolva com ele, mantendo-o em todos os semestres.

3- Em que a falta de continuidade afeta alunos e professores formados na UFC?

Afeta mais na execução do trabalho. Chega-se ao semestre sem saber o que se vai fazer. Aí é preciso desenvolver um jornal completo, com nome, linha editorial, projeto gráfico... Isso demanda tempo, prejudica prazos e acaba não permitindo o desenvolvimento de quatro edições do jornal. Além disso, não se estabelece uma vontade de trabalhar naquele projeto, como acontece na disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso, por exemplo. Nesse caso, ingressa-se no curso contando os semestres para produzir a Revista Entrevista, um produto consolidado. A falta de continuidade faz com que os alunos enxerguem a disciplina como mais uma a se cumprir e a produção do jornal simplesmente como mais uma obrigação acadêmica.

4- Você acha que a disciplina é determinante no estudo de um aluno de Jornalismo?

Certamente. Apesar de todas as falhas e dificuldades encontradas na disciplina, no caso da UFC, é preciso vivenciar algumas situações que só a produção de um veículo de comunicação proporciona.

- 5- Se sim, da forma que foi apresentada desde a criação da disciplina, o jornal-laboratório é um diferencial do curso?

Não acredito que seja um diferencial. Obviamente, como a criação aconteceu após iniciativa dos alunos, o histórico é diferente. Mas a execução de um jornal-laboratório é prática recorrente – e obrigatória – nos cursos de Jornalismo.

- 6- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?

Deve ser logo após a formação nas áreas “básicas” do Jornalismo. No caso da UFC, acredito que a disciplina poderia acontecer no 6º semestre, após as disciplinas de Impresso I e II, Rádio I e II, Tele I e II e Internet I e II, e antes dos laboratórios dessas áreas. Não faz sentido para um aluno que optou por outras áreas que não o jornalismo impresso trabalhar na produção de um jornal impresso no 7º semestre.

- 7- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?

Sim. Tentou-se fugir de algumas características dos jornais presentes no mercado, mas talvez isso tenha sido apenas uma tentativa. Para o *impressões*, Pensou-se na execução de reportagens ilustradas, cujas linguagens verbal e não-verbal se uniriam na construção da matéria. Mas isso acabou não acontecendo. O projeto gráfico foi o que mais rompeu com o normalmente encontrado na mídia.

- 8- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?

Tentaram, mas não conseguiram. Não houve uma vontade coletiva de simulação do ambiente redacional e a dinâmica da disciplina também não permitiu isso. Foi difícil estabelecer a hierarquia necessária para produção de um jornal e que existe em uma redação. Normalmente, ninguém quer dar ordens no colega ou exigir mais empenho dele. Inclusive porque nem todos se envolvem da mesma maneira. Para muitos colegas, as edições nada mais são do que trabalhos acadêmicos. Além disso, a estrutura do curso não permite um trabalho mais integrado e contínuo. Os laboratórios de informática possuem diversos computadores que não funcionam ou não têm acesso à internet; equipamentos como câmeras e gravadores não são disponibilizados; a locomoção para

os locais de entrevista e as ligações precisam ser bancadas pelos alunos. Enfim, elementos necessários para uma simulação do ambiente redacional não são encontrados.

9- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?

Seria interessante. O aluno poderia publicar textos feitos em outras disciplinas, que normalmente se perdem em gavetas e arquivos, desenvolver pautas que tem vontade, além de haver interação entre estudantes de diversos semestres.

10- Você acha que essa experiência foi determinante na sua construção como profissional?

Sim. Pude exercitar a fotografia, a edição e a diagramação, práticas que não tenho normalmente no estágio e que são importantes para qualquer profissional.

11- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?

Acredito que deva ser uma disciplina iminentemente prática. Principalmente pelo pouco tempo disponível para produção do jornal. A discussão teórica pode ser feita em disciplinas anteriores sobre jornalismo impresso. Durante a produção do *impressões*, por exemplo, não houve discussão teórica sobre jornal-laboratório. Foi enviado um texto para os alunos sobre a importância do projeto gráfico em um jornal-laboratório, mas acredito que ninguém leu (era uma tese de doutorado!). A disciplina se concentrou na prática e acredito que assim que deve ser.

12- Você, quando aluno, viveu algum tipo de expectativa antes dessa disciplina?

Apenas temia a quantidade de trabalho que teria no semestre, tendo que conciliar a escrita do primeiro capítulo da monografia e os trabalhos das demais disciplinas à produção do jornal. Mas, não houve expectativa específica para a produção do jornal.

13- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?

Deve permanecer sendo obrigatório, mas ser colocado em um semestre mais intermediário.

14- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?

Acredito que a ideia inicial é que seja um campo aberto para experimentação, pelo menos nos pontos referentes a projeto gráfico e editorial. Porém, o formato jornal já pressupõe algumas características, das quais os alunos não costumam fugir. Não é uma “realidade fechada”, mas um tipo de produto de comunicação e que por isso deve ter alguns elementos. Obviamente, em um primeiro momento, deseja-se romper com tudo aquilo encontrado na “mídia convencional”, mas por ser uma disciplina – o que significa que há um tempo específico para aquela prática, uma estrutura específica e, normalmente, estudantes não querem ter muito trabalho nas execuções acadêmicas – acaba-se optando pelo mais convencional.

15- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?

Deve ser como um guia, indicando possibilidades, mas deixando os alunos livres na criação das reportagens.

16- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência coma disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?

Cada edição possuiu um conselho editorial, formado por três alunos, e os demais foram repórteres. Acredito que não foi uma escolha certa. Faltou um grupo com “pulso mais firme” para cobrar agilidade e comprometimento dos demais. As decisões se concentraram em poucas pessoas. Não sei se teria sido diferente se tivéssemos estabelecido editorias (o jornal foi dividido em gêneros) e cada uma possuísse um editor responsável, mas sei que faltou articulação e uma real hierarquização da turma.

17- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

Seria interessante um jornal-laboratório do curso com essa proposta. Porém, no caso da disciplina, acho que a experiência deve se concentrar apenas nos alunos matriculados. É importante para integração e deve ser cumprida como disciplina curricular. Se fosse intersemestral, precisaria primeiro de um trabalho de integração entre os estudantes para

que fossem estabelecidos vínculos “profissionais” e não simplesmente reunir diversos semestres, o que apenas reforçaria a união entre grupos dos mesmos semestres.

18- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?

Os alunos. Quando as páginas estavam finalizadas, eram enviadas para uma lista de e-mails da turma e revisadas por uma equipe montada para isso. A professora tinha acesso ao conteúdo e podia opinar também, “sugerindo” modificações.

19- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

Não houve interferência ou embate com a reitoria. A produção de uma das reportagens sentiu dificuldades de apuração em setores da administração da universidade, mas acredito que isso não caracteriza interferência ou embate, apenas falta de organização de dados da universidade.

20- Qual era o público-alvo do jornal?

A comunidade universitária. Alunos, professores e moradores de áreas do entorno da UFC.

21- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

Nesse tipo de produção, o aluno tem contato com os formatos jornalísticos e é obrigado a se responsabilizar por todas as etapas de produção do jornal. É interessante para que se tenha uma noção – já que o formato de produção é diferenciado – do que acontece em uma redação diariamente.

Específicas – Impressões

22- A experiência do semestre anterior (Linha de Corte) influenciou de alguma maneira a construção de Impressões?

Não. Sabíamos apenas que queríamos criar algo diferente do que fora o Linha de Corte. Além disso, sabíamos das dificuldades enfrentadas com a Imprensa Universitária na hora da impressão do jornal. Por isso, fomos logo dialogar com a direção da Imprensa pedindo soluções para o problema, já que não queríamos um jornal no formato do Linha

de Corte. Assim, conseguimos desenvolver o projeto gráfico baseando-nos no que a Imprensa disponibilizaria.

23- Qual foi o motivo da quebra total com o modelo do semestre anterior? Como foi feita a decisão por um modelo próprio?

Não gostávamos do projeto gráfico e do projeto editorial do Linha de Corte. Logo na primeira aula decidiu-se criar algo novo exatamente por essa falta de identificação dos alunos com o que fora produzido no semestre anterior.

24- O que você acha que motivou essa decisão?

Falta de identificação e também a possibilidade de criar “algo só nosso”. Como a disciplina não possuía um projeto fixo, poderíamos construir um novo jornal do nosso jeito, apesar de o resultado não ter ficado exatamente como esperávamos.

25- Como o jornal tratava as fotos? O repórter fotográfico foi ressaltado na experiência?

Tivemos grande dificuldade nesse quesito. No começo, ficou estabelecido que em toda pauta haveria um repórter fotográfico, mas faltou articulação entre os alunos e isso dificultou a execução da ideia. Assim, algumas pautas menos factuais ficaram simplesmente sem foto. Nesse caso, apelávamos para imagens gratuitas da internet – o que prejudica a estrutura gráfica do jornal. Outras vezes, um dos repórteres da equipe fotografava. Havia uma preocupação maior com a fotografia na entrevista, publicada na última página, por sabermos que essa seria uma das páginas coloridas.

26- Como foi, na sua opinião, a relação entre os gêneros opinativos e informativos no jornal?

Sabendo das diferenças entre os gêneros, tentou-se mantê-los separados por elementos gráficos, como linhas, mesmo havendo relação entre os assuntos. A crônica, por exemplo, sempre dizia respeito ao tema da reportagem à qual ela vinha vinculada. Os demais gêneros opinativos do *impressões* vinham em páginas específicas, diferenciando-os, assim, do conteúdo puramente informativo.

27- A presença de apenas uma experiência recente bem sucedida na disciplina interferiu na construção do jornal-laboratório?

Acredito que não. Não ficamos extremamente preocupados com o histórico da disciplina ou com as outras experiências.

28- Em que atrapalhou? Em que ajudou?

Talvez tenha ajudado na receptividade do jornal. Os alunos e professores do curso queriam conhecer o resultado do jornal, tão diferente – gráfica e editorialmente – da experiência anterior. Não acredito que tenha atrapalhado.

29- Considerações Finais.

Boa sorte com a monografia!

Questionário 5 – Específico – Impressões

Roberta Kelly Santos:

1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório na UFC?

Estou cursando neste semestre a disciplina de Jornal Laboratório. Na oportunidade, a turma que estou optou por dar continuidade à produção do Jornal Impressões, que foi pensado pela turma anterior.

2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?

Na minha opinião, é mais uma falta de interesse dos próprios alunos, que devem querer fazer algo diferente dos outros, para deixar um registro. No entanto, com o Jornal Impressões isto tende a acabar.

3- Em que a falta de continuidade afeta alunos e professores formados na UFC?

Acredito que a falta de um produto consolidado na disciplina prejudique um pouco os formados por não terem material de portfólio pra apresentar. Entretanto, acho que esse problema diminui se a pessoa tiver participado da Revista Entrevista.

4- Você acha que a disciplina é determinante no estudo de um aluno de Jornalismo?

Acho que sim, porque é o momento da verdadeira prática, que não acontece em nenhuma das outras disciplinas.

- 5- Se sim, da forma que foi apresentada desde a criação da disciplina, o jornal-laboratório é um diferencial do curso?

Bom, isso eu penso que pode mudar de semestre pra semestre, já que mudam alunos, professores, interesses...

- 6- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?

Acho que no 6º ou 7º semestre é um bom momento, porque os alunos já tem mais tempo livre, por ter menos cadeiras pra cursar.

- 7- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?

Com certeza, pois todos participaram das discussões de pauta, realizaram matérias e reportagens, fizeram entrevistas, fotografias, resenhas e crônicas. Acho que o rodízio também é importante para que todos passem pelas diversas áreas.

- 8- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?

Isso não foi possível, pois na Universidade sofre de uma enorme carência de equipamentos, como computadores, o que não permitiu que nos encontrássemos por exemplo, para escrever as matérias juntos, como em uma redação comum. Cada aluno acabou fazendo a sua parte em casa mesmo.

- 9- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?

Acho que seria essencial para o desenvolvimento dos alunos do curso.

- 10- Você acha que essa experiência foi determinante na sua construção como profissional?

Acredito que sim. Antes eu havia estagiado apenas em uma revista, onde os prazos eram bem mais longos, porque ela era bimensal, e em assessoria de imprensa, que é bem

diferente de uma redação de jornal. O laboratório possibilitou a realização de matérias que eu gostaria de fazer e também compartilhar minhas experiências com a turma.

11- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?

Prática, pois nem aulas teóricas tivemos.

12- Você, quando aluno, viveu algum tipo de expectativa antes dessa disciplina?

Na verdade eu acreditava que fosse uma disciplina mais leve, com a produção de um ou dois jornais e nossa turma deve fazer 4 jornais. Então, os prazos são bem curtos.

13- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?

Acho que deve ser obrigatório, é uma experiência pela qual todos devem passar.

14- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?

Acho que deve ser aberto, pois é a oportunidade que os alunos tem de fazer o que desejam e talvez não possam realizar nas grandes redações.

15- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?

Acho que a nossa experiência com a professora fora da editoria está sendo bem legal, pois tudo fica realmente a cargo dos estudantes, nós que resolvemos tudo, que lemos as matérias, cortamos quando necessário, ficamos cobrando os prazos, enfim, tudo é realmente resolvido entre os alunos, com a interferência da professora apenas em casos extremos.

16- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência coma disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?

Bom, os alunos que ocupam o posto de editor do jornal foram os únicos que se dispuseram a isto e foram aceitos pela turma, mas podem ser modificados a qualquer

edição do jornal, de acordo com o que a turma desejar. Por enquanto, isso tem sido bastante tranquilo.

17- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

Acredito que não, pois o fato de não ser a mesma turma poderia gerar muitas divergências e um mal estar, que as vezes acontece com a própria turma, que dirá com turmas diferentes...

18- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?

Os alunos da própria disciplina.

19- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

Até o momento não houve problemas com a questão do conteúdo. Tivemos problemas com a impressão do jornal.

20- Qual era o público-alvo do jornal?

Bom, o público alvo do jornal são os estudantes do curso, mas o conteúdo não é voltado apenas para este segmento, há matérias de interesse para vários públicos.

21- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

Acho que além de ter uma experiência na profissão que escolheu, possibilita também um gosto especial por ver algo produzido por você mesmo e sua turma se concretizando.

Específicas – Impressões

22- A experiência do semestre anterior (Linha de Corte) influenciou de alguma maneira a construção de Impressões?

23- Qual foi o motivo da quebra total com o modelo do semestre anterior? Como foi feita a decisão por um modelo próprio?

- 24- O que você acha que motivou essa decisão?
- 25- Como o jornal tratava as fotos? O repórter fotográfico foi ressaltado na experiência?
- 26- Como foi, na sua opinião, a relação entre os gêneros opinativos e informativos no jornal?
- 27- A presença de apenas uma experiência recente bem sucedida na disciplina interferiu na construção do jornal-laboratório?
- 28- Em que atrapalhou? Em que ajudou?
- 29- Considerações Finais.

Bom, acho que essas questões eram mais pra turma anterior a minha. Não tenho muito o que comparar dos dois jornais porque eu vi o Linha de Corte há muito tempo e nem me lembro direito.

A nossa turma já começou com a proposta da professora de mantermos a base do impressões, que foi prontamente aceito. Assim, nos empenhamos apenas em algumas adaptações, como a substituição de uma matéria por um ensaio fotográfico, algumas modificações sutis na capa e alguns caracteres a mais nas matérias, reportagens e entrevistas. O restante tentamos dar continuidade. Até o momento não tivemos grandes problemas. A maior dificuldade dos alunos é conseguir escrever os textos com poucos caracteres, principalmente as resenhas. Também temos dificuldade com os prazos, pois algumas pessoas sempre tem mais dificuldade que outras na produção de seus conteúdos e acaba atrasando a entrega do material. Tirando isso, está tudo ótimo!

Questionário 5 – Específico – Impressões

Yuri Leonardo Silva:

1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório na UFC? Tendo em vista que já era familiarizado com processo de montagem de publicações como revistas, zines e jornais, a experiência só reforçou os cuidados que se deve ter com a feitura do produto, com prazos e questões relacionadas ao jornalismo que foram abordadas na disciplina – seleção de conteúdo, apuração, redação e edição.

2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC? Há uma necessidade que acho um tanto quanto dispensável em consolidar um projeto contínuo na disciplina. Ela possui aspectos bons e ruins. Ponto positivo é o fato de a cada semestre ser aperfeiçoada uma estrutura que possa acolher os alunos e ser desenvolvida pelos mesmos. O ponto negativo é cercear parcialmente a capacidade criativa da turma nova em criar um produto mais próximo de sua identidade ou do contexto histórico-político-social daquela época.

3- Em que a falta de continuidade afeta alunos e professores formados na UFC? Em não se dar chance a um fortalecimento dessa “estrutura” que vai acolher os alunos e dinamizar a produção do jornal.

4- Você acha que a disciplina é determinante no estudo de um aluno de Jornalismo? Sim.

5- Se sim, da forma que foi apresentada desde a criação da disciplina, o jornal-laboratório é um diferencial do curso? Pelo fato de ser um teste, de pôr em xeque a capacitação do aluno ao longo das disciplinas, sua formação, suas convicções, em um processo cujo ápice é a publicação do jornal.

6- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)? Isso varia de acordo com a grade. Particularmente acho que o jornal laboratório poderia surgir num momento mais cedo. No entanto seria necessário que alguns tópicos de disciplinas se adiantassem também – ou que houvesse uma mudança radical na grade do curso, com semestres dedicados a cada um dos tipos de jornalismo. Porém não sei se uma estrutura de disciplinas de modo segregador (um semestre só de impresso, outro só de telejornalismo, outro só de jornalismo na internet... aliados às disciplinas de Pesquisa e Extensão) seria algo sensato pra uma profissão onde cada vez mais você precisa saber muito e fazer jornalismo de todas as formas possíveis.

7- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico? Houve tentativa, tanto na elaboração do conceito do produto, quanto durante o processo. Porém eu acredito que não houve êxito em experimentar novos caminhos pro jornalismo nas experiências que participei. Experimentação exige muita discussão a respeito, muito esforço. Não sei se isso seria possível num período tão curto de tempo, nessas condições previstas. Fora ainda que estamos falando de uma experiência em conjunto. É difícil todo mundo estar num nível semelhante pra tentar emplacar alguma experimentação. O que eu vi foi um desejo de algo diferente, mas um produto com cara de jornalão.

8- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material? Não houve tentativa, tampouco se conseguiu.

9- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão? Se for algo REALMENTE com intenção de fazer produtos diferenciados do que é apresentado no mercado, será algo interessante. Porém a "experimentação" precisa ser inserida em uma estrutura que dê mais liberdade aos produtos finais realizados.

10- Você acha que essa experiência foi determinante na sua construção como profissional?

Determinante não tanto, mas contribuiu com a minha formação até o atual momento.

11- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?
Prática. Acho que o tempo de duração (ou a estrutura apresentada pelo então professor) da disciplina não permitiu uma reflexão melhor elaborada em textos ou discussões em grupo.

12- Você, quando aluno, viveu algum tipo de expectativa antes dessa disciplina? Apenas em cumpri-la como uma disciplina comum.

13- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório? Algo obrigatório. E em grupo. Não sei se precisaria necessariamente reunir a turma inteira num único projeto. Poderiam ser vários. E não necessariamente como JORNAL-laboratorio, mas um produto mesmo: um programa de rádio, uma revista, um programa televisivo, uma tentativa de nova mídia...

14- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada? Como algo que possa conciliar uma prova do aprendizado do aluno e ao mesmo tempo que dê liberdade a ele em questionar o que está consolidado no mercado e possa trazer alternativas para o consumo de informação.

15- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)? Uma postura de orientador – e não editor-chefe.

16- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência coma disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa? Foi do mesmo modo como é estruturada a hierarquia em um jornal comercial comum: editores-chefe e repórteres.

17- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)? Não sei. Suspeito que o aprendizado em conjunto, com todos os membros teoricamente em um mesmo nível de conhecimento, seja mais proveitoso.

18- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores? Os alunos.

19- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?
Nenhuma.

20- Qual era o público-alvo do jornal?
A princípio a comunidade universitária – moradores ao redor dos campi, alunos, servidores e professores. Porém acho que essa meta não foi cumprida, direcionando o conteúdo mais para os alunos.

21- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?
Saber a responsabilidade que ele carrega.

Específicas – Impressões

22- A experiência do semestre anterior (Linha de Corte) influenciou de alguma maneira a construção de Impressões?
Foram analisados os pontos positivos e negativos do LC, discutidos e o que poderia ser aprimorado foi “absorvido” no projeto do Impressões

23- Qual foi o motivo da quebra total com o modelo do semestre anterior? Como foi feita a decisão por um modelo próprio?
A mudança foi motivada pelo desejo da turma de ter um produto mais próximo das identidades de cada membro do conjunto. Visualmente foram percebidos muitos pontos que poderiam melhorar, assim como conceitualmente, culminando na decisão de fazer um novo produto.

24- O que você acha que motivou essa decisão?
Resposta anterior.

25- Como o jornal tratava as fotos? O repórter fotográfico foi ressaltado na experiência? O material de imagem sempre foi feito muito no improviso. A falta de uma preocupação com o discurso visual da matéria foi uma das falhas em algumas das matérias Impressões.

26- Como foi, na sua opinião, a relação entre os gêneros opinativos e informativos no jornal?

Uma redundância do modelo instituído na grande imprensa, sem muita reflexão sobre o assunto.

27- A presença de apenas uma experiência recente bem sucedida na disciplina interferiu na construção do jornal-laboratório? Não tanto. Porém a falta de tradição em publicações dentro do nosso curso não é algo tão motivador aos alunos.

28- Em que atrapalhou? Em que ajudou? Resposta anterior. Ajudou no fato de que nos mostrou que poderíamos criar outro projeto, tendo em vista que não havia projeto fortemente consolidado na disciplina.

29- Considerações Finais.
A prática do jornal-laboratório é um grande teste. Lembramos das primeiras aulas de teoria do jornalismo, dos professores, dos conselhos dos mais experientes e da dificuldade inicial frente à folha em branco no editor de texto eletrônico. Mas é quando estamos no calor do fechamento do jornal-laboratório que observamos como crescemos, quando observamos pontos que poderiam ser melhorados ou vislumbramos aspectos que nós mesmos melhoramos guiados por um posicionamento firme, resultado de certa (mas pouca) experiência.

Jornal-laboratório me recordou que jornalismo é questão de escolha e diz muito sobre decisões. Foi algo muito proveitoso – mas não menos estressante, cansativo e trabalhoso – me reunir com meus colegas para criar um produto, aqueles mesmos colegas que me acompanharam ou acompanham há meses com o mesmo objetivo de ser um bom profissional e uma pessoa melhor. E trata-se de algo que aborda tolerância e aprendizado. Sinto pena de que conceitualmente a linha editorial do Impressões era boa. Propunha fugir do esquema dos jornalões para procurar outros caminhos, outras abordagens. Mas faltou empenho da equipe em levantar essa bandeira.

Por mais tolerante que deva ser o processo de aprendizado e de troca de conhecimento, acho que o Impressões falhou nesse ponto. A caretice tomou conta do jornal antes dele

ser rodado. Reverberamos o modelo da grande imprensa, seja na estrutura das notícias, seja em seus alinhamentos e abordagens. A universidade é um ambiente naturalmente projetado para a experimentação, para o diferente e para o universal – ou, por que não, poliversal? Em tempos onde o Jornalismo deseja respostas de como vai se manter daqui em diante, de inúmeras “mortes do Jornalismo” anunciadas e desmentidas, é necessário que tenhamos espaços de experimentação no Jornalismo, seja em sua linguagem, em seu suporte ou na maneira de como ele chega às pessoas. Os cursos de Jornalismo das universidades públicas deveriam tomar mais isso pra si. Precisam se tornar o remédio contra o conformismo que domina boa parte das redações. E o jornal-laboratório pode ser a ponta da lança dessa empreitada. Aliás, eu acho que foi projetada justamente pra isso.

Questionário 6 – Específico – Orientadora (Klycia)

1- Qual a sua experiência com a disciplina Jornal-Laboratório na UFC?

Fui estudante da casa, na minha época tínhamos uma disciplina que associa a esta: ela era dada por três professores – texto; foto; e diagramação – e tinha como produto final uma publicação que, no caso da minha turma, não saiu. Essa lembrança me traz certa frustração...

Daí, quando assumi a disciplina, sendo professora substituta, entendi como um desafio garantir uma publicação, no caso, as edições do jornal. Esse meu sentimento foi aceito pelas turmas – estou na terceira turma de jornal laboratório. Mas, a primeira turma parecia um tanto mais desconfiada e incrédula de que o jornal sairia; sentimentos justificáveis, até porque não tínhamos uma publicação há alguns semestres. Já na turma atual, a dúvida é se conseguiremos fazer quatro edições como manda o MEC... Cada turma foi uma experiência distinta...

De qualquer forma, posso dizer que se as edições dos jornais saíram foi porque os estudantes assumiram para si a responsabilidade da produção (02 edições do *Linha de Corte*, jornal da primeira turma e 03 edições do *Impressões*, com a segunda turma. Já a terceira turma terminou a segunda edição e a terceira está em fase de apuração, com previsão de fechamento em novembro. Apesar de tudo isso, ainda não saiu nenhuma impressão das edições...

Às vezes, acho que eles só esperavam um professor (professora) que fosse atrás dos trâmites burocráticos para garantir a impressão do jornal e que os ajudasse na orientação das matérias. Estavam ávidos para ter uma publicação, além da revista Entrevista. Se não todos, pelo menos, a maioria.

Agora, assim que assumi a disciplina, esbarrei com alguns problemas estruturais, o mais grave é que não existia nada que apontasse a linha editorial do jornal, um projeto gráfico, nada, nadinha, nenhum resgate dos semestres anteriores. Na preparação da disciplina, eu me senti, inclusive, sozinha. Havia uma torcida (nas reuniões e nos corredores, eu diria) por parte da coordenação e de outros professores que as coisas acontecessem, mas efetivamente, não havia sequer um projeto pedagógico do jornal ou edições antigas que pudessem servir de base. Pelo menos, eu não encontrei... o que eu tinha era a informação de que a turma anterior trazia um sentimento de “nadar e morrer na praia”: prepararam uma revista que infelizmente não virou realidade. Então, a primeira turma e eu começamos do zero.

Também não tinha a certeza de que ele seria publicado, porque não havia nada formalizado com a Imprensa Universitária e sabemos das zilhões de demandas da gráfica da universidade. Chegamos – Glícia e eu – a procurar a Coordenação de Marketing da UFC (Paulo Mamede), com uma pequena justificativa pedagógica em mãos, para pedir que reforçasse junto à Reitoria a necessidade de impressão desse jornal. Além disso, a Glícia batalhou em reuniões com o coordenador do ICA... Um absurdo, visto que este jornal é regra do próprio MEC, é lei.

Mas, não tivemos muitos problemas em conseguir a impressão. Quer dizer, conseguimos, mas conseguir a impressão como queríamos é que foram (e é) outros quinhentos... Tenho a sensação de que garantiram uma impressão porque era preciso, mas não havia (e não há ainda) um embasamento, uma proposta pedagógica que justifique, por exemplo, o projeto gráfico do jornal, o número de páginas, seu conteúdo etc.. Quer dizer, até existe no projeto pedagógico do curso a referência a um produto para esta disciplina, mas não há nada detalhado, portanto não há um projeto que tenha sido assimilado pelos professores e alunos do curso e muito menos pela Reitoria.

Seja como for, o jornal está saindo. Mas, a cada edição fechada, sua impressão ainda me causa incertezas que não revelo aos estudantes... Este semestre ainda não conseguimos imprimir nada...

Todas essas dúvidas me fizeram começar a disciplina que deveria ser toda voltada exclusivamente para a produção do jornal (embora sua ementa fale de associar teoria e prática), acrescentando, além da produção das notícias, um trabalho (artigo) de cunho mais teórico. Se o jornal não saísse, pelo menos, a discussão que envolve a parte da recepção (que aparece quando o jornal é lido, que é, ou deve ser, socializada em rodas de conversas ou na fala do ombudsman...) sairia ao se analisar notícias na mídia... Eles não gostaram nada desse trabalho, mas acabaram fazendo – exerci “a ditadura do professor”... Mas, no final até que deu certo e alguns dos artigos resultaram em apresentações em congressos, em novas pesquisas... Agora, avalio que se eu tivesse convencido melhor a turma, estes trabalhos teriam rendido bem mais.

Na primeira turma, apresentei uma proposta de funcionamento de redação que foi logo analisada, criticada e modificada pela turma. Algumas das minhas sugestões foram acatadas, como a divisão do jornal em editorias, compostas por grupos menores e a formação de um conselho editorial, formado por um editor de cada editoria. O projeto gráfico foi criado por uma aluna que reuniu algumas sugestões da turma (que se comunicava na sala de aula e por uma lista de discussão na internet).

Por sinal, o projeto gráfico é um capítulo à parte: coloca-se um professor de redação/texto cuja especialidade não é a parte gráfica (e não falo só de mim) e os alunos ficam um tanto sozinhos neste momento. Penso que esta disciplina mereceria dois professores: apuração/redação e projeto gráfico/diagramação. Aliás, o que percebo é que o curso como um todo não estimula muito esta área junto aos estudantes, pelo menos, é o que deduzo quando a cada turma de semestre mais avançado que eu pego, encontro um que gosta de programação visual, um ou dois que mexem nos programas e os demais que nem arranham...

Com a primeira turma, senti no início certo preconceito. Talvez, por ser substituta e desconhecida deles. Mas, aos poucos fui ganhando alguma credibilidade, mesmo que pequena (risos). A divisão por editorias atrapalhou o entrosamento entre as equipes – ficou cada grupo na “sua caixa”. Melhor dizendo, como o conselho de editores não agiu como tal, a redação ficou fragmentada. Saíram duas edições e senti um amadurecimento de uma para a outra, amadurecimento dos estudantes e da professora também. Fizemos uma roda de conversa voltada para os outros semestres, mas apareceu apenas um aluno que faria a disciplina no semestre seguinte... De qualquer forma, para a turma, avalio

que a conversa foi boa, até porque contamos com a participação do professor Ronaldo Salgado, escolhido com o ombudsman do *Linha de Corte*. Da passagem de uma turma para outra, os veteranos (alguns) toparam conversar com a turma seguinte. Aliás, isso aconteceu também com a segunda e terceira turmas. Isso me mostra que eles realmente sabem que são responsáveis pelo jornal.

Com a primeira turma, vivemos um baque na hora de levar o jornal à Imprensa Universitária. Tivemos que voltar para sala, pois o jornal mudou drasticamente seu formato, diminuiu muito e por tabela, todas as matérias foram cortadas, além de que o papel que nos ofereceram era de longe o que queríamos... Foi um processo doloroso... O jornal ficou com cara de revista e bem prejudicado. Fiquei indignada, mas mantive a pose... Entendia que precisava ganhar espaço, de forma diplomática, junto à Imprensa Universitária, fazer uma segunda edição era a melhor forma... Já com a segunda turma que apresentou outro projeto de jornal, a diretoria da Imprensa até quis chiar, mas já tínhamos a repercussão do *Linha de Corte* para forçar que garantissem a continuidade do jornal laboratório. Lembro que quando falei pra Glícia que o jornal mudaria de formato, ela ficou preocupada, com medo de perdermos a impressão... Mas, deu certo. De qualquer forma, isso só reforça a necessidade de um projeto pedagógico formalizado. Penso em escrever com a próxima turma, que deve ser a minha última, visto que meu contrato acaba.

A segunda turma já chegou sabendo que sairia um jornal – quantas edições e se o jornal seria o mesmo eram as questões. Para eles, a incerteza da impressão pela Imprensa Universitária não estava mais em destaque: era fazer o jornal para cobrar da UFC a parte dela, que é a impressão. Minha proposta era de que fizéssemos pelo menos três edições. Com essa turma, começamos avaliando o *Linha de Corte* (as duas edições) e com uma conversa com os estudantes da turma anterior. Depois, fomos pensar no que a turma queria como produto e também pensar como nos organizaríamos para a produção.

Desta vez, foram formados: um conselho editorial (três estudantes); dupla de diagramadores e dupla de revisores; também escolhemos um colunista e um novo ombudsman. A turma não ficou dividida por editoria, mas pelos gêneros; teríamos reportagens, entrevista, resenhas, crônica, charge, editorial, reportagem ilustrada e até uma página de ficção, com microcontos inspirados em uma fotografia. O grupo se encontrava para as reuniões de pauta e a partir do que era sugerido, dividiam-se as

equipes. Os conteúdos dos textos eram revisados pelos editores e por mim – embora, meu papel fosse mais de orientar, sugerir, do que corrigir. Por sinal, esta é a parte mais difícil: saber a medida certa da orientação.

Agora, com a turma atual, o jornal manteve mais coisas da versão anterior: nome (Impressões), formato, papel, a maioria das seções e uma parte do projeto gráfico. Mas, traz diferenciações do conteúdo, da disposição das matérias. Acho que o ensaio fotográfico que traremos em cada edição é um diferencial: relatar um fato pelas fotos, com texto mínimo... Da mesma forma que a presença de um ilustrador na turma anterior fez surgir uma reportagem ilustrada (que funcionou mais ou menos), a presença de uma fotógrafa fez surgir o ensaio (por sinal, o da primeira edição ficou muito bom). A turma atual está mais unida, com mais espírito de redação, eu dou o crédito ao trabalho realizado pelo conselho editorial. Com esta turma, a gente se encontra para as reuniões de pauta, vai se falando pela internet no período de apuração, volta a se encontrar para conversar sobre os textos e depois no fechamento do jornal. Os encontros só não são mais frequentes por um problema objetivo: não temos uma sala para servir de redação, ou seja, com computadores, telefones, fax... Daí, eles se viram fora da universidade. Aliás, creio que essa precariedade fez criar um hábito entre os estudantes de não produzir seus trabalhos na universidade, todo mundo leva o trabalho pra casa...

Bem, entendo que essa minha estadia no Jornal Laboratório vem numa crescente. Avalio que estamos iniciando a construção de um projeto de jornal que efetivamente funcione, que aconteça.

2- O que você vê como determinante para o não estabelecimento de um projeto contínuo na disciplina Jornal-Laboratório no curso da UFC?

Não creio que haja apenas um fator que impeça a continuidade do projeto do Jornal Laboratório ou de outros (como um produto para a disciplina de jornalismo na internet que até agora não existe). Primeira coisa é que é preciso existir este projeto... e para que ele exista, ele precisa aparecer... ser conhecido. Com todas as críticas que possam existir as três últimas turmas da disciplina estão dentro de uma proposta pedagógica que resultou no *Linha de Corte* e no *Impressões*.

Acredito que é necessária uma publicização maior – através de documentos, reuniões que forcem um comprometimento político-pedagógico – da necessidade deste produto como critério para realização da disciplina e para aprovação dos estudantes, conseqüentemente para a continuidade da formação. Isso no que se refere à impressão, ao diálogo com a Reitoria.

Agora, é também complicado não ter um local no curso que sirva de acervo, onde os professores possam ter acesso ao que foi produzido no semestre anterior. Um acervo não só impresso, mas digital. Eu até vi edições do *Cidade em Pauta* (alguns alunos me mostraram), mas todas impressas, não havia o jornal digitalizado, ou seja, não tinha o projeto gráfico para ser usado... e como a disciplina só tem um professor cuja especialidade é texto...

Mas, não haver uma proposta pedagógica, mais detalhada, que estruture a disciplina é, talvez, o principal problema.

A mudança constante de professor pode até ser um problema, mas não é o maior. Se tivéssemos institucionalizado um jornal, poderia vir qualquer professor com um pouco de experiência... Também falta um chegar mais perto dos professores veteranos. Eu diria que o problema não é o professor novo, mas ele começar sozinho, sem nada para se orientar, além de uma ementa.

3- Em que a falta de continuidade afeta alunos e professores formados na UFC?

Compreendo que a notícia se realiza no ato do seu consumo, ou seja, quando é lida, compreendida e seu teor é transmitido (já contendo outras significações embutidas). Não ter a impressão dos jornais deixa pela metade o processo da produção jornalística. Isso afeta o aprendizado... Penso que a repercussão que as matérias podem trazer seria a maneira empírica de questionarmos o fazer jornalístico, tanto do ponto de vista da técnica como dos aspectos éticos que envolvem a prática. Além desse prejuízo pedagógico, as turmas ficam sem este registro – muito que é produzido no curso vai para o fundo das gavetas ou dos HDs. E isso causa um desânimo que é danoso.

Agora, com relação à competência para atuar no mercado, eu não diria que ter (ou não ter) o jornal será determinante para que o recém-profissional seja competente ou não. Há uma conjuntura de fatores que influenciam a competência ou incompetência de um profissional, fatores que passam por sua formação, aliás, suas formações, não só a

acadêmica, mas a pessoal, a de vida... Mas, o período da universidade é o momento da experimentação, ele é único e no mercado não se tem esta liberdade... quem experimenta demais no mercado corre o risco de ser engolido por ele, aliás, cuspidor.

4- Qual o momento ideal para a instituição de um modelo laboratorial de jornalismo em um curso (em que semestre)?

Hoje, a disciplina é do sétimo semestre. Apesar de muitos alunos falarem que ela vem atrasada, que a maioria já traz experiência de estágios, acho que a disciplina está no lugar certo. Muitas vezes, as experiências de redação criam uma impressão de que aquele aluno está preparado como profissional. Impressão falsa. Não é porque você se deu bem em uma matéria que já está pronto... Penso que o sétimo semestre reúne (ou pelo menos deveria reunir): conhecimento das técnicas, reflexões teóricas da prática jornalística e certo amadurecimento para a empreitada de se produzir um veículo de informação e assumir a responsabilidade de sua repercussão.

Agora, quero deixar claro que existe outra fantasia permeando a disciplina: reproduzir a redação jornalística. Claro que isso não acontece, a começar pela periodicidade do jornal que não é diário na disciplina. E acho que é esta mística de reproduzir a redação que faz os alunos questionarem o semestre da disciplina.

5- Os jornais-laboratórios que você teve participação contribuíram de alguma forma numa experimentação dos alunos no fazer jornalístico?

Creio que esta pergunta cabe melhor a eles... Mas, eu percebi amadurecimento no trato com a informação, as chateações com os erros, o baque das críticas, a tensão em fazer direito, em entregar no prazo... as tomadas de decisões... Vários alunos adoram decidir as “coisas boas” (nome, projeto gráfico, pauta etc.), mas não seguram a onda, ou seja, não assumem a responsabilidade, quando a decisão é sobre assuntos mais delicados: derrubar uma pauta, cortar uma matéria, editar... assumir um erro de informação, colocar o dedo na ferida... Penso que tudo isso contribua pro fazer jornalístico. Agora, toda formação tem um teor qualitativo e subjetivo difícil de mesurar.

6- Os jornais-laboratórios que você teve participação conseguiram (ou mesmo tentaram) simular um ambiente redacional na construção do material?

Lá vem a fantasia de se criar um ambiente de redação de jornal... Os alunos chegam nesta disciplina com isso em mente (porque é isso a ementa sugere), daí, se frustram de cara porque são, no máximo, quatro edições por semestre, não tem o ritmo frenético do batente diário de se produzir um jornal todo dia. Além disso, a maioria das redações jornalísticas vive sob o pêndulo do mercado, a concorrência é braba... Mas, alguns elementos são vividos durante a disciplina: discussão de pauta, processo de apuração, elaboração das matérias com prazos, definição de edições... Não diria – e não acho que seja esta a proposta, pelo menos, não na estrutura atual – que buscamos (nas três turmas) simular uma redação tal qual ela é. Mas, penso que conseguimos vivenciar a prática jornalística, pois produzimos jornais que foram impressos e lidos, ou seja, que trouxeram consequências.

7- Como você vê a possibilidade de criação de um laboratório experimental de jornalismo como projeto de extensão?

É preciso arrumar a casa primeiro, antes de abrir suas portas... Avalio que a estrutura física do curso precisa melhorar um pouco mais para se propor um jornal laboratório como projeto de extensão. Eu diria mais: é preciso que se tenha um professor (de preferência efetivo para que não se quebre a continuidade) que assuma esta proposta. Agora extensão tem relação direta com a comunidade... a ideia parece interessante, mas é preciso se perguntar: para que um jornal laboratório? Como seria? Teria elementos de comunicação popular? Seria jornalismo ou assessoria?

8- Você vê a disciplina de Jornal-Laboratório como uma experiência prática, teórica ou teórico-prática? Por quê?

Ser humano nenhum é só prática, é só trabalho braçal; todos nós raciocinamos, portanto, todos nós teorizamos – entendendo teoria como reflexão sobre algo, elaboração do pensamento... O problema da academia é querer separar essas duas atividades humanas (teorizar e praticar); considerar a teoria apenas dentro da formalidade dos conceitos academicamente criados, dentro da análise científica – embora sejam estas diretrizes que fazem nascer a instituição ciência... Daí se cria dois tipos de estudantes: “o que pensa” que seria o acadêmico, o pesquisador; e “o que faz”, que seria o prático... Isso é péssimo!

O Jornal-Laboratório deve ser uma práxis, ou seja, mesclar teoria e prática. Inclusive, (por que não?) com discussões baseadas nas teorias do jornalismo... Percebo que as turmas querem fugir da mídia, do discurso midiático, da agenda posta... correm, correm mas quase sempre caem na armadilha de achar que fizeram diferente porque se escreveu um texto rebuscado, com estilo literário.. Há muito espaço para a teoria nesta disciplina, tanto quanto há espaço para a prática...

9- Você, quando orientador, notava alguma expectativa dos alunos pela disciplina?

A expectativa mais recorrente é de que as turmas querem as rédeas para conduzir a produção, mas com as rédeas nas mãos, inúmeras vezes, não sabiam para onde ou como ir... então, as soltavam, como se dissessem: a responsabilidade de conduzir é sua, professora, segura aí. E aqui a coisa pega: inúmeras foram as vezes que quis tomar mesmo as rédeas e dizer: vamos fazer isso, aquilo e ir por aqui... Mas, eu me contive... Quando se assume a responsabilidade por um veículo, não dá pra chegar no outro dia porque o dia está difícil e dizer: não quero mais. Talvez, esta seja a diferença básica entre ser profissional e estudante...

Agora, há outras expectativas: repercussão das matérias, trabalhos autorais, apuração aprofundada, publicação dos textos (sem cortes de preferência)... Algumas expectativas bem saudáveis (a maioria, eu diria) outras como frutos de vaidades, mas essas eram contornáveis...

10- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como uma atividade extra ou como algo obrigatório?

Às vezes, eu me pergunto se em tempos de convergência de mídias ainda há espaço para mantermos de forma tão separada as mídias... de repente, um jornal laboratório multimídia seja o futuro... não sei. Agora, para quem se propõe a ser jornalista, a experiência laboratorial deve ser sim “obrigatória”. Até para aqueles que querem ser pesquisadores...

11- Como você acha que o jornal-laboratório deveria ser inserido no currículo? Como um campo aberto para experimentação ou como um ambiente que force os alunos a se adaptarem a alguma realidade fechada?

Não se pode pensar em uma disciplina de forma isolada. O currículo tem que ser pensado como todo, dentro de uma proposta pedagógica que reúne conteúdo técnico, mas que traz também elementos para uma formação mais ampla... Fica realmente difícil responder essas duas últimas perguntas... abusadamente, eu diria que mudaria algumas coisas no currículo do curso... mas, não o dissociaria da comunicação (só para deixar claro que não compactuo com a formatação das novas diretrizes).

Agora, laboratório é para experimentar. Mas, entenda: experimentação dentro de uma proposta pedagógica tem uma finalidade, ou seja, não é porque se vai experimentar que os alunos devem fazer o que vem na cabeça... Tem que se lembrar que a proposta é vivenciar uma prática jornalística e que o jornalismo já tem aí alguns séculos de estrada que precisam ser considerados para essa experiência. Se não é capaz de o produto que é pra ser jornalístico vire, por exemplo, uma publicação literária (sem desmerecer a literatura que eu tanto amo, mas ela tem regras diferenciadas do jornalismo).

12- Qual você acha que deve ser a postura do orientador da disciplina? Uma visão de fora ou inserido num cargo de comando (editor-chefe)?

Não sei se há uma postura fixa. A orientação tem que está em sintonia com a turma, com o ritmo da turma, com o amadurecimento desta... Fui três “orientadoras” distintas... Mas, acho que o professor deve levantar algumas reflexões no andamento da apuração, discussões no plano ético e técnico. Não vejo o professor como o editor, quem deve bater o martelo do que sai no jornal é o conselho de editores, é a turma.

13- Como foi desenvolvida a divisão hierárquica na sua experiência com a disciplina (se houver uma divisão)? Você acha que foi uma escolha certa?

Ela mudou de turma para turma. Dizer que há uma escolha certa é engessar demais a experimentação... Mas, penso que a atual seja a mais interessante:

- conselho editorial (três alunos, sendo que duas permaneceram nas duas edições e é bem possível que fiquem até o fim. Isto está sendo bom porque, digamos, a pessoa pega a manha, a marra de ser editora...); neste conselho, um dos representantes é necessariamente ligado à parte de diagramação;
- dupla de diagramadores; dupla de revisores; equipes de repórteres montadas a partir das pautas sugeridas de forma coletiva.

14- A disciplina seria mais bem aproveitada caso fosse algo intersemestral (com alunos mais experientes ocupando cargos de “chefia”)?

Não. Isso só reproduziria uma hierarquia que é péssima... Até porque não há garantias que estar em um semestre mais adiantado signifique mais conhecimento, mas traquejo para assumir uma função de editor, por exemplo... Isso sem falar na operacionalização da disciplina.

15- Na sua experiência na disciplina, quem lidava com as questões gráficas do jornal eram os alunos que cursavam no momento, que construíram o projeto ou professores?

Como eu disse anteriormente: colocar um professor cuja especialidade é o texto deixa a desejar nas áreas da diagramação, de fotografia... Nas turmas, os alunos se viraram praticamente sozinhos. Na turma atual, tivemos uma facilidade que é já ter um projeto gráfico e na turma anterior, contamos com a sorte de ter um integrante cuja especialidade é a parte gráfica. Penso que a disciplina deveria ter dois professores... eu gostava do formato que eu vivi quando aluna.

16- Como era a relação do setor administrativo da universidade (reitoria) com o conteúdo do jornal? Houve algum tipo de interferência ou embate?

Até agora nenhuma matéria foi reprimida e nem acho que a reitoria teria este papel... agora como fonte ela é bem difícil. Em todas as turmas a reitoria foi a fonte mais difícil de se encontrar.

17- Qual era o público-alvo do jornal?

Teoricamente, a comunidade universitária (entendendo que o entorno da UFC também faz parte desta comunidade). Na prática, apenas a parte da comunidade que está inserida realmente dentro da UFC. É pequena a tiragem. Agora, com relação ao conteúdo, ele vem se diversificando a ponto de interessar a qualquer pessoa da cidade, com ou sem vínculo com a UFC.

18- Qual a sua formação como jornalista e em que isso influenciou sua abordagem na disciplina (experiência em redação, experiência em assessoria, professor substituto, professor efetivo, etc.)?

Nunca quis a redação na mídia (e, portanto, não procurei quando profissional). Trabalhei na produção de programas de rádio (durante 6 anos); fui responsável pelas 3 edições da revista Agrofloresta (todas as reportagens e edição); fiz frelas de reportagens e matérias pro impresso... Sempre (ou quase tudo) ligado a: ONGs e sindicatos; outras produções ligadas a órgãos públicos (ministério, prefeituras, secretarias etc.). Trabalhei (e trabalho) com assessoria de comunicação. Meu campo de estudo está ligado à comunicação popular, à comunicação e educação, e à comunicação e consumo... Talvez, minha predileção por fontes populares ao invés das fontes oficiais transpareça. Mas, penso que o conjunto de minhas experiências tenha contribuído. Não vejo como prejudicial ao andamento da disciplina não ter passado por empresas jornalísticas. Minha experiência como jornalista me permitiu ousar em apurações e afiar o discurso e tenho tranqüilidade em dizer que sei produzir uma boa matéria.

19- Qual a importância de uma produção impressa para um estudante em formação?

Além do fetiche que ainda reina no palpável?! rs Não diria produção impressa, mas sim, produção, aliás, produções. Os estudantes precisam produzir e publicizar essas produções para que haja jornalismo. Notícia na gaveta não é notícia.

Específicas – Linha de Corte/ Impressões

20- A experiência do primeiro semestre (Linha de Corte) influenciou de alguma maneira a construção do seguinte (Impressões)?

Toda experiência de um semestre influencia – mesmo que em medidas diferentes – o semestre seguinte. Penso que a turma do Linha de Corte mostrou que era possível publicar, fazer.

21- Qual foi o motivo da quebra total com o modelo do semestre anterior? Como foi feita a decisão por um modelo próprio? O que você acha que motivou essa decisão?

O formato do Linha de Corte prejudicou muito a receptividade do jornal. A maioria dos estudantes está mais atenta à estética, nem lê os textos... Então, como o jornal deixou muito a desejar no quesito projeto gráfico, ele foi visto de forma preconceituosa. Foi preciso insistir para que a turma lesse o Linha de Corte...

Mas, não foi o preconceito que causou as mudanças. Já havia na coordenação o desejo de que concretizássemos um projeto gráfico, aliás, um produto jornalístico na disciplina.

Por isso, a continuidade do Impressões (que recebeu críticas tão ou mais severas que o Linha de Corte) cujo formato se assemelha mais a de um jornal. Mas, ainda não acho que seja o ideal...

22- Como o jornal tratava as fotos? O repórter fotográfico foi ressaltado na experiência?

Das três turmas, penso que só na terceira é que o repórter fotográfico vem ganhando um espaço interessante. O formato do Linha de Corte prejudicou muito as imagens, já o do Impressões favorece, embora o jornal não seja de todo colorido.

23- Como foi, em sua opinião, a relação entre os gêneros opinativos e informativos nos dois modelos jornais? Foi equilibrada?

O Linha de Corte trabalhou melhor os gêneros jornalísticos (tanto informativos como opinativos). Os textos de opinião traziam um tom mais maduro – não foram apenas resenhas ou crônicas, houve artigos também, o próprio editorial, sua função foi mais respeitada... havia mais informação, menos rebuscamento (apesar do pouco espaço).

Já com relação ao Impressões: Privilegiar com uma página inteira a ficção (que é um gênero literário) deixa o jornal charmoso, mas se perde em prática jornalística – ainda mais se você pensar que são oito páginas, sendo uma dessas a capa e outra de ficção... A segunda turma trouxe matérias interessantes, mas algumas eram mais estilo/rebuscamentos do que conteúdo informativo. Avalio que a turma atual está conseguindo mesclar melhor tudo isso, está mais equilibrada. Acredito que meu amadurecimento neste processo tenha influenciado nestas mudanças, mas sinto que a avaliação que a turma fez das duas experiências anteriores também influenciaram bastante.

24- O que faltou na experiência do Linha de Corte para que se tornasse uma experiência contínua?

Disposição da turma em manter o jornal como era. Relutância para com o nome do jornal. Queriam um nome mais popular. Agora, entendo que o Linha de Corte deixou rastros no Impressões, a variedade dos gêneros, por exemplo.

25- Há a possibilidade de continuidade para o Impressões?

Este é o segundo semestre do Impressões, o próximo também será o mesmo jornal. Daí, eu saio da UFC, mas deixo o material digitalizado, a experiência registrada... não posso garantir, mas penso que ele fica ainda um tempo pela UFC.

26- Se sim, o que possibilitou a continuidade de um e o término do outro?

A vontade da turma é o principal motivo. O Impressões também foi apresentado como sugestão, apesar de ser dito que havia a intenção de se criar este produto na disciplina, aliás, isso foi dito em todas as disciplinas... Outro motivo, a receptividade que o jornal causa. O Impressões foi visto com simpatia. Embora, eu ache que o nome Linha de Corte deveria ter ficado.

27- Quais as principais falhas, em sua opinião, em cada um dos jornais?

Não gosto do termo falhas; encaro as edições como algo processual, como um aprendizado... mas, vamos lá:

Linha de Corte: projeto gráfico; espaço reduzidíssimo que não privilegiou matérias mais aprofundadas; revisão final das edições; falta de entrosamento entre as editorias, pois o conselho editorial não funcionou.

Impressões (segunda turma): projeto gráfico “pela metade” (se você analisar vai perceber dois jornais dentro de um); linha editorial confusa (mas que foi melhorando ao longo das edições); revisão final das edições; sobrecarga na parte da edição em um número reduzidíssimo de alunos.

Ressalto que o Impressões atual está diferente do anterior, embora, traga o “grosso” do projeto anterior.

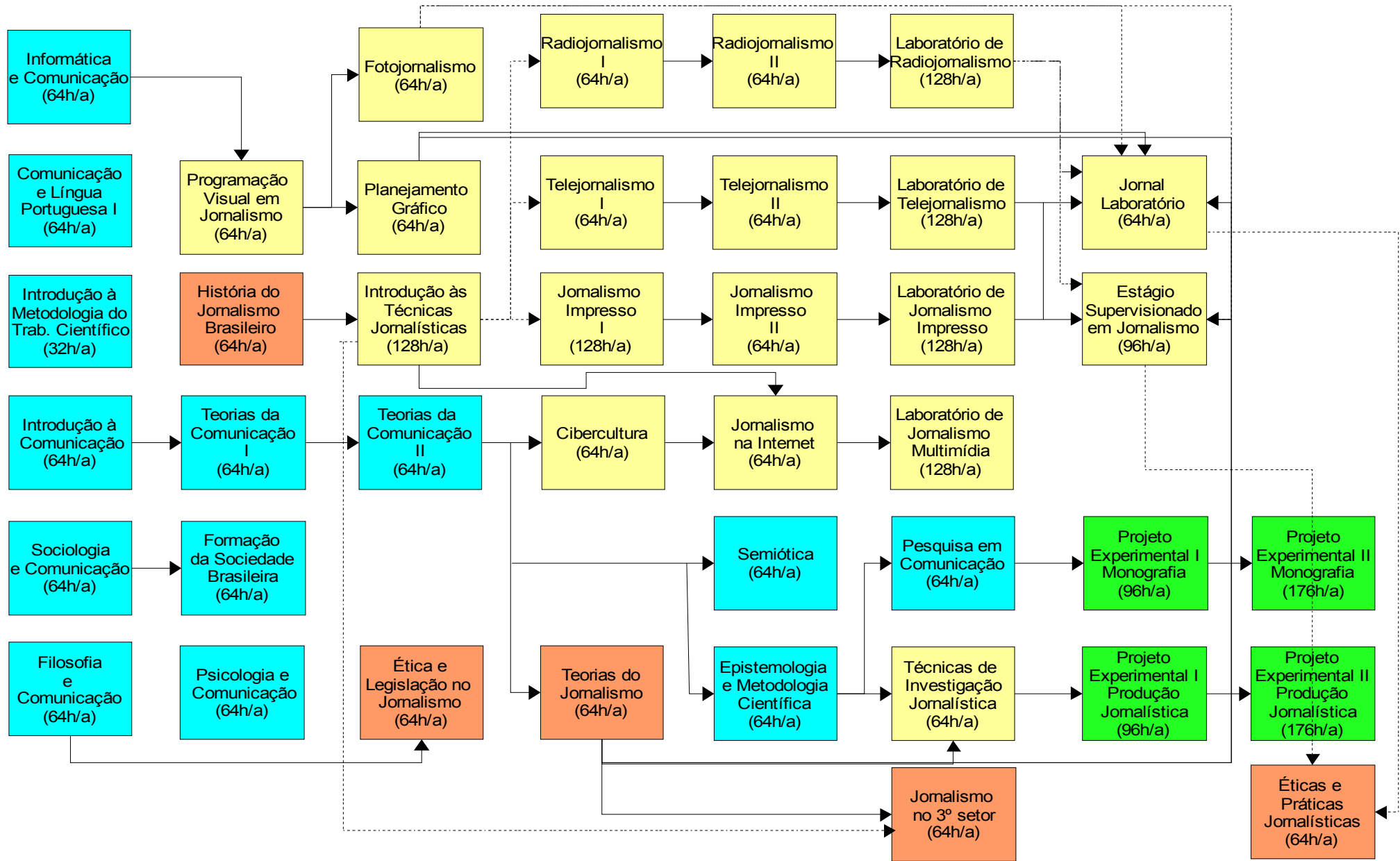
28- Qual foi o principal empecilho em cada uma das experiências?

Falta de um projeto pedagógico mais definido para a disciplina. Estrutura precária para transformar a sala de aula numa redação. A incerteza de os jornais saírem (serem impressos). O não cumprimento dos prazos de entrega das matérias. A imaturidade de alguns para as críticas ou para lidar com as pressões que envolvem as tomadas de decisões. Mas, foi e está sendo uma experiência bem prazerosa e enriquecedora.

29- Considerações Finais.

Não consigo pensar nesta disciplina sem pensar em todo o currículo do curso. Avalio que é necessário interligar melhor as disciplinas – **fazer isso no cotidiano do curso**, pois no papel elas estão ligadas – para que a formação tenha uma continuidade. Como posso discutir com uma turma a necessidade de privilegiar a informação no texto que se propõe a ser informativo quando essa turma já chega sem vontade, com preguiça de apurar a notícia (atividade primeira do jornalismo)? Como trabalhar a crítica ao que se é produzido quando a vaidade e o estrelato de ser jornalista já povoam o universo, o imaginário de quem ainda é estudante? É preciso ter uma base mais sólida na formação... que começa, fundamentalmente, nas disciplinas iniciais do curso.

1º período 2º período 3º período 4º período 5º período 6º período 7º período 8º período



Legenda: As setas que conectam as disciplinas indicam os pré-requisitos

Disciplinas do tronco comum **Disciplinas específicas da habilitação de Jornalismo (Fundamentação teórica)** **Disciplinas específicas da habilitação de Jornalismo (Técnicas e práticas)** **Disciplinas preparatórias para o trabalho de fim de curso Monografia e Produção Jornalística**

impressões

jornal laboratório do curso de comunicação social da universidade federal do ceará | setembro de 2010 | 1ª edição



FOTO: JANA SOARES

Mercado das eleições: Quanto os partidos gastam em uma eleição?

As bandeiras, panfletos, carros de som e militantes estão nas ruas. São as eleições! Mas, você sabe quanto custa tudo isso? E como os partidos pequenos se viram para concorrer com os mais fortes na disputa? Nesta edição, o *Impressões* leva você a conhecer um pouco mais sobre o universo das eleições 2010 em Fortaleza.

página 3}



Entrevista chega à maioria

Professor Ronaldo Salgado fala dos caminhos percorridos nos 18 anos da Revista Entrevista.

página 8}

Crianças recebem tratamento através do riso

Voluntários que dedicam parte do seu tempo a levar alegria às crianças em hospitais.

página 7}

Alfabetização em duas línguas

Correspondente internacional relata sobre as dificuldades da aprendizagem bilíngüe na Terra do Sol Nascente.

página 6}

Ensaio fotográfico

Junto ao mar, entre a melancolia e o sentimento despedida, um olhar sobre a Cidade, por Jana Soares.

página 5}

Eleições aquecem mercado cearense

Beatriz Jucá
beatrizjuca@gmail.com
Domitila Andrade
domitila.andrade@gmail.com
Fotografia - **Iana Soares**
ianascm@gmail.com

vestem literalmente a camisa de candidatos para garantir uma renda extra no período eleitoral. A oportunidade surge para suprir uma demanda média de 200 ativistas por comitê em Fortaleza.

As exigências necessárias para a contratação de ativistas varia de acordo com o comitê, mas a prioridade é para quem cumpre os seguintes requisitos: ter idade superior a 18 anos, morar próximo ao comitê, votar no candidato e em sua coligação, ter domicílio eleitoral na cidade onde pretende militar, resistir a esforço físico prolongado e ter disponibilidade de tempo integral.

Até base salarial existe para a nova "profissão temporária": R\$ 510, com auxílio transporte e alimentação a serem combinados com o contratante. A jornada de trabalho é fixada em 8h diárias, mas, de acordo com os militantes entrevistados pelo Impressões, o horário pode ser estendido sem pagamento de hora extra em função dos eventos dos candidatos.

Para Francisco de Assis Diniz, presidente do Sistema Nacional de Emprego/Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (Sine/IDT), o número de militantes remunerados para as eleições deste ano poderá chegar a 27 mil em todo o Estado. "Entre os mais impactados pela onda de geração de empregos estão ativistas (pessoas que trabalham, geralmente, empunhando bandeiras pelas ruas da cidade), secretárias, motoristas, marketeiros, vigias e advogados", enumera Diniz.

Visibilidade cara
Jornalistas e publicitários também podem garantir uma renda extra no período eleitoral em função da demanda para dar visibilidade aos 807 postulantes a cargos eletivos deste ano. O salário varia entre dois e cinco mil reais por mês.

Embora o aumento de despesas com aluguéis de imóveis

» COM R\$160,4 MILHÕES,
O CEARÁ TEM A SEGUNDA
CAMPANHA ELEITORAL MAIS
CARA DO BRASIL

para comitês ou com deslocamentos seja expressivo, são as ações de propaganda dos candidatos que ganham destaque. Somente a mensalidade da contratação de carros de som para divulgar os jingles dos candidatos, por exemplo, custa, em média, R\$ 2,5 mil.

O setor gráfico é o mais eloquente do mercado eleitoral. Apesar do crescimento não ser uniforme em todas as empresas, o Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado do Ceará (Singrace) prevê um aumento médio de 20% na produção do setor durante a campanha eleitoral cearense deste ano.

Partidos "nanicos" se viram como podem

O Ceará, nesta eleição majoritária, tem candidatos de quatro partidos políticos considerados "nanicos": Partido Verde (PV), Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU). A soma das previsões de gastos das campanhas para governador destes quatro partidos é apenas R\$ 5.280.000,00, cerca de 5% da soma das previsões de gastos dos outros três candidatos ao mesmo cargo, que pertencem a partidos maiores.

Entretanto, a falta de uma estrutura material robusta e de pessoas para trabalhar na divulgação eleitoral só fortalece, segundo os militantes, a ideologia que rege cada um desses partidos. Para Marcelo Silva, candidato ao governo pelo PV, é a crença em um novo modelo socioeconômico, político e um possível equilíbrio na questão social, ambiental e cultural que o leva a continuar lutando. É também acreditando que a ideologia se sobrepõe às dificuldades que outros partidos como o PSOL e o PSTU permanecem na "luta".

Pautados nesta ideologia, os partidos "nanicos" fazem o que podem para permanecer na disputa sem desviar-se de seus ideais. De acordo com Helena Martins, militante e assessora de imprensa do PSOL, o partido enfrenta problemas com a campanha, mas não aceita dinheiro de empresas para financiar a estrutura política. Para o PV se manter no pleito também não é fácil. "Somente quem tem uma grande estrutura financeira consegue ocupar espaços na mídia", afirma Aristides Braga, candidato a vice-governador.

Herbênyia Alves
herbenya@gmail.com
Hugo Renan
hugorenan3@gmail.com

Sobre os "nanicos" nas eleições no CE

PCB – Partido Comunista Brasileiro
Ideologia: Esquerda
Filiados em Fortaleza: 105
Candidatos: Nati – Governadora; Tarcísio Leitão – Senador; Benedito – Senador.

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
Ideologia: Esquerda
Filiados em Fortaleza: 305
Candidatos: Soraya Tupinambá – Governadora; Mailene Torres – Senadora.

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados
Ideologia: Extrema esquerda
Filiados em Fortaleza: 63
Candidatos: Gonzaga – Governador; Reginaldo – Senador; Raquel Dias – Senadora.

PV- Partido Verde
Ideologia: Ambientalista
Filiados em Fortaleza: 1063
Candidatos: Marcelo Silva – Governador; Polô – Senador.

DA URDIDURA DESSA TRAMA

Lembro quando, já há quase dois anos, foi colocada à turma da qual fiz parte a tarefa de escolher uma pauta para a reportagem que integraria a revista que produziríamos durante a disciplina "Jornal Laboratório". Optei por reportar o cotidiano dos catadores de material reciclável que vivem e trabalham em Fortaleza. Em um dia de semana, já com o prazo para a entrega da matéria se aproximando, peguei um ônibus em direção à Praça José de Alencar, no Centro, onde muitos catadores buscam a sombra acolhedora de uma árvore. Sentei ocasionalmente ao lado da janela e fiquei olhando as ruas da cidade. Ruas que costumava percorrer quase todos os dias. Durante o caminho, pensava insistentemente em algo ou em uma forma diferente de escrever. Ter as primeiras linhas em estilo literário era uma meta; o título deveria, por sua vez, despertar a sensibilidade do leitor. Enquanto essas preocupações me ocupavam, de repente, o trajeto pareceu se modificar. Não mais as fachadas conhecidas me chamavam a atenção. Aqui e ali, via os homens com carcaças de geladeiras sobre as costas. No ônibus, um pedinte contou suas estratégias de sobrevivência e reclamou da diminuição do valor da venda do plástico para a reciclagem. "Culpa da crise", explicou.

Não esqueci aquela cena, pois ali todo o meu desejo de exercer o jornalismo como uma possibilidade de desvelamento de um mundo que é constantemente invisibilizado pareceu materializar-se. Sem maquinações ou frases pré-programadas, algo tão cotidiano nas vidas dos habitantes desta metrópole se revelou diferente apenas pelas reflexões, inquietações e questionamentos ativados pelo ato de pensar a pauta e a produção da matéria. Não há como mensurar quanto de jornalismo se aprende com a experiência de fazer produto parte do aprendizado acumulado em salas de aula. Talvez não seja mesmo esse o objetivo dela, pois certamente sua importância consiste no contato com o desafio que é o fazer jornalístico.

Ah, esse fazer... Ele é de tal forma complexo, caro leitor, que, talvez, nem as minhas ou as linhas que seguem consigam dar conta de levar a você o conhecimento de todo a urdidura dessa trama, que envolve a escolha do formato, do nome e da pauta, bem como o desafio do trabalho coletivo. Também as lutas pelo cumprimento dos prazos e em busca da impressão não se deixam mostrar, mas como existem! Para vocês terem uma ideia, até hoje não vi publicada aquela experiência que tanto me marcou. Mas, por certo, todo esse processo e mesmo suas incompletudes são de fundamental importância para o nosso aprendizado como profissionais e, sobretudo, como gente que lida, escreve e convive com gente.

Por tudo isso, saúde a chegada de mais uma edição deste jornal. Obviamente, nele também estão as marcas de algo feito de forma tão particular. Esta coluna, inclusive, é a mostra disso. Como ser ombudsman e comentar uma publicação anterior sabendo que mudam os produtores, as ideias norteadoras, os contextos? Qual sentido teria comentar, a priori, as notícias que você ainda lerá? Como ter contato com a sua opinião para então avaliar e comentar os textos? Tais marcas também estão nas matérias, necessariamente menos factuais do que desejaríamos.

Por tudo isso, penso que o jornal nos convida a ir além da busca pelos formatos tradicionais. Convide que deve se estender também aos seus redatores. Afinal, a liberdade de escolha que nos é dada, neste momento, não será encontrada, necessariamente, no dia a dia da produção nas redações e assessorias que, logo, logo, serão ocupadas por vocês. De algum modo, vimos essa disposição na edição anterior, que tratou, por exemplo, da busca dos travestis por visibilidade. Esse esforço é perceptível também nesta, mas, acredito, ainda podemos nos desafiar mais. Ainda podemos experimentar mais. Este é o espaço para isso.

A todos, uma boa leitura.

»HELENA MARTINS é jornalista. mb.helena@gmail.com



talles.fsr@gmail.com
flickr.com/tallesr

PROMETEU? TÁ PROMETIDO!

{microfone}

no "miolo" através de outros, através dos que conseguem passar.

O mais interessante é que essas mesmas pessoas, cada vez mais, criam e usam propostas um tanto quanto inviáveis para eles mesmos. A última, depois do Projeto Ficha Limpa, surgiu em agosto e está em análise na Câmara dos Deputados, lá em Brasília, o que significa que ainda vai passar pelo Senado para, finalmente, ser sancionada pelo presidente da república. Criado pelo deputado federal José Carlos Aleluia (DEM – BA), o tal Projeto de Lei 594/10 traz em seu texto a exigência de punição para todos os políticos brasileiros que não cumprirem suas propostas de campanha, que se valerem de propostas mentirosas ou que se mostrem contrários a seus ideais depois de eleitos.

A questão que aqui se levanta, é importante deixar claro, não é a existência ou não de políticos honestos, mas sim a viabilidade de cumprimento de todas as propostas que, desesperadamente, são lançadas em períodos de campanha. Deveriam criar um projeto, dessa forma, que proibisse candidatos a lançarem o número absurdo de projetos que eles sempre lançam para atingir o maior número de pessoas votantes. O eleitor também precisa fazer o seu

papel. Todos devem se habituar a acompanhar a vida do seu deputado, do seu senador e, assim, se sentir no direito de cobrar. Mas, nessa proposta, não é o eleitor quem corre atrás de denunciar quem não cumprir o que prometeu. Os políticos, nesse texto, só podem ser denunciados e condenados pelos Tribunais Regional e Federal Eleitorais e pelo Ministério Público. Sendo assim, como pode a população manter um controle sobre isso? Votem, elejam e persigam seus candidatos. Visitem o lugar onde eles trabalham e vejam como andam as promessas que eles fizeram durante o período em que buscavam se eleger. Parece não adiantar muito, mas essa é uma forma de pelo menos se fazer presente e completar a parte que falta para que o País cresça dentro das rédeas necessárias. Os políticos podem não ser corretos, mas o erro maior é a falta de participação da sociedade civil na construção do Brasil. Esse é o principal problema e não as promessas, por que promessa todo mundo faz. E todo mundo algum dia já deixou de cumprir alguma.

» RAFAEL VERAS é estudante de comunicação social. rafaelveras@hotmail.com

Opinião

{editorial}

Mais uma experiência laboratorial da universidade e, outra vez, a turma inteira se reúne para construção de um produto para dar continuidade às tradições do curso. Escolhemos manter os mesmos projetos gráfico e editorial idealizados pela turma anterior. Mesmo assim, a liberdade poderia – e deveria – ser mantida.

Dificuldades apareceram pela falta de tempo por conta de estágios, trabalhos de conclusão de curso, Intercom Nacional... Alguns dedicaram mais tempo que outros ao jornal, porém, todos tentaram fazer um trabalho de qualidade de acordo com o tempo disponível para uma **nova fase do Impressões**.

O tema que pauta todas as conversas nos últimos dias são as eleições e escolhemos esmiuçar assuntos que despertam curiosidade, mas ninguém explica. Abordamos também temas relacionados ao cotidiano da cidade, como a permacultura e a humanização dos tratamentos hospitalares infantis.

Dando continuidade às comemorações dos 45 anos do curso de Comunicação Social da UFC, uma entrevista com o idealizador da Revista Entrevista, que completa 18 anos, professor Ronaldo Salgado.

{expediente}

impressões é uma publicação da disciplina Jornal Laboratório do curso de Comunicação Social - Jornalismo.

Universidade Federal do Ceará (UFC) - Instituto de Cultura e Arte (ICA)

Reitor Jesualdo Farias
Coordenador do ICA Custódio Almeida

Coordenadora do curso Glícia Pontes

Professora orientadora Klycia Fontenele

Conselho editorial desta edição Gisa Carvalho, Marina Rosas e Roberta Maia

Projeto gráfico Yuri Leonardo

Diagramação Marina Rosas e Yuri Alexsander

Ombudsman Helena Martins

Revisão Herbênyia Alves e Roberta Maia

Colaboração Talles Rodrigues

Tiragem 500 exemplares
Imprensa Universitária

Contato jornalismo@ufc.br
www.dcs.ufc.br



FOTO ANÁLICE DINIZ

{crônica

A QUADRA DO CEU

Dia desses, ao entrar no tão familiar CH2, acometeu-me uma nostalgia, daquelas que aperta no peito e faz suspirar. O objeto da minha epifania foi nada menos que a quadra do CEU, ou devo dizer o ginásio do CEU?

A nossa história começou há cinco anos, quando o CEU era apenas uma quadra, sem nenhuma pretensão de se tornar um ginásio. Corrijo-me agora, antes que pareça que faço pouco deste ícone da nossa universidade. Era uma quadra sim, com o chão rachado e arquibancadas velhas, mas que pulsava com a vida de um lugar que figurava como ponto de encontro e interação entre alunos de diferentes cursos e semestres.

Lembro-me, já no primeiro dia de faculdade, quando em um de nossos trotes, levaram-nos amarrados e em estilo elefantinho (modo de caminhar familiar a todos

os estudantes de comunicação que passaram pela semana de recepção) para jogar carimba em baixo do sol do meio-dia. Mal sabia eu que aquele seria um de meus lugares favoritos na universidade e no qual viveria momentos inesquecíveis da minha vida acadêmica.

A quadra do CEU me conquistou e as visitas tornaram-se cada vez mais frequentes. Nos intervalos das aulas, nos juntávamos na quadra para uma "pelada". Os pés descalços, no chão escaldante, corriam no piso rachado até formarem-se bolhas durante jogos que se estendiam por toda tarde. Quando não, apenas sentávamos a assistir às rodas de capoeira que embalavam as conversações por horas a fio.

Mas o CEU não se prestava apenas às tardes de sol. Foi também palco de grandes eventos, como as instigantes calouradas temáticas, que nos transportavam para um mundo mágico, das personagens mais incríveis, que construíam a atmosfera de fantasia. Sem contar as clássicas copas Jabá, que movimentavam todos os alunos da Comunicação, com suas regras nada convencionais e seus narradores e comentaristas inenarráveis.

Saudade foi o que ficou, juntamente com a esperança de que o novo ginásio do CEU represente para as próximas gerações o que a nossa quadra representou para tantas, como a minha...

Máira Ary

mairary@gmail.com

Ficção

{imagem_3impressões



FOTO BEATRIZ LUCA

NA ESTRANHA ROTINA DO DIA A DIA

Todo dia estava ela a trabalhar. Lavava roupas. Trabalhava já há 20 anos, lavando roupas na beira do mesmo rio. Nunca aparentou cansaço, nunca reclamou. Carregava a bacia, pesada, todo dia, mas não reclamava. Achava o trabalho fácil. Cansativo, mas fácil. Era bastante concentrada e mantinha sempre o mesmo ritmo. As roupas mudavam, ela não, fazia tudo sempre do mesmo jeito. A seriedade no olhar era evidente, mas não de todo hostil. Havia simpatia na forma como esfregava aquelas roupas. Algo em sua figura solitária chamava mais atenção do que as outras lavadeiras.

Mas tudo o que chamava a atenção em relação a sua pessoa, ela ignorava. Não fazia questão, não se importava, não sabia. Apenas trabalhava. Sem sonhos, sem esperança, sem otimismo. Mas todos percebiam, não era uma lavadeira do tipo comum. Sua presença era facilmente notada, nunca se reunia com as outras, não cantava, não conversava. Aparentava, no entanto, sempre estar em um estado meditativo, como se aquilo que fazia naquele momento fosse único e importante demais para desviar a atenção para outra coisa.

Um dia, porém, acordou diferente. Acordou mais tarde. Estava atrasada. Nunca tinha acontecido, não poderia ter acontecido. Ela não fazia o tipo neurótica, gostava apenas de se manter estável, não alterando bruscamente a sua rotina. Ela se movimentou rapidamente, mas logo parou e pensou que se se apressasse estaria novamente fugindo ao seu modo estável de ser. Resolveu ficar parada e olhou ao redor. Tudo estava igual, não tinha nada para olhar. Mas continuou parada. Não sabia porquê, mas assim o fez. Rodou os olhos ao redor de toda a casa, e só então andou. Foi para fora. Foi trabalhar, como todo dia nos últimos 20 anos, o fez.

Foi como se nada tivesse acontecido, como se tudo estivesse igual. Talvez estivesse, talvez não. Quem sabe se ela realmente nunca acordou atrasada, ou quem sabe, se ela sempre acordou atrasada e nunca percebeu, ou percebeu e esqueceu. Não se sabe se tal dia foi o primeiro ou o último em que foi trabalhar; não se sabe se pra ela todos os dias são os primeiros, ou os últimos. O que se sabe, é que algo de diferente todo dia estava presente, uma presença invisível, só perceptível aos olhos mais atentos.

Artur Mota

arturtutu.mota@gmail.com

O PESO DO MUNDO

- Vô lá no riacho! - gritou da porta.

O peso sobre a cabeça fazia latejar-lhe os miolos. A pele morena ardia com a queimadura do sol e o cabelo queimava ao contato com o plástico desbotado da bacia. O crânio parecia moldado ao recipiente que levava as roupas usadas, sujas. O pescoço era firme, e a musculatura avantajada. Dolores suportava o peso do mundo.

As pernas arqueadas seguiam ladeira abaixo. As trouxas de roupa seguiam com elas. O sol estava demasiado quente naquela tarde. Retirou, então, a bacia da cabeça. Abraçou-a como a um filho. Dilatado, o abdômen empitava um contato mais íntimo.

Com esforço, a mulher chegou à beira d'água. Colocou a bacia na margem e retirou do sutiã o sabão feito da gordura das muitas galinhas abatidas nos últimos dias. Dolores tinha fome. "Só depois de lavar as roupas". Sentou os quadris desajeitados sobre uma das pedras cobertas pelo lodo e começou a molhar as peças, uma a uma, com uma delicadeza jamais creditada a pessoas daquele porte.

A lavadeira não sabia cantar, por isso seu trabalho era mudo. Ouvia-se apenas o som das batidas das roupas nas pedras, da água e dos pássaros a reclamar do calor. Terminado o serviço, Dolores levantou-se com cuidado, pondo as mãos nas costas doloridas. Com a bacia posicionada na cabeça, escorregou, rompendo o cabresto das sandálias carcomidas pelo sol. Dolores caiu, deixando ir-se embora pelo riacho toda a roupa limpa, lavada. Ainda sem fôlego, mais uma vez se levantou, deixando para trás todo o peso do mundo.

ENFIM... LIVRE!

Todos os dias eram iguais, nada de novo acontecia... Maria acordava antes mesmo de o sol nascer. Seu despertador? Um galo velho que mal tinha forças para cantar nas primeiras horas do dia. "Qualquer hora eu mato esse diabo e como com farinha..."

Lembrou-se de quando era criança, olhou para o lado e, rapidamente, estava de volta para a vida real. Definitivamente, não era a vida que ela sonhara. Aquele traste gordo e grosseiro não era como os bonitões da televisão. Fechou os olhos e tentou, em vão, dormir mais um pouco. O ronco do marido e o canto do galo não permitiram.

Respirou fundo e levantou. Fez o café, ajeitou o resto do pão de ontem e foi trabalhar. Passou a manhã à beira do rio lavando as roupas da patroa. Cansada daquela vida sem graça, decidiu voltar para casa antes da hora.

Nem havia chegado ainda, mas escutou os gritos de longe. Não ia entrar. De fora mesmo, ouviu toda a confusão e descobriu tudo: o marido e a vizinha eram amantes e discutiam por que ela se descobrira prenha. Ele não ia assumir a criança e ela não queria tirar.

A raiva era tanta, que abafou o choro e deu vida ao sentimento de liberdade. Deixou a trouxa com as roupas da patroa no alpendre, pegou as do marido que estavam estendidas no terraço, colocou na bacia e deixou no rio para que a correnteza tomasse de conta.

"Nem tudo na vida é castigo", pensou ela. Sorrindo, voltou para casa e, sem nada dizer, colocou seus pertences na sacola e nunca mais voltou. Agora, sentia-se livre para viver.

Mel Sampaio

melhinharose@gmail.com

Herbênyia Alves

herbenya@hotmail.com

Sobre ventos e saudades



{ensaio

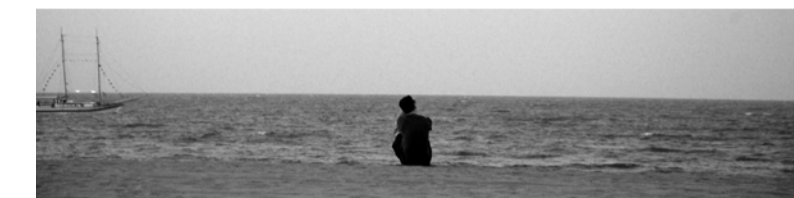
Nesses dias de despedidas – que são todos os dias dessa vida, não nos enganemos – a cidade também dá adeus.

O aperto no peito mistura-se às ondas do mar, feito lágrima.

Se não estávamos lá, é porque nunca mais estaremos. E nunca já passou.

Amanhã, talvez.

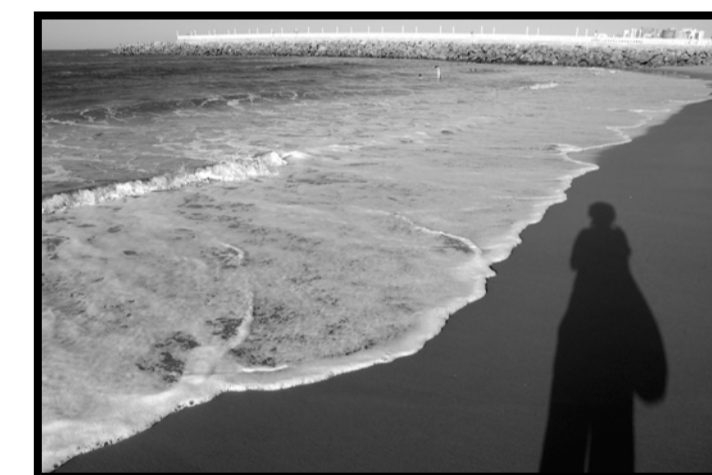
É de vento e silêncio que são feitas essas fotos.



Iana Soares

ianascm@gmail.com

flickr.com/ianascm



Possibilidades sustentáveis

A inquietação diante do mundo. Inquietação que move o homem, que o faz caminhar com pés na terra, colocar as mãos no barro, que identifica o coletivo ávido por mudanças na própria vida, na maneira de lidar com o ambiente. Esta pode ser a motivação daqueles que buscam na permacultura uma opção, uma realidade possível.

Definir a permacultura é bem mais difícil do que entendê-la. Pode-se dizer que é o desenho, a criação de assentamentos humanos sustentáveis, reunindo diversas áreas do conhecimento humano em um planejamento holístico enraizado na cooperação entre o homem e natureza. Criada nos anos 70 pelos australianos Bill Mollison e David Holmgren, a permacultura, inicialmente, visava ao desenvolvimento de técnicas agrícolas sustentáveis, expandindo seus conhecimentos para a construção de uma nova cultura, uma cultura permanente.

A permacultura é regida por uma ética clara: o cuidar da Terra. Utilizar os recursos disponíveis para suprir as necessidades, como o sol para aquecer a água, o posicionamento da construção para a ventilação, o uso de resíduos de uma atividade como combustível para outra,

não gerando assim excedentes. Produzir e respeitar um ciclo, alimentando a conexão que há entre tudo. Tomar conta dos espaços através do planejamento de paisagens que imitam os padrões encontrados na natureza.

Mundo Possível

Convocado por um incômodo diante da cidade exposta, João Paulo Duarte buscou novos horizontes. Encontrou em iniciativas tímidas de sustentabilidade, a possibilidade de outra relação com o ambiente. Em 2007, viajando pelo País em busca do outro, conheceu projetos de permacultura, ecovilas, fez cursos, mergulhou em um mundo possível.

Ao voltar a Fortaleza, a necessidade da continuação mobilizou amigos em uma rede aberta, em um mar de ideias. A troca de conhecimento e o trabalho coletivo deram início ao que hoje é a Rede Permanece (Rede de Permacultura do Ceará) e o IPC (Instituto de Permacultura e Ecovilas do Ceará): um grupo que integra pessoas interessadas na permacultura. Afinal, a sustentabilidade só acontece na conexão entre pessoas, entre querer. O permacultor João Paulo comenta que a técnica "tomou um grande espaço na minha vida, talvez

mais do que o próprio sonho".

A Rede objetiva difundir a prática, dar suporte e promover a implantação de unidades demonstrativas da técnica, abrir portas e janelas para a consolidação de uma relação harmoniosa com os recursos disponíveis na natureza. A instalação de hortas, a implantação de sistemas de captação de água da chuva, minhocários, a construção de casas através da técnica de superadobe, analisando as melhores maneiras de utilizar o ambiente em prol de uma construção sustentável são caminhos trilhados pelos permacultores.

Além de compartilhar saberes com o grupo, João Paulo sonha em "levar a permacultura para empoderar o povo", levar a prática que utiliza os recursos disponíveis para comunidades que possam tirar dela uma melhoria de qualidade de vida palpável. Afinal, como João Paulo ressalta: "o mundo precisa da permacultura".

Visite: <http://instituto-permacultura.blogspot.com/>
<http://www.redepermanece.com/>

Samaísa dos Anjos
samaisa.anjos@gmail.com



Uma infância entre duas línguas

Saber bem dois idiomas é um diferencial que pode facilitar a busca por um emprego. A vantagem aumenta se o aprendizado das duas línguas se der ainda na infância. As crianças têm maior facilidade para aprender e assimilar sons e, por isso, conseguem desenvolver mais rápido a fala. Mas a fluência em uma língua não pode ser vista apenas pelo ponto de vista da capacidade de expressão oral. Um indivíduo é considerado fluente em um idioma quando tem o domínio de quatro habilidades: fala, escrita, leitura e compreensão auditiva.

Algumas crianças brasileiras que vivem no Japão já sabem falar tanto português como japonês. Porém, não conseguem escrever e ler nos dois idiomas. Aprender a escrita e a leitura de duas línguas são diferentes como a portuguesa e a japonesa é um desafio para essas crianças. O japonês utiliza três sistemas de escrita: dois silabários fonéticos – o hiragana e o katakana – e os ideogramas, caracteres de origem chinesa que expressam ideias. Já o português possui um alfabeto com letras que expressam sons que não existem na língua japonesa. Por conta das diferenças e dificuldades no aprendizado dos dois idiomas, as crianças que sabem falar português e japonês muitas

vezes acabam aprofundando os estudos apenas em uma das línguas.

O governo japonês está atento à educação dos filhos de estrangeiros residentes no Japão. Até o Ensino Médio, o Estado tem a obrigação de garantir ensino de qualidade e colocar todas as crianças na sala de aula. A escola japonesa é pública, enquanto as escolas brasileiras no Japão são particulares. Sueli Yada, diretora da escola brasileira Apoio Mie, na cidade de Tsu, afirma que os pais precisam decidir se querem que o filho aprenda mais o português ou o japonês. “Se pretendem voltar para o Brasil, o melhor é matricular numa escola brasileira.”, diz. Entretanto, a decisão dos pais não depende somente do desejo de ficar ou não no Japão. A crise que atingiu a terra do sol nascente fez com que muitos brasileiros perdessem os empregos e fossem obrigados a voltar para o Brasil. Para as crianças, já acostumadas com a vida no Japão, o retorno foi um choque. Segundo Sueli, muitas retornaram sem saber escrever e ler em português e não conseguiram acompanhar as aulas na escola brasileira. As escolas no Brasil não estão preparadas para receber essas crianças”, afirma.

Mesmo com o aumento do desemprego entre os

estrangeiros no Japão, há famílias que se mantêm firmes em solo japonês. A província de Mie, uma das regiões que mais abriga estrangeiros, ainda é o lar de 18.500 brasileiros. Hugo Matsubara nasceu no Brasil e veio para o Japão aos dois anos. A mãe tem descendência espanhola e o pai é descendente de japonês. Estudou no Hoikuen (escola maternal) e foi lá onde começou a falar japonês. Atualmente é aluno da escola primária de Keiwa e, aos 9 anos, já conversa normalmente no idioma. Em casa, contudo, a língua utilizada é o português. Apesar de conversar nos dois idiomas, o estudante sente dificuldades para escrever. ‘Falar é mais fácil do escrever’, diz. No japonês, Hugo tem problemas com a escrita dos ideogramas; já no português, a dificuldade é a utilização da letra L, não utilizada pelos japoneses. Começou a alfabetização em abril e mesmo com o pouco tempo de estudo, admite que prefere estudar a língua do país em que nasceu. “Gosto mais de aprender português”, diz.

correspondente internacional **Natalia Marques**
Tsu, província de Mie, Japão
nataliamco@gmail.com

{resenha Manual do Viajante Solitário, do fotógrafo José Albano



Sobre asas, estradas e motocicletas

Não se fotografa apenas com o dedo no botão. É mais coração, saiba. Sangue no olho, vento na cara. Sorriso no rosto ou testa franzida, coisa de gente inquieta e curiosa. O fotógrafo é aquele que se inventa borboleta e pega emprestada as cores da paisagem para falar da flor. Desenha-se criança, moleque traquino, pendurado no pé de caju. É meio menino, daqueles malinos, com a pressa da vida e a calma do amor. Fotografa também montado em um cavalo ferro, sem câmera e filme. As imagens do horizonte, impregnadas do asfalto que enfeita a alma motorista, ficam gravadas na pele bronzeada pelos

dias de estrada. No Manual do Viajante Solitário, José Albano, fotógrafo cearense, estaciona sua Honda 125 ML para dividir a experiência em caminhos brasileiros. Para quem acha que sair de motocicleta pelo mundo é coisa de gente jovem, uma loucura dessas com data para ter fim, o fotógrafo sexagenário conta que o amor surgiu quando já tinha quarenta anos e ainda persiste. Com simplicidade e cheio de carinho, vai descrevendo seus percursos e dando dicas preciosas para a vida na estrada.

Além da possibilidade de saber mais sobre as paixões do fotógrafo, que se

entrelaçam com sua obra, este livro traz várias provocações. Transfigure seu cotidiano e deixe-se levar pelo profundo desejo de liberdade, de fôlego.

Manual do Viajante Solitário – Rodando de 125cc nas estradas do Brasil José Albano 112 páginas Terra da Luz Editorial R\$ 45,00

Iana Soares
ianascsm@gmail.com

{resenha O Monstro, de Roberto Benigni



Um filme “monstro” na arte de fazer gargalhar

O cinema atual carece de boas comédias, é verdade, mas não devemos nos enganar quanto a existência delas. Muitas obras acabam esquecidas pela crítica especializada ou do mercado cinematográfico e conseqüentemente não chegam ao conhecimento da grande massa. “O Monstro” (Il Mostro, Itália, 1994) é uma comédia como pouco se viu na história do cinema. Tal feito não seria possível sem o toque de um grande mestre. O italiano Roberto Benigni, escritor, ator, e diretor, vencedor de dois Oscars pelo seu trabalho mais conhecido, “A Vida é Bela” (La vita è bella, Itália, 1997), possui na sua filmografia uma obra rara, que merece um olhar mais atento, principalmente em relação às formas de se fazer comédia.

A película é uma sátira rasgada aos filmes de investigação policial e faz referência direta às comédias de costumes do teatro do século XIX. Um maniaco sexual, conhecido como “o monstro”, está à solta. A polícia erroneamente suspeita que Loris (Roberto Benigni), um malandro que vive aplicando golpes por onde passa, é o serial killer. Por falta de provas, a detetive Jessica Rossetti (Nicoletta Braschi), orientada pelo excêntrico psicólogo da polícia, Paride Taccone (Michel Blanc), é enviada para seduzi-lo e despertar a sua verdadeira natureza.

Para quem gosta de exageros, “O Monstro” é um prato cheio. Tudo é apresentado de forma hiperbólica. Os adjetivos reinam absolutos, mas as oposições são o grande trunfo do filme.

Artur Mota
Arturtutu.mota@gmail.com

Vidas Volantes

Breculê
Preço do CD: R\$ 15,00
Download gratuito via internet: <http://sombarrato.org/node/1431>

Rainer Leal
rainer.leal@gmail.com

{resenha Vidas Volantes, da banda Breculê



Novidades e sensações em Vidas Volantes

“Vidas Volantes” da banda cearense Breculê convida o ouvinte a relaxar, se alegrar, curtir e dançar sob a influência do choro, do samba e da bossa. Cantam elementos da alma cearense nas palavras e melodias, referenciadas também de muita MPB.

O cd tem faixas para ouvir só e acompanhado de uma roda de amigos, no bar, na roda de samba como ‘Samba do Lago’, que brinda a boemia. ‘Breculê’ dá nome à banda e vem rimando com travalínguas embalados ao som do clarinete,

violão, violoncelo e piano, proposta ousada na cena atual cearense.

São quatorze faixas divididas ora em um som mais introspectivo, ora se aproximando do samba ou choro. ‘Rêquiem para a Infância’ tem uma atmosfera aconchegante e melancólica oferecida pelos acordes de violino. A bucólica ‘Bem-Te-Vi’, canta um ambiente com castanholas e “galhos secos do Trairi”.

As músicas instrumentais, contemplam bem as cordas, os toques e as batidas, transportando o ouvinte para a atmosfera

de sensações de cada música. A sonoridade fica mais limpa sem a voz e abre espaço para se perceber os arranjos e as sensações mais intensas.

As influências passam por Pixinguinha, Radamés Gnatalli, Tom Jobim, Chico Buarque, Edu Lobo, Francis Hime e João Bosco. A banda traz consigo três anos de experimentação que imprimem em Vidas Volantes um som mais libertário sem esquecer suas inspirações: Fortaleza, as paisagens cearenses e as nuances dos sentimentos.



Humanizar no riso e no improviso: A loucura permitida dos clowns

O nariz pode ser vermelho de raiva, vergonha ou de alegria. É símbolo da transfiguração que faz brotar, da alma, o artista. A face antes desconhecida surge cheia de poesia, sorrisos, caretas e gestos espalhafatosos. O que o motiva? Extrair do riso tímido da criança, a alegria adormecida pela dor. Toda essa magia provém de um singelo e antigo personagem: o palhaço.



Em 2008, estudantes do curso de Medicina da Universidade Estadual do Ceará (Uece), decidiram usar fantasia de palhaço em hospitais a fim de promover saúde de forma humanizada, inspirando-se na iniciativa do Dr. Patch Adams que trouxe técnicas clownescas para o ambiente hospitalar nos anos 1980, nos EUA.

Deivide Oliveira, estudante do quinto semestre de Medicina e um dos participantes, conta que a ideia do projeto surgiu dos alunos da disciplina de Educação em Saúde, como um projeto de extensão diferenciado, procurando se expandir a outros cursos da universidade e se integrar a grupos já existentes. Batizado de Humanartes (Projeto de Humanização com Artes na Saúde), é coordenado pela professora Dra. Maria Irismar de Almeida e conta hoje com o empenho de 20 alunos, inclusive da Educação Física e da Enfermagem. Para estarem aptos a fazer as intervenções, eles têm uma capacitação mensal com a coordenadora de artes, Jacqueline Peixoto.

“Queríamos desestigmatizar a ideia de que Medicina era sinônimo de dor, trazendo para as crianças o lúdico, técnicas de clown, música, arte, improviso para que esquecessem a condição de ‘doentes’ e voltassem à condição primordial de crianças”, explica Erlon Coelho, estudante do quinto semestre de Medicina e um dos “doutores-palhaços”.

Fantasiados de clowns, os jovens empregam as tardes de seus fins de semana e datas especiais como Dia das Crianças e Natal para trazer alegria a crianças internadas no Centro de Assistência à Criança - CAC, hospital municipal especializado no atendimento infantil. O projeto não recebe

ajuda financeira, contando apenas com uma cota mensal dos próprios participantes.

Doutores-Palhaços

Foi encarnando o Dr. Bartoulino, um médico mal-humorado e ao mesmo tempo cômico, que Deivide passou a ajudar crianças e a entender melhor o sofrimento humano. “Quando estamos de clown, temos pouca consciência do que somos. Mas, ao final de tudo, me sinto muito realizado”, revela.

O contato com doutores tão surpreendentes faz com que as crianças encarem a realidade do hospital de uma nova forma. “O palhaço exerce um poder diferente no psiquismo humano. Tem a permissão de fazer o que quer, mesmo sendo absurdo aos olhos alheios. Toda essa magia por detrás da máscara e da loucura permitida é o que nos faz participar”, diz Deivide.

Erlon Coelho explica que o clown é diferente do palhaço convencional, pois este tem piadas prontas que sempre usa nos shows. Por outro lado, o clown é artista de improviso, faz humor do que aparecer.

Sorriso de Criança

“Olha o palhaço, pai! Olha o palhaço!” – grita a menina ao ver os “doutores” do dia: Imbróglío (Erlon Coelho), Zaza (Aline Muniz) e Baú (Braulio Nogueira). Com bexigas, bolhas de sabão, malabares e arte improvisada, eles interagem com crianças, pais e funcionários do Centro de Atendimento à Criança – CAC.

As crianças respondem de forma distinta. Há as que choram, as que riem no seu cantinho, como a pequena Tatiana Barros, 3, interna há 3 dias por problemas respiratórios. Há as que correm atrás deles, como Jefferson dos Santos, 7. Até os funcionários entram na brincadeira e dizem que o trabalho desses jovens, além de fazer com que o internamento seja menos doloroso, aumenta a auto-estima das crianças, que respondem muito melhor ao tratamento.

“No todo, a gente percebe que todos gostam, porque não basta só brincar com as crianças, todo mundo tem de entrar no clima”, brinca Deivide. Não só os pequenos, mas também os pais esperam ansiosamente a vinda dos estudantes. “Meu filho fica bastante animado e alegre quando eles vêm”, diz a mãe de Jerson.

Para Erlon, o projeto faz com que ele não veja a Medicina de forma tão ortodoxa. “Eu posso sim brincar com o meu paciente, descontraí-lo, tentar acalmá-lo. É isso que aprendi no projeto: a humanizar”.

Não são apenas os estudantes de Medicina que tentam mudar a realidade de crianças em hospitais. O Grupo Fantasia e a Associação Terapia do Riso são iniciativas que procuram aplicar o riso como uma espécie de tratamento.

Mel Sampaio
melhinharose@gmail.com
Gisa Carvalho
mgisacarvalho@gmail.com

Outras iniciativas

Grupo Fantasia: entreter e educar

A cura vai além da medicina e de suas habilidades. Uma parte importante do processo de tratamento é a manutenção do equilíbrio emocional. Com o objetivo de alegrar crianças que estão em hospitais e em abrigos de Fortaleza e Maracanaú, na região metropolitana, o Grupo Fantasia existe há oito anos e é formado por doze integrantes da Mocidade da Sociedade Espírita de Maracanaú. Também são inspirados na metodologia de Patch Adams, que utiliza o riso como terapia.

As visitas acontecem nas tardes de domingo nas entidades de Maracanaú e nas noites de quinta-feira no Hospital Albert Sabin em Fortaleza. Lá, os integrantes, sempre vestidos de clown, levam música, contação de histórias, apresentações de teatro, arte em balões e muito amor aos pequenos.

“Ter paciência, gostar de criança e se sentir à vontade vestido de palhaço.” Esses são os pré-requisitos para

fazer parte do Grupo Fantasia, apontados por Denise Ferreira, estudante do oitavo semestre de jornalismo na Universidade Federal do Ceará (UFC) e integrante do grupo desde o início das atividades.

Quando um candidato resolve participar do grupo, é preciso que antes passe por um período de seis meses de estágio, onde ele apenas acompanha os grupos – quatro meses apenas observando e dois meses vestido de clown, mas sem participação direta nas atividades. Isso acontece com o objetivo de assegurar o interesse do candidato em realizar as atividades.

Terapia do Riso: levando amor e alegria a quem precisa

Outra iniciativa voltada à alegria de pessoas em situação de tratamento médico é a Associação Terapia do Riso, que existe em Fortaleza desde 2000. Possui 15 atores que realizam atividades em cinco hospitais: Hospital Infantil Albert Sabin, Hospital Geral de Fortaleza, Hospital do

Coração de Messejana, Hospital César Calls e Instituto do Câncer do Ceará.

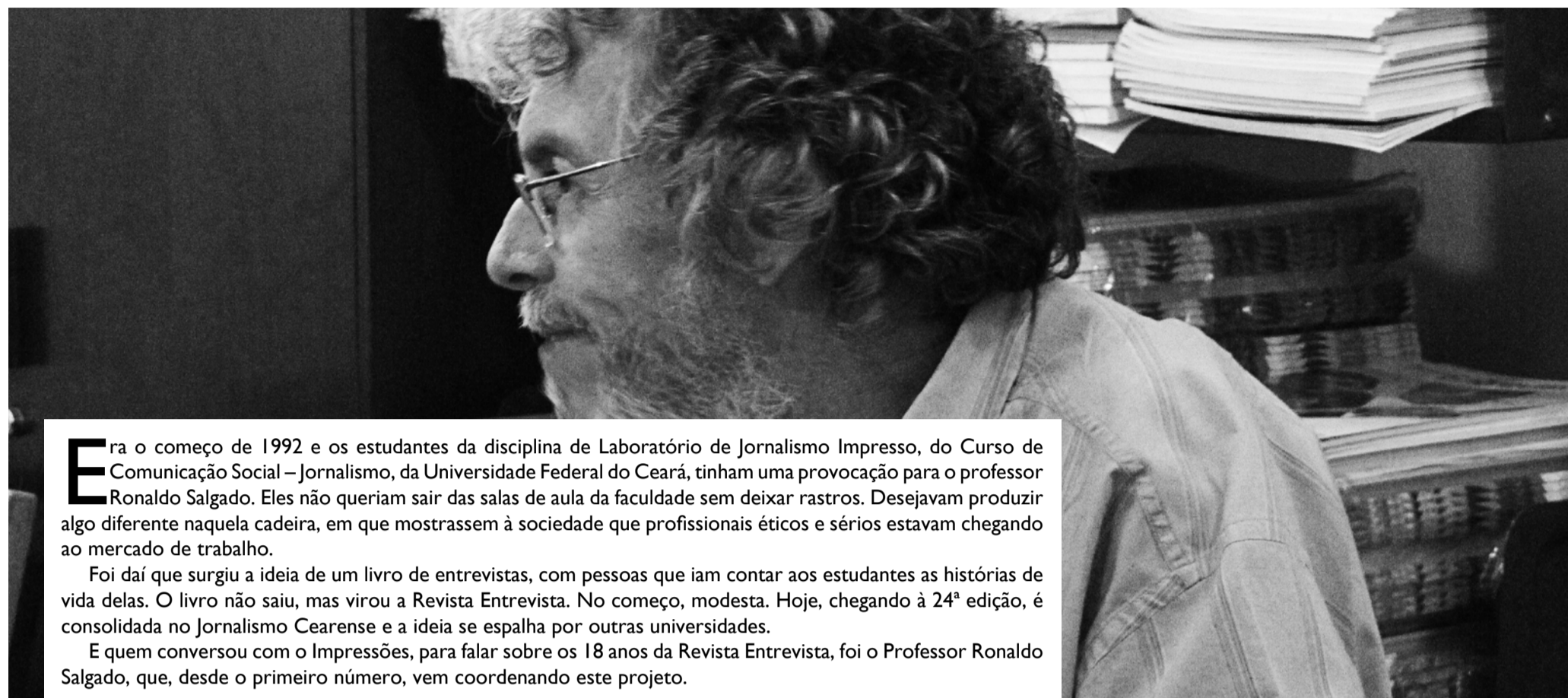
Os atores vão duas vezes na semana aos hospitais levando apresentações de humor, música, peças teatrais e contação de histórias. Assim como os outros grupos, a ideia é tornar o hospital um ambiente mais alegre. “As pessoas precisam de cuidados físicos, mas precisam também de amor, carinho e alegria”, diz Evandro Cruz, presidente da Associação Terapia do Riso.

Para se integrar ao grupo, os voluntários devem procurar o escritório da Terapia do Riso (Rua Solón Pinheiro, 116, sala 307) e entrar nas oficinas onde há aulas de teatro tradicional e técnica da arte de palhaço para hospitais.

Para manter a instituição, os voluntários vendem cartões com mensagens e poesias, além de realizarem apresentações nos eventos das empresas parceiras.

{entrevista} José Ronaldo Salgado, jornalista e professor da UFC

E eis que chega a Maioridade!



Era o começo de 1992 e os estudantes da disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso, do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará, tinham uma provocação para o professor Ronaldo Salgado. Eles não queriam sair das salas de aula da faculdade sem deixar rastros. Desejavam produzir algo diferente naquela cadeira, em que mostrassem à sociedade que profissionais éticos e sérios estavam chegando ao mercado de trabalho.

Foi daí que surgiu a ideia de um livro de entrevistas, com pessoas que iam contar aos estudantes as histórias de vida delas. O livro não saiu, mas virou a Revista Entrevista. No começo, modesta. Hoje, chegando à 24ª edição, é consolidada no Jornalismo Cearense e a ideia se espalha por outras universidades.

E quem conversou com o Impressões, para falar sobre os 18 anos da Revista Entrevista, foi o Professor Ronaldo Salgado, que, desde o primeiro número, vem coordenando este projeto.

IMPRESSÕES: Como foi que surgiu a ideia da Revista Entrevista, na disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso, e como essa idéia foi recebida pelos alunos e pelo curso?

RONALDO SALGADO: A ideia veio a partir de um sentimento de frustração que eu identifiquei na turma de Laboratório de Jornalismo Impresso, no primeiro semestre de 1992. Eles mostraram essa frustração de não terem feito um produto concreto, que marcasse a presença deles dentro da história do curso de Jornalismo. Eu pedi um tempo para pensar em um tipo de produto que pudesse ser sugerido e, na aula seguinte, voltei com a ideia de fazermos não a Revista Entrevista, mas um livro com entrevistas, abarcando histórias de vidas dos personagens entrevistados. O projeto foi muito bem recebido, os alunos quiseram dar continuidade. Claro que, ao longo do tempo tivemos dificuldades. Mas, de certa forma, hoje, eu posso dizer que a revista está consolidada, com um resultado alcançado, uma repercussão não só no âmbito interno da Universidade, mas também na própria vida cultural de Fortaleza.

- Professor, você pensou, em algum momento, mudar, fazer outra coisa além da Revista Entrevista, fazer um outro produto?

- A ementa do Laboratório prevê que haja a produção de um produto jornalístico. Eu sempre tive o cuidado de perguntar o que os estudantes queriam fazer e a pergunta obtinha como resposta consensual “nós queremos fazer a Revista Entrevista”. Então, desde a segunda turma, já houve essa manifestação de que se queria dar continuidade a esse projeto.

- Quais foram as primeiras dificuldades que vocês sentiram com a produção da Revista Entrevista?

- Do ponto de vista de desejo dos alunos que chegavam ao Laboratório, não houve dificuldade. Inicialmente tínhamos dificuldade com a gráfica, porque havia determinadas restrições de equipamentos na gráfica da Universidade, mas a maior parte das edições da revista foi feita dentro da Imprensa Universitária. Do ponto de vista do fazer jornalístico, não há a dificuldade.

- Como é que você avalia esse grande interesse dos estudantes em participar da Disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso para fazer a Revista Entrevista?

- Há momentos em que é difícil porque a estrutura curricular do curso oferece quatro laboratórios, que são disciplinas obrigatórias, mas de caráter eletivo. Então, o aluno elege qual a disciplina obrigatória ele quer fazer. O que tem acontecido nos últimos semestres é uma demanda muito grande pelo Laboratório de Jornalismo Impresso, em função da própria existência da revista. Causa em mim um desconforto porque eu tenho ou de escancarar o número de vagas da disciplina ou, então, eu tenho de fechar.

- Professor, o que você pensa da escolha dos entrevistados?

- Eu não interiro nas escolhas. Desde o primeiro número da Revista Entrevista sempre foi assim. As escolhas são feitas através de um processo de votação, no qual os alunos apresentam, justificam e votam naqueles nomes. Para mim, eu acho que cada pessoa escolhida tem uma importância, tem sua história de vida,

tem algo a dizer.

- E você sente falta de algumas pessoas que você acha que já deveriam ter saído nas páginas da Revista Entrevista?

- Ah, eu sinto, mas eu não revelo! Eu não revelo porque induziria turmas futuras a apresentar aqueles nomes. Eu apenas respeito as vontades coletivas de cada turma.

- E tem alguém que foi sugerido e que você não gostou?

- Também é outro tipo de revelação que eu não faço. Embora eu ache que todas as pessoas tenham o direito de estar nas páginas da revista, algumas vezes, a gente, por um prurido ideológico, fica meio engasgado com aquilo. Eu tenho de estabelecer para o jornalista do futuro que ele também vai ter um momento na vida que vai fazer entrevistas com pessoas com as quais ele não tem a menor ligação e ele vai ter de cumprir a pauta com a mesma responsabilidade.

- E quais foram as entrevistas mais difíceis de serem realizadas?

- Fazer a produção de entrevistas com pessoas que não moram em Fortaleza é uma coisa absurda, por conta da distância. É mais dispendioso, exige mais da produção. Do ponto de vista de dificuldade, eu sei que a entrevista com o Mainha foi complexa, por conta de uma série de questões relacionadas à vida dele anterior ao presídio. Com os políticos são entrevistas difíceis e complexas, porque é uma característica específica deles, essa relação que não é muito fácil de ser estabelecida com os entrevistados.

- Quais são as melhores memórias, para você, enquanto professor, desse contato com os entrevistados e com os alunos, dentro dessa experiência?

- A Revista Entrevista me proporcionou, ao longo desses 18 anos, uma riqueza muito grande, não só pelo fato de que estávamos fazendo jornalismo, que é a minha grande paixão na vida, mas pelo fato que eu, particularmente, estava conhecendo a vida desses estudantes e a vida desses personagens que foram convidados para dar entrevista. Nós viajamos, por exemplo, para Recife, para entrevistar o Ariano Suassuna, infelizmente a revista não saiu, mas a viagem foi uma experiência fantástica. Fomos a São Raimundo Nonato, no Piauí, entrevistar a professora doutora Niède Guidón. Fomos ao Cariri duas vezes, uma para entrevistar o seu Lunga, outra para entrevistar a banda cabaçal dos Irmãos Aniceto. Fomos a Quixeramobim entrevistar o Marcílio Maciel. Essas experiências, que extrapolam os muros da Universidade, são muito significativas, porque são os alunos conhecendo um outro lado do professor, que geralmente não se revela em sala de aula, e eu, professor, conhecendo o outro lado dos alunos, que passam a ser amigos, colegas.

- Professor, e o acervo, como a sociedade tem acesso a ele?

- A revista é distribuída gratuitamente. Geralmente, nós disponibilizamos a revista na secretaria do curso. A gente faz distribuição, para os cursos de comunicação, para bibliotecas, para as redações das empresas jornalísticas. As pessoas também buscam números anteriores para consultar determinadas



“PARA MIM, EU ACHO QUE CADA PESSOA ESCOLHIDA TEM UMA IMPORTÂNCIA, TEM SUA HISTÓRIA DE VIDA, TEM ALGO A DIZER.”

entrevistas. Então, o acervo é precário do ponto de vista de nós não termos um espaço físico em que possamos ter uma memória, e isso é um problema.

- Como é que você vê o desenvolvimento dos estudantes, desde a primeira edição, até os últimos que participaram da Revista Entrevista?

- Eu posso afirmar que o que foi colocado como proposta editorial da revista, na sua primeira edição, os princípios editoriais, as características editoriais, o rigor com que a produção é feita, a captação da entrevista e a sua consequente redação e edição final, nós conseguimos manter, desde aquele primeiro momento aos dias atuais.

- E o que o senhor acha que falta para a Revista Entrevista?

- Precisamos ter a possibilidade de fazer que a revista contemple mais pessoas, que ela abrigue anúncios publicitários, para dar conta da habilitação de Publicidade e Propaganda. Nós temos condição de, quem sabe, fazer que essa revista saia dentro do próprio semestre que é produzida. Nós podemos melhorar a distribuição da revista, criar dentro do curso uma sala com equipamento adequado para realizar as entrevistas, depois recuperar esse material, vídeo, áudio, para que fique gravado, para que outras pessoas tenham acesso, outras linguagens sejam reconhecidas. Enfim, é um universo, aí, bem aberto!



Marina Rosas
marinacrosas@gmail.com
Roberta Maia
robertakellysm@yahoo.com.br
fotos **Gisa Carvalho**
mgisacarvalho@gmail.com

impressões

jornal laboratório do curso de comunicação social da universidade federal do ceará | agosto de 2010 | 3ª edição

CAROLINE AVENDAÑO



Prédio do ICA deve ser entregue em 2012

Apesar de ter sido criado há pouco mais de dois anos, o Instituto de Cultura e Arte da UFC ainda não tem uma sede. Alunos e professores reclamam da falta de infraestrutura dos novos cursos do instituto, que funcionam em locais improvisados. Na foto, a construção do prédio, no Campus do Pici.

páginas 4 e 5}

Luta por visibilidade

A realidade de travestis que enfrentaram preconceitos e lutam pela diversidade sexual.

página 7}

Passado e Presente

Na série que comemora os 45 anos do curso de Comunicação Social da UFC, chegamos às últimas décadas do século XX e às novidades do século XXI.

página 3}

MARIANA LAZARI



A história e as ideias de uma mãe-de-santo

Mãe Jussara de Yansã fala sobre o candomblé, da descoberta da mediunidade e do trabalho com os búzios.

página 8}

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Mais uma vez volto a esta coluna sem ter conseguido contato algum com você, leitor. Mais uma vez escrevo às escuras, sem o “norte” que a opinião de um observador externo a este trabalho faria tão bem. Mais uma vez terei de deter-me a apenas uma das funções que o cargo de ombudsman exerce comumente no fazer jornalismo: estimular a reflexão e o debate sobre o processo de produção jornalístico – no caso, do jornalismo feito no curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará.

Para você ter uma ideia do que aconteceu durante os três números do Impressões, escrevo esse texto – onde teria de comentar, baseado principalmente em considerações suas, as matérias da edição passada –, sem mesmo a segunda edição ter sido publicada. Ou seja, mesmo se você se dispusesse a me reportar suas críticas e/ou elogios, não haveria possibilidade de isso estar presente neste texto para ser contemplado pelos outros leitores e refletido pelos estudantes, como propus desde a primeira edição.

Não quero pedir desculpas pelos alunos ou pela deficiência que exerceu essa coluna ao longo dessas três edições, jamais. Pretendo, apresentando a realidade desta publicação, esclarecer pontos que são essenciais para o público desse jornal. Observe: a publicação do jornal laboratório é uma exigência do Ministério da Educação para com todos os cursos de Comunicação (com habilitação em Jornalismo) do País. No entanto, nos últimos cinco anos, isso não foi feito a contento na UFC. Culpa de universidade? Também. Porém, alunos e coordenação têm sua parcela de igual tamanho, ou maior, dependendo da disposição e maneira com que atuam.

Uma coisa que é dignificante para a turma, mas prejudicial para o projeto de um jornal laboratório é a elaboração de um projeto gráfico e um projeto editorial a cada semestre. Em

jornais convencionais, isso é realizado em um período muito maior. Aqui, os alunos tem de se apressar para preparar os projetos e publicarem as três edições propostas para a disciplina em menos de seis meses. Será que isso é hábil? Essa metodologia aplicada pelo curso de Comunicação é válida, principalmente, quando se sabe que são professores (dos quais muitos são jornalistas) que a aprovam e a executam?

Pois é. Sei que a partir do próximo semestre o Impressões se tornará o nome oficial do jornal laboratório do curso de Comunicação da UFC. Louvável decisão do colegiado do curso. Mas, infelizmente, não é só isso que interfere no contato do ombudsman (eu) com o leitor (você), na defasagem das matérias publicadas e na disposição dos alunos para o preparo do jornal. A UFC precisa dimensionar em sua política pedagógica o imediatismo necessário para se fazer jornalismo atualmente. Refiro-me a estabelecer como prioridade da Imprensa Universitária, a publicação de periódicos os quais, incontestavelmente, primam por uma factualidade para justificarem sua existência. Também é necessário enxergar o jornalismo como um campo interdisciplinar, onde ciência e prática se imbricam e se fazem mister para o melhor aprendizado.

Por fim, peço a você, leitor, que não se reporte mais a mim para manifestar suas opiniões. A partir de agora, acredito que você conhece o processo de realização deste jornal tanto quanto eu e os estudantes que o fizeram. Então, aproveite esse conhecimento e dirija-se aos principais responsáveis: aos alunos e ao Curso de Comunicação da UFC. Boa sorte e até!

»ARMANDO LIMA é jornalista.
armando.olima@gmail.com

Opinião

editorial }

No dia 25 de junho, o Instituto de Cultura e Arte (ICA) completou dois anos. A criação da nova unidade acadêmica da UFC, em 2008, foi marcada por várias polêmicas. A pressa, justificada pelos prazos estabelecidos pelo Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), foi muitas vezes preponderante nas tomadas de decisão, havendo uma verdadeira “corrida ao pote de ouro” dos recursos.

Foram várias mudanças de local para a construção do instituto. Primeiro o ideal era o Campus do Benfica, depois o sítio Alagadiço Novo e por último o Campus do Pici, lugar finalmente escolhido para abrigar o ICA. Além dos cursos que já existiam na UFC, como Estilismo e Moda, Comunicação Social, Educação Musical e Filosofia, os cursos de Cinema e Audiovisual, Artes Cênicas e Gastronomia foram criados e já estão funcionando. **Mas a universidade teve que improvisar** para esses cursos funcionarem, já que o prédio do ICA só tem previsão de término em 2012.

Esperamos que os prazos sejam cumpridos, pois a demanda vai aumentar cada vez mais com a chegada das novas turmas e essas ‘crianças’ precisam de um lar para chamar de seu.

{expediente

impressões
é uma publicação da disciplina Jornal Laboratório do curso de Comunicação Social - Jornalismo.

Universidade Federal do Ceará (UFC) - Instituto de Cultura e Arte (ICA)

Reitor Jesualdo Farias

Coordenador do ICA Custódio Almeida

Coordenadora do curso Glícia Pontes

Professora orientadora Klycia Fontenele

Conselho editorial desta edição Joana Vidal Maia, Geimison Maia e Mariana Lazari

Projeto gráfico e diagramação Yuri Leonardo

Ombudsman Armando Lima

Revisão Diêgo Borges e Victor Ximenes

Tiragem 500 exemplares

Imprensa Universitária

Contato jornalismo@ufc.br

www.dcs.ufc.br

direto ao ponto }

A POLÍTICA DO ATRASO (PARTE 2)

Na coluna passada, critiquei o comportamento infantilizado de uma boa parcela do movimento estudantil, que é a turma “do contra tudo e contra todos”. Felizmente, muitos integrantes do ME tem fugido a essa regra. Talvez o tempo amadureça a relação entre estudantes e Administração Superior.

Mas a política do atraso não é culpa só dos estudantes. Apesar de a Universidade ser o lugar de maior liberdade para as pessoas expressarem as opiniões, institucionalmente ela é medieval. São inúmeras instâncias de decisão, reuniões e mais reuniões são necessárias para aprovar um projeto, mas a excessiva burocracia não é o pior: a divisão da representatividade agride a consciência de qualquer democrata. É aquela velha fórmula para eleições e de colegiados: 70% de peso para professores, 15% para servidores e outros 15% para estudantes. Dessa forma, não é possível para estudantes e servidores fazer uma oposição decente e acabam sempre atropelados pelo rolo compressor docente.

É preciso uma discussão séria na

Universidade sobre o assunto. O reitor tem que sair do comodismo e puxar esse debate. Por que não? É tão difícil? Talvez os professores mereçam ter uma representatividade maior, mas não com uma diferença tão abissal. Porém, todos sabem que é muito difícil se desgarrar do poder.

“A PESAR DE A UNIVERSIDADE SER O LUGAR DE MAIOR LIBERDADE PARA AS PESSOAS EXPRESSAREM AS OPINIÕES, INSTITUCIONALMENTE ELA É MEDIEVAL.

Es as eleições vêm aí...

Terminada a Copa do Mundo, chega o momento do brasileiro se preocupar com as eleições. Infelizmente, o que vemos é uma mera disputa de poder e não de projetos para o País. Os dois principais concorrentes, Serra e Dilma, são mais parecidos do que

diferentes. Independente de quem vença, o futuro é previsível: cargos públicos divididos entre ‘aliados’ (que são aliados do poder e não de partidos ou ideologias) e a pornografia rolando solta no Congresso Nacional. Quando e como isso vai mudar?

Infelizmente a saída não virá da classe política. A sociedade é que precisa mudar de comportamento. Não dá para pensar em política apenas de dois em dois anos! A grande maioria dos políticos não quer saber de mudanças e os poucos que querem não têm força suficiente para mudar nada. A sociedade brasileira vai ter que pressionar por uma nova ordem na política. Resta esperança: o Projeto Ficha Limpa, que conseguiu o aval de 1,6 milhão de brasileiros, representa um avanço da sociedade civil organizada e mostrou que se a sociedade e a mídia pressionam, os políticos são obrigados a ceder. Foi um primeiro passo, mas é preciso avançar mais, muito mais.

» GEIMISON MAIA é estudante de comunicação social.
geimison.maia@gmail.com



CARTUM: RAFAEL SALVADOR

Parece que foi ontem!



Remontar a história do curso de Comunicação Social da UFC é encaixar uma sequência infinita de peças. Neste espaço de impressões dedicado a tal empreitada, chegamos à primeira década deste século sabendo que algumas lacunas ficarão pelo caminho. Encontramos pessoas apaixonadas por esse curso e capturamos histórias e lembranças cheias de afeto. Percebemos que há, senão um perfil, uma similaridade entre os personagens: foram alunos que enxergaram possibilidades quando as limitações gritavam à frente. E, talvez pela ousadia, saíram da universidade e puderam “se vingar” tornando-se profissionais de competência reconhecida.

Revivemos a atmosfera de reabertura política e a leveza de espírito de quem via finalmente o País se desarmar. Testemunhamos o atrevimento de alunos dar o pontapé para o surgimento do curso de Publicidade e encampar sem medo o lema “De Publicidade a UFC só tem Propaganda”. E como foi bom relembrar os encontros, os debates, ver os sonhos comuns de muitos amigos realizados depois de tantos anos... Quem viveu a década derradeira apresenta as conquistas, aponta que os desafios estão bem ali à frente. Quem chega recebe de herança uma história que não desviou da luta e a missão de ir mais longe.

Emília Morais

emiliagmorais@hotmail.com

Geimison Maia

geimison.maia@gmail.com

Vinícius de Souza

vinicius_fvss@hotmail.com

Poucos meios, muitos fins

A década de 1980 no curso de Comunicação Social não foi muito diferente das outras. Como sempre, a infraestrutura era insuficiente, mas havia alunos com muita disposição de aprender, produzir e fazer do ambiente da universidade um espaço estimulante de criação e companheirismo.

Eliomar de Lima é jornalista há 27 anos e trabalha no Jornal O Povo. Ingresso no curso em 1982, ele começou rabiscando as lousas da Comunicação, onde semanalmente afixava as opiniões à giz e causava polêmica. “Na época, eu criei um personagem: o professor Bezerra. Acho que era uma espécie de alter ego meu. Criei também o jornal O Bezerrão onde eu fazia sátira de políticos e de pessoas do curso”, relembra sorrindo matreiro. Os alunos, como os de hoje, gostavam de se reunir. No “Dia do Leriado” as pessoas iam para os jogos de vôlei e futebol, que Eliomar narrava a seu modo.

Mas nem só com jornalismo se forma jornalistas: a turma fez uma disciplina de teatro e, no dia da apresentação, seis rapazes mudaram todo o enredo da peça “As Loucas”. Tamanho foi o sucesso, que a peça virou as séries “A Volta das Loucas” e “A Revolta das Loucas”.

Também era época de engajamento político. Uns filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT), outros ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB)... E esses estudantes faziam do espaço acadêmico palco de militâncias. “O pessoal usava o espaço do curso para trabalhar politicamente”, conta Eliomar.



Tempo profícuo, apesar dos pesares. Criou-se o Jornal da Árvore (o nome diz tudo), o centro acadêmico puxou a cota para comprar os aparelhos para montar a radiadora, onde se podiam ensaiar as primeiras locuções de rádio, com radiojornais ou radionovelas. “Todo mundo criava alguma coisa pra contornar as dificuldades e dava certo, tanto que tem muita gente boa dessa época”, destaca o jornalista.

Nem a política neoliberal era páreo para eles!

Plano Real, privatizações, neoliberalismo: certamente essas palavras eram escutadas com frequência pela jornalista e pesquisadora Ana Rita Fonteles no período em que foi estudante de Comunicação Social na UFC, entre 1995 a 1998. E se as palavras eram ouvidas insistentemente pela então estudante, o significado delas era sentido cotidianamente. “Eu entrei [na UFC] num período horrível para a universidade brasileira como um todo, que foi justamente nos anos Fernando Henrique Cardoso. A universidade estava à míngua – à míngua mesmo!” recorda-se. “Não tinha computador para todo mundo, muitos estavam quebrados. Máquina fotográfica, laboratório de rádio, laboratório de TV não existiam”, enumera.

Mas se a política governamental parecia ser a de deixar a universidade pública com poucos investimentos, a política dos estudantes era a de apostar no potencial que possuíam. “Eu lembro que foi o período em que foi aprovado o curso de publicidade [o curso foi inaugurado em 1999, em grande parte graças à cobrança dos estudantes]. A gente conseguiu que os equipamentos dos laboratórios chegassem, abrimos o laboratório de TV. Também tínhamos projetos na área de cultura: a gente tinha um happy hour com mostra de fotografia, nos articulamos muito para ir para os congressos”, lembra Ana Rita. “O que marca a minha passagem pela universidade como aluna é ver essas dificuldades e ao mesmo tempo ver as pessoas se reorganizando para tentar fazer alguma coisa”, conta orgulhosa.



A criação de uma nova habilitação: Publicidade e Propaganda

As aulas da primeira turma da habilitação em Publicidade e Propaganda iniciaram no primeiro semestre de 1999. Antes, o curso de Comunicação Social, apesar de ter algumas disciplinas voltadas para a área, formava jornalistas. E os estudantes que se identificavam com a Publicidade precisavam se aventurar no mercado de trabalho com o conhecimento mínimo que a UFC tinha proporcionado.

Essa inquietação começou a crescer cada vez mais e culminou com a campanha “De Publicidade na UFC só tem Propaganda”, que foi a maneira encontrada pelos alunos de pressionar a administração da universidade para a criação da habilitação em Publicidade. “Com essa campanha eles conseguiram chegar até o Reitor”, conta Glícia Pontes, aluna da habilitação em Publicidade e Propaganda entre 2000 e 2004 e atualmente professora e coordenadora da Comunicação.

Com a criação do curso, o que parecia ser o fim da luta, na verdade era o começo. Agora seria preciso enfrentar as dificuldades estruturais (poucas salas e laboratórios inadequados) e de aprendizado (currículo pouco específico em Publicidade e professores que não tinham formação e conhecimentos adequados na área). “Os primeiros cinco anos do curso foram muito problemáticos. O curso não recebia nenhuma atenção da administração superior e foi criado num período extremamente crítico para a educação superior brasileira. Havia o sucateamento, não se compravam equipamentos e não se realizavam concursos para docentes”, recorda-se Glícia.

A habilitação em Publicidade sofreu ameaças de fechamento devido às condições do curso. Atualmente, Glícia avalia que a situação está bem melhor, pois há investimentos e contratação de novos professores, e acredita que o futuro será muito promissor. “Acho que daqui a 10 anos vamos ter um corpo docente maior e mais qualificado e o curso vai estar mais bem consolidado na cidade”, diz.

Daqui pra frente...

A década de 1990 se vai e um milênio novo desponta. Nesta época, o ensino público universitário passa por um momento de expansão, com criação de novos cursos e ampliação do número de vagas nos cursos já existentes. Na Comunicação da UFC, os estudantes estão às voltas com a transferência para uma nova unidade acadêmica, o Instituto de Cultura e Arte (ICA). “Naquele momento, era de consenso que o prédio no qual ainda estamos alojados já não suportava as necessidades estruturais básicas de um curso de Comunicação”, recorda-se Yuri Pezeta, então estudante de Publicidade e Propaganda.

Em 2009, os alunos de Jornalismo e Publicidade se deparavam com o enorme desafio de conseguir espaço nas negociações relacionadas à criação do ICA. Os representantes do movimento estudantil compareciam às reuniões onde os diretores do instituto e os chefes de departamento dos cursos tomavam decisões. Tudo era repassado para os mais de 400 alunos participantes da lista de e-mails da Comunicação Social.

Pezeta lembra que os integrantes do diretório acadêmico do curso convidavam os demais estudantes para debater sobre os desdobramentos da criação do ICA. “Ficávamos todos sentados nos colchonetes [no diretório] e conversando, expondo nossas visões sobre o tema. Eu mesmo cheguei a propor alterações diretamente com o arquiteto, justamente relacionadas à posição do Diretório Acadêmico”, afirma.

Hoje, recém-formado, ele percebe um novo perfil de alunos da comunicação. Para ele, são alunos que sabem da realidade do curso, opinam e discutem virtualmente, mas estão ausentes nos espaços e momentos de convivência. As bandas universitárias, numerosas na sua época, hoje quase inexistem, assim como os momentos de integração entre os alunos, como calouradas e campeonatos de futebol. “Estamos excessivamente ligados à produção digital e estamos construindo pouca cultura. Não se vê novidade na movimentação de espaços, como o D.A.”, diz.

Novos cursos do ICA à espera da nova

O Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC) completou dois anos de existência no último mês de junho. A criação da nova unidade acadêmica foi impulsionada pelo Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Antes disso, o Instituto era ligado à Pró-reitoria de Extensão e não podia abrigar cursos de graduação.

Apesar do clima de incertezas e dúvidas entre estudantes e professores da UFC, os cursos de Filosofia, Educação Musical, Estilismo e Moda e Comunicação Social aderiram à nova unidade. Para Elvis Matos, vice-coordenador do ICA, a palavra que define a iniciativa do instituto é ousadia. "Ou a gente ousa e se arrisca a fazer as coisas, apostando na competência das pessoas, ou não chega a lugar nenhum", declara.

Em 2009, a UFC implantou 21 novos cursos de graduação, sediados nos campi de Fortaleza, Cariri, Sobral e Quixadá. Dos doze cursos criados na capital, três integram o Instituto de Cultura e Arte: Artes Cênicas, Cinema e Audiovisual e Gastronomia. Terminado o primeiro semestre letivo, o clima é de otimismo, mas também de expectativas. Sobretudo no que diz respeito à estrutura física, as reclamações ainda são constantes.

O primeiro local cogitado para a construção da sede do Instituto foi o Campus Alagadiço Novo, localizado na Casa de José de Alencar. O problema é que o Campus abriga o sítio e a casa onde o escritor cearense passou parte da vida; por isso é área tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Considerando que o projeto traria uma intervenção muito grande à área protegida, o IPHAN não liberou a obra.

Atualmente, a sede do ICA está sendo construída no Campus do Pici e o término está previsto para o final de 2012. Enquanto isso, as graduações estão locadas em diferentes campi da UFC. Elvis Matos garante que os coordenadores e professores têm se empenhado a fim de resolver as demandas dos alunos. "No geral, as pessoas que estão coordenando [os novos cursos] têm feito esforço para resolver os problemas", afirma.

Iara Moura

iaragmoura@gmail.com

Lorena Alves

lorenascrispim@gmail.com



» CANTEIRO DE OBRAS do que será a sede do Instituto de Cultura e Arte, fotografado em julho deste ano. Detalhe para o início da obra e o prazo.

Artes cênicas

Há algum tempo, o Teatro Paschoal Carlos Magno, localizado na avenida da Universidade, próximo ao Conservatório de Música, não abria suas portas para o entra-e-sai da comunidade universitária. Desde o início deste ano, a situação vem mudando. Com a implantação da Licenciatura em Artes Cênicas da UFC, pelo menos quarenta alunos circulam por lá toda noite para assistir às aulas de preparação corporal, técnica vocal, história do teatro e literatura dramática, entre outras. O coordenador, Ghil Brandão, conta que a graduação vem responder a uma demanda histórica da classe teatral cearense, que "já tinha no Curso de Artes Dramáticas (CAD) uma referência de estudo e criação, mas que ansiava pelo nível superior".

A escolha por implantar uma licenciatura em vez de um bacharelado foi baseada na realidade do estado, que não oferece estabilidade para o ator. O coordenador explica que são raros os atores que vivem da cena no Ceará, daí a ideia de criar um curso que unisse formação de professores e despertar artístico. "Alia-se o educador ao artista dentro dessa dialética. Um não exclui o outro. Esse licenciado tanto vai poder dar aulas, fazer uma pós-graduação, como poderá ampliar o conhecimento artístico", declara.

Segundo Ghil, apesar de o curso ser um desejo antigo, só pôde ser efetivado através do Reuni, que possibilitou a contratação de professores e funcionários e a reforma do Teatro Paschoal Carlos Magno. O espaço que os alunos da licenciatura ocupam é composto por três

salas climatizadas e o teatro recém-reformado.

Jonathan Coutinho teve seu primeiro contato com a arte há cinco anos e, desde então, aprendeu muito nos palcos. De um tempo pra cá, começou a sentir falta de um aporte teórico e técnico maior: "Foi aí que surgiu o curso da UFC. Fiquei super contente porque era noturno e posso trabalhar durante o dia. Fiz o vestibular e passei", lembra. O estudante gostou do primeiro semestre letivo, mas chama atenção para a estrutura ainda ineficiente ao pleno funcionamento das atividades do curso, além da falta de projetos de pesquisa.

Teatro ameaçado

Ainda no reitorado do professor Ícaro Moreira, uma das bases planejadas para sua administração era a revitalização do chamado "corredor cultural do Benfica". A ideia era dar mais atenção à área da Universidade que, por muito tempo, foi relegada a segundo plano: o Centro de Humanidades e os espaços destinados à produção cultural e artística – Casas de Cultura, Casa Amarela Eusélio de Oliveira, Museu de Arte e o Teatro Universitário. Esses equipamentos serão capazes de sobreviver a mais um longo período de descaso?

Ao se referir ao Teatro, o estudante de Artes Cênicas Aristides de Oliveira é enfático. "Nós não vamos permitir que ele feche. Há projetos nossos [de alunos] para que este teatro se mantenha de portas abertas para a comunidade. Essa casa continua, é uma promessa nossa", garante.



» ESTUDANTES do Curso de Artes Cênicas na entrada do Teatro Paschoal Ramos, reaberto em junho deste ano.

IARA MOURA

sede

CAROLINE AVENDAÑO



...zo, atrasado, sinalizados na placa.

Cinema e Audiovisual

Fazer cinema no Ceará sempre foi uma tarefa no mínimo ousada e quase sempre relacionada a empreendimentos coletivos independentes. Muitos destes partiram da Casa Amarela Eusélio de Oliveira, hoje sede do curso superior em Cinema e Audiovisual, um sonho acalentado por muito tempo pelos realizadores em cinema e vídeo, que comumente deixavam o estado à procura de uma formação acadêmica. Entre o rearranjo de uma sala aqui, o aperto de outra acolá, estudantes e professores aprovam o primeiro semestre do curso.

Marcelo Dídimo, vice-coordenador, só reclama da falta de equipamentos - e não é só de câmeras que vive o curso. Dídimo enfatiza que são necessárias mesas, estantes e cadeiras. Segundo ele, a precariedade em nível administrativo é compensada na parte acadêmica, graças ao empenho dos professores e estudantes. "Estamos todos juntos, fazendo com que esse curso melhore cada vez mais", explica.

Emilly Gama, estudante, concorda com Marcelo quanto à falta de equipamentos. Ela atribui o problema à burocracia da Universidade. Enquanto isso, arrumam-se como podem. "A gente tenta quebrar o galho. Agora mesmo, estamos usando uma câmera do curso de Comunicação Social, mas também já usamos da Vila das Artes [complexo cultural da Prefeitura Municipal de Fortaleza, vinculado à Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor), voltado à formação em pesquisa e produção em arte]", conta.

Outro problema é que a Casa Amarela só dispõe de duas salas de aula. Com a chegada da nova turma de 40 alunos, no próximo ano, o espaço ficará realmente apertado. Marcelo Dídimo diz que a coordenação já está pensando em possibilidades para solucionar a questão.

Quando o assunto é a mudança para a nova sede, a turma de Cinema e Audiovisual desconfia. "A gente sempre diz que é improvável que esse prazo se cumpra, porque até onde eu sei não tem nada do prédio levantado", conta Emilly, lamentando o fato de provavelmente estar formada quando o prédio do ICA for inaugurado. "Nós sonhamos com um espaço nosso, com equipamentos nossos, mas por enquanto, só em sonho mesmo", diz.

{crônica

Quem sabe, jornalismo

Tinha passado no vestibular e decidi conhecer o Centro de Humanidades da UFC; nunca tinha ido lá, acreditem. Uma amiga me apresentou as suntuosas instalações, e eu pensei: "Foi para isso que estudei?". Preconceituoso total, admito. Mas toquei em frente; parecia-me irrelevante o que via, já que os sonhos e aspirações me ocupavam mais a mente do que qualquer assertiva da realidade.

Nos primeiros semestres, sempre no começo das disciplinas, os professores vinham com aquela pergunta que não aguentávamos mais ouvir, muito por não saber como responder: "Por que você escolheu fazer jornalismo?". Até hoje, quase no oitavo semestre, não sei direito. Sempre tive vontade de responder com um "por instinto".

O fato é que passados mais de três anos, quando algum interessado me indaga a respeito, digo: "O curso é divertido de fazer, mas você tem de gostar de verdade de jornalismo para que as coisas aconteçam". O interesse tem de suprir aquilo que não é oferecido a contento: parte técnica deficiente e excesso de professores substitutos, por exemplo. O interesse real faz com que o aluno vá buscar fora, por conta própria, aquilo que não lhe foi fornecido.

Mas não se trata de chorar pitangas, nem de se olhar apenas o lado negativo. A grande matéria prima da Comunicação Social na UFC é o substrato humano. São os alunos, pelo menos a parte mais proativa e colaborativa deles, e aqueles professores cuja dedicação e brilhantismo os tornam memoráveis a quem os conhece. Esse componente humano serve como indutor de um processo que começa na universidade, passa pelas experiências adquiridas pelo aluno durante a graduação - que dependem muito de ele gostar ou não do que faz - e termina com o retorno que esse aluno proporciona para a melhoria do curso, seja enquanto produção acadêmica, colaboração político-estudantil ou a participação profissional do já formado comunicólogo.

E eis que voltamos ao instinto e ao gostar. É preciso, lá atrás, ter aquela mosquinha azul fustigando a consciência, fazendo o sujeito reparar no fazer jornalístico dos outros e se imaginar fazendo diferente, igual, melhor. Gostar desse negócio é curtir toda a estrutura da informação: coletar, confirmar, escrever, repercutir, ler o dos outros etc. É gostar de Jornalismo, com ou sem diploma, mas sempre com a mosquinha azul a inquietar, a afastar o conformismo e a inércia.

Sou grato à UFC. Não cuspirei no prato em que comi. Nem nestas linhas, que me ajudaram a entender por que fiz jornalismo, pelo instinto e pela mosquinha; nem quando mais velho, quando sempre achamos que nos foi dado menos do que merecíamos. Sou grato.

Vinícius C.S. Mota
mastercat51@hotmail.com

Gastronomia

A estudante Dalila Rodrigues está empolgada com a universidade. Ela, que pensara em prestar vestibular para Jornalismo ou Cinema e Audiovisual, optou por Gastronomia e acredita que fez a escolha correta. Apesar de não ter experiências profissionais na área, sempre gostou de "preparar sobremesas", além de ter a influência do pai, que há muito tempo trabalhou com restaurantes.

Para os alunos desta graduação, a maior dificuldade é a estrutura física, pois ela funciona atualmente no Centro de Ciências, no Pici, e ainda não possui bloco próprio. "As salas são boas, os professores são extremamente qualificados, mas como é a primeira turma do curso, ainda não temos tudo organizado", relata.

Assim como os estudantes, a dificuldade relatada pelo vice-coordenador, Paulo Henrique, também diz respeito à falta de espaços para as práticas. Segundo ele, no primeiro semestre correu tudo bem porque a maioria das disciplinas era teórica, mas a partir do segundo vai ter de ser montada uma estrutura mínima. Um dos arranjos em processo é a reforma da cozinha do curso de Economia Doméstica. Além disso, os estudantes terão aulas práticas no Restaurante Universitário do Benfica e no Senac, adianta o coordenador do curso de Gastronomia, Sandro Gouveia.

A graduação conta com sete professores, dos quais seis foram concursados e um foi remanejado do departamento

CRISTOFHE FERNANDES



» BLOCO DIDÁTICO DO CENTRO DE CIÊNCIAS: sede provisória do curso de Gastronomia no campus do Pici.

de Química. Mesmo com o corpo docente reduzido, o curso já tem três projetos de Extensão em funcionamento, que oferecem cursos abertos à comunidade acadêmica de Plantio Instrumental para a Gastronomia e Cozinha Tailandesa, além de um sobre Segurança Alimentar voltado para as cantinas da Universidade.

A primeira turma é bem heterogênea, segundo o vice-coordenador. "No meio dos estudantes que vieram direto do ensino médio, há advogados, nutricionistas, enfermeiros que já tinham um interesse na área", conta. Apesar de ser uma graduação inédita no Ceará, o curso foi o 4º mais concorrido no vestibular UFC 2010.

Ficção

FICÇÃO DA EDIÇÃO

Você leitor já embarcou em alguma canoa ou navio? E isso aconteceu em uma viagem? Quem estava ao seu lado? Onde aconteceu? Como foi?

A leitura é uma possibilidade de imersão em mundos totalmente diferentes do nosso cotidiano. Apresentamos três fragmentos relativos à instigante imagem apresentada - uma oportunidade de acordar lembranças adormecidas ou, se nunca atravessou um rio ou o mar, embarcar conosco em três viagens especiais.

Narjara Rocha
narjara.pr@gmail.com
João Moura
joaojorn@gmail.com
Bruno Falcão
tabiocoufc@gmail.com



O vai e vem da barca no itinerário de um brasileiro. Jericoacoara - Ceará, 22 de abril de 2007. (CAMILLA CARNEIRO)

ÉDEN

- E o que você tá achando do Brasil?

A pergunta, feita pela moça que, acompanhada do noivo, havia lhe dado alguns trocados para que os levasse de barca até próximo à famosa gruta, pegou-o de surpresa. Pensou que a mulher se referia ao país inteiro, a todas as cidades que ele não conhecia. No segundo seguinte, compreendeu que ela se referia à seleção de futebol, defendida em sua camisa. Deu uma resposta reticente e continuou remando.

- Aqui é mesmo um paraíso – comentou agora o noivo, enquanto tirava fotos.

Paraíso? Seria mesmo aquele lugar tão perfeito, tão encantador? Mas e as outras grandes paisagens do país, do mundo? Por que ele sentia essa inquietação? Por que aquela vontade de continuar remando até muito, muito longe? Longe da cidade, dos pais, das invariáveis faces de seus amigos, do futuro totalmente previsto. Há meses pensava nisso enquanto ouvia conversas dos casais sobre outros estados por eles visitados. O paraíso deve ser lá, não aqui.

E a serpente lhe veio, um ano depois, na forma de um homem que se apresentou como representante de uma grande empresa. Fez promessas tentadoras de enriquecimento e boa vida. Menos lhe atraiu a ideia de garantir o próprio sustento que a de poder deixar aquele pedaço de terra e ter a chance de conhecer outros brasis e outras pessoas. Talvez tivesse a sorte de ver praias, grandes cidades ou quaisquer lugares sem todo aquele verde. E conheceu, é verdade, tais lugares. Menos verdes, mais gelados, mais cinzentos, mais distantes do paraíso que inventara para perseguir. (JM)

O COMANDANTE DA BARQUINHA

Enquanto come o pão amassado do café, Severino já escuta a mãe: “Você tem que arrumar um emprego de verdade, menino, tem que pensar em alguma coisa pra fazer!” Entre uma leva de passageiros e outra, o rapaz vai pensando. “Poderia ser jogador, até que faço umas jogadas legais no campinho. A camisa ia ser uma ainda melhor do que essa aqui?” Gostava também de ver os médicos da capital com suas maletinhas. “Pior é que eles chegam nesses aviões que parecem de brinquedo. Nam! Dá é medo.” A ideia de abrir uma bodega era boa também, mas ficar preso à terra não lhe agradava.

O que enchia a cabeça de Severino mesmo era o desbravamento daquele mar. Já tinha visto uns marinheiros uma vez na ilha. Aquela roupa branca, a grande embarcação rasgando o oceano. Cada vez um lugar diferente. “Ia ser bom demais!” Por enquanto, o menino se contentava com o trabalho de levar o pessoal do povoado até o continente através do braço de mar. Em sua barca simples, Severino era comandante. De dia, era o remo improvisado; de noite, dormindo na rede, sonhava com o grande mastro. “Ah! Quem me dera!” (NR)

O PESCADOR

O rio estava calmo como sempre naquela manhã quente de junho, o jovem pescador conduzia o barco por seu tradicional e normalmente tranquilo caminho de volta para casa. Mas quem observasse o rapaz hoje notaria algo diferente nele, uma expressão perdida em pensamentos e certa pressa no jeito com que conduzia seu barco. Era uma pressa que raramente se via na gente daquele lugar pacato do interior do Ceará.

Já era tarde e o pescador sabia que se não chegasse a tempo, seria um dos únicos na cidade a perder o jogo do Brasil na Copa do Mundo de Futebol. Todos os homens da cidade iriam ver esse jogo no Bar do Português e não seria ele a perder aquilo que os apresentadores da televisão diziam ser o maior evento esportivo do mundo. Esse ia ser o assunto das conversas na cidade por pelo menos uma semana.

O pescador sempre gostou de jogar futebol. Desde menino jogava num campinho perto da igreja com os amigos. Mas a mãe sempre brigava com ele e ia buscá-lo para fazê-lo estudar. Sempre que isso acontecia, a mãe fazia um sermão dizendo repetidamente que ele não seria nada quando crescesse se só pensasse em jogar futebol.

Enquanto remava pensou no quanto a mãe se arrependeria do que disse se ainda fosse viva. Ainda ontem tinha ouvido um técnico de futebol falar na televisão que esses jogadores ganham milhões todo ano só para jogar futebol. (BF)

Elas querem visibilidade

Imagine uma combinação trágica entre sonhos e violência, glamour e dor, carência afetiva e sexualidade exacerbada: esse é o mundo das travestis. Uma mescla de antagonismos, realidades, conceitos e sentimentos. Amadas por alguns ao cair da noite na cidade e repugnadas por todos no surgir da aurora. Toda a complexidade do ser homem e ser mulher. Ser travesti, nas palavras de Vanessa, “não é querer ser mulher... É mais do que uma mulher... É mais bonito que uma mulher, é melhor que uma mulher!” (trecho extraído do livro *Engenharia Erótica: travestis no Rio de Janeiro*, de Hugo Denizar, Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1997).

A travesti nunca é um ou o outro, ela tem a capacidade da dualidade do ser. Ou seja, ser travesti não é fácil, sua história é trágica desde o seu princípio: das dúvidas à afirmação, preconceitos na escola, expurgação do seio familiar, início na prostituição, convivência com a violência das ruas, transformações dolorosas no corpo, desassistência do poder público e preconceito por todos os lados: essa é a trajetória, ou como prefere falar o teatrólogo Silvero Pereira, é a condição de vida de grande parte das travestis.

Silvero prefere o termo condição de vida em oposição à história de vida: “Quando você a vê (a travesti) na rua, se prostituindo, não imagina a história que levou àquilo, você julga pelo momento, pela condição atual.” E questiona: “Mas, na realidade, o que a levou a isso? A gente tem a mania de julgar pelo que a gente vê, mas aquela não é a história que ela quis para a sua vida, e sim uma condição à qual ela foi submetida”. E Pereira conclui: “a minha intenção é que as pessoas vejam as travestis pelo que elas viveram e não pela condição que ela está naquele momento.”

A travesti nas artes

Silvero Pereira, já há oito anos, é pesquisador sobre o universo das travestis e há seis anos realiza espetáculos mostrando esse universo, na tentativa de quebrar preconceitos, trazer mais aceitação e compreensão das famílias que convivem com a realidade da homossexualidade. O espetáculo mais recente “Engenharia Erótica: Fábrica de Travestis” é uma versão mais comercial dos produzidos anteriormente. Diretor e ator na peça, Silvero afirma que sofreu preconceitos até mesmo dentro da classe artística. Segundo ele, a pressão deu-se por vários motivos: o primeiro, pela própria temática em si; o segundo ocorreu pela errônea idéia de que todo homem que faz teatro é gay e realizando-se um espetáculo com show de transformismo e sobre travestis, só reforçaria esse pré-conceito.

A série de produções iniciada em 2004 com o esquete “Uma Flor de Dama” baseado no conto de Fernando Abreu, *Dama da Noite*, possuía um público de, no máximo, 15 a 20 pessoas. Seguido do “Cabaré da Dama” e a partir da participação e reconhecimento em vários festivais da área, como o IX Festival do Recife de Teatro Nacional e o prêmio de melhor ator no XIII Festival Nacional de Teatro de Guarimiranga, os espetáculos passaram a ter maior aceitação do público.

Prova desse sucesso foi a última produção da série, a peça *Engenharia Erótica*, que teve a derradeira apresentação no dia



LENY MOTA / DIVULGAÇÃO

24 de junho, contando com cerca de 150 pessoas por sessão, em oito apresentações, levando-se em consideração também o alto valor do ingresso para a realidade cearense (20 reais) e a maior heterogeneidade de público: casais heterossexuais, senhores e senhoras de idade, além dos jovens, público cativo das outras versões.

A travesti na cidade

Apesar da falta de dados oficiais, considera-se que existem, no Brasil, cerca de 20 a 30 mil travestis (dados do Grupo Gay da Bahia) e, em Fortaleza, cerca de 600, segundo a Associação dos Travestis do Ceará. A maioria vive da prostituição, mas existem exemplos como o de Luma Andrade, que é considerada pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transsexuais (AGBLT) como a primeira travesti do país com doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Apesar do preconceito que sofreu para ensinar nas escolas, Luma hoje é servidora concursada do Estado, na Secretaria da Educação, e coordena 28 escolas em 13 municípios do interior do Ceará.

Temos ainda Andrea Rosati, assessora especial para políticas públicas LGBTT da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social – STDS e Lena Oxa, apresentadora do programa Tribos GLS da TV Diário. É fato: grande parte das travestis parte para a prostituição (e todas as outras são estigmatizadas por isso) a partir da não aceitação de sua sexualidade no núcleo familiar.

Apesar de alguns exemplos de visibilidade das travestis em outras áreas da sociedade, a população só enxerga o que está mais próximo a si: a prostituição nas ruas da cidade, como na avenida José Bastos, Abolição ou na BR-116, próxima a Messejana. Por essas condições de vida, calcula-se que a travesti é mais vulnerável em relação às outras homossexualidades, como gays e lésbicas: é cerca de 260 vezes mais vítima de arma de fogo na rua e muitos destes crimes são cometidos com requintes de crueldade, incluindo tortura, espancamento, ou seja, são crimes de ódio (informações do Grupo Gay da Bahia).

O preconceito e as dificuldades surgem também no acesso a locais e serviços públicos: são discriminadas no atendimento em bancos, escolas e postos de saúde. Neste último, os atendimentos são geralmente marcados no período da manhã, quando as travestis estão dormindo, após a jornada de trabalho noturna. Atitudes simples podem aliviar essa agressão, a começar pela utilização do nome social, que é o nome feminino adotado a partir da transformação da travesti ou permitindo a utilização dos banheiros femininos nesses locais. Inclui em alguns estados (SC, PR, SP, RJ, BA, AL, PB, PA e GO) as travestis já podem ter seus nomes sociais utilizados em documentos escolares como chamadas, cadernetas, históricos e certificados.

O serviço de saúde é ainda mais necessário para este público, pois as travestis, durante o seu percurso em busca das formas femininas, realiza, por meio das “bombadeiras” – travesti que transforma o corpo das suas clientes - uma série de injeções de silicone industrial, imprópria para o organismo humano, num rito de passagem dramático e doloroso, trazendo uma série de riscos à sua saúde. No documentário “Bombadeiras” (2007), Luis Carlos de Alencar desvenda esse universo simbólico de morte e renascimento, revelando como se dá a construção da identidade de gênero da travesti. O vídeo está disponível para visualização online no endereço eletrônico <http://www.vimeo.com/6653323>

Caroline Avendaño
carolavendano@gmail.com

Denise Barbosa
denise.cr@hotmail.com

Uma fábrica de travestis

O espetáculo *Engenharia Erótica: Fábrica de Travestis* conta a história de quatro travestis: Deydianne Piaf, Yasmin Shyrran, Verônica Valentino e Gisele Almodóvar. Juntas, elas compartilham com o público os seus sonhos, desavenças e experiências na passarela da vida: as ruas de Fortaleza. Tendo como referência o livro *Engenharia Erótica: Travestis no Rio de Janeiro*, do fotógrafo e psicanalista Hugo Denizar, a peça retrata o modo de vida das travestis cearenses para além dos estereótipos e preconceitos.

Conheça algumas palavras do mundo travestido:

_ Dar linda – Fazer sexo de modo passivo, porém muito prazeroso

- _ Fazer carão – Fazer pose
 - _ Fazer pista – Sair para fazer programa na rua
 - _ Gravação – Sexo oral
 - _ Pêssega – Pessoa não muito provida de esperteza
 - _ Pireli – Enchimento, geralmente feito de espuma, com o intuito de replicar as formas femininas
 - _ Racha – Mulher
 - _ Tia – Aids, bicha vivida.
 - _ Truque – A acrobacia feita por travestis, transformistas, drags ou caricatas para esconder o pênis.
- (Extraído do folheto da peça)

Políticas públicas

O município de Fortaleza conta com uma Coordenadoria da Diversidade Sexual, parte da Secretaria de Direitos Humanos. O órgão existe desde 2005 e tem como principal função gerir políticas públicas de enfrentamento ao preconceito e à discriminação por orientação sexual.

Entre as ações da Coordenadoria, estão projetos ligados, além da luta contra a homofobia, a melhorias na saúde, lazer e esporte para o segmento.

Em janeiro deste ano, outra importante conquista dos grupos LGBTT a nível municipal foi a permissão para que travestis e transexuais utilizem, em documentos oficiais, o nome social ao lado do nome de registro.

Conheça outras organizações que trabalham em defesa dos direitos das travestis: Associação das Travestis do Ceará - Atrac: (85) 3254-3645 e Grupo de Resistência Asa Branca – Grab: (85) 3253-6197.

A dama do Ocultismo

Se fosse possível resumir esta entrevista numa palavra, a mais apropriada seria surpresa. Mãe Jussara de Yansã, ao contrário do que se espera de uma mãe de santo, é loira, com olhos azuis e formada em psicologia. Já foi professora de inglês e atende aos clientes vestida de short ou vestido, sem qualquer adorno que represente a sua religião, o Candomblé.

Ela só não nos surpreendeu na maneira de se dirigir às pessoas. Em sua coluna Ocultismo, publicada semanalmente pelo Jornal O Povo, ela costuma ser bem direta nas respostas que dá aos leitores, que escrevem ansiosos por respostas e indicações. Na entrevista, não foi diferente. Mostrou-se objetiva e por vezes impaciente com nossas perguntas. E não tem papas na língua.

Aqui, Mãe Jussara fala sobre o candomblé, de quando descobriu a mediunidade, do trabalho com os búzios e dos motivos que levam as pessoas a procurarem essa mulher que se considera “macumbeira e católica”.

- **IMPRESSÕES:** Bom, vamos falar um pouco sobre a religião da senhora, que é o Candomblé.

- **MÃE JUSSARA:** Eu sou Mãe Jussara de Yansã. Sou feita no candomblé, no Keto Eqbá (um dos ramos da religião). Eu sou neta de Menininha do Cantuá, sou de uma nação totalmente africana. E o Candomblé é uma religião que existe desde que o mundo existe. A idade dela é a idade do planeta Terra, pois foi a primeira religião do mundo. A partir daí veio o Judaísmo, o Espiritismo, o Catolicismo, entendeu? Tudo partiu do Candomblé.

- **A senhora falou que tem origem africana, mas a senhora entrou no Candomblé através da sua família?**

- Eu sou a única macumbeira [da família]. A única.

- **E a senhora é macumbeira?**

- Lógico que eu sou macumbeira.

- **Esse é o nome usado?**

- Graças a Deus! Não, não é isso.

Esse é o nome popular. Sabe o que é macumba? É o nome de uma dança africana. Então quando se via os macumbeiros dançando, estavam lá os macumbeiros. Só que aqui no Brasil eu acho que a ignorância, a falta de cultura é muito grande a respeito disso.

- **Como e quando a senhora começou no Candomblé?**

- Sou de São Paulo. Minha família era muito católica. Você sabe que esse povo mais antigo tem muito preconceito. Meu pai faleceu quando eu tinha quatro anos, mas continuei conversando com ele. Para resumir a história, devido à ignorância [da minha família], com nove anos me internaram numa casa de descanso. Acharam que eu era doida, mas eu não era doida. Minha mediunidade que é muito grande.

- **E quando a senhora descobriu que era médium?**

- Só quando eu fiquei mais mocinha, que me levaram num terreiro de macumba e eu me identifiquei. Me levaram numa Umbanda “braba”, daquelas de quinta categoria, e eu adorei.

- **Quem foi que levou a senhora lá?**

- Uma vizinha, mas minha família não aceitou. Eles só vieram a aceitar depois que estava casada, com filha. Eu sou formada também...

- **É formada em quê?**

- Sou psicóloga.

- **É mesmo?**

- Ééééé. E toda vida só trabalhei em multinacionais. Eu sempre fui gerente de RH (Recursos Humanos). Pai-de-santo pode ser advogado. É aí que tá o negócio de vocês. Vocês têm uma noção que para ser mãe-de-santo a mulher não tem dente, é preta, gorda, fedorenta e burra. Não é assim!

- **Como foi o início da coluna Ocultismo, no jornal O Povo?**

- Eu sempre fazia matérias para os jornais. E eu fiz uma matéria pro jornal Diário do Nordeste e acabou indo parar no jornal O Povo. E foi veiculada no jornal simplesmente como uma informação. E começaram a perguntar mais e mais e eu comecei a responder. Depois disso virou bagunça.

- **Virou a coluna?**

Isso. Já tem nove anos e eu não posso faltar um dia, porque a cobrança dos leitores é muito grande.

- **A senhora recebe para fazer essa coluna?**

- [Balança negativamente a cabeça] Seria muita injustiça minha. Porque eu acho que é uma divulgação sem limite. Eu não sei nem onde eu estou. Onde você mexer no computador, você acha Mãe Jussara. Virou uma peste.

- **Os búzios acertam sempre, Mãe Jussara?**

- Os búzios não erram. Quem erra é a mãe de santo ou pai-de-santo. Eu é que posso falar besteira. Ou eu posso te enganar, não vejo nada, não entendo nada. Tem um monte de pessoas assim.

- **As pessoas enviam as dúvidas por e-mail para a senhora e a senhora responde na coluna. Como é feito esse trabalho pela internet?**

- Você tem o Odu (energia) de nascimento e eu sei qual é pela data que você nasceu. Se teu Odu tiver negativo, eu vou dizer que você vai ter problema com isso, que a tua

vida amorosa está cortada, que você está com dificuldade de andar, com dificuldade de arrumar emprego. Isso são os Odus que me mostram. Isso tem a ver com a matemática dos búzios, da caída dos búzios, junto com a minha mediunidade. Porque

» «VOCÊS TÊM
UMA NOÇÃO QUE
MÃE-DE-SANTO NÃO
TEM DENTE, É PRETA,
GORDA, FEDORENTA E
BURRA. NÃO É ASSIM!»



se eu jogar os búzios e caírem assim [mexe com os búzios] pra você é uma coisa. Se cair do mesmo jeito pra ele, é outra coisa.

- **Que garantias a senhora pode dar pra pessoa...**

- Nenhuma. Se quiser acreditar, acredita. Não provo nada pra ninguém. Inclusive, se eu jogar aqui [os búzios] e falar assim: “Olha, menina, teu namorado está te traindo”. Ai você fala assim: “Não, eu acho que não”. Eu falo: “Tá bom”. Não insisto, não tento convencer você a nada. Quantas pessoas não saíram daqui de cara amarrada e ainda falaram que eu era doida. E depois voltaram.

- **E o que mais traz as pessoas aqui?**

- Amor. Você vive sem amor? Você pode ter o dinheiro que for, se você não tiver sossego dentro da tua vida afetiva, num tem quem consiga ficar em paz. Segundo lugar é emprego e terceiro é doença. Fizaram essa pergunta pra mim no e-mail: “Por que a senhora só coloca resposta de amor?” Ué, porque só fazem pergunta de amor. É a doença do século! Num é? Tem gente que chega e diz: “Mãe Jussara, eu vim aqui, eu vou me matar”. Eu falo assim: “Não, querido, desça e vá se matar lá embaixo, que lá está mais sujo, aqui eu já limpei”. É a resposta que eu dou. [risos]. Num instante para de frescura.

- **A senhora é bem dura com os clientes, pelo visto...**

- Não, eu tenho de colocar eles no lugar. Eu estou aqui para trabalhar e ajudar, não pra ficar escutando besteira. E outra: se você veio aqui pra se matar, porque veio gastar 50 reais pra pagar consulta e encher meu saco? Se mate.

- **E quando a senhora deixa a Mãe Jussara de lado, o que a senhora gosta de fazer?**

- Adoro praia, adoooooro dançar, adoooooro um uísquesinho, adoooooro música e festa.

- **A senhora frequenta outras casas de Candomblé?**

- Eu trabalho dia e noite no meu Candomblé, mas eu não sou daquelas pessoas que pensa assim: “Estou de olho no fulaninho, será que ele gosta de mim?” [mexe nos búzios]. Eu sou mãe-de-santo dormindo ou acordada porque eu sou feita no santo. Eu sou uma sacerdotisa do Candomblé, mas eu sou uma pessoa comum. Não preciso andar paramentada, cheia de panos na cabeça e colar no pescoço. Faço isso quando vou pra televisão porque sou obrigada a representar uma mãe-de-santo.

- **Mãe Jussara, chegamos ao fim da entrevista. A senhora quer dizer mais alguma coisa?**

- Só digo que sou uma pessoa com a cabeça aberta pra tudo. Se você for evangélico e me convidar pra ir à sua igreja, eu vou com o maior respeito. Se for umbandista, eu também vou. Não interessa. E gostaria que todas as pessoas fossem assim pra todas as religiões, porque o preconceito é tudo de ruim na vida, em todos os sentidos.

- **Será que um dia a humanidade vai caminhar e chegar ao respeito a todas as crenças?**

- Ai você está querendo demais [risos]. Está ficando cada vez pior, meu filho!

» A entrevista completa com a Mãe Jussara pode ser lida no site da revista eletrônica Impressões Digitais, produzida pelos alunos da disciplina de Jornalismo na Internet. Acesso: www.dcs.ufc.br

Cleisyane Quintino
cleisyanelq@gmail.com
Geimison Maia
geimison.maia@gmail.com
fotos Mariana Lazari
lazarimariana@gmail.com

impressões

jornal laboratório do curso de comunicação social da universidade federal do ceará | junho de 2010 | 2ª edição

FOTO_DIVULGAÇÃO



Capacitação para novos empreendimentos

Governo e UFC esperam evitar a importação de mão-de-obra para equipamentos como refinaria, siderúrgica, estaleiro e oceanário [página 3](#)



Os primeiros jornalistas

Conheça histórias sobre o nascimento do curso de Comunicação Social na UFC

[página 5](#)

» O jornalista Nilton Almeida entrou na UFC no final da década de 1970 e, com os colegas, fundou o jornal Calo, primeiro periódico do curso de Comunicação Social.
FOTO_EMÍLIA MORAIS

Ônibus do Campus do Pici

Polêmicas em torno da circulação interna dividem usuários

[página 4](#)

Empreendedorismo social

Entenda como funciona com a pesquisadora Mafoane Odara

[página 8](#)

Comuna da Terra 17 de abril

Primeira ocupação urbana do Ceará, no Conjunto José Walter, reúne 400 famílias [página 7](#)

{o ombudsman

A CADA PUBLICAÇÃO, A CONVERSA VAI FICANDO MAIS SÉRIA...

Opinião

O Ceará é um dos estados brasileiros que mais vem apresentando crescimento no PIB. Empreendimentos como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSP) e a Refinaria

{editorial

Premium II incrementarão a economia do estado de forma significativa, aumentando a expectativa da UFC em formar vários profissionais qualificados para trabalhar na área.

No entanto, percebe-se um investimento pesado na área de tecnologia por parte da instituição e o esquecimento de outras áreas. Novos cursos, como o de Gastronomia, sequer apresentam a quantidade de professores necessária para ministrar as aulas. Além, como é de praxe, das dificuldades enfrentadas pelos alunos do curso de Comunicação Social, que não têm equipamentos em número necessário

para o desenvolvimento de atividades práticas.

Cabe à UFC decidir se deve realmente priorizar algumas áreas de ensino, em detrimento de outras, ou se um tratamento igualitário entre os cursos não seria mais benéfico à instituição como um todo. Reflita um pouco, caro leitor!

{expediente

impressões é uma publicação da disciplina Jornal Laboratório do curso de Comunicação Social - Jornalismo. Universidade Federal do Ceará (UFC) - Instituto de Cultura e Arte (ICA)
Reitor_Jesualdo Farias
Coordenador do ICA_Custódio Almeida
Coordenadora do curso_Glícia Pontes
Professora orientadora_Klycia Fontenele
Conselho editorial desta edição_Camilla Carneiro, João Moura e Thiago Araújo
Projeto gráfico_Yuri Leonardo
Diagramação_Mariana Lazari, Pâmela Marinho e Yuri Leonardo
Ilustrações_Yuri Leonardo
Ombudsman_Armando Lima
Revisão_Lorena Alves e Vinícius de Souza

Tiragem_500 exemplares
Imprensa Universitária

Contato_jornalismo@ufc.br
www.dcs.ufc.br

No texto da edição passada, falei do Jornal Laboratório como um “exercício” de suma importância para o aprendizado dos estudantes de jornalismo. Exercício entre aspas. Considero essa experiência como a mais ampla que a faculdade proporciona junto à base do jornalismo tradicional: o meio impresso. Elaborar pauta, reportar, editar e gerir um veículo de comunicação é tarefa difícil e por isso cabem aspas no exercício que é fazer este jornal. Aqui, atrasar, inventar, não completar a tarefa ou mesmo fazê-la mal feita é um desrespeito direto com o público, ou seja, com você, prezado leitor. E, como ombudsman deste jornal laboratório, tenho de falar do processo de elaboração e execução.

O começo é sempre mais complicado. Criar um nome, discutir uma linha editorial e uma identidade visual sempre colocam temperamentos e afinidades à prova. Então, vê-se a importância de encarar o jornalismo como um trabalho de equipe, no qual o profissionalismo deve superar as diferenças. No primeiro número do *impressões*, isso foi problemático e causou transtorno a todas as instâncias envolvidas no processo de publicação (alunos, professora, coordenação e imprensa), atrasando a edição e colocando em jogo a unidade necessária entre a equipe para dar continuidade ao jornal.

Depois de alinhadas, suplantadas e/ou esquecidas as diferenças, acredito que a equipe conseguiu um bom resultado se encontrando numa linha editorial coerente e identidade visual interessante. Destaque para as manchas (laranja na página 2 e cinza na página 6) que permeavam o texto e instigaram a leitura do jornal de modo mais dinâmico e confortável. A essas alternativas visuais bem “sacadas” e

elaboradas, as outras páginas – incluindo a capa, que merece um tratamento mais expressivo – ficaram devendo.

Quanto aos textos, necessário empreender elogios à coordenada da matéria de capa sobre os livros de autores cearenses (os que deixaram de fazer parte do conteúdo obrigatório do vestibular da UFC por conta da adesão da universidade ao Exame Nacional do Ensino Médio – Enem). A matéria se torna pertinente por ser o primeiro ano de aplicação do Enem ao processo seletivo da UFC e, principalmente, pela subtração desse apoio da universidade à publicação e difusão da literatura cearense, tornando mais drásticas as formas de publicação no estado.

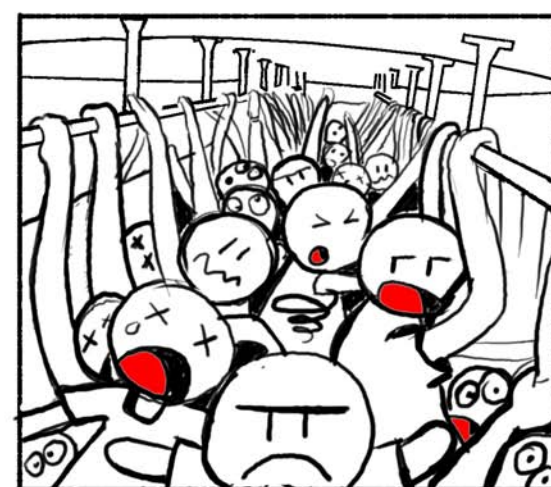
No mais, perspectivas diferenciadas e conteúdo trabalhado inundam o *impressões* com histórias de vida, novas formas de pensar e apresentar conteúdos, ficção... tudo para que, nestas páginas, as convenções jornalísticas sejam a exceção. Assim, você, leitor, pode analisar como o jornalismo está sendo pensado e executado na universidade, fazendo da sua participação parte importante do processo de aprendizado desses estudantes.

Falando nisso, não poderia deixar de mencionar também o erro que, na edição passada, impossibilitou o meu contato direto com você. Meu e-mail estava impresso errado. Então, quando for fazer uso da participação, enviando comentários, sugestões e o que mais o motive, o email correto é: armando.olima@gmail.com. Espero pelo seu contato. Até mais!

»ARMANDO LIMA é jornalista.
armando.olima@gmail.com

Pesquisa de Opinião:
Ônibus de Circulação
Interna - UFC 2010.

Quem está satisfeito
levanta a mão !!



Ingo Arerê

»INGO ARERÊ é estudante de Engenharia de Produção Mecânica da UFC.
ingoarere@gmail.com

{direto ao ponto

ANISTIA NÃO AMPLA, NÃO GERAL E RESTRITA?

Há algumas semanas o tema da Anistia voltou a ocupar os noticiários. O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que os torturadores, na Ditadura Militar, cometeram crimes políticos e, por isso, continuariam sendo beneficiados pela Anistia, que perdoa esse tipo de crime cometido no período de exceção. Há quem defenda que a tortura, método desumano e cruel, deveria ser considerada um crime contra a Humanidade. E, assim, os torturadores deveriam ser punidos.

Não é mais hora para revanchismos. O Brasil precisa, sim, saber quais agentes do estado torturaram e a mando de quem fizeram isso. Também é preciso saber quem lutou contra a Ditadura e de que forma lutou (muitas vezes, de maneira igualmente desumana). O país tem de conhecer a própria história para impedir que esses erros se repitam. Mas sem punições! Isso iria reabrir uma ferida que demorou a cicatrizar.

Agora, se um dia o Congresso Nacional decidir rever a Lei de Anistia (algo muito difícil) para punir crimes cometidos durante a Ditadura, que se punam todos, inclusive os que lutaram contra ela. Uma coisa é alguém ser preso injustamente por participar de manifestações, greves ou por expor ideias contra o governo em jornais. Roubar, sequestrar e matar são outros quinhentos.

A política do atraso

A relação entre o Movimento Estudantil e a Administração Superior – personificada na figura do Reitor – chega a ser quase infantil. É incrível como uma PARCELA dos estudantes ainda insiste em pintar o Reitor como um ser maléfico, fascista, que passa dias e noites tramando os mais mirabolantes planos para acabar com a universidade. Com quais intenções? O que ele ganha fazendo isso? Sinceramente, só é necessário um pouco de lógica para ver que a realidade não é bem assim.

Vamos partir da seguinte ideia: a reitoria

quer, sinceramente, melhorar a universidade. E os estudantes acreditam, sinceramente, que defendem a melhoria do ensino. Se as pessoas fossem capazes de entender isso, seria mais fácil alcançar um diálogo. Porém, cada grupo prefere permanecer fechado nas próprias convicções, cada qual num mundo diferente. A reitoria, tendo que resolver questões práticas para o momento atual. Já alguns estudantes pensam a universidade dentro de um modelo ideal, de uma sociedade perfeita, que seria o socialismo, o comunismo, o anarquismo ou qualquer outro “ismo”.

Não se trata de defender que o Movimento Estudantil seja chapa branca, acrítico, conivente com a reitoria. Só não precisa ser sempre “do contra”. É preciso superar essa política do atraso.

»GEIMISON MAIA é estudante de Comunicação Social.
geimison.maia@gmail.com
@geimison

UFC prepara capacitação para novos empreendimentos



» Novos projetos devem transformar o perfil econômico do estado, incrementando o PIB e gerando postos de trabalho. FOTOS_ DIVULGAÇÃO

Nos próximos anos, o Ceará sediará diversos projetos que deverão transformar o perfil econômico do estado, incrementando o Produto Interno Bruto (PIB), gerando uma elevada quantidade de postos de trabalho e modificando ainda todo o entorno das regiões em que serão instalados. Refinaria, siderúrgica, estaleiro, oceanário, parques eólicos, além de diversas iniciativas relacionadas à Copa do Mundo de 2014, são alguns dos empreendimentos, sem falar das diversas empresas que serão atraídas a partir da implantação desses projetos. Entretanto, a maior preocupação dos gestores cearenses trata-se da mão-de-obra que trabalhará nesses intentos.

Por serem iniciativas inovadoras para a realidade local, a quantidade de profissionais capacitados para atuarem nos projetos é mínima. Por isso, há urgência em se formar trabalhadores da terra, evitando que a mão-de-obra seja importada de outras regiões do país e, conseqüentemente, que a renda saia do estado. A Universidade Federal do Ceará (UFC), diante dessa realidade, antecipou-se e já oferta cursos de graduação indispensáveis para os dois maiores empreendimentos que aportarão no Ceará:

a Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) e a refinaria Premium II. Quando começarem a operar, respectivamente, no segundo semestre de 2013 e 2014, de acordo com as últimas previsões, o estado já terá gente qualificada.

De acordo com o vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Ciências de Materiais da UFC, professor Lindberg Lima, a ideia de implantar um curso na área de metalurgia surgiu durante os anos 1990, quando já se vislumbrava a instalação de uma siderúrgica no Ceará, sonho que data da década de 60. Mas, a possibilidade de levar o assunto às salas de aula da graduação só ocorreu a partir de 2004. “Estávamos na USP [Universidade de São Paulo] e fomos provocados pelos colegas professores a criar um curso no Ceará com o intuito de formar mão-de-obra local”, relembra. Ao voltar ao estado, começaram os trabalhos em torno do intento. Finalmente, em 2006, foi dado início à graduação. A primeira turma de Engenharia Metalúrgica se forma no fim do ano, quase três anos antes do início das operações da CSP.

Para incrementar ainda mais a formação dos estudantes da área, será assinado no próximo mês de julho convênio entre a UFC e a Universidade Livre de Bruxelas, da Bélgica, a qual repassará à instituição cearense a quantia de 100 mil euros/ano, durante quatro anos, com o intuito de trazer professores para dar cursos no estado; levar estudantes cearenses para estagiar em siderúrgicas do Sudeste brasileiro, ou até da própria Bélgica; e mandá-los para cursos mais específicos no país.

Produção

A CSP terá capacidade de produzir três milhões de toneladas de aço por ano, quantidade suficiente para fabricar quatro milhões de carros. Na primeira fase de construção, a siderúrgica vai criar 15 mil empregos diretos e oito mil indiretos. Depois de pronta, serão

quatro mil colaboradores diretos, além de 10 mil postos de trabalho indiretos.

Refinaria em foco

Ainda no primeiro ano de existência, o embrionário curso de Engenharia de Petróleo da UFC promete suprir as necessidades do estado em um segmento cujas carências são notáveis em todo o país. De acordo com o professor Rodrigo Vieira, vice-coordenador do curso, a graduação surgiu justamente da grande demanda vista no setor petrolífero local, e a construção da refinaria foi um dos fatores preponderantes para a instauração do curso.

Ele explica que o curso possui uma peculiaridade que tornará a formação dos alunos mais holística. “A maioria dos cursos costuma ser voltada unicamente para a produção do petróleo. Mas o nosso curso vai desde produção ao processamento. O processamento é separar o petróleo bruto nas frações que seriam os derivados que nós conhecemos como: querosene e gasolina. Esse é o papel de uma refinaria”, esclarece.

R\$ 11 bi de investimento

A refinaria Premium II será a 4ª maior do País, com capacidade de refino de 300 mil barris de petróleo por dia. Apenas a fase de construção deve alavancar o PIB do estado em cerca de 2%. O investimento da Petrobras será de US\$ 11,1 bilhões. A indústria produzirá, principalmente, óleo diesel para exportação, Querosene de

Aviação (QAV), nafta (matéria-prima na produção de eteno e propeno), Gás Liquefeito de Petróleo (GLP) e bunker (óleo combustível destinado ao abastecimento de navios de grande porte) para o mercado interno.

Carência de inserção

Apesar do otimismo em torno desses dois empreendimentos, as projeções de postos de trabalho podem não ser tão positivas quanto governo, consórcios e estudantes esperam, conforme previne o economista e mestrando em Logística, com ênfase em desenvolvimento econômico, Anchieta Dantas Júnior. “O papel da UFC nesse processo é fundamental para a dotação do estado de pessoal qualificado para ocupar posições que via de regra seriam ocupadas por pessoal de fora, mas pelo próprio perfil da CSP, acredito que não teremos o que se projeta devido à baixa inserção da siderúrgica com o tecido produtivo local. Ou seja, pela necessidade de importação de matérias-primas e insumos e pela exportação de toda a produção, acredito que não teremos os efeitos na proporção esperada. O mesmo vale para a refinaria. É preciso que se observe o perfil do empreendimento e como ele vai interagir com a economia local, senão os efeitos de emprego e multiplicação da renda, assim como da produção tendem a vaziar para outras regiões e até mesmo países”, alerta.

Diêgo Borges

diegborges@hotmail.com

Victor Ximenes

victor_ximenesp@hotmail.com

Acquario Ceará não gera expectativa

Imaginar que o projeto do ambicioso oceanário cearense – a ser construído, na Praia de Iracema, pela elevada cifra de R\$ 250 milhões – estaria deixando os alunos do Instituto de Ciências do Mar da UFC na expectativa por um maior número de postos de trabalho na área de Oceanografia pode ser um grande equívoco. O empreendimento é discutido com frieza pelos estudantes e profissionais da área por acreditarem que o aquário será voltado essencialmente para o turismo e não para pesquisas científicas, demandando, por consequência, uma quantidade bem inferior de oceanógrafos. “O oceanário será bom como aparelho turístico, mas apenas para isso. Não tem nada a ver com pesquisa. Envolve oceanografia, porque o pessoal vai lá ver peixe no mar, mas até que ponto isso vai se relacionar com pesquisa, o projeto do aquário não deixa muito claro”, explica o professor Carlos Augusto Schettini, vice-coordenador do curso de Oceanografia da UFC.

De acordo com ele, o empreendimento deve empregar, no máximo, uma dezena de profissionais da área, principalmente os que têm interesse no segmento biológico da ciência. Os que preferem a Oceanografia Física (que estuda as ondas, as correntes marítimas, os ventos etc.), a Química (composição da água, poluição) e a Geológica (erosão, zona de costa, estuários, zona de transição) deverão optar pelos concursos. “O profissional da área trabalha em empresas que lidam com o ambiente marinho e costeiro, como portos. O oceanógrafo tem esse papel de intermediar a engenharia com o meio ambiente. Qualquer atividade que afete o ambiente marinho costeiro, o oceanógrafo pode contribuir positivamente”, afirma Schettini.

A Petrobras é uma das estatais que costumam contratar esses trabalhadores. “Ele [o oceanógrafo], por exemplo, vai trabalhar na Bacia de Campos, onde vai monitorar as ondas e as correntes. Ele cuida ainda dos equipamentos, para saber se estão adequados etc. Não tem nada a ver com biologia, é uma área bem exata”, esclarece o professor.

O que dizem os estudantes

» José Roberto de Castro - estudante de Engenharia Metalúrgica

“Optei pela Engenharia Metalúrgica porque na época do vestibular não tive coragem de tentar a Mecânica. Escolhi sem saber, mas estou apaixonado. Depois que você começa a fazer as disciplinas, não tem como você não se envolver e gostar do curso, e sem dúvidas a siderúrgica é a ‘menina dos olhos’ dos alunos, pois todos estão na expectativa dos empregos que serão gerados, em breve, a partir dela.”

» Liana Pacheco, Rayza Araruna, José Cavalcante e Clarissa Dantas – estudantes de Oceanografia

“Nós não temos expectativas quanto à vinda do aquário, porque podem até surgir algumas vagas, que com certeza vai ser para a Oceanografia, mas precisará de uma especialização fora do país. Além disso, serão poucos profissionais, talvez algo relacionado ao monitoramento da água. Outra, como aqui no Brasil não tem um aquário como esse que deve ser construído, deve vir gente de fora, como de Portugal, por exemplo.”

» Josiane Bezerra – estudante de Engenharia de Energia e Meio Ambiente

“As três áreas da Engenharia de Energia e Meio Ambiente estão em alta, mas o meu foco é o petróleo. É um campo que está crescendo muito no estado e deve se expandir ainda mais com a vinda da refinaria. Está prevista para começar a operar em 2014, mas como as obras ainda nem começaram, acho que deve atrasar e, com isso, poderemos aproveitar o ‘boom’ de empregos que serão gerados na ocasião, já que nos formaremos em 2014.2.”

Lotação nos ônibus do Pici causa insatisfação em estudantes

Mais de um ano depois da implantação do sistema de transporte gratuito no Campus do Pici, iniciada em fevereiro de 2009, a equipe de impressões quis conferir de perto se os estudantes ainda enfrentam ônibus lotados. Nossa reportagem chegou à parada da Biblioteca do Pici às 17 horas de uma quinta-feira. Enquanto os estudantes esperavam pelo transporte coletivo, fomos “puxando conversa” para saber a opinião deles em relação ao novo sistema.

O estudante de Engenharia Metalúrgica do 1º semestre Davi Sousa considera o fluxo de ônibus regular e diz que a espera não é longa. E ainda que os ônibus sejam lotados nos horários de pico (quando começam e terminam as aulas), para ele, a circulação interna é mais vantajosa. “Esses ônibus

têm mais flexibilidade do que os outros porque passam mais perto dos blocos de aula”, explica.

Já as estudantes Evani Lima e Fabiane Ferreira, ambas do 9º semestre de Engenharia de Alimentos, não estão satisfeitas com o transporte gratuito. Evani acredita que o sistema seria mais eficaz se houvesse também a

circulação das linhas antigas. “Apenas os ônibus internos não são capazes de atender aos estudantes porque não têm conforto e horário certo. Tem o reforço da van 03, mas ela não para aqui (na biblioteca) porque quando chega, não cabe mais ninguém”, diz

Segundo a pró-reitora de Assuntos Estudantis da UFC, Clarisse Ferreira, a utilização de ambos os serviços “ficaria confusa” para os estudantes. Outra razão apontada por ela é a intenção de a universidade diminuir o número de veículos circulando no Campus. E por último, o novo sistema, segundo a Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza (Etufor), é fruto do desejo de reduzir o percurso feito pelas linhas antigas, que eram obrigadas a entrar no Pici mesmo sem ter uma demanda constante.

Até pouco mais de 17h30 da tarde da quinta-feira em que estivemos no Campus do Pici, somente a parada da biblioteca aglomerou cerca de quarenta pessoas à espera pelo coletivo. Alguns, vendo que seria impossível entrar no ônibus com gente amontoadas nas portas, optaram, demonstrando chateação, por ir a pé até a entrada principal do campus. Outros, como o estudante do 1º semestre de Engenharia de Alimentos Lucas Bruno, preferiram esperar um pouquinho mais. “No que vier menos lotado, eu entro. Mas quando estou com os amigos, vou andando mesmo”.

Mudança era cogitada há mais de dois anos

A iniciativa de trocar as linhas Campus do Pici - Unifor (075), Jovita Feitosa (309) e Parque Universitário (310) por uma linha exclusiva do Campus (020) foi da própria UFC. O trabalho foi possibilitado através de uma parceria com a Etufor e o Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros do Estado do Ceará (Sindiônibus).

A professora Clarisse Ferreira disse que a mudança era cogitada antes mesmo da gestão do professor Ícaro Moreira, falecido em 2008. Segundo ela, o desejo era aumentar a segurança dentro do campus, diminuindo o acesso de pessoas sem ligação direta com a universidade, preservar a pavimentação do local e facilitar a locomoção entre os vários blocos do Campus.

Apesar de a UFC considerar que era preciso melhorar esses itens, nenhuma pesquisa prévia foi realizada para comprovar a necessidade da mudança do sistema de transporte. O prefeito do Campus do Pici, Francisco Abreu, argumenta, apenas como usuário, que a nova circulação diminuiu o número de assaltos, o risco de acidentes (provocados pela alta velocidade dos ônibus) e ajudou a manter intacta a pavimentação.

Para o professor do departamento de Engenharia de Transportes da UFC Flávio Cunto, “a melhoria no

pavimento é desprezível” pois, considerando a frequência com que os ônibus entravam no Pici, seriam necessários cinco ou seis anos para haver degradação. O engenheiro também aponta que o sistema atende bem aos usuários apenas nos horários fora de pico. “E pensando no custo-benefício disso, a mudança não é válida”, opina.

Quanto à lotação no coletivo, a professora Clarisse Ferreira reconhece que é um fato “principalmente no período de 7h50 às 8h10”, mas afirma que a Universidade não tem recebido críticas fortes ao novo sistema. Ela cita uma pesquisa de opinião sobre o transporte no Campus do Pici, realizada pela Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura em maio de 2009, que mostra “um alto grau de



» Em alguns horários, os ônibus circulam lotados. Às 17 horas, horário da foto ao lado, o coletivo costuma ficar com uma quantidade razoável de pessoas. Quando está muito cheio, o ônibus nem para. FOTO DENISE FERREIRA

satisfação dos usuários” (94% de um total de 465 pessoas entrevistadas).

Clarisse Ferreira comenta ainda uma avaliação do transporte gratuito feita em março deste ano. Segundo ela, algumas propostas apontadas pelos usuários já começaram a ser implantadas, como a inclusão de um terceiro ônibus. Além disso, Clarisse Ferreira assegura que recursos já foram disponibilizados para a realização de reformas nas paradas dos ônibus, com a finalidade de oferecer mais conforto para os usuários.

Etufor usou monografia para planejar mudanças

A parceria com a UFC deu certo porque havia o interesse da Etufor em reduzir o trajeto das linhas no campus. “Algumas vezes, os ônibus tinham de entrar (no Pici) sem demanda, e os usuários, sem ligação com a universidade, também tinham de fazer a volta mesmo não querendo”, explica o chefe da divisão de planejamento da Etufor, Antônio Ferreira. O sistema implantado é gratuito porque a redução na quilometragem das quatro linhas anteriores compensa a distância percorrida atualmente pela linha 020. “Trata-se de uma transferência de serviço”, comenta o chefe da divisão de operações da Etufor, Raimundo Rodrigues.

O sistema é baseado na monografia *Proposta de um novo modelo para o sistema de transporte público de passageiros da Universidade Federal do Ceará - Campus do Pici*, defendida em 2007 pelo estudante de Engenharia Civil da UFC Higor Thibério Gonçalves. Com o modelo em mãos, a Etufor, no final de 2008, realizou uma pesquisa para dimensionar a frota que deveria atender cerca de 14 mil estudantes e funcionários do Campus do Pici. Depois de criada, a linha 020 passou a circular com dois ônibus e o suporte da van 03. Hoje, de acordo com a Etufor, o sistema “chegou ao equilíbrio” com mais um veículo que oferece acessibilidade a pessoas portadoras de deficiência.

A quantidade de ônibus, segundo a Etufor, está diretamente relacionada com a demanda e a extensão do trajeto. Por isso, há apenas três veículos operando. “Tudo é custo. Não é um transporte gratuito”, explica Rodrigues. Apesar disso, ele reitera que a intenção não é superlotar. O transporte foi pensado para atender a um maior número de pessoas, portanto, há menos assentos. “E como a viagem é curta, o estudante não é muito prejudicado”, argumenta.

Cleisyane Quintino
cleisyanelq@gmail.com
Narjara Rocha
narjara.pr@gmail.com

{crônica

No caminho

A cordar cedo em plena segunda-feira é um martírio: a ressaca do domingo, a saudade do sábado, a longa distância a ser percorrida até o próximo fim-de-semana... Mas, a pior parte desse início de semana é, sem dúvidas, o ônibus. Não que a situação durante os outros dias seja boa, mas na segunda-feira... A impressão que se tem é de que todas as pessoas que nunca saem de casa resolvem sair justo na já tão terrível segunda-feira.

Nem é necessário entrar no coletivo para começar a sofrer com os percalços do transporte urbano. A espera já é uma prova de paciência e fé. Na parada, um resquício de esperança instiga o pensamento: “Tomara que não demore muito... Se der pra sentar também vai ser tão bom!”. À medida que o tempo passa e mais pessoas acumulam-se no ponto, esse teimoso sentimento diminui, mas não vai embora: “Está bem, sentada acho que não vai dar pra ir, mas, se pelo menos não estiver muito apertado, já é lucro”. Alguns minutos mais e, quando finalmente o ônibus se aproxima: “Oh, meu Deus, tomara que dê pra entrar!”.

Em poucos segundos, o alívio pelo fim da espera é substituído pela ansiedade da subida. Aquelas pessoas, que pareciam cinco ou seis na parada, multiplicam-se indefinidamente e toda simpatia ou mesmo qualquer noção de civilidade vai embora. O sério cavalheiro de terno transforma-se num atleta de salto à distância e, num movimento inexplicável, lança-se para dentro da condução. Uma distinta senhora distribui cotoveladas até alcançar a catraca, e a mocinha bem arrumada quase perde o sapato entre o veículo e o meio-fio.

Procurar um espaço vazio, ou melhor, que possa ser compartilhado com certo conforto, é uma tarefa inútil. Então, a solução é ficar ali mesmo, o único desafio agora é achar um lugar para segurar. Eis um dos grandes problemas dos que têm pouca altura: não conseguir agarrar aquele ferrinho lá de cima. O jeito é empurrar daqui e dali até encontrar uma maneira de segurar nas hastes laterais.

“Vamos, não é tão ruim assim, poderia ser pior...”, um pisão de salto agulha bem no meio do pé interrompe o pensamento, que, após ser tomado por uma série de palavrões contidos pela boa educação, tenta entender: “Como é que alguém pega um ônibus lotado com um sapato desses?!”. As ideias são novamente interrompidas, mas, dessa vez, pelo freio impiedoso do condutor. Eis que, ao avistar outra parada lotada, a multidão de passageiros grita em um coro uníssono: “Cabe mais não, motorista!”.

A descida também tem lá suas complicações, principalmente, por conta daqueles que insistem em permanecer na porta, ignorando os avisos. Mas, desta vez, o alívio é maior, o vento, a sensação de liberdade, esticar os braços, tudo isso parece realmente muito agradável. Até que a lucidez volta para lembrar-lhe: era apenas o primeiro, ainda falta um! **(Denise Ferreira)**

Circulação dos ônibus

(Horários e intervalos)

» Dias úteis
6h às 07h10 | 12 minutos
07h10 às 14h05 | 3 a 4 minutos
14h05 às 16h35 | 6 minutos
16h35 às 19h | 4 minutos
19h às 22h20 | 6 minutos
* De segunda à sexta-feira

» Sábado
6h às 7h | 12 minutos
7h às 12h06 | 6 minutos
* Nos feriados, não há circulação

» Férias
06 às 19h06 | 12 minutos
* Os ônibus só circulam de segunda à sexta-feira



Jornalismo UFC: os primeiros anos

Criar um curso de jornalismo no Ceará não foi fácil. O sonho acalentado desde 1930 teve que esperar três décadas para se concretizar. Antes que o curso se tornasse realidade, várias instituições ensaiaram tentativas. A primeira delas deu-se em 1937, quando a Associação Cearense de Imprensa (ACI) manifestou publicamente o desejo de criar um curso de Jornalismo e formar profissionais em Fortaleza. Doze anos depois, a reivindicação encontra eco na Faculdade Católica de Filosofia do Ceará. O diretor da instituição, o religioso Paulo Anísio Mosca, chegou a apontar um caminho para que o curso fosse implantado, o que reverberou na imprensa local, mas não teve êxito.

Depois disso, houve um novo hiato de tempo e, apenas em 1964, foi retomado o projeto. Naquele ano, o Sindicato dos Jornalistas do Ceará (Sindjorce) e a ACI realizaram o primeiro Curso de Jornalismo para Principiantes. Em 26 de novembro de 1964, Antônio Carlos de Oliveira, então Presidente da ACI, informou à diretoria que haviam sido realizados “entendimentos com o Reitor Antônio Martins Filho visando ao funcionamento do Curso de Jornalismo da Universidade do Ceará, a partir de 1966”.

No ano seguinte, é realizado o segundo Curso de Jornalismo para Principiantes, novamente promovido pelo Sindjorce. Das redações de rádio e jornal impresso, vieram profissionais para ensinar as técnicas e encampar a ideia. Em março de 1965, uma comissão foi criada com objetivo de agilizar a instalação do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Ceará. No mesmo ano, a ACI realiza um Curso Livre de Jornalismo, com o apoio da Universidade. Essa seria a última etapa antes da aprovação do curso pelo Conselho Universitário, o que acontece em 1965, sediando-se no quinto andar do edifício da Associação de Imprensa.

A partir daí, a história passa a ser contada por pessoas que a vivenciaram. Os pioneiros, aqueles que experimentaram as conquistas de sua geração e hoje são memória viva dessa cronologia.

Bruno Falcão

tapiocoufc@gmail.com

Emília Morais

emilia_gmorais@hotmail.com

Geimison Maia

geimison.maia@gmail.com

Primeira turma de jornalismo da UFC ocupa prédio abandonado

Ivonete Maia já era jornalista registrada quando participou como aluna da 1ª turma de jornalismo da UFC, que foi inaugurada em 1966, e formou-se em 1969. Era um grupo pequeno, de apenas cinco pessoas: Itamar Medeiros, Ivonete Maia, João Batista Cavalcante, Lúcia Lustosa Martins e Genilson de Souza (foto). Alguns já tinham formação em Letras, mas perseguiam outro objetivo. “Jornalismo era um sonho de todos, ainda hoje é um curso que causa muita sedução”, afirma Ivonete. Alguns dos professores da turma eram autores renomados, como João Clímaco Bezerra, Moreira Campos e Antônio Girão Barroso.

A atual ouvidora da UFC relembra os primeiros anos como universitária, contando que quando a faculdade não cabia mais em apenas um andar no prédio da ACI, passou a atuar no prédio da Casa de Cultura Portuguesa, ficando lá até 1968. Ivonete Maia diz que, naquele ano, o curso ocupou o antigo prédio da Faculdade de Farmácia. “Houve uma passeata enorme saindo aqui da Casa de Cultura Portuguesa, foi um grande feito da turma de Jornalismo, a gente chegou lá, entrou e ficou, o prédio estava ocioso”. E acrescenta: “Em 68, a gente tinha o direito de fazer o que desse na cabeça”. Por fim, o Jornalismo se mudou para o atual prédio na avenida da Universidade, onde antes funcionava a Escola de Engenharia.



Reabertura do Diretório Central dos Estudantes

Bete Jaguaribe (foto) fez parte da turma de 1978 a 1981. Aquele era um período de distensão política no Brasil e a sociedade tentava recuperar as liberdades democráticas. Nesse período, foi iniciado um processo de reabertura de Centros Acadêmicos e do Diretório Central dos Estudantes. E Bete participou ativamente desse processo. “Eu vivi o movimento estudantil de forma muito intensa”, relata.

A aluna participou da primeira eleição para o DCE, pelo movimento militante de orientação trotskista Liberdade e Luta (Libelu). E venceu? “Nãããã. A Libelu nunca venceu uma eleição na vida! Não tinha a menor hipótese, por ser um grupo muito pequeno e as bandeiras eram muito radicais. E com o processo de democratização, as bandeiras da Libelu não tinham mais nem sentido de existir”, explica Bete.

Após a empreitada no DCE, Bete engajou-se na reabertura do Centro Acadêmico do curso de Comunicação Social. Era uma grande chapa, um “chapão”. “Era um grande conselho, que era uma tese da Libelu formar direções que fossem conselhos, onde todos tivessem voz. Hoje eu penso que é um grande equívoco, porque no fim ninguém toma conta”, opina. E tudo isso valeu à pena? “Foi um período muito bom da minha vida!”, garante.

Universidade vive sob decreto 477

Ronaldo Salgado (foto), professor do Curso de Comunicação Social, iniciou seus estudos em março de 1976. Nesse período, o curso tinha muitas dificuldades, como o número insuficiente de máquinas de escrever, a pouca infra-estrutura do laboratório de fotografia e a carência de professores. Ronaldo revela que na época “havia um só vestibular por ano e entravam 40 alunos”.

Em época de Regime Militar e sob vigência do decreto 477, “o AI-5 dentro das universidades”, Ronaldo Salgado ingressou na universidade num momento em que “os estudantes não tinham o direito de reunir-se em Diretórios ou Centros Acadêmicos”. O professor lembra com orgulho quando o Centro Acadêmico Tristão de Athayde voltou à ativa entre 1979 e 1980.



Um certo “Calo”

No início do ano de 1978, Nilton Almeida (foto) entra no curso de Comunicação da UFC, jovem e inflamado de ideais. O recém ingresso encontra um curso formado por estudantes apáticos, sem laboratórios de redação, o centro acadêmico fechado, sentindo o peso da mão-de-ferro da Ditadura Militar. Nilton vê a universidade ruir, literalmente. Na primeira semana de aula, o teto da sala onde estavam, por sorte, poucos estudantes, desaba, ferindo-lhe o braço. Os alunos decidem fazer greve de uma semana e se preparam para reassumir seu lugar: o movimento estudantil, abrindo caminho para a retomada oficial que aconteceria dois anos depois.

Um dos principais reclames da turma de 78 é que não havia como praticar as técnicas jornalísticas sem um jornal, então resolveram mostrar à universidade que poderiam fazer um periódico, e nele treinar o texto e afiar as opiniões. Decidiram que seriam o “Calo”. “Nós fizemos um ‘auê’. Se nós alunos tínhamos condição de fazer um jornal, por que para universidade, com toda a estrutura e maquinário, não seria possível?”, relembra.

A primeira edição sai em outubro do mesmo ano, a equipe manteve o jornal por mais quatro edições e fez um especial sobre a reabertura do Diretório Central dos Estudantes. A ousadia do grupo deu resultado pouco tempo depois. Como afirma Nilton, “o projeto acabou surtindo efeito porque depois (em setembro de 1979) foi criado o primeiro Jornal Laboratório do Curso, chamado Comunicação”.

{resenha sobre cinema

“EL BAÑO DEL PAPA”:

MUAMBA, POEIRA E PAPEL HIGIÊNICO À ESPERA DE UM MILAGRE

Quando o Papa resolve visitar o vilarejo de Melo, no interior do Uruguai, a cidade transborda de expectativa. A mesmice da vida diária dá lugar à inventividade e à esperança. Homens, mulheres e crianças trabalham dia e noite para garantir que suas barraquinhas recheadas de comes e bebes estejam a postos no dia da chegada de Sua Santidade João Paulo II. Beto (César Troncoso) tem uma ideia diferente. Com a ajuda da mulher, Carmen (Virginia Méndez), e da filha, Silvia (Virginia Ruiz), inicia empreitada para construir um banheiro e alugar para os fieis.

César Charlone, que assina a fotografia de obras premiadas como *Cidade de Deus* (2002), *O Jardineiro Fiel* (2005) e *Ensaio sobre a cegueira* (2008), estreia na direção geral do longa ao lado de Enrique Fernández, que até então acumulava experiências como roteirista e assistente de direção. Ambos são uruguaios, e Enrique é natural da

cidade onde se passa o filme. A parceria dos diretores resulta numa obra profunda sobre o sonho humano.

Virginia Mendez estreia no cinema com a segurança de uma carreira sólida galgada nos palcos uruguaios. A atriz é uma das fundadoras da *Companhia de Teatro Itália Fausta*, uma das mais prestigiadas do país. César Troncoso também se fez bom ator nos tablados, chegando a ganhar o prêmio de “ator do ano” pela *Associação de Críticos de Teatro do Uruguai* em 2004. Merecem destaque as atuações amadoras de Mario Silva, como o companheiro de Beto, Valvulina, e de Virginia Ruiz, que encarna a filha de Beto e Carmen, Silvia. Ambos não tinham nenhum contato com o cinema até a chegada da equipe de filmagem a Melo, mas emocionam com a veracidade das interpretações.

A trilha que acompanha o vai e vem dos muambeiros é assinada pelos músicos uruguaios aclamados do

clube Bajofondo Tango, Luciano Supervielle e Gabriel Casacuberta. Quando tocar a música, é só fechar os olhos e se sentir caminhando por um lugarejo qualquer da América Latina.

Fica a boa dica!

»SERVIÇO:

DVD - *O Banheiro do Papa*

Titulo original: *(El Baño del Papa)*

Lançamento: 2007 (Brasil) (França) (Uruguai)

Direção: César Charlone e Enrique Fernández

Atores: César Troncoso, Virginia Mendez, Virginia Ruiz, Mario Silva, Henry de Leon.

Duração: 97 min

Iara Moura

iaragmoura@gmail.com

Fi c ção

FRAGMENTOS

Janaína Bras

jana.bras@gmail.com

Mariana Lazari

lazarimariana@gmail.com

Vinícius C.S. Mota

mastercat51@hotmail.com

Neste espaço, as impressões ora tão rígidas conseguem viajar através dos contrastes de uma fotografia. Nesta edição, rabiscos na parede são o ponto de partida. A chegada é definida pelas ideias de três micro-contistas.

Um anônimo marcou com loucura e paixão as entranhas do Lord Hotel - gentleman da Fortaleza de outrora, sobrevivente atual do Centro. (YURI LEONARDO)

TODAS QUERIAM SER MARIA

Da noite para o dia, começaram a aparecer recados pelas paredes e muros do bairro, sempre tão pacato. No começo, os vizinhos estranharam, acharam que era coisa de algum doido-apaixonado-abandonado.

– E homem lá faz declaração de amor? - perguntavam-se aos cochichos no mercadinho e nas esquinas.

Ninguém sabia o autor daquelas frases, tão diretas, mas nem por isso pouco românticas. Todas queriam ser Maria. Até a vizinha da frente, sempre reclamando dos bichos que apareciam por causa da casa fechada, começou a admirar aquela parede já meio velha, mas nem por isso feia. As palavras a fizeram bela, singela.

– Ai, como eu queria que fosse pra mim... - ouvia-se.

A tia do salgado, conhecida como Mariazinha, dizia que era tudo pra ela. Ser Maria era bom pra isso. Dava pra se sentir admirada, pelo menos ao passar por aquela calçada... Ainda mais com ele mostrando que enfrentaria o mundo por ela.

– Ai, ai... - suspirava.

Enquanto a história não era desvendada, a casa continuava sendo atração. Até equipe de tevê apareceu por lá, tentando descobrir o casal apaixonado. A repórter, iniciante na profissão, empolgou-se com o mistério das Marias. Disse se chamar Maria José, mas ninguém deu muita atenção. Afinal, todas por ali se tornaram Maria. E que se dane o mundo. (ML)



ESPINHO DE FLOR

Idarlan é padeiro por viço e viúvo por profissão. Tem nas mãos queimadas o troféu irretocável do destino. Porque assa pães é Idarlan, apenas. Ainda moleque, engalinhava raias nos postes da rua quando conheceu Maria Flor, filha de casal recém emigrado das Gerais.

O pai da moça trouxe consigo o feito dos ancestrais: punha na fôrnalha bolos de massa crua para empestar o quarteirão com cheiro quente de pão logo depois. A mãe, mais doce no dom, confeitava pastéis de nata.

Idarlan não sabe que amor o arrebatou primeiro: se pela cozinha ou pelos cabelos de Maria. Só lembra que, quando deu por si, tomava aulas na padaria dos Capuã cinco vezes por semana e já não conhecia noite em que não sonhasse com a pretinha.

Fez figa pra perder a gagueira num domingo de 1975, quando vestiu a camisa mais alva e bateu à porta dos vizinhos. Pediu os cabelos da menina em casamento. Com uma festa de quintal, selaram o compromisso. Começava ali a padaria Flor do Idarlan.

Depois disso, vieram os filhos, as pipas e as meias verdades. Quando uma tardinha sem cor chegou de manso, Idarlan voltou pra casa cedo, deixou os sapatos na soleira e entrou com os ombros arriados no quarto de dormir. Na cama desalinhada, os cabelos de Maria dormiam sobre Vicente, o entregador de leite. Na rua Aurora, entregava-se leite de porta em porta. Na rua Aurora, esposas traem maridos apaixonados.

O padeiro não despertou o casal. Encontrou na despensa uma pá, juntou uns tijolos soltos no quintal e fez um monte alto assim de cimento. Assoviano, atijolou janelas e portas do ex-amor, escreveu qualquer coisa na fachada, depois pegou os meninos na escola e, sem dizer palavra, levou as crias para jantar fora. (JB)

UM MALVADO CYRANO

Maria Preta era insinuante, uma elipse. Maria de Capuam parecia ter nascido de um projeto de Niemeyer. As duas se detestavam, movidas pelo falatório do povoado que insistia em lhes contrapor como rivais. As moças se destacavam tanto que nenhum marmanjo ousava requestá-las. Intimidavam.

Certo dia, o muro do Zé Bodegueiro, o mais bem sucedido comerciante do lugarejo, amanheceu ornado por declarações de amor às moçoilas. Foi um alvoroço. Quem tinha, enfim, coragem para, ao mesmo tempo, cortejar as duas? Ou seria uma brincadeira? Ou uma coincidência?

As Marias não dormiam mais à noite de tanta excitação. Os curiosos mexeriqueiros também não. O pobre do Zé não tinha mais sossego. Na condição de dono do muro, e na falta de mais alguém que pudesse esclarecer a questão, era dele a responsabilidade imputada de dizer quem era o Cyrano de Bergerac do lugar.

Foi muita pressão. O Zé não era acostumado a isso. Para ele, a vida eram as miudezas na bodega, fumar um cigarrinho, namorar um pouquinho a esposa ao entardecer e ver ressonando a novela. A vida era tranquila demais para aguentar toda aquela inquietação. Pegou as coisas, a mulher, foi-se embora sem se despedir e tapou a janela da bodega com tijolos mal postos de madrugada. Não havia mais comércio, nem perguntas, nem amolação.

.....
Soube-se depois que declarações de amor semelhantes apareceram em muros de localidades próximas. A polícia ainda não descobriu o nome do malvado que atormenta com sonhos as moças dos povoados. (VM)



Muito além de 500 hectares

» Considerada a primeira ocupação de terra urbana no Ceará, a Comuna da Terra 17 de abril, localizada no bairro José Walter, dá chão a centenas de famílias que possuem um objetivo em comum: ter lugar onde morar

Ainda era madrugada de 15 de abril quando homens e mulheres de aproximadamente 400 famílias dos subúrbios de Fortaleza agruparam-se no descampado de um terreno localizado na avenida Perimetral e a Avenida I, no Conjunto José Walter. Com a motivação da promessa de casa própria em uma ação conjunta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e Movimento dos Conselhos Populares (MCP), surgiram barracões de lona e troncos de madeira na quina dos 500 hectares do terreno particular.

No início daquela manhã, os moradores vizinhos se deparariam com a faixa “Sem Teto e Sem Terra na Luta por Moradia” fixada na comprida cerca contornando o que viria a ser chamado de Comuna da Terra 17 de abril. Nascia a primeira ocupação de terra urbana registrada no Ceará.

Negociações envolvendo estado, município, proprietários do terreno, MCP e MST aconteceram no dia seguinte, conforme conta um dos representantes do MCP, Michael Bocádio, 28. “Nós temos duas demandas: o fundo de terra (especificado no artigo 195 da Lei Orgânica do Município de Fortaleza) de 28 hectares do terreno para as pessoas que reivindicam moradia, e a desapropriação de parte desse terreno pelo Estado para 200 famílias que reivindicam trabalho na agricultura familiar”.

O representante considera o local um latifúndio urbano, “grande área de terra destinada à especulação imobiliária”, e destaca a luta política do movimento que contem famílias de pelo menos dez bairros do subúrbio fortalezense. “Queremos questionar o problema social da moradia na cidade, a postura de isolamento ao levar essas pessoas para lugares periféricos da cidade, sem equipamentos urbanos adequados”.

Um problema de pelo menos 77 mil famílias

Atualmente Fortaleza possui um déficit habitacional de 77 mil famílias e 66 mil imóveis vagos, segundo informou a Fundação de Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza (Habitafor). O município tenta solucionar o problema com 10% do recurso municipal destinado para a construção de moradias, demandadas pelas assembleias do Orçamento Participativo (OP). Não raramente abrigando famílias com três ou mais pessoas, as habitações têm dois ou três quartos, sala, cozinha, área de serviço, quintal e banheiro em uma área de 38m² a 54m².

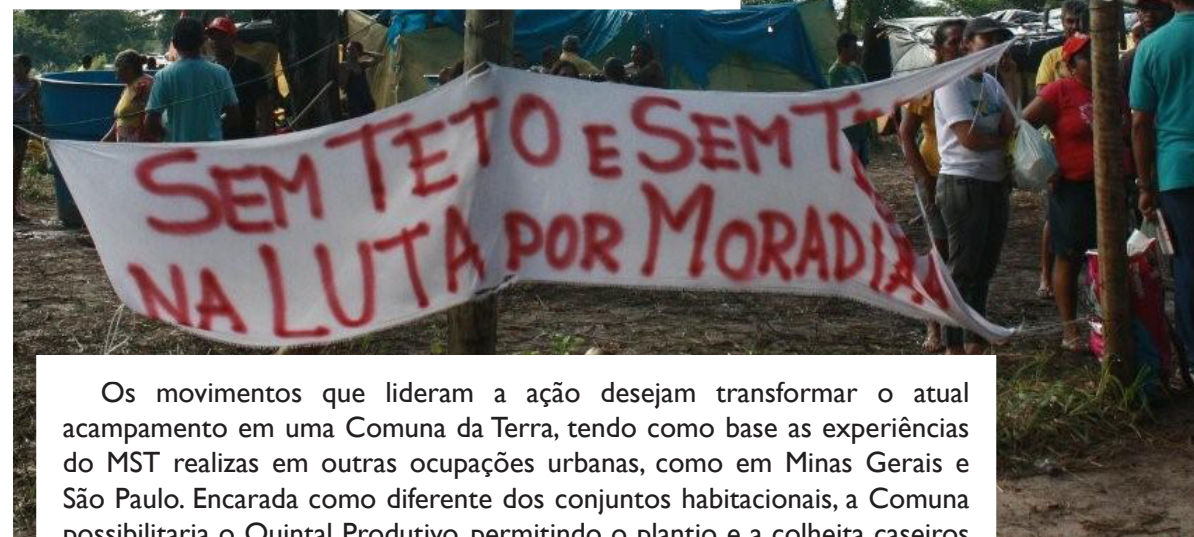
Sobre o isolamento da infra-estrutura urbana adequada às famílias, a assessoria de comunicação da Habitafor informou que alguns pré-requisitos em projetos elaborados pelo OP podem colaborar com o afastamento dos conjuntos, como, por exemplo, a preferência de casas horizontais à prédios verticais. Cita como exemplo de boas condições de habitação os conjuntos Nossa Senhora de Fátima I e II, abrigando ex-moradores da Comunidade Maravilha, às margens da BR-116. O órgão informa que foi utilizada grande parte do fundo de terra de Fortaleza destinado à construção de habitações populares. De uso restrito devido à situação, há preferência por moradores vindos de áreas de risco e de demandas exigidas através das assembleias do OP.

Além da desistência do OP como via de negociação com o poder público, a ocupação foi motivada também pelo atraso do andamento do programa *Minha Casa, Minha Vida*. Representantes da ocupação informaram que dois grupos do acampamento, provenientes dos bairros Montese e Vila Velha, entraram no movimento por não terem sido atendidos pelo projeto. Iniciado em 2009 e com duração de três meses, o Minha Casa, Minha Vida cadastrou cerca de 85 mil famílias em Fortaleza, um número superior ao déficit habitacional. Com casas construídas em uma parceria entre Governo Federal e construtoras do Sindicato das Indústrias da Construção Civil, o projeto disponibilizou 15 mil casas à capital cearense – as outras famílias seriam atendidas pelos projetos da Habitafor.

Promessas de terreno baldio virar quintal auto-sustentável

Dificuldades da lei dos fundos de terra, desistência das assembleias do OP e atraso no *Minha Casa, Minha Vida*. Esses fatores, no entanto, não impedem dona Joana Maria de encarar o chão de terra batida da Comuna da Terra 17 de abril como possibilidade de moradia e vida mais digna. “Meu pai trabalhou na roça e sempre tinha de dividir o que colhia com o dono do terreno. Muitas vezes o nosso feijão apodrecia pela falta de cuidado, porque meu pai tinha de trabalhar”, recorda da infância em Novo Oriente, a 397 km de Fortaleza.

Na juventude, mudou-se para o bairro Castelão, na Capital. Atualmente, aparentando ter mais de 50 anos, vive com pelo menos quatro pessoas em uma barraca improvisada com lona, madeira e tijolos. Ela está no acampamento desde o início da ocupação e afirma ter “muita vontade de reforma agrária”.



Os movimentos que lideram a ação desejam transformar o atual acampamento em uma Comuna da Terra, tendo como base as experiências do MST realizadas em outras ocupações urbanas, como em Minas Gerais e São Paulo. Encarada como diferente dos conjuntos habitacionais, a Comuna possibilitaria o Quintal Produtivo, permitindo o plantio e a colheita caseiros em uma espécie de regime auto-sustentável.

Realidade dura, mas há ternura

Paralelo à metamorfose para Comuna, o acampamento oferece a possibilidade para 70 jovens e adultos serem alfabetizados através da metodologia “Sim eu posso”, criada em Cuba e aplicada pela graduanda em História Valnice Castro, 23. O aprendizado resiste às condições precárias do acampamento, onde estudar só se torna possível porque os ocupantes estão dispostos a contribuir. Salas de aula são barracas, construídas e enfeitadas pelos próprios alunos, e os aparelhos de televisão e DVD utilizados nas aulas foram emprestados por algumas das famílias.

Outro grupo etário também recebe atenção especial: as crianças. Comum nas ocupações do MST, a Ciranda realiza trabalhos de arte-educação para desenvolver a percepção e coordenação motora dos jovens. A prática também procura amenizar a realidade árdua dos acampamentos para quem ainda é muito jovem e não compreende a complexidade da situação.

Água, energia elétrica e saneamento são extremamente precários na Comuna da Terra 17 de abril, mas as pessoas com quem a reportagem de *impressões* conversou pareciam superar as dificuldades, movidas por um sentimento indescritível. A gentileza nos cumprimentos, as rodas de conversa iluminadas pela luz da avenida e de precárias instalações elétricas, os sorrisos sinceros acompanhados das respostas “sim, eu moro aqui” – estas reações demonstram a esperança de tantas mulheres, homens e crianças em acreditar que o terreno possa se tornar um lugar dignamente habitável. Talvez cumprindo esta necessidade, abre-se espaço para uma infinidade de anseios, como demonstrou dona Joana Maria diante da presença de Valnice na sua vivenda: “meu sonho agora é só melhorar minha letra”.

Joana Vidal

joanavmaia@gmail.com

Yuri Leonardo

yuri.leonardo@gmail.com



{entrevista Mafoane Odara Poli Santos, mestranda em Psicologia Social pela USP

Jovens devem ser desafiados



De nome e história fortes, Mafoane Odara, além de fazer jus ao significado do próprio nome – Mafoane, palavra de origem Kimbundu (Angola) que significa joia rara; e Odara, de origem Yorubá (Nigéria), que significa bonita – ela é, para todos que a conhecem, um exemplo de persistência, trabalho e energia. Além de cursar mestrado em Psicologia Social pela USP e de militar nas áreas de áreas de juventude, saúde, gênero e raça, Mafoane coordena atualmente o *Geração Muda Mundo*, programa de juventude da *Ashoka Empreendedores Sociais*, que incentiva e apoia jovens a criar e a gerenciar projetos sociais. Mafoane acredita que a chave para o desenvolvimento é investir na educação empreendedora e nas iniciativas juvenis: os jovens devem ser desafiados.

IMPRESSÕES: O que é empreendedorismo social? Como surgiu esse conceito?

MAFOANE: Este conceito e prática surgiram nos Estados Unidos para dar conta das profundas desigualdades sociais do mundo contemporâneo em transformação. O termo empreendedorismo é mais conhecido por referir-se a uma pessoa inovadora que percebe nichos de mercado para lançar um novo negócio e que tem visão estratégica para fazer com este negócio tenha sucesso e traga amplos retornos financeiros. Isso significa que, ao invés do tipo de empreendimento que o indivíduo gerencia, a palavra descreve uma postura, um conjunto de comportamentos e qualidades. A chave do empreendedorismo é a inovação e alguns dos fundamentos básicos do empreendedorismo social estão diretamente ligados ao empreendedor social, destacando-se a paixão pelo que faz, clareza, confiança pessoal, ética, planejamento, capacidade de sonhar e uma habilidade para o improviso. Ou seja, o empreendedorismo social está associado ao perfil empreendedor que se volta não para o lucro, mas para a geração de impacto social. Já a relação entre juventude e empreendedorismo social está centrada na preparação do jovem para participar ativamente da construção do desenvolvimento social. E isso envolve o desenvolvimento de habilidades e competências que colaboram para o fortalecimento da autonomia, do projeto de vida e da liberdade de decidir sobre o próprio destino.

Por que é importante incentivar um jovem a ser empreendedor social?

Levando em consideração que a palavra descreve uma postura, um conjunto de comportamentos e qualidades, incentivar a prática do empreendedorismo social possibilita fortalecer uma sociedade onde pessoas veem possibilidades, e não problemas, para impulsionar a transformação e o desenvolvimento. Uma sociedade onde os jovens são agentes de mudança social positiva consegue responder de forma mais rápida e eficaz aos desafios do desenvolvimento e está mais preparada para lidar com esses desafios e propor soluções. Além disso, ser empreendedor social possibilita ampliar a capacidade de protagonizar o presente e o futuro, despertar a criatividade e a inovação para construir uma sociedade melhor.

Quais as diferenças entre empreendedorismo social e empreendedorismo de negócio?

No caso do empreendedorismo social, os empreendedores atuam como agentes de mudança para a sociedade, aproveitando as oportunidades, recursos, formando capital social e inventando novas abordagens e soluções para mudar a sociedade. Além disso, trabalham sempre de forma coletiva e integrada à realidade local, buscando preservar recursos ambientais e culturais para as gerações futuras, respeitando a diversidade e promovendo a redução das desigualdades sociais. É importante dizer também que se pode gerar retorno financeiro na área social, desde que os

“UMA SOCIEDADE ONDE OS JOVENS SÃO AGENTES DE MUDANÇA SOCIAL POSITIVA CONSEGUE RESPONDER DE FORMA MAIS RÁPIDA E EFICAZ AOS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO E ESTÁ MAIS PREPARADA PARA LIDAR COM ESSES DESAFIOS E PROPOR SOLUÇÕES.”

retornos econômicos sejam reinvestidos em organizações ou programas usados em prol do desenvolvimento social e comunitário. Como exemplos de empreendimentos sociais bem sucedidos, podemos citar, aqui do Ceará, o Banco Palmas – primeiro banco da região voltado para a economia solidária e inclusão social, a Companhia de Dança Edisca, a Fundação Casa Grande – que utiliza o ensino da comunicação como base para um amplo trabalho de educação e promoção do homem, dentre outros. No empreendedorismo de negócios, a atuação é individual, aproveitando as oportunidades e recursos para satisfazer necessidades dos seus clientes e acionistas e ampliar as potencialidades de seu negócio. Os empreendedores avaliam seu desempenho pela capacidade de gerar e distribuir lucro. O recurso financeiro, neste caso, é inteiramente destinado ao indivíduo.

É possível aprender a ser empreendedor?

Com certeza! Todas as habilidades dos empreendedores

podem ser aprendidas ou aprimoradas. A sinceridade, paixão, confiança, perseverança, inovação, criatividade, capacidade de sonhar ou a habilidade para o improviso podem ser estimuladas. Nascermos empreendedores, mas as exigências da sociedade e da vida, muitas vezes, fazem com que a gente desista de sonhar como forma de encarar a realidade. E também porque uma vida sem riscos é uma vida mais segura. O primeiro passo para esse aprendizado é se permitir desconstruir os mitos que envolvem o entendimento do significado do empreendedorismo. Por exemplo: “Ser empreendedor é coisa para poucos!” Falso. Existem várias formas de ser empreendedor, portanto, todos podem ser um, desde que encontrem sua própria forma de fazer isso.

Como trabalhar empreendedorismo social na universidade?

Partimos do seguinte princípio: desenvolver o empreendedorismo na universidade é fundamental para criar um ambiente propício para que cada indivíduo - sejam alunos, professores, funcionários, membros das comunidades, local e global - tenha acesso a recursos e a oportunidades de aprendizagem, que incentivem o exercício do “ser um agente de transformação”. Para isso, é importante transformar as universidades em centros de inovações sociais e mesclar formação técnica com o desenvolvimento de habilidades empreendedoras criando programas de formação sobre empreendedorismo social, ou ainda apoiando iniciativas sociais de estudantes universitários.

Quão avançado o Brasil está na construção desse conceito e prática?

Atualmente, o debate sobre empreendedorismo social tem ganhado espaço no cenário nacional, mostrando-se, cada vez mais, como opção de carreira, frente à escassez de oportunidades no mercado formal e à situação socioeconômica que assola o país. Uma pesquisa do Ibase (2003) mostrou que, do total de 39 milhões de jovens entre 15 e 24 anos, um em cada cinco jovens manifesta disposição em participar de trabalhos sociais ou negócios voltados para suas comunidades. Dos que pretendem realizar alguma atividade, 47% acreditam que o apoio necessário para a consecução de seus objetivos é financeiro (investimento, capital inicial, salário, ajuda ou bolsa mensal). Diante dessa realidade, urge a necessidade de criação de um ambiente propício ao desenvolvimento de programas e políticas públicas voltados à prática do empreendedorismo social juvenil, que ainda convive com o pouco ou nenhum investimento nas suas iniciativas ou no desenvolvimento das suas habilidades e competências pro futuro, como por exemplo, por meio da educação empreendedora.

Caroline Avendaño

carolavendano@gmail.com

fotos_arquivo pessoal



impressões

jornal laboratório do curso de comunicação social da universidade federal do ceará | maio de 2010 | 1ª edição

FOTO_MARIANA LAZARI



VESTIBULAR UFC

Saiba o que a Universidade perde e o que ganha com a adesão ao Enem.

página 3}



Por uma nova mobilidade

A bicicleta como alternativa de transporte em Fortaleza. “Bicicleteiros” reúnem-se para pedalar pela cidade.

página 5}

» Da Praça da Gentilândia, no Benfica, parte um dos grupos que costuma observar a cidade pedalando.
FOTO_CAROLINE AVENDAÑO

História anônima

Homens que construíram o centenário Theatro José de Alencar. Conheça um deles.

página 6}

O fim da Comunicação Social?
Entenda as mudanças propostas pelas Novas Diretrizes para o curso de Jornalismo

página 4}

Aquecimento global é uma fraude e mascara interesses econômicos, é o que defende o doutor em Física José Carlos Parente.

página 8}

Opinião

{o ombudsman

EI, VOCÊ AÍ!

Oi, tudo bom? A leitura até aqui está boa? As matérias estão ao seu gosto? Não? Sim? Mais ou menos? E que tal comentar sobre o que já leu? “Chegar junto” no estudante/repórter e dizer a ele sua opinião a respeito do assunto ou de como ele devia ter escrito melhor a matéria? Quer elogiar? Também pode. Ah, quer dar sugestões para o jornal? Excelente! Aqui, que fique claro desde já, a participação é sempre bem-vinda – eu diria até solicitada.

Na próxima edição, a sua opinião estará discutida aqui nesta mesma coluna, nesse mesmo “canto” do jornal. Como assim discutida? É o seguinte: vou ler seu e-mail e apresentar na sala de aula (a redação do Impressões) para defender seu ponto de vista junto aos alunos. Depois, usarei o espaço desta coluna para reportar a você, leitor que deu um retorno às matérias escritas aqui, tudo que foi debatido na redação com os repórteres e a professora responsável pela disciplina Jornal Laboratório. Essa é a minha função aqui. E ela depende exclusivamente da sua participação, certo?

Quero também expor algumas coisas sobre o funcionamento do Impressões que o ajudarão a entender e opinar melhor. Primeiro e mais importante: a produção é exclusividade de estudantes – orientados por uma professora, claro. Os assuntos das matérias, os textos, as entrevistas, as fotos e a montagem disso na página do jornal é tarefa exclusiva dos 23 alunos matriculados na disciplina. Depois de aprontar essa primeira e mais elaborada parte

“AQUI, QUE CLARO DESDE JÁ, A PARTICIPAÇÃO É SEMPRE BEM VINDA.”

do trabalho, é a vez da impressão do jornal. Essa tarefa é atributo da Universidade Federal do Ceará, através da Imprensa Universitária. Já a distribuição dos exemplares – este que você está lendo, por exemplo – volta a ser responsabilidade dos alunos.

Esse trabalho é o primeiro contato direto de todos esses estudantes na formulação de um periódico, de um veículo de comunicação. Nesse “exercício”, eles aprendem muito mais que redigir reportagens. Aprendem a comunicar, e no sentido mais pleno, pois agem como os donos do jornal, incorporando a função mister do jornalismo: informar. Ah, mas isso qualquer um faz, não é nada difícil, não é? É, tem razão. Mas acredito que, aqui, eles busquem abandonar os sensacionalismos, busquem superar a simples apresentação de fatos, a casual objetividade, e procurem discutir e aprofundar temas importantes para a maioria das pessoas. E caso não consigam, eles contam com você, caro leitor, para alertá-los do vacilo, para puxá-los da “viagem” e cobrá-los aquilo que você quer saber.

Ora, em tempos de interatividade, quando a comunicação é debatida e enfatizada como uma manifestação sócio-cultural e tremendamente plural, cuja importância na sociedade é essencial – vide a 1ª Conferência Nacional de Comunicação –, não será nada difícil mandar um email para ajudar um grupo de estudantes a aperfeiçoar um jornal, não é mesmo? Então, pronto! Atente para meus contatos no final desta coluna, pois eu aguardo o seu retorno. Na próxima edição nos falamos novamente. Até mais!

»ARMANDO LIMA é jornalista.
armando_olima@gmail.com

Editorial é a opinião oficial do jornal, que na maioria das vezes é uma empresa com todas as suas amarras políticas e/ou econômicas. No impressões não! Aqui, não temos UMA opinião. Somos 23 alunos tentando fugir da unanimidade burra. Desde o nome do jornal até o conteúdo tudo foi aperfeiçoado pelas discussões e destilado pela discordância.

{editorial

Ninguém fala em nome de ninguém,

por isso, vá com a Jana e o Yuri ao teatro; conheça a experiência da Iara e da Lorena de bicicletas pelas ruas de Fortaleza; entenda as Novas Diretrizes Curriculares de Jornalismo com a Joana; discorde ou concorde com Geimison sobre o estaleiro; e saiba os impactos do fim do vestibular na UFC. Além disso, há crônica, resenha, ficção, entrevista e um espaço novo a cada edição para falarmos dos 45 anos do curso de Comunicação Social da UFC. Aproveite e não esqueça de enviar sugestões e críticas para o nosso Ombudsman. Até a próxima edição!

{expediente

impressões é uma publicação da disciplina Jornal Laboratório do curso de Comunicação Social - Jornalismo. Universidade Federal do Ceará (UFC) - Instituto de Cultura e Arte (ICA)
Reitor_Jesualdo Farias
Coordenador do ICA_Custódio Almeida
Coordenadora do curso_Glícia Pontes
Professora orientadora_Klycia Fontenele
Conselho editorial desta edição_Cleisyane Quintino, Emília Moraes e Narjara Rocha
Projeto gráfico_Yuri Leonardo
Diagramação_Camilla Carneiro, Mariana Lazari e Yuri Leonardo
Ilustrações_Yuri Leonardo
Ombudsman_Armando Lima
Revisão_Bruno Falcão e Thiago Araújo

Tiragem_500 exemplares
Contato_jornalismo@ufc.br
www.dcs.ufc.br



ARTE NO COTIDIANO_Através do Programa de Ambientação Sensorial-Artística do Transporte Coletivo, parte dos ônibus de Fortaleza está com ambientação inspirada na obra “Guernica”, do pintor espanhol Pablo Picasso. Trabalhando uma performance coletiva dos passageiros através das nuances do cotidiano urbano do cidadão pós-moderno, a mostra está em cartaz por tempo indeterminado. Caso o excesso de passageiros continue, em breve teremos ônibus ambientados como no painel “O Inferno”, do pintor Hieronymus Bosch.

{direto ao ponto

ESTALEIRO E TITANZINHO: UMA NOVELA SEM A CERTEZA DE FINAL FELIZ

A polêmica em torno da implantação de um estaleiro na Praia do Titanzinho continua. Desde o ano passado, o governador Cid Gomes tenta empurrar goela abaixo o empreendimento. A prefeita Luizianne Lins é contra e apresentou um projeto alternativo para o bairro Serviluz (onde fica o Titanzinho). Bom, disso todo mundo já sabe. O importante agora é entender as características de cada projeto.

Os estaleiros fazem parte de um modelo de desenvolvimento do século XX. Uma indústria pesada, que pode gerar impactos ambientais. A tendência é que os estaleiros não sejam implantados em áreas urbanas. Instalar esta indústria no litoral de Fortaleza é considerado um atraso. O governador Cid Gomes defende o projeto devido aos 1.200 empregos diretos que podem ser criados. É inegável que eles fazem muita diferença para uma população que não tem muitas alternativas e a violência do lugar é o principal

sintoma disso.

Já a prefeita de Fortaleza, Luizianne Lins, apresentou uma alternativa ao estaleiro. O Titanzinho seria beneficiado pelo projeto “Aldeia da Praia”, que pretende investir em habitação, infraestrutura e recuperação do meio ambiente. Com isso, o bairro do Serviluz teria um grande potencial turístico. Esse é o tipo de projeto do século XXI, que investe em turismo e serviços e gera menor impacto ambiental.

“O PROJETO DE LUIZIANNE É MELHOR QUE O DE CID. O PROJETO DE CID É MELHOR DO QUE NADA.”

O problema é o seguinte: Cid diz que vai fazer e faz. Luizianne diz que vai fazer e demora a cumprir ou não faz. Quantos projetos da prefeitura se arrastam há anos ou não foram iniciados? Hospital da Mulher, Transfor, Jardim

Japonês, reforma do Estádio Presidente Vargas, e não vou continuar, porque a lista é longa. O projeto “Aldeia da Praia” vai custar a bagatela de 165 milhões de dólares. A prefeitura de Fortaleza tem condições de levar esse projeto adiante?

O projeto de Luizianne é melhor que o de Cid. O projeto de Cid é melhor do que nada. Se a população do Serviluz optar pelo projeto da prefeitura, corre um grande risco de ficar com as mãos abanando. Porém, a comunidade sabe qual é a cultura, as necessidades e os interesses do lugar onde vivem e a opinião dela deve ter o maior peso na hora da decisão. Agora, sem projeto turístico e nem os empregos do estaleiro, por quanto tempo mais essas pessoas teriam que amargar a omissão do poder público? Eles estão entre a cruz e a caldeirinha.

»GEIMISON MAIA é estudante de Comunicação Social
geimison.maia@gmail.com
@geimison

Fim do vestibular isenta UFC de gerir orçamento da prova

Com a adesão ao Enem, universidade deixa de organizar o oneroso concurso, um dos maiores do Estado, mas apesar de compensações financeiras extras, perde a arrecadação de inscrições e os ganhos da venda de paradidáticos.

O fim do vestibular e a adesão ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) pela Universidade Federal do Ceará (UFC), neste ano, não trará mudanças apenas para os candidatos às provas. A própria Universidade, além de deixar de arrecadar uma porcentagem de recursos (em média, 25% do total arrecadado) advindos das inscrições para o concurso, ainda estará isenta, em um primeiro momento – já que há o interesse da própria universidade em cooperar com o exame –, da responsabilidade de organizar um dos maiores certames do Estado, o qual permitiu o ingresso de 5.524 novos estudantes somente em 2010.

Além disso, com o Enem, as provas perdem o caráter regionalizado, e a leitura de livros paradidáticos, outra fonte de renda para a UFC, deixa de ser necessária. Também há incremento no montante de recursos que são repassados à instituição.

Para lidar com um evento dessa proporção, a UFC precisou gerir um oneroso orçamento, cujo custeio perpassava de remunerações por questões elaboradas a profissionais das mais diversas atividades.

O vestibular de 2010, cujas duas fases foram realizadas no fim do ano passado, arrecadou cerca de R\$ 2,3 milhões, valor custeado pelos estudantes que pagaram a taxa integral (R\$ 100) ou com o Teste de Habilidade Específica para candidatos ao curso de Arquitetura e Urbanismo (R\$ 110), e ainda pelos que receberam isenção parcial, pagando apenas 25% da taxa (R\$ 25). Aproximadamente, 25 mil pessoas financiaram o evento no qual participaram mais de 44 mil.

Assim, no último ano de vestibular na UFC, o número de alunos com isenção de taxa alcançou a expressiva marca de 19 mil candidatos, 43,2% do total. A partir desse montante é que era realizado o orçamento da prova. “A gente estimava o número de inscritos e de isentos, que é uma concessão e não uma obrigação; e fazia a média no início do ano, para estabelecer o quanto iria se cobrar de taxa, para equilibrar o que vai se gastar, o que vai entrar e o que não vai se cobrar”, explica a presidente da Coordenadoria de Concursos da UFC (CCV), professora Maria de Jesus de Sá Correia.

Entre as despesas do vestibular, a que demanda maior direcionamento de recurso são os gastos com pessoal. De acordo com dados divulgados pela professora, foi utilizado cerca de R\$ 1,1 milhão para o pagamento de profissionais que trabalharam no certame. São profissionais (estudantes, professores, servidores e pessoas sem vínculo com a UFC) responsáveis pela elaboração de questão das duas fases do exame, impressão das provas, atendimento ao público, revisão e correção de questões, fiscais de sala, médicos, seguranças, porteiros, intérpretes, entre outros. Para se ter uma noção, o custo da elaboração de uma questão específica ou de conhecimentos gerais da prova é de R\$

200 à universidade. No caso dos itens do teste de redação, esse preço mais que dobra, atingindo R\$ 500. Para corrigir as provas, os dispêndios são mais modestos. Cada corretor recebe R\$ 3 pela análise de cada teste específico e R\$ 4 por unidade da redação.

Com relação a despesas com prestação de serviços, alugueis de carros, contratação de UTI móvel, vigilância eletrônica, compra de material, entre outros; há uma maior dificuldade na obtenção dos dados. A presidente da CCV sugere que se procure a Pró-Reitoria de Administração da Universidade. Entretanto, a Pró-Reitoria diz que tais informações são obtidas mais facilmente com a própria professora Maria de Jesus. “A questão é que, tudo no mundo, as pessoas acham que é resolvido na Pró-Reitoria de Graduação ou no Departamento de Finanças. Acham muito mais fácil mandar para cá”, esclareceu Lúcia Lêda, da Divisão de Execução Financeira da UFC.

O pró-reitor de administração, Luís Carlos Saunders, apontou que o problema em se obter informações mais detalhadas está nas distintas formas de trabalho dos setores. “Não acho que existe dificuldade para a obtenção dos dados. A questão é a diferença nas formas de trabalhar entre os departamentos”.

Sistema deve facilitar acesso a informações

Talvez o problema com as informações fragmentadas em departamentos da UFC possa ser resolvido. Isso porque o Núcleo de Processamento de Dados (NPD), prepara a implantação do sistema S3, que será responsável por unificar dados referentes à parte administrativa, acadêmica e de recursos humanos.

“A necessidade surgiu com a demanda da reitoria, há dois anos, para que a gente ampliasse nosso sistema acadêmico, para que ele atendesse às outras necessidades da universidade: a área administrativa e de recursos humanos”, explicou o diretor do núcleo, Javam de Castro Machado.

A tecnologia, cedida pela Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN) através de um convênio, estará em atividade em meados de 2012. “A implantação será gradual: começamos pelo sistema de RH, em seguida, faremos os primeiros testes com o sistema acadêmico e, depois, instalaremos o administrativo”, afirmou Javam. O diretor do NPD confirma que o S3 permitirá o acesso de todos os processos da Universidade aos gestores. “Hoje, a informação é fragmentada. O S3 vai permitir que todos os gestores tenham acesso aos mesmos dados”.

Diego Borges

diegborges@hotmail.com

Mais recursos para quem aderiu em 2009

A verba prevista para a assistência estudantil deste ano é de R\$ 200 milhões a mais em relação ao ano anterior. Essa taxa é distribuída, pelo governo federal, entre universidades e institutos federais de educação, ciência e tecnologia. No entanto, as instituições que seguiram à risca a determinação do Ministério da Educação (MEC) embolsaram a maior parte dos recursos previstos para o Orçamento de 2010.

As universidades que aderiram ao Enem ainda em 2009, segundo o reitor da Universidade Federal do Ceará (UFC), Jesualdo Farias, tiveram, em 2010, um aumento relacionado ao Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes) de 100% a mais do que o ano anterior. Para a UFC, o crescimento foi de apenas 25% - o reitor garante que em 2011 vai ser de 100% - porque a Universidade só adotou o novo exame neste ano. “Em 2010, o Pnaes representa, em números redondos, 7 milhões e 800 mil reais pra UFC. Só com bolsas, pequenas reformas, restaurante universitário e ajuda de custo, nós gastamos 13 milhões e meio”, explica. Jesualdo Farias ainda esclarece que para suprir as necessidades é preciso retirar, do orçamento geral, recursos e aplicativos em assistência estudantil.

A assessoria de imprensa, da Secretaria de Educação Superior do MEC, disse que as universidades que adotaram o Enem em 2009 receberam mais porque estão sujeitas a uma maior mobilidade dos estudantes. Como as vagas de uma instituição podem ser preenchidas por alunos de qualquer região, é possível haver aumento de demanda por moradia e consequentemente mais recursos são necessários.

Os R\$ 2 milhões, em média, arrecadados com o vestibular até 2009 vão gerar um impacto junto aos diretores dos centros da Universidade, de acordo com o pró-reitor de administração, Luís Carlos Saunders. Isso porque o dinheiro apesar de ter um destino certo – custeio do processo seletivo de novos alunos da graduação – era contabilizado no Orçamento da UFC.

Neste ano, por exemplo, o Orçamento de Custeio é de R\$ 62.529,145. Desse total, ainda estão contabilizados os recursos provenientes do vestibular tradicional. Saunders já previa na folha de orçamento a perda do dinheiro, mas não foi retirado ainda, pois, segundo ele, a questão deverá ser discutida antes com os diretores de centros e faculdades da UFC.

O pró-reitor de administração também confessa que a maior preocupação não é com a perda do valor citado acima, pois houve uma compensação do MEC (25% a mais no Orçamento do Pnaes). “Eu tô muito preocupado porque o dinheiro (R\$ 62.529,145) aqui não vai dar”, diz Saunders.

Segundo ele, a UFC cresceu e o programa do governo federal de apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) “ajudou a investir, mas para manter é lá embaixo”. “Essa é a nossa grande luta hoje, que temos de ter a manutenção da Universidade, hoje muito grande”, explica. **(Cleisyane Quintino | colaboração João Moura)**



Literatura Cearense perde com o Enem

Desde 1997, a Coordenação de Concursos (CCV) vinha incluindo autores cearenses na lista de livros recomendados para o vestibular. A partir de 2004, a UFC começou a publicar as obras.

Quinze livros foram lançados ou reeditados pela Edições UFC através do projeto *Literatura do Vestibular*. Desses total, apenas *Os Bruzundangas* não foi escrito por um cearense. A iniciativa de divulgação da Literatura do

Ceará foi da presidente da CCV, a professora Maria de Jesus de Sá Correia. “Foi com muito pesar que eu tive de optar por não dar prosseguimento a esse projeto. No momento em que a comissão optou por adotar o Enem como forma de acesso, nós tínhamos necessariamente que abrir mão de uma série de coisas que defendíamos, e continuamos defendendo”, diz.

Pedro Salgueiro, autor de *Dos Valores do Inimigo*, que entrou na lista do vestibular em 2005 vê na indicação “um reconhecimento por quase vinte anos de luta diária com a escrita”. Para ele, a boa vendagem de seu livro posterior, *Inimigos*, deve-se em parte à projeção conquistada por ter sido recomendado pela universidade cinco anos atrás. “O escritor, em um país como o Brasil, não se preocupa apenas com o escrever, mas com divulgação, editoração, e o mais difícil: publicação”.

Segundo Cláudio Guimarães, diretor das Edições UFC, os autores escolhidos pelo conselho da CCV não tiveram qualquer custo para a publicação de suas obras. Em média, eram produzidos de três a cinco mil exemplares. Cada escritor tinha direito a uma cota de 10% no lucro das vendas, podendo receber essa porcentagem em livros, de acordo com a tiragem.

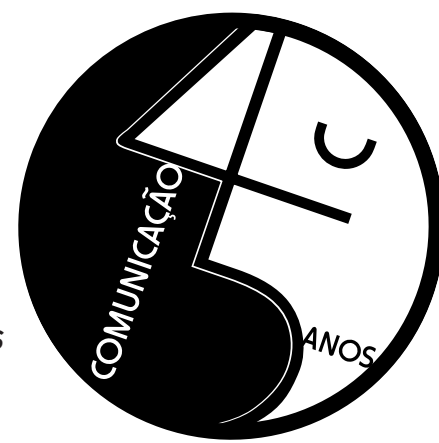
Agora, a cena inverte-se: caso os autores desejem lançar uma segunda edição pela editora da UFC terão que custear tudo, e a instituição pode ficar com a parcela de 10 a 30% do que for lançado. Parte dessa cota vai para a Biblioteca Nacional e para a Biblioteca Pública Meneses Pimentel, cumprindo o “depósito legal”, e o restante é vendido.

Com o fim da série *Literatura no Vestibular*, perdem os escritores, os leitores e a própria editora. “Os livros do vestibular pra gente representavam, primeiro, um ótimo veículo de divulgação do autor cearense. Segundo, a venda desse livro trazia recurso para a editora e, de uma hora para outra, isso acabou”, afirma Guimarães.

O professor José Batista de Lima leciona Literatura Cearense na Universidade Estadual do Ceará (Uece) e na Universidade de Fortaleza (Unifor) e considera que os autores do Sudeste do país serão privilegiados com o Enem. “No novo Enem, o Ceará desaparecerá do mapa literário”, alerta. Uma possibilidade apontada pelo pesquisador para que as Letras Cearenses não percam de vez o leitor jovem é que as escolas públicas ou privadas estudem pelo menos um livro de conterrâneos como paradidático durante o ano. **(Emília Morais | foto Mariana Lazari)**

O fim da Comunicação Social?

Como são decididos os nossos cursos, o que entra, o que sai, a forma deles? O sistema educacional brasileiro dá certa autonomia para as universidades, mas determina alguns elementos. Observamos que as graduações sofrem mudanças em busca de atender melhor o mercado, o sistema e a sociedade – boa parte dessas transformações acontecem através das diretrizes curriculares.



A proposta de desmembrar a Comunicação Social em cursos separados já existe há algum tempo; por exemplo, desde 2006 a habilitação de Audiovisual já não faz mais parte do curso de Comunicação.

Com a proposta de criar Novas Diretrizes Curriculares para Jornalismo (NDJ), que também viria a ser uma graduação separada, o Ministério da Educação selecionou uma Comissão de Especialistas em Ensino de Jornalismo (ou Comissão de Notáveis), chefiada por José Marques de Melo e composta, entre outros, por representantes da Fundação Roberto Marinho, da Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj) e do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ). O documento foi entregue ao MEC e aguarda aprovação.

As principais alterações propostas pelas NDJ estão referentes aos eixos de formação, ao trabalho de conclusão (TCC) e ao estágio. Nessa proposta, o curso passaria a ser dividido em três eixos temáticos teóricos distintos e três eixos práticos; o TCC seria obrigatoriamente um trabalho prático (produto jornalístico), acompanhado de relatório, memorial ou monografia, a ser avaliado por uma banca de profissionais da área e professores; e o estágio seria obrigatório, com duração de 200h, necessariamente em institutos ou veículos públicos ou privados ou de 3º setor.

O curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC) foi fundado em 12 de novembro de 1965 e graduava um comunicador apto a trabalhar em todas as áreas. Em 1988, foram criadas as habilitações que, no nosso caso, até 1999, foi só em Jornalismo. Hoje seguimos as Diretrizes Curriculares para a área de Comunicação Social, aprovadas nacionalmente em 2002, nas quais há um tronco de conhecimentos comuns em comunicação somado às capacitações específicas de cada formação habilitada.

Dentro da UFC, são muitas as colocações. Glícia

» PARA GLÍCIA PONTES, AS NOVAS DIRETRIZES CURRICULARES PARA O JORNALISMO, “SEGUEM UMA TENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA EM ESPECIALIZAR E TECNICIZAR.

Pontes, publicitária e coordenadora do Curso de Comunicação Social, diz que não há opinião fechada no colegiado, pois o assunto ainda não foi discutido a contento. Como professora, ela acha que essa proposta vem trazer uma especialização muito precoce e que a área da Comunicação está consolidada, portanto desvincular-se dela não seria interessante para o

desenvolvimento dos estudos. Glícia crê que as NDJ serão aprovadas, pois, explica, “elas seguem uma tendência da educação contemporânea em especializar e tecnicizar”.

Uma visão diferente tem Ronaldo Salgado, jornalista e professor da casa há mais de 10 anos. Colocando-se simpático à proposta, ele é a favor da separação do Jornalismo por acreditar no fortalecimento do curso através do ensino específico. Ronaldo afirma que é importante que a discussão seja feita com todos, entre professores, estudantes e sociedade, mas pensa que é prematuro prever consequências nesse momento.

Renato Sousa, estudante do terceiro semestre e membro da atual gestão do Diretório Acadêmico de

» PARA O ESTUDANTE RENATO SOUSA, DESMEMBRAR A COMUNICAÇÃO SOCIAL, EM VEZ DE CAPACITAR O JORNALISTA, ACABARIA PRECARIZANDO SUA FORMAÇÃO.

Comunicação da UFC, explica que o D.A, agora, não tem posição sobre o tema, mas que há o projeto de, junto com a coordenação, promover um debate convidando protagonistas da formulação e discussão desse processo, como membros da comissão de notáveis e de outras entidades que estão se posicionando a respeito.

Pessoalmente, ele vê as Novas Diretrizes para Jornalismo como proporcionando uma graduação com cada vez menos subsídio teórico para que o estudante/profissional gerar reflexões críticas e assim, em vez de capacitar o jornalista, acabaria precarizando sua formação.

Enquanto aguardamos a resposta do MEC, o serviço: o documento das NDJ tem 27 páginas e encontra-se disponível em: portal.mec.gov.br/.../documento_final_cursos_jornalismo.pdf

O que são diretrizes curriculares?

Diretrizes Curriculares são documentos elaborados que definem o perfil de formação do estudante/profissional, norteando seus conteúdos e metodologias.

Apesar de o sistema educacional brasileiro dar alguma autonomia às universidades, outros elementos são decididos nacionalmente buscando padronizar em alguns níveis a formação independentemente da universidade que você estuda – o profissional formado pela UFC, pela UFPI e pela PUC-SP têm uma parte de seus programas de conteúdos em comum.

Joana Vidal Maia

joanavmaia@gmail.com

Aconteceu neste processo

» No dia 18 de setembro de 2009, a Comissão de Notáveis entregou ao MEC o relatório final dos trabalhos realizados. Fernando Haddad, ministro da Educação, anunciou que encaminharia o documento para a apreciação do Conselho Nacional de Educação antes de tomar qualquer decisão.

» Em 18 de dezembro de 2009, a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) lançou uma nota posicionando-se contra as Novas Diretrizes por preocupar-se sobre “a atomização do campo comunicacional que a adoção das diretrizes propostas poderia vir a causar numa área que vem tentando se construir do ponto de vista acadêmico-científico e suas consequências para a formação do aluno de Comunicação e para o Jornalista, para a formação para a docência e para a pesquisa” (trecho da nota publicada).

» Entre 17 e 23 de janeiro de 2010 aconteceu, em São Paulo, o Congresso Brasileiro de Estudantes de Comunicação Social, no qual a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecos) também posicionou-se contra a separação da Comunicação Social e as novas diretrizes, por enxergar que essa proposta deixa os cursos cada vez mais técnicos e pretere a formação universal, humana e socialmente referenciada do comunicador.

Amanda Sampaio, coordenadora nacional da Executiva, lança outra questão: “isso não está sendo amplamente discutido”, referindo-se aos três únicos debates que ocorreram ao longo da construção do documento em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife.

» Em 14 de abril de 2010 a Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior do MEC elaborou uma nota técnica para ser encaminhada formalmente ao Conselho Nacional de Educação e dar início a discussão e aprovação das diretrizes. O presidente da Fenaj, Sérgio Murillo de Andrade, diz que “é uma boa notícia saber que a matéria voltou a tramitar, pois a expectativa em torno da atualização das diretrizes é grande” (retirado de www.fenaj.org.br).

» De 21 a 23 de abril de 2010 aconteceu em Recife/PE o IV Encontro Nacional de Coordenadores de Curso de Jornalismo do FNPJ, no qual esteve presente um representante do Ministério da Educação para discutir a implantação da NDJ.

» Neste mês, a Enecos está lançando a campanha “Somos todos Comunicação” com a proposta de discutir a separação das habilitações, as novas diretrizes curriculares e a qualidade de formação do comunicador.

Selo Comunicação 45 anos



Fundado em 12 de novembro de 1965, em 2010, o curso de Comunicação Social da UFC completa 45 anos. Para comemorar, o impressões traz reportagens sobre

a história dessa graduação. Nesta e nas próximas edições, os textos estarão sinalizados com esse selo, feito pela aluna do 6º semestre da habilitação em Publicidade e Propaganda, Smyrna Jamacuru.

CRONOLOGIA

{1961

Promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que disciplinou o ensino brasileiro em todos os níveis.

{1962

As discussões sobre currículo de comunicação iniciam-se buscando garantir uma formação acadêmica ampla, que preparasse o profissional para compreender e intervir na sociedade e possibilitasse o bom domínio das técnicas de comunicação.

{1968

A reforma universitária de 1968 fixa normas para a organização e o funcionamento do Ensino Superior. Traz o ensino necessariamente ligado à pesquisa, o sistema de núcleos básicos comuns, no qual o estudante tem um primeiro momento de estudos geral, a matrícula semestral, a contagem por créditos, a extensão e o vestibular unificado.

{1978

Conselho Federal de Educação implanta nas escolas o Currículo Mínimo para Comunicação, que possuía um tronco comum para todas as habilitações.

{1988

No período pós-ditadura militar, já na Constituição de 1988, há uma nova discussão sobre Ensino Superior.

{1996

Acontece a Reforma Darcy Ribeiro, implementando uma nova Lei de Diretrizes e Bases, que traz objetivo mais abrangentes para a educação superior e a diversidade sequencial de cursos: graduação, pós-graduação, extensão e outros, além do surgimento dos centros de educação tecnológica.

{1998/1999

Há uma ampla discussão para a formulação das Diretrizes Curriculares para a área de Comunicação e suas habilitações, que foram aprovadas em 2002 e norteiam nossos cursos até hoje.

De bicicleta em Fortaleza

Rotas e desvios daqueles que buscam espaço pedalando no trânsito caótico da capital da luz



» “Bicicleiros” na Praça da Gentilândia discutem estratégias para difundir o uso da bicicleta como alternativa sustentável de transporte em Fortaleza. FOTO_CAROLINE AVENDAÑO

acidentes fatais no trânsito acontece com aqueles que, pela lei, deveriam ser os mais protegidos.

Pelo centro de bicicleta

Antes de começar o passeio, o grupo se reuniu no jardim do Theatro José de Alencar. Domingo, dia nublado na capital da luz. O guia, Paulo Probo, explicava o roteiro a ser percorrido. Combinado o percurso, partiram. Como não há ciclovias ou faixas exclusivas para bicicletas, o bloco mantinha-se à direita, recostado ao passeio. Seguindo a orientação do guia, esperaram os ônibus passarem e depois os carros para só então seguir.

Quão irônicos são os cidadãos da república do asfalto. O parágrafo 2º do artigo 29 do Código de Trânsito Brasileiro diz: “Em ordem decrescente, os veículos de maior porte serão sempre responsáveis pela segurança dos menores, os motorizados pelos não motorizados e, juntos, pela incolumidade dos pedestres”. Naquele domingo, nem imaginavam os ciclistas, o Ceará batia o recorde de vendas de automóveis. O jornal (O Povo – 30/03/2010) traria a manchete dois dias depois: 600 carros a mais nas ruas de Fortaleza.

O arquiteto e professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), Inácio Montenegro, estava realizado após o passeio. Para ele, que veio acompanhar o filho Vitor de 12 anos, existe uma carência muito grande no sistema viário de Fortaleza no que diz respeito à garantia do ciclismo. Por isso mesmo, pai e filho só usam a bicicleta nos limites do condomínio onde moram ou no Parque Rio Branco aos fins de semana.

Na terceira edição, o passeio de bicicleta pelo Centro faz parte do projeto *Viva o Centro*, que visa à revitalização do bairro através de ações dos equipamentos culturais lá localizados. Idealizador do passeio, Paulo Probo vai ao trabalho diariamente pedalando, mas admite que é uma tarefa difícil. “Hoje existe um número bem considerável de pessoas que usam a bicicleta não só como lazer, mas como ferramenta de trabalho. Esse pessoal está se organizando cada vez mais em passeios ciclísticos. Pode ser que esse chamamento coletivo dê origem no planejamento estrutural da cidade, ao surgimento de ciclovias”, explica.

Segundo a assessoria de imprensa do Transfor, o programa prevê a implantação de mais 30 quilômetros de ciclovias em Fortaleza, dos quais 15 serão entregues ainda em 2010. Ainda assim, a extensão das nossas ciclovias é pequena se comparada a outras capitais onde o uso da bicicleta é comum, como é o caso de Bogotá. A capital colombiana, apesar de ser apenas 70 quilômetros maior que Fortaleza, possui 300 quilômetros de ciclovias, quase cinco vezes mais do que a capital cearense.

SERVIÇO

» Bicicletada

Toda última sexta-feira do mês. A concentração começa a partir das 18h, na Praça da Gentilândia, e sai às 19h. Contato: www.bicicletada.org/fortaleza

» Viva o Centro

Todo último domingo do mês. A concentração é a partir das 16h, nos jardins do Theatro José de Alencar, e sai às 17h. Contato: pauloprobo@yahoo.com.br

Iara Moura

iaragmoura@gmail.com

Lorena Alves

lorenascrispim@gmail.com

Buzinas, xingamentos, fumaça. Este é o perfil do trânsito que tem dilacerado os grandes centros urbanos. Fortaleza não está isenta desses males. Com a disseminação do vidro fumê e do ar-condicionado, o que se tem notado é um maior isolamento entre as pessoas. A comunicação no trânsito resumiu-se a buzinas insistentes de motoristas que, não raro, estão sozinhos em um carro cujo tamanho se torna gigante para ser ocupado por uma só pessoa.

Diante dessa situação insustentável, vários movimentos têm-se organizado a fim de propagar uma ideia que, se inédita não é, tem mostrado caminhos alternativos para um trânsito mais tranquilo e menos poluente. A bicicleta, mais do que instrumento de lazer, transformou-se no próprio símbolo de sustentabilidade e liberdade. Apesar da inegável eficácia para “desafogar” o trânsito, o espaço reservado aos ciclistas ainda é reduzido.

Atualmente, Fortaleza conta com 67 quilômetros de ciclovias, divididas em federal, estadual e municipal. “A ciclovia é importante, pois atende um antigo pleito da população ao mesmo tempo em que estimula a prática segura desse meio de transporte alternativo, não poluente e econômico”, explica o coordenador do Programa de Transporte Urbano de Fortaleza (Transfor) e engenheiro civil, Daniel Lustosa. Entretanto, quem anda de bicicleta não se sente satisfeito com a situação das ciclovias. Muitas delas, como a da Av. José Bastos, de 1,6 quilômetro, estão esburacadas, tornando-se quase inacessíveis.

Pedaladas de liberdade

O letreiro luminoso localizado na Avenida 13 de Maio, em frente à Praça da Gentilândia, traz o aviso: “Conduzidor, respeite o ciclista”. Mais parecia um apelo do pequeno

grupo reunido na praçinha em torno de bicicletas e capacetes. Última sexta-feira do mês, data marcada no calendário dos ciclistas ou “bicicleiros” do mundo todo. Dia de saírem às ruas juntos, manifestarem os direitos do código de trânsito, pedirem aumento no número e na extensão das ciclofaixas e ciclovias e exigirem respeito.

A *Bicicletada* é um movimento realizado no Brasil e em várias outras partes do mundo onde ciclistas se reúnem com o intuito de reivindicar o espaço da bicicleta nas ruas e criar condições favoráveis para o seu uso, além de difundir sistemas de transporte mais ecológicos e sustentáveis.

É inspirado no movimento *Massa Crítica*, que nasceu em São Francisco nos anos 90, e consiste na reunião de ciclistas, skatistas, patinadores e outras pessoas com veículos movidos à força humana.

Aqui em Fortaleza, os “bicicleiros” reúnem-se na Praça da Gentilândia para discutir a rota do passeio (que é também uma forma de protesto) e trocar experiências. O grito contra a poluição é a palavra de ordem. “Bicicleta não polui”. Os depoimentos evidenciam uma realidade que os passageiros de ônibus e motoristas dificilmente enxergam. O estudante de Publicidade e Propaganda Fabrício Pereira mora próximo à Avenida Borges de Melo e pedala cerca de seis quilômetros até a Faculdade 7 de Setembro, na Avenida Washington Soares.

Um ponto comum nos relatos é a insegurança. Todos se queixam da falta de respeito dos motoristas, compartilhando as situações em que foram “trancados” por um ônibus ou empurrados para o acostamento. Pelos dados contidos no Anuário do Ceará de 2008, os ciclistas têm razão em se sentir ameaçados. Em Fortaleza, acontece uma morte no trânsito a cada 25,8 horas, praticamente uma vítima por dia.

Das 341 mortes em 2008, 137 foram pedestres (40%) e 60 foram ciclistas (18%). Ou seja, mais da metade dos

» **A BICICLETA, MAIS DO QUE INSTRUMENTO DE LAZER, TRANSFORMOU-SE NO PRÓPRIO SÍMBOLO DE SUSTENTABILIDADE E LIBERDADE.**

“Aurora da minha vida”

Quando ganhei a Aurora, mesmo tardiamente, a empolgação foi a mesma da primeira. Aquela sensação de descoberta diante do tesouro. Desci para tomar café e lá estava ela no jardim, lilás, com cestinha e garupa. Com as pernas trêmulas arrisquei uma volta na garagem. Será que aquela história de que a gente nunca esquece é verdade? Bom, parece que sim. Depois de me sentir segura o bastante, abri o portão e tomei o rumo da rua. A travessa onde moro é calma, ainda convidativa para as conversas nas calçadas. Um pouco arfante decerto, subi e desci de uma esquina a outra. O vento embarçava meus cabelos enquanto eu alternava mãos e velocidades para o delírio do meu irmão caçula, que é bem mais desenvolto sob duas rodas.

Foi uma manhã feliz com pompa de inaugural, mas, depois daquele dia, Aurora nunca mais saiu pra passear. Recostada no jardim bronzeou-se ao sol e se banhava na chuva. A cestinha enferrujou, os pedais caíram... Mas, e se alguém me rouba? E se um carro me atropela? E se for um ônibus? Pior! Nos dias em que ensaiei coragem, tinha sempre alguém para falar entre os dentes: cuidado. E eu cedia: É, deixa pra amanhã. Acordei meio tarde mesmo. Hoje não está um clima bom, muito quente, muito frio... E os dias foram passando.

Vieram também aqueles dotados de histórias e estatísticas: Viu a quantidade de ciclistas que morrem todos os dias? Meu Deus, a cidade anda muito perigosa, ainda mais para uma mulher! Tinha um primo meu que caiu no meio fio e o ônibus nem parou, o porteiro do meu colégio trabalhava há quinze anos e todos os dias ia de bicicleta, pois num é que foi atropelado semana passada?

Aurora ficou como um arquivo morto guardando as boas lembranças daquela manhã. Do

vento na cara, do canto dos pássaros, do tchauzinho para a vizinha, da perseguição do cachorro, das risadas do meu irmão. No final, não sei até onde a cidade não permite mais o trânsito tranquilo das bicicletas ou até onde é o velho medo infantil que me impede de sair pedalando. Olho para Aurora com saudade como olhasse para a reencarnação daquela primeira, menor, também lilás e de cestinha que foi roubada dentro do condomínio onde eu morava.

Outras histórias me encorajam. Fulanos e sicranos, muitos, percorrem quilômetros pedalando rumo ao trabalho todos os dias. Tem um tal que cruzou a fronteira montado na cela. Ó sorte grande. Na Holanda, muitos andam de bicicleta...

Enquanto não venço o medo, vou de ônibus na semana e de carro aos sábados e domingos. E confesso: odeio os motociclistas e os ciclistas que cruzam meu caminho. Os primeiros porque são muito ousados, arriscam-se, não respeitam a distância nem o excesso de velocidade. Os segundos, porque seu passo vagaroso atrapalha o trânsito rápido dos automóveis. “Dá vontade de botar por cima”, comentou certa vez uma amiga. Lembrei da Aurora. Tenho razão em ter medo. Estive do lado de lá. (Iara Moura)

FOTO_CRISTOF THE FERNANDES



{resenha sobre literatura

SÓ MAIS UMA HISTÓRIA DE MORTE PARA CONTAR: A MORTE DE IVAN ILLITCH E A DOR DA VIDA

Esse título é uma ironia. *A Morte de Ivan Illitch* jamais será apenas uma história de morte. Leon Tolstói (1828-1910) escreveu um livro curtinho em número de páginas, mas com uma densidade de conteúdo gigantesca. *A Morte de Ivan Illitch* (1886) conta, como o título já denuncia, a história de um homem que se encontra com o fim, a morte, o extermínio, a destruição. Mas não só com a morte. O personagem principal desse romance se encontra também com a incapacidade humana de sentir “o outro”.

O alto burocrata Ivan Illitch morre. Não é necessário sequer ler a primeira página do livro para tomar conhecimento desse fato; desde o título já se sabe que ali se narra a história de uma morte. Da mesma forma, talvez Ivan Illitch tenha de considerar-se criatura sem vida antes mesmo de nascer. O personagem volta todas as esperanças e esforços da existência para o desenvolvimento da vaidade. Desse modo, nada é feito de forma autêntica; tudo é apoiado

numa cadeia de embustes.

Ivan Illitch veste-se, assim, com uma camisa de força que aos poucos o vai condenando a viver num meio criado senão a partir de falsidades, porque, afinal, o próprio Ivan Illitch não é mais ele mesmo, mas é, isso sim, um personagem que ele próprio criou para si. Apenas à beira da morte descobre a inutilidade de uma existência que agora se esgota.

O livro, na verdade, narra o enredo da falsidade humana com uma maestria poucas vezes vista na literatura. Considerada como estando entre as maiores obras da literatura mundial, sobre *A Morte de Ivan Illitch* podemos ter uma certeza: é difícil ler este livro sem um arrepio, pois somos todos demasiadamente desumanos.

» O LIVRO, NA VERDADE, NARRA O ENREDO DA FALSIDADE HUMANA COM UMA MAESTRIA POUCAS VEZES VISTA NA LITERATURA.

»SERVIÇO:

A morte de Ivan Illitch

Leon Tolstói

Preço médio: R\$13

Vinicius de Souza

vinicius_fvss@hotmail.com

Ficção

FRAGMENTOS

Neste espaço, o jornal com pés tão fincados ao chão se permite vaguear em histórias criadas sempre a partir de uma imagem. Desta vez, temos uma senhora e tudo o que sabemos dela é o que a foto nos diz. Cada micro-contista pôde dar um passado para esta mulher, e qualquer semelhança com a realidade será mera coincidência. E você, o que imaginará? Crie a sua verdade, pois será como lhe parecer.

Denise Ferreira

denise.cr@hotmail.com

Priscila Tavares

priscila_bt@hotmail.com

Emília Morais

emilia_gmorais@hotmail.com

Uma certa dona Maria, moradora da comunidade de Tamarina, município de Pentecoste, Ceará.

Foto tirada em 30 de setembro de 2007.

(CAROLINE AVENDAÑO)

AQUELE QUE HÁ DE VIR

Alguns dias, ela ouviu dizer que ele voltaria em breve. Não sabia dizer qual foi o dia, porque, antes da televisão, achava os dias todos iguais. Mesmo que tivesse sido depois não saberia, porque achava que os dias da televisão eram diferentes dos dias normais (das pessoas normais – “gente de TV é tudo diferente”). E, se não dava muita importância ao dia, era por conta das outras questões que envolviam aquela estranha anunciação. Havia muito mais mistério naquelas palavras.

Talvez a frase não tivesse chamado tanta atenção se

não tivesse sido ouvida por acaso, quando todos achavam que ela ainda dormia. Desde aquele momento perdia-se durante horas em seus pensamentos, imaginando como ele seria, como e quando chegaria e se traria alguma coisa realmente boa. Os outros moradores da casa não pareciam muito alvoroçados, como quem espera alguém tão importante. Mas, para a menina de sete anos, ver a avó esperando na janela era a confirmação de todas as suas suspeitas.

E, sem que a velha desse conta da inquietação da netinha, o funcionário da companhia elétrica chegou para medir o consumo do mês – com três dias de atraso. (DF)



GIOCONDA

E se o pessoal da casa descobrisse quem era ela de verdade? De onde vinha e o que tinha feito? Se bem que ela já tinha estado em tanto lugar nesses anos estradosos, tinha feito e sido tanta coisa, que poderiam ouvir histórias desencontradas e nunca pensar que a Velha Gioconda era o personagem de tanta lenda.

Tinha aprendido o jeito certo pra ser recebida nas casas. Ao chegar às localidades, andava mato adentro até o final do dia (nunca pedia pouso na cidade, primeiro que povo de vila é esganado demais pra caridade como aquela; segundo porque precisava ficar longe do ruído das pessoas) então, quando já ia anoitecendo, parava na casa mais erma que encontrasse e chamava, na cerca, pelo dono. Rogava sempre em nome do santo padroeiro do lugar, que lhe dessem teto pela noite, e que, por Nossa Senhora, lhe arrumassem um prato de comida e uma copo d'água pra uma desvalida.

No outro dia, contava sua história, que era sua porque tinha sido ela a inventar. Já fora penitente em romaria, perseguida de coronel e até desmemoriada. Um nome em cada canto e, em cada canto, um ofício. Desde nova, era chamariz para dinheiro, trazia sorte pra quem lhe cuidava, de forma que as famílias sempre a queriam por perto. Em São Luís das Candeias fora parteira; no Riacho Seco, fazia panela de barro; nas Aroeiras, costurava e benzia.

Mas, sua verdadeira história estava guardada por detrás daquela e de outras serras. Há muitas e muitas léguas de tempo, perdida na lembrança dos mortos. (EM)

A ANÁLISE

– O que você vê?

– Onde?

– Na foto. O que vê?

– É uma senhora. Uma velha senhora abandonada no meio do nada que vê o tempo passar sem nada fazer.

– Só isso? – Insistiu o psicanalista.

– Sim. – Respondeu a moça.

– Mas o que ela te causa? O que você sente?

A paciente, com os seus 26 anos, tinha olhos bonitos que se escondiam por trás de óculos pesados. Os cabelos despenteados tinham sido amarrados de qualquer jeito e as roupas, escolhidas ao acaso. Os olhos estavam vermelhos, cansados, mas ficaram ali: a olhar a foto da velha senhora em silêncio.

– Raiva. – Disse a moça.

– Sente raiva da velha? Por quê?

– Ela ri de mim! Ri da minha tristeza, ri da minha pobreza, da minha incapacidade de viver. Ri com um ar superior. Ela tem tudo nesta casa miserável, e eu procuro em todos os cantos o que ela nunca se esforçou para conseguir.

– O que é isso que você procura? – Perguntou o analista.

– Não sei. Acho que não procuro nada. Enquanto sou obrigada a procurar tudo, não desejo nada. Desejo não sentir nada...

No tempo restante foram lágrimas silenciosas. Olhar parado no vazio. Até que o relógio marcou 19h30. Fim da análise. (PT)

Todas as ferramentas de Crispim

O centenário do Theatro José de Alencar deve tributos a um sem número de fortalezenses: servidores, platéia e contribuintes em geral. A história desses indivíduos está por trás da construção coletiva que esse equipamento cultural representa – esta é apenas mais uma delas.



- Não dá pra trabalhar no Theatro José de Alencar nessa condição, dona Silêda! – esclareceu Seu Crispim. Já haviam se passado cinco minutos de conversa em que o marceneiro-eletricista-pedreiro-pintor-cenotécnico explicava para a Silêda Franklin, até hoje diretora administrativa do TJA, o motivo de todo constrangimento: um furo na sola do sapato.

Francisco Crispim de Oliveira foi o faz-tudo mais apumado de que se tem notícia no hoje centenário Theatro. Trabalhava a pano passado, de cinto, sapato e meia. A camisa abotoada de mangas compridas era tal qual uma segunda pele. Mesmo em face do trabalho braçal mais exaustivo, Crispim não abria mão da aparência impecável. “A elegância personificada”, nas palavras de Silêda.

Perceba que a disputa de homem mais cheiroso e bem vestido era arrolada também pelos lendários Seu Muriçoca, o porteiro, e Trepinha, o palhaço – carismáticos os dois e já conhecidos do público assíduo. A fineza do quebra-galho, relocado para o Theatro durante a quinta e maior reforma da casa, em 1991, estava também nos modos e no carinho declarado pela primeira casa de espetáculos pública de Fortaleza.

A testemunha de ferro e vidro

Um século antes, grupos amadorísticos de teatro pululavam na província de Fortaleza bem antes de o estado corresponder às necessidades da população de aproveitar o tempo livre. As horas de folga eram consumidas em tardes no Passeio Público, na fruição de bandas de música - fardadas ou das companhias de comércio, que perambulavam pelas ruas do Centro; além da programação de festas religiosas, clubes e bailes realizados nas casas de famílias da sociedade.

Mesmo com estas atividades preenchendo a agenda cultural, um desejo permanecia inalcançado pelos cidadãos: a casa de espetáculos oficial do Estado. O templo de ferro esverdeado e vidro multicolorido surgiu como um luxo, cresceu nos corações como um orgulho da terra e se firmou como um abrigo de artistas ao longo das décadas da nossa história.

Acima de todos os títulos, o TJA foi testemunha das reinvenções do Centro. Viu insurgir a oposição à oligarquia Acciolina no mesmo Passeio Público que executou os Confederados do Equador. Presenciou os olhares cansados de quem vinha do Inhamuns arrastado pela fome, mas, sobretudo, pela esperança de encontrar abrigo entre as riquezas do algodão.

Sentiu crescerem os muros da cidade e as barreiras interpessoais. Presenciou os transeuntes mudarem de trajes, largarem mão dos chapéus, relaxarem nos botões abertos das camisas - as calçadas servindo de cama, de ponto de venda, de lata de lixo. As pessoas deixaram de desejar morar no Centro.

Todas as ferramentas de Crispim

O Theatro viu tudo. Crispim e Teresinha eram menino e mocinha quando damas e cavalheiros passeavam em seda francesa e linho irlandês pela Praça do Ferreira. Ainda brincavam nas ruas barrentas de Maranguape, ignorados do Centro das Coca-Colas - as moças prendadas e de família, namoradeiras dos soldados estadunidenses aportados em meado de 1940 na capital cearense dos 200 mil habitantes².

Mas algo nos modos e nas feições desse marceneiro e dessa caixeira-viajante, ele falecido e ela envelhecida, aproxima os dois e não está muito distante do refinamento fortalezense dos tempos da Segunda Guerra

Mundial. O destino talvez já estivesse traçado para que se reencontrassem na década de 1980, no Centro do sol renitente espelhado em asfalto.

Os anos e a vida talhariam o jovem franzino em cavalheiro pobre e polido.

Ao longo de conversas e experiências, o rapazote lograria a maestria de carpinteiros, eletricitas, pintores e tantos outros profissionais anônimos que permeavam o bairro. Perderia a mocidade, deixaria esvaír pouco a pouco a saúde em maços de cigarro, doses de conhaque e garrafas de cerveja. Encomendaria roupas feitas por alfaiates do bairro Parque Araxá, e conquistaria o coração de Maria Moura de Oliveira, a primeira mulher.

Através de um homem de poder, a cidade o agraciaria com a chave da casa de um marechal: Humberto de Alencar Castello Branco. Alguém, cujo cargo ninguém sabe ao certo, “botou uma pessoa pra cuidar do lugar porque a casa vivia fechada”, recorda a filha Edna de Oliveira, que décadas atrás se mudaria com o resto da família para o Centro.

O casal não viveu junto ali mais de dois anos: um derrame cerebral deixaria o pai viúvo. Consolos da dor e do desamparo, as tertúlias e os bares acolhiam o homem das várias profissões após as horas de trabalho. As pretendentes apareciam aos montes, mas a família era categórica: “eu queria uma mulher que cuidasse do meu pai”, relembra Edna.

Durante nossa prospecção por impressões do faz-tudo, tivemos o deleite de vivenciar uma reunião da velha guarda de funcionários do TJA sob o Palco Principal. Todos sentados nos velhos sofás negros do porão, às gargalhadas e atropelando as falas uns dos outros.

“Ele gostava de uma cervejinha danada!” apontou Francisco Brasil enfático. “Mas não aprontava confusão com ninguém!”, retrucou Mauro Coutinho. Às vezes, chegava pra trabalhar com a “cara amassada”, ao que os amigos emendavam: “Tu num pode beber, Crispim!”

Por essa época, a comerciante Teresinha Silvério voltou do Norte do país, aonde foi ganhar a vida com a venda de confecções, e reencontrou o contêrrâneo de Maranguape a procura de um rabo de saia que lhe engomasse as camisas. Do alto dos saltos Luis XV e com o lápis dos olhos irretocável, ela aceitou viver junto dele nos porões da General Bezerril, nº 38.

Portas abertas ao grande público

O Centro de homens e mulheres rotos, das calçadas tomadas pela sobrevivência e dos prédios abandonados. Este é o cenário onde se redesenha o centenário Theatro. Sobrevivente de outros ares, mutante enraizado naquelas paragens, ele precisou subverter-se para resistir. Passou de mimo das elites à praça do povo.

Desde 1999, abriu as portas ao grande público e viu reflorescer o jardim de Burle Marx. Mantendo a postura de proximidade com os inúmeros freqüentadores anônimos do Centro, ao longo do ano do centenário estão previstos cortejos com artistas de rua, brincantes e manifestações de festas e folguedos populares representativos da cultura cearense.

Meu amado fantasma

Já ia alta a madrugada de quinta-feira e Tereza não conseguia dormir. Faltava-lhe um pedaço, àquela hora entretido em um bingo qualquer e regado a várias doses de Dreher. Ela podia apostar, depois de tanto tempo de convívio, que a voz de Altemar Dutra embalava os jogos do companheiro. Levantou-se, ajeitou os cabelos à penteadeira, calçou os saltos e subiu altiva os lances de

escada que a apartavam da rua.

Encontrou Francisco esquecido das horas. Nos dedos gastos, mais um cigarro. “Eu vou tirar você desse lugar/ eu vou levar você pra ficar comigo!” - gritava a vitrola. A mulher subiu o batente desbotado, repousando a mão direita sobre o ombro do marido. “Fia!”, ele arriscou, no tom de voz dos meninos travessos que escondem a baladeira detrás de si. “Bora pra casa, Crispim!” De braços dados, afinal, traçaram o caminho de volta.

A mesma cena se repetiu muitas vezes no passado e ainda faz saudade nos relatos da velha senhora. Viva lembrança nos sonhos das noites frias, quando ela imagina sentar-se no colo do esguio e agora fantasmagórico boêmio.

Das memórias, restou a imagem do homem que ano após ano pintava a fachada da casa do ex-presidente brasileiro. Não era o dono do sobrado, nem somente o pintor. Não tinha riquezas materiais, mas não era pobre. Crispim é representante legítimo da nobreza dos porões do Centro. No Theatro, ainda reina cheiroso e elegante, longe das vistas voltadas para o palco, próximo do apreço dos companheiros de trabalho.

Na própria casa, dividia espaço com os restos mortais de dias áureos: a morada do futuro marechal, depois o órgão administrativo, em seguida a pinacoteca e, por fim, a sede cearense da Associação dos Diplomados das Escolas Superiores de Guerra. Restaram apenas salas e corredores abandonados da casa de múltiplas identidades. O arquivo morto, há muitos anos, ocupa o sobrado onde Crispim e a família se ajeitavam no longo vão, abaixo das imensas toras de Carnaúba, sobre onde marchavam os generais.

Notas de pesquisa:

- 1 “Fortaleza de Ontem e Anteontem”, de Edgar de Alencar. Edições UFC.
- 2 “História do Ceará”, com coordenação de Simone de Sousa. Fundação Demócrito Rocha.
- 3 “A Fortaleza dos Anos 40”, de Marciano Lopes. Sem editora.

Janaína Brás

jana.bras@gmail.com

Yuri Leonardo

yuri.leonardo@gmail.com



{entrevista} José Carlos Parente de Oliveira, doutor em Física e professor da UFC

O AQUECIMENTO GLOBAL É UMA FRAUDE?



O currículo na Plataforma Lattes do professor José Carlos Parente de Oliveira, da Universidade Federal do Ceará (UFC), revela um homem com experiência em Física e Meteorologia, com conhecimentos em áreas das quais a maior parte da população sequer ouviu falar.

Mas o Lattes não mostra o homem simples e convicto por trás do pós-doutorado. A formação acadêmica emascula o escudo das convicções com que se defende e ataca na busca do convencimento de quem quer que seja: o homem é capaz de horas a fio de argumentação.

Para o professor Parente, o mundo não está aquecendo, e os responsáveis pela falácia são os grandes interesses econômicos escondidos por trás do verdadeiro problema: a poluição.

pares?

Eles têm um nome para nós: céticos. Mas eles não gostam de debater. Quando é que a gente não vai para um debate? É igual à política: político só vai para o debate quando está com pouca pontuação. Se ele estiver bem, ele não vai. Corre o risco de fazer tolice e perder. Então, o pessoal do IPCC não gosta de debater.

O senhor não acha irônico defender a tese do resfriamento justo aqui no Ceará?

Uma vez me perguntaram o seguinte: “E as pessoas não lhe jogam pedras?”. Eu digo que não. Porque os argumentos que a gente mostra são factíveis. Não há uma invenção, são dados, é o que a gente mede. Pessoas que assistem minhas palestras e seminários dizem “estou aliviado”. E eu sempre deixo a mensagem de que o importante não é a gente discutir o aquecimento, mas a poluição. E a poluição os grandes não querem discutir. Porque na hora em que se discutir a poluição, quem vai ter de deixar de poluir é o Primeiro Mundo. Afeta o modo de produção.

Nós temos uma pergunta, que é mais uma provocação. O senhor defenderia a tese do Resfriamento Global, na Praça do Ferreira, ao meio-dia?

Eu já defendi em tantos lugares malucos, eu defenderia [risos].

Geimison Maia

geimison.maia@gmail.com

Vinicius C.S. Mota

mastercat51@hotmail.com

fotos_Mariana Lazari

lazarimariana@gmail.com

IMPRESSÕES: O senhor defende a tese do Resfriamento Global, que é uma tese desconhecida da maior parte da população, ao contrário do Aquecimento Global. Baseado em que o senhor afirma que a Terra está resfriando?

PARENTE: Essa ideia tem muitos defensores no mundo. Claro que bem menos do que os que defendem a tese do aquecimento. Desde 1998 a temperatura da Terra vem diminuindo. A tendência é de diminuição e se acentuou, principalmente, depois de 2005. Isso é natural. Por exemplo, nas décadas de 40 e 70, a terra também esfriou. Já a década de 30 foi muito quente. Há períodos em que o sol fica muito agitado e a temperatura aumenta e períodos em que ele fica mais calmo e a temperatura diminui. A partir de 1998, a gente observa a tendência do sol em diminuir sua atividade. E ela vai continuar talvez até 2020.

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) da Organização das Nações Unidas (ONU) tem levado isso em conta?

Não. O IPCC é um órgão mais político do que científico. A temperatura da terra é medida de três formas. Em 1850, iniciou-se a medida por termômetros em estações meteorológicas espalhadas no mundo. Em 1930, foi a vez das rádios-sondas, que são balões que ficam na atmosfera. A partir de 1970, os satélites também são utilizados. O IPCC só usa os termômetros.

Por quê?

Eles dizem que é pelo fato de serem mais antigos, portanto têm uma base de dados mais completa. Agora, eles são mais difíceis de monitorar e manter. Um termômetro que em 1930 era longe da cidade, hoje está dentro. Esse processo de crescimento da cidade muda a temperatura. A urbanização poderia ser a responsável por parte do crescimento da temperatura que esses termômetros medem.

O que o senhor leva em consideração para afirmar que a temperatura tem diminuído desde 1998?

Os sensores que estão nos satélites e nas rádios-sondas estão dizendo isso.

O senhor não leva em consideração os dados dos termômetros?

Mesmo os termômetros mostram que a partir de 1998 a temperatura começou a descer. Mas eles não levam mais isso em consideração.

Por quê?

Aí é uma opinião minha. Qual é o grande problema da humanidade? A poluição! Essa é o homem que faz, devido ao modo de produção, visando ao lucro máximo. Quem polui? Principalmente Estados Unidos, Japão e Europa. Os países emergentes poluem há pouco tempo. A humanidade pode acabar devido à poluição. O que os pensadores dos países poluidores pensaram: se a gente não fizer alguma coisa, nós seremos os culpados pelo desaparecimento da humanidade. A gente precisa encontrar um problema muito maior e que todo mundo seja responsável.

Como eles fizeram isso?

Eles viram o seguinte: a partir da década de 80 a temperatura e os níveis de CO₂ [dióxido de carbono] estavam crescendo juntos. Eles disseram que se o CO₂ está subindo junto com a temperatura, então esse CO₂

deve ser o responsável pelo aumento de temperatura. Eles adulteraram os dados para mostrar que a década de 90 foi a mais quente. Hoje, se você entrar nos arquivos de temperatura, vai ver que a década de 30 foi a mais quente. Eles usaram vários artifícios heterodoxos para justificar o que queriam.

Mas o senhor não afirma que os termômetros começaram a mostrar diminuição da temperatura a partir de 1998?

Sim, inclusive os termômetros do IPCC. Mas aí não interessa mais, porque eles passaram a usar cenários e modelos. Eles

UMA VEZ ME PERGUNTARAM O SEGUINTE: ‘E AS PESSOAS NÃO LHE JOGAM PEDRAS?’. EU DIGO QUE NÃO. PORQUE OS ARGUMENTOS QUE A GENTE MOSTRA SÃO FACTÍVEIS.”

não usam mais os dados, só cenários. Cenários de continuidade da queima de combustível fóssil, de diminuição do uso de combustível fóssil, de mobilidade social, etc.

O senhor acha que a tese do aquecimento global se sustenta numa fraude?

Ela é uma fraude. Fica mais fácil dizer que o mundo está aquecendo,

e é a atividade humana que está aquecendo e, portanto, todo mundo é culpado. Existem interesses econômicos. Há um interesse muito grande do capital estrangeiro em negociar no mercado de carbono, e há o interesse dos países de Primeiro Mundo em não deixar que os outros países se desenvolvam. Brasil, Índia, China e África do Sul, na velocidade em que estão crescendo, logo serão maiores que os países desenvolvidos. Só há um jeito de se desenvolver: queimando [combustíveis fósseis]. Não tem outro, pelo menos nos próximos 50 ou 100 anos. As energias alternativas ainda não são eficientes. Agora, é possível queimar petróleo com maior responsabilidade e com menor poluição.

E a ação humana quanto ao efeito estufa?

O IPCC sabe que a quantidade de dióxido de carbono que está sendo colocada na atmosfera não é capaz de fazer a temperatura subir tanto. O homem produz cerca de 30 gigatoneladas de CO₂ por ano, contra 500 gigatoneladas produzidas pela natureza. O homem é responsável por 6% das emissões de CO₂. Os outros 94% são naturais.

Em síntese, o senhor acha que o Aquecimento Global tem uma motivação econômica, que é para mascarar a questão da poluição e impedir o desenvolvimento e o avanço tecnológico dos países emergentes?

Basicamente, é isso.

Como o senhor e os demais que acreditam na tese do Resfriamento Global são encarados pelos seus

